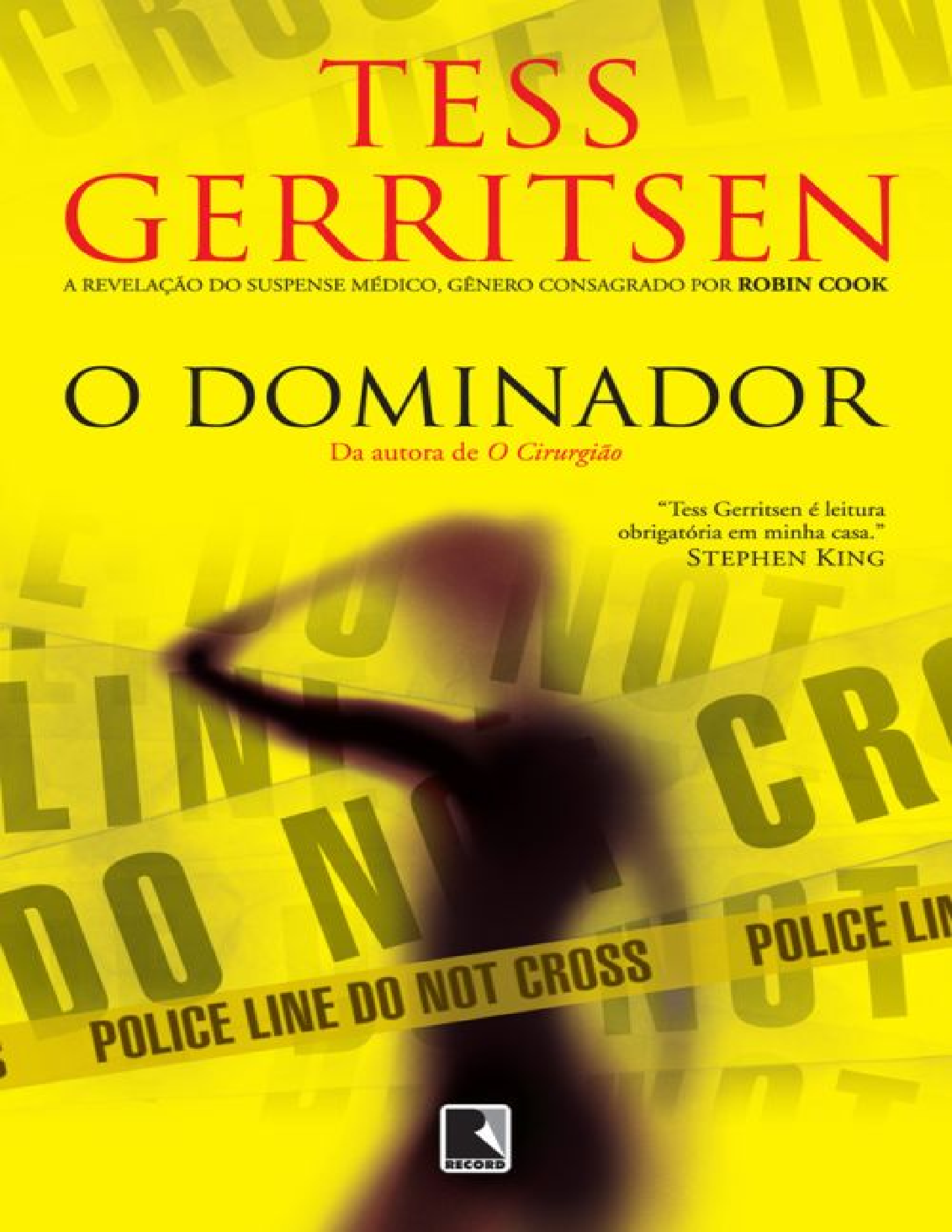
# TESS GERRITSEN

A REVELAÇÃO DO SUSPENSE MÉDICO, GÊNERO CONSAGRADO POR **ROBIN COOK**

# O DOMINADOR

Da autora de *O Cirurgião*

"Tess Gerritsen é leitura obrigatória em minha casa."
STEPHEN KING




RECORD

**Obras da autora publicadas pela Editora Record**

*O cirurgião*
*O Clube Mefisto*
*Corrente sanguínea*
*Desaparecidas*
*O dominador*
*Dublê de corpo*
*Gravidade*
*O jardim de ossos*
*O pecador*

TESS GERRITSEN

# O DOMINADOR

Tradução de
SYLVIO GONÇALVES

3ª EDIÇÃO

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Gerritsen, Tess, 1953-

G326d O dominador [recurso eletrônico] / Tess Gerritsen ; tradução de Sylvio Gonçalves. – Rio de Janeiro : Record, 2011.

Recurso Digital

Tradução de: The apprentice

Seqüência de: O Cirurgião

Formato: e-PUB

Requisitos do sistema: Adobe digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-0109-772-9 [recurso eletrônico]

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Gonçalves, Sylvio. II. Título.

11-6449 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original inglês:
THE APPRENTICE

Copyright © 2001 by Tess Gerritsen

Revisão técnica: Sérgio Salek

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-0109-772-9

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.



Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Terrina e Mike

# AGRADECIMENTOS

Enquanto escrevia este livro, contei com uma equipe maravilhosa para me animar, oferecer conselhos e prover o apoio emocional de que eu precisava para seguir em frente. Muito, muito obrigado à minha agente, amiga e orientadora Meg Ruley, e a Jane Berkey, Don Cleary e ao pessoal maravilhoso da Jane Rotrosen Agency. Também devo muito a minha magnífica editora, Linda Marrow, a Gina Centrello, por seu entusiasmo incansável, a Louis Mendez, por me manter bem informada, e a Gilly Hailparn e Marie Coolman, por me apoiarem durante os dias tristes e sombrios que se seguiram ao 11 de setembro e me guiar em segurança para casa. Também quero estender meus sinceros agradecimentos a Peter Mars, por suas informações sobre o departamento de polícia de Boston, e a Selina Walker, minha líder de torcida do outro lado do lago.

Finalmente, meus mais profundos agradecimentos ao meu marido, Jacob, que sabe o quanto é difícil viver com uma escritora... e que mesmo assim continua comigo.

# P r ó l o g o

*Hoje assisti à morte de um homem.*

*Foi um evento inesperado, e ainda estou embasbacado com o fato de esse drama ter transcorrido aos meus pés. Os acontecimentos mais emocionantes de nossas vidas não podem ser antecipados. Precisamos saborear os espetáculos quando eles aparecem e apreciar as emoções raras que pontuam a monótona passagem do tempo. E meus dias transcorrem lentamente aqui, neste mundo por trás de paredes, onde os homens são apenas números, distinguidos não por nossos nomes, não pelos talentos que Deus nos deu, mas pela natureza de nossas infrações. Usamos a mesma roupa, comemos a mesma comida, lemos os mesmos livros velhos distribuídos no mesmo carrinho. Cada dia é igual aos outros. E então um incidente surpreendente nos faz lembrar que a vida pode mudar num estalar de dedos.*

*Foi o que aconteceu hoje, 2 de agosto, um dia gloriosamente quente e ensolarado, como eu gosto. Enquanto outros homens suam e perambulam como gado letárgico, estou de pé no centro do pátio de exercícios, rosto virado para o sol, como um lagarto*

*absorvendo calor. De olhos fechados, não vejo a facada nem o homem cambalear e cair para trás. Mas escuto o murmúrio de vozes agitadas e abro os olhos.*

*Num canto do pátio, um homem sangra, estirado. Todos os outros afastam-se e vestem suas máscaras de indiferença, de quem nada viu e nada sabe.*

*Apenas eu caminho até o homem caído.*

*Por um momento fico parado em pé, olhando para ele. Seus olhos estão abertos e conscientes. Para ele, sou apenas uma silhueta negra contra o céu ofuscante. É jovem, tem cabelos louros claros, barba ligeiramente mais escura. Abre a boca, da qual escapam bolhas cor-de-rosa. Uma mancha vermelha alastra-se por seu peito.*

*Ajoelho-me ao lado dele e rasgo sua camisa, expondo o ferimento logo à esquerda do esterno. A lâmina correu reta entre as costelas, decerto perfurando o pulmão, talvez talhando o pericárdio. É um ferimento mortal, e ele sabe disso. Tenta falar comigo, lábios movendo-se sem som, olhos lutando para manter o foco. Ele quer que eu me aproxime, talvez para sussurrar uma confissão de leito de morte. Mas não estou nem um pouco interessado em nada que ele tenha a dizer.*

*Prefiro concentrar-me no ferimento. No sangue.*

*Sou profundo conhecedor de sangue. Conheço cada um de seus elementos. Tendo lidado com um número incontável de tubos de sangue, já admirei seus diversos tons de vermelho, já o girei em centrífugas até transformá-lo em colunas bicolores de células acumuladas e soro cor-de-palha. Conheço seu brilho, sua textura acetinada. Eu o vi fluir em fluxos reluzentes de pele recém-cortada.*

*O sangue verte de seu peito como água benta em uma fonte sagrada. Pressiono a palma da minha mão no ferimento, banhando minha pele no líquido quente, e o sangue encobre minha mão como uma luva escarlate. Ele acredita que estou tentando ajudá-lo, e uma*

*centelha de gratidão reluz em seus olhos. É bem provável que este homem não tenha recebido muita caridade em sua curta vida; como é irônico que eu tenha sido confundido com a face da misericórdia.*

*Atrás de mim, botas roçam no chão e vozes gritam comandos: "Para trás! Todos para trás!"*

*Alguém me agarra pela camisa e faz com que me levante. Sou puxado para trás, para longe do moribundo. Poeira gira no ar, que se enche de gritos e xingamentos enquanto somos reunidos em um canto. O instrumento da morte, o canivete, jaz abandonado no chão. Os guardas exigem respostas, mas ninguém viu nada, ninguém sabe de nada.*

*Ninguém nunca sabe.*

*Em meio ao caos no pátio, mantenho-me ligeiramente afastado dos outros prisioneiros, que sempre me evitam. Levanto a mão, ainda gotejando sangue do morto, e inalo sua fragrância suave e metálica. Apenas pelo cheiro percebo que é sangue jovem, arrancado de carne jovem.*

*Os outros prisioneiros olham para mim e se afastam ainda mais. Sabem que sou diferente. Sempre sentiram isso. Por mais violentos que sejam esses homens, ainda assim me evitam, porque compreendem quem — e o quê — eu sou. Vasculho seus rostos, procurando meu irmão de sangue entre eles. Um membro da minha espécie. Não o vejo, nem mesmo aqui, nesta casa de monstros.*

*Mas ele existe. Sei que não sou o único da minha espécie que caminha na terra.*

*Em algum lugar existe outro. E ele espera por mim.*

# 1

O lugar já estava cheio de moscas. Quatro horas no chão quente da zona sul de Boston assaram a carne pulverizada, liberando o equivalente químico a uma sineta de almoço, e um enxame zumbia sobre o asfalto. Embora o que restasse do tronco estivesse agora coberto por um lençol, ainda havia muito tecido exposto para o deleite dos carniceiros. Nacos de massa encefálica e outras partes não identificáveis espalhavam-se num raio de nove metros ao longo da rua. Um fragmento de crânio aterrissara num vaso de flores no segundo andar, e aglomerados de tecido aderiram a carros estacionados.

A detetive Jane Rizzoli sempre possuíra estômago forte, mas mesmo ela teve de parar um instante e fechar os olhos, punhos cerrados pela raiva que sentia de si própria por este momento de fraqueza. *Mantenha o controle. Mantenha o controle*. Rizzoli era a única mulher detetive na delegacia de homicídios do departamento de polícia de Boston, e sabia que cada movimento seu era impiedosamente observado. Cada erro, cada triunfo, seria notado por todos. Seu parceiro, Barry Frost, já despejara seu desjejum

numa humilhante exibição pública e agora estava sentado com a cabeça nos joelhos dentro do veículo com ar-condicionado, esperando que seu estômago se acalmasse. Rizzoli não podia se dar ao luxo de se render à náusea. Era a oficial mais visível na cena, e do outro lado do isolamento policial o público assistia, registrando cada movimento seu, cada detalhe de sua aparência. Rizzoli sabia que aparentava menos que seus 34 anos, e estava consciente de que mantinha um ar de autoridade. O que lhe faltava em altura era compensado por seu olhar direto, seus ombros empertigados. Com o passar dos anos Rizzoli aprendera a arte de dominar uma cena de crime, mesmo se através de uma intensidade absoluta.

Mas este calor estava minando sua determinação. Começara o dia vestida em seu terninho habitual e com os cabelos bem penteados. Agora despira o paletó, a blusa estava amassada, e a umidade enchera seus cabelos de cachos desgrenhados. Sentia-se agredida por todos os lados, por odores, moscas e um sol ofuscante. Havia muita coisa em que se concentrar ao mesmo tempo. E todos aqueles olhos fixos nela.

Vozes altas atraíram sua atenção. Um homem de camisa social e gravata tentava convencer um policial a deixá-lo passar.

— Olha, eu preciso chegar a uma reunião de vendas, certo? Já estou uma hora atrasado porque vocês cercaram meu carro com essa maldita fita amarela. E agora estão me dizendo que não posso dirigir o meu carro? Porra, é o meu carro!

— É uma cena de crime, senhor.

— É um acidente!

— Ainda não determinamos isso.

— E vocês precisam de um dia inteiro para determinar isso? Por que não nos escutam? A vizinhança inteira ouviu o que aconteceu!

Rizzoli aproximou-se do homem, cujo rosto reluzia a suor. Eram onze e meia e o sol, quase a pino, brilhava no firmamento como um

olho arregalado.

— O que exatamente ouviu, senhor? — perguntou ela.

Ele resmungou e disse:

— A mesma coisa que todo mundo.

— Um estrondo.

— Sim. Por volta das sete e meia. Estava saindo do chuveiro. Olhei pela janela e lá estava ele, estatelado na calçada. Você pode ver que é uma esquina perigosa. Motoristas babacas passam voando por aqui como morcegos saídos do inferno. Deve ter sido atingido por um caminhão.

— Você viu um caminhão?

— Não.

— Ouviu um caminhão?

— Não.

— Também não viu um carro?

— Carro, caminhão. — Ele deu de ombros. — Ainda assim foi omissão de socorro.

Era a mesma história, repetida uma dúzia de vezes pelos vizinhos. Em algum momento entre sete e quinze e sete e meia da manhã um estrondo soara na rua. Ninguém realmente presenciou o evento. Apenas ouviram o ruído e encontraram o corpo do homem. Rizzoli já considerara, e rejeitara, a possibilidade de que o homem tivesse pulado. Aquela era uma rua de prédios de dois andares, cuja altura não era suficiente para explicar o dano catastrófico causado ao cadáver. Além disso ela não via qualquer evidência de uma explosão como a causa desta desintegração anatômica.

— Ei, posso tirar meu carro agora? — perguntou o homem. — É aquele Ford verde.

— Aquele com miolos esparramados no capô?

— É.

— O que você acha? — vociferou Rizzoli e se afastou para se juntar ao legista, que estava acocorado no meio da rua, estudando o

asfalto. — Os moradores desta rua são uns babacas — exclamou ela. — Ninguém dá a mínima para a vítima. E ninguém sabe quem era ele.

Sem desviar os olhos para Rizzoli, o Dr. Ashford Tierney continuou concentrado na pista. Por baixo de seus fios esparsos de cabelos grisalhos, sua careca reluzia com o suor. Aos olhos de Rizzoli, o Dr. Tierney nunca parecera tão velho e cansado. Agora, ao tentar se levantar, estendia a mão num pedido silencioso de ajuda. Ao ajudá-lo, Rizzoli pôde sentir, transmitido através da mão dele, o crepitar de ossos cansados e juntas artríticas. Era um velho cavalheiro do sul, um nativo da Geórgia, e nunca gostara da rudeza bostoniana de Rizzoli, assim como ela nunca gostara da formalidade dele. A única coisa que tinham em comum eram os restos mortais que passavam pela mesa de autópsias do Dr. Tierney. Mas, enquanto ajudou-o a se levantar, Rizzoli sentiu pena de sua fragilidade e lembrou de seu próprio avô, de quem fora a neta favorita, talvez porque se reconhecesse no orgulho e na tenacidade de Jane. Rizzoli se lembrou das vezes em que o ajudara a se levantar da cadeira de balanço, sentindo sua mão rígida e adormecida por causa de um derrame fincar-se como uma garra em seu braço. Mesmo homens de fibra como Aldo Rizzoli são reduzidos pelo tempo a ossos e juntas frágeis. Ela podia ver seu efeito no Dr. Tierney, que cambaleou no calor enquanto pegava um lenço para enxugar o suor da fronte.

— É um casinho estranho para encerrar minha carreira! — queixou-se o Dr. Tierney. — Então, detetive, você vai à minha festa de aposentadoria?

— Ah... que festa? — perguntou Rizzoli.

— Aquela festa-surpresa que vocês estão preparando para mim.

Ela suspirou.

— Sim, eu vou — admitiu.

— Rá! Sempre consegui uma resposta direta de você. Vai ser semana que vem?

— Daqui a duas semanas. E eu não falei nada, ouviu?

— Ainda bem que você contou. — Baixou os olhos para o asfalto. — Não gosto muito de surpresas.

— Então, doutor, o que temos aqui? Omissão de socorro?

— Aparentemente este foi o ponto de impacto.

Rizzoli baixou os olhos para uma mancha grande de sangue. Então ela olhou para o cadáver embrulhado em lençol, que estava deitado a uns bons 3,5m de distância, na calçada.

— Está dizendo que ele primeiro bateu no chão aqui, e depois quicou para lá?

— É o que parece.

— É preciso um caminhão bem grande para fazer um estrago desses.

— Não um caminhão — foi a resposta enigmática de Tierney. Ele começou a caminhar pela rua, olhos focados no chão.

Rizzoli acompanhou-o, espantando as moscas. Tierney parou a cerca de dez metros e apontou para um naco de carne cinzenta no meio-fio.

— Mais massa encefálica — comentou.

— Não foi um caminhão que fez isso? — indagou Rizzoli.

— Não. Nem um carro.

— E quanto às marcas de pneu na camisa da vítima?

Tierney empertigou-se, olhos correndo pela rua, calçadas, prédios.

— Nota alguma coisa intrigante nesta cena, detetive?

— Fora o fato de que tem um cara morto que perdeu o cérebro?

— Olhe para o ponto de impacto. — Tierney apontou para o ponto na rua onde ele estivera acocorado antes. — Vê o padrão de dispersão das partes corporais?

— Vejo. Elas se espalharam em todas as direções. O ponto de impacto está no centro.

— Correto.

— É uma rua movimentada — observou Rizzoli. — Os veículos dobram aquela esquina depressa demais. Além disso, a vítima tem marcas de pneu na camisa.

— Vamos ver essas marcas novamente.

Enquanto caminhavam de volta ao cadáver, Barry Frost, que finalmente saíra do carro, reuniu-se a eles. Estava pálido e parecia um pouco embaraçado.

— Puxa vida — gemeu.

— Você está bem? — perguntou Rizzoli.

— Você acha que peguei alguma virose estomacal ou coisa parecida?

— Ou coisa parecida. — Rizzoli sempre gostara de Frost, sempre apreciara sua natureza tranqüila e bem-humorada e odiava vê-lo tão envergonhado. Deu um tapinha em seu ombro e lhe dirigiu um sorriso maternal. Frost parecia capaz de despertar o lado maternal de qualquer mulher, até mesmo de Rizzoli, que não tinha nada de maternal. — Da próxima vez trarei um saco de papel — prometeu.

— Sabe, eu realmente acho que é uma virose...

Eles alcançaram o tronco. Tierney resmungou enquanto se acocorava, suas juntas protestando, e levantou o lençol. Frost empalideceu e recuou um passo. Rizzoli resistiu ao impulso de fazer o mesmo.

O tronco estava quebrado em duas partes, separadas no nível do umbigo. A metade superior, usando uma camisa de algodão bege, esticava-se de leste para oeste. A parte inferior, usando calças jeans, jazia para sul. As metades estavam conectadas apenas por alguns fiapos de pele e músculo. Os órgãos internos

haviam se espalhado e jaziam numa massa triturada. A metade traseira do crânio rachara, e o cérebro fora ejetado.

— Jovem, bem nutrido, aparentemente de origem hispânica ou mediterrânea, na casa dos vinte ou trinta — anunciou Tierney. — Vejo fraturas óbvias da espinha torácica, costelas, clavículas e crânio.

— Um caminhão não poderia ter feito isso? — indagou Rizzoli.

— Claro que um caminhão poderia ter causado ferimentos internos dessa magnitude. — Ele olhou para Rizzoli, seus olhos azul-claros desafiando os dela. — Mas ninguém ouviu ou viu um veículo desse tipo, não é verdade?

— Infelizmente não — admitiu Rizzoli.

Frost finalmente conseguiu reunir forças para fazer um comentário:

— Sabe, não sei se essas marcas na camisa são de pneu.

Rizzoli concentrou-se nas faixas pretas que cruzavam a frente da camisa da vítima. Com uma mão enluvada, tocou uma das manchas e olhou para o dedo. Uma mancha preta transferira-se para sua luva de látex. Rizzoli olhou para a mancha por um momento, processando esta nova informação.

— Tem razão — disse ela. — Não é marca de pneu. É graxa.

Ela se empertigou e olhou para a rua. Não viu marcas de pneu ensangüentadas, nem fragmentos de veículos. Nenhum pedaço de vidro ou plástico que tivesse estilhaçado ao impacto com um corpo humano.

Por um momento nenhum deles falou. Ficaram simplesmente entreolhando-se, como se a única explicação possível subitamente tivesse se encaixado. Como se para confirmar a teoria, uma turbina rugiu sobre suas cabeças. Rizzoli olhou para cima, para ver um 747 sobrevoá-los enquanto descia para aterrissar no Logan International Airport, oito quilômetros a noroeste.

— Ai, meu Deus — exclamou Frost, protegendo os olhos do sol. — Que forma horrível de morrer. Por favor, me diga que ele já estava morto quando caiu.

— Há uma boa chance — presumiu Tierney. — Eu diria que seu corpo escorregou quando o trem de pouso baixou. Isso considerando que foi um vôo de chegada.

— Bem, quantos clandestinos tentam *sair* do país? — Ela olhou para a compleição olivácea do homem. — Então ele estava vindo num avião, digamos, da América do Sul...

— Não deveria estar voando a uma altitude de menos de nove mil metros — disse Tierney. — Trens de pouso não são pressurizados. Um clandestino seria afetado por uma descompressão rápida. Geladura. Mesmo no alto verão, as temperaturas a essas altitudes são congelantes. Algumas horas sob essas condições e ele ficaria hipotérmico e inconsciente devido à falta de oxigênio. Ou talvez já tenha sido esmagado quando o trem de pouso retraiu na decolagem. Uma viagem prolongada na roda provavelmente teria acabado com ele.

O bipe de Rizzoli interrompeu a palestra. E aquilo realmente havia se tornado uma palestra, porque o Dr. Tierney estava começando a fazer sua pose professoral. Ela olhou para o número no bipe mas não o reconheceu. Prefixo de Newton. Ela pegou seu celular e discou.

— Detetive Korsak — respondeu um homem.

— Aqui é Rizzoli. Você me bipou?

— Está falando de um celular, detetive?

— Estou.

— Pode passar para um telefone fixo?

— No momento não. — Rizzoli não sabia quem era o detetive Korsak e estava decidida a abreviar a conversa. — Por que não me diz do que se trata?

Uma pausa. Rizzoli ouviu vozes ao fundo e o crepitar do *walkie-talkie* de um policial.

— Estou numa cena de crime aqui em Newton — disse Korsak. — Acho que você devia vir para cá dar uma olhada nisto.

— Você está requerendo assistência da polícia de Boston? Porque eu posso encaminhá-lo a outra pessoa de nossa unidade.

— Tentei falar com o detetive Moore, mas me disseram que ele está de licença. Foi por isso que liguei para você. — Mais uma vez ele parou. E acrescentou, significativamente: — É a respeito do caso que você e Moore investigaram no verão passado. Você sabe qual.

Rizzoli calou-se. Ela sabia exatamente a que caso ele se referia. As lembranças daquela investigação ainda a assombravam, ainda surgiam em seus pesadelos.

— Prossiga — disse baixinho.

— Você quer o endereço? — perguntou Korsak.

Rizzoli pegou seu caderninho.

Um momento depois ela desligou o celular e voltou sua atenção para o Dr. Tierney.

— Vi ferimentos semelhantes em pára-quedistas cujas mochilas não abriram — explicou. — Dessa altura, um corpo em queda atingiria velocidade terminal. Quase sessenta metros por segundo. É suficiente para causar a desintegração que vemos aqui.

— É um preço bastante alto para entrar neste país — comentou Frost.

Outro jato rugiu acima deles, sua sombra cobrindo-os como a de uma águia.

Rizzoli olhou para o céu. Imaginou um corpo caindo, uma queda de trezentos metros. Pensou na sensação de varar o ar frio. E então em como o ar esquentava à medida que se rodopiava para mais e mais perto do solo.

Olhou para os restos de um homem que ousara sonhar com um novo mundo, um futuro melhor.

*Bem-vindo aos Estados Unidos*.

O policial de Newton postado diante da casa era apenas um novato e não reconheceu Rizzoli. Ele a deteve no perímetro do isolamento policial e dirigiu-se a ela num tom ríspido que combinava com seu uniforme novo. Seu crachá identificava-o como RIDGE.

— Esta é uma cena de crime, senhora.

— Sou a detetive Rizzoli, departamento de polícia de Boston. Vim ver o detetive Korsak.

— Identidade, por favor.

Rizzoli não esperava esse pedido e teve de revirar a bolsa à procura de seu distintivo. Na cidade de Boston, qualquer policial sabia exatamente quem ela era. Bastava um passeio curto para fora de seu território, para este subúrbio de gente metida a besta, e subitamente ela era obrigada a apresentar seu distintivo. Estendeu-o bem perto do nariz do policial.

Ele deu uma olhada e enrubesceu.

— Sinto muito, senhora. Entenda, ainda há pouco a filha-da-puta de uma repórter me passou uma conversa e entrou na cena do crime. Eu não estava disposto a deixar que isso acontecesse de novo.

— Korsak está lá dentro?

— Sim, senhora.

Ela olhou para o amontoado de veículos estacionados na rua, entre eles um furgão branco com a inscrição INSTITUTO MÉDICO-LEGAL DO CONDADO DE MASSACHUSETTS na lateral.

— Quantas vítimas? — perguntou a detetive.

— Uma. Eles estão se preparando para retirá-lo agora.

O policial levantou a fita para deixar Rizzoli passar para o jardim da frente. Pássaros cantavam e o ar cheirava a grama fresca. Você não está mais no sul de Boston, pensou. A paisagem era imaculada,

com cercas de madeira e um gramado impecável. Ela parou no caminho de pedras e levantou os olhos para a fachada em estilo Tudor. *Senhor da mansão inglesa fajuta*, foi a definição que lhe veio à mente. Esta não era uma casa ou um bairro que um policial honesto pudesse pagar.

— Beleza de casa, hein? — comentou o policial Ridge às suas costas.

— Qual é a profissão desse sujeito?

— Ouvi dizer que era algum tipo de cirurgião.

*Cirurgião*. Para Rizzoli, a palavra tinha um significado especial, e o som perfurou-a como uma agulha gelada, provocando-lhe um arrepio, mesmo neste dia quente. Ela olhou para a porta da frente e viu que a maçaneta estava suja com pó de digitais. Respirou fundo, calçou luvas de látex e pantufas de papel sobre os sapatos.

Lá dentro, ela viu um soalho de carvalho polido e uma escadaria alta como a de uma catedral. Um vitral deixava a luz entrar em losangos de cor.

Rizzoli ouviu um roçar de pantufas de papel no chão, e um homem, grande como um urso, apareceu no corredor. Embora estivesse vestido como um homem de negócios, com uma gravata amarrada num nó bem-feito, o conjunto era arruinado por duas enormes manchas de suor em suas axilas. Suas mangas estavam enroladas para cima, revelando braços carnudos e cobertos de pêlos escuros.

— Rizzoli? — perguntou ele.

— Em carne e osso.

O homem se aproximou dela, braço estendido, e então lembrou que estava usando luvas e deixou a mão cair novamente.

— Vince Korsak. Desculpe por não poder ter falado mais pelo telefone, mas hoje em dia todo mundo consegue instalar uma escuta. Uma jornalista já tinha conseguido entrar aqui. A piranha.

— Fiquei sabendo.

— Veja, eu sei que provavelmente está se perguntando o que está fazendo aqui. Mas eu acompanhei o seu trabalho no ano passado. Você sabe, os assassinatos do *Cirurgião*. Achei que gostaria de ver isto.

Rizzoli perguntou, boca subitamente ressequida:

— O que você tem aí?

— A vítima está na sala de estar. Dr. Richard Yeager, 36 anos. Cirurgião ortopedista. Esta é a sua residência.

Ela olhou para o vitral da janela.

— Vocês aqui de Newton ficam com todos os homicídios finos.

— Por mim, a polícia de Boston pode ficar com todos eles. Isto não devia acontecer aqui. Principalmente uma coisa estranha dessas.

Korsak mostrou o caminho até a sala de estar. A primeira visão de Rizzoli foi a luz solar enchendo uma parede de dois andares de janelas do chão ao teto. A despeito do número de peritos trabalhando ali, a sala parecia espaçosa e simples, com paredes brancas e soalho de madeira brilhante.

E sangue. Rizzoli nem sabia em quantas cenas de crime já havia entrado, mas essa primeira visão de sangue sempre a chocava. Um jato de sangue arterial atingira a parede e escorrera em fios. A fonte desse sangue, o Dr. Richard Yeager, estava sentada, apoiada contra a parede, pulsos amarrados atrás das costas. Estava de cuecas, com as pernas estendidas à sua frente, tornozelos amarrados com silver tape. Sua cabeça pendia para a frente, obscurecendo a visão de Rizzoli do ferimento que liberara a hemorragia fatal, mas ela não precisou ver o corte para saber que fora profundo, até a carótida e a traquéia. Rizzoli já estava familiarizada com as conseqüências desse tipo de ferimento e pôde ler, pelas manchas de sangue, os momentos finais da vítima: a artéria esguichando, os pulmões enchendo-se com o sangue que ele aspirava através da traquéia cortada. Afogando-se no próprio sangue. O sangue exalado da

traquéia secara no peito nu. A julgar pelos ombros largos e pela musculatura, fora um homem em ótima forma física — decerto capaz de lutar contra um agressor. Mesmo assim morrera com a cabeça curvada, numa postura servil.

Os dois peritos do necrotério já tinham trazido sua maca e estavam de pé ao lado da vítima, considerando a melhor forma de mover um cadáver endurecido em *rigor mortis*.

— Quando a legista examinou a vítima, às dez da manhã, o corpo já estava pálido e completamente rijo. Ela estimou a hora da morte em algum momento entre a meia-noite e as três da madrugada — disse Korsak.

— Quem o encontrou?

— A enfermeira de seu consultório. Como ele não apareceu na clínica esta manhã e não atendia aos telefonemas, ela veio até aqui ver como ele estava. Encontrou-o por volta das nove da manhã. Não há sinal de sua esposa.

Rizzoli olhou para Korsak.

— Esposa?

— Gail Yeager, 31 anos. Está desaparecida.

O arrepio que Rizzoli sentira ao parar diante da porta da frente dos Yeagers retornou.

— Seqüestro?

— Disse apenas que ela está desaparecida.

Rizzoli olhou para Richard Yeager, cujo corpo musculoso não fora páreo para a morte.

— Conte-me sobre essas pessoas. Seu casamento.

— Casal feliz. É o que todo mundo diz.

— Isso é o que todo mundo sempre diz.

— Neste caso, parece verdade. Estavam casados há apenas dois anos. Compraram esta casa no ano passado. Ela é enfermeira da sala de cirurgia no hospital onde ele trabalha, de modo que eles

tinham o mesmo círculo de amigos, o mesmo cronograma de trabalho.

— Isso é que é não largar o osso.

— Nem me diga. Eu ficaria maluco se tivesse de passar o dia inteiro com a minha mulher. Mas eles pareciam se dar bem. No mês passado ele tirou duas semanas inteiras de licença, só para ficar em casa com a esposa depois que a mãe dela morreu. Quanto você acha que um cirurgião ortopedista ganha em duas semanas? Quinze, vinte mil dólares? Ele prestou a ela um conforto bem caro.

— Ela deve ter precisado.

Korsak deu de ombros.

— Mesmo assim.

— Então não encontrou nenhum motivo para essa mulher ter abandonado o marido.

— Muito menos matá-lo.

Rizzoli olhou para as janelas da sala de estar. Árvores e arbustos bloqueavam a visão das casas vizinhas.

— Disse que a hora da morte foi entre meia-noite e três da madrugada?

— Isso.

— Os vizinhos ouviram alguma coisa?

— A família que mora à esquerda está em Paris. U-la-lá. Os vizinhos da direita dormiram como anjos a noite inteira.

— Entrada forçada?

— Janela da cozinha. Tela arrancada. Foi usado um cortador de vidro. Pegadas de sapatos tamanho 43 no canteiro de flores. Mesmas pegadas em sangue neste cômodo. — Tirou um lenço do bolso e enxugou a testa úmida. Korsak era um daqueles infelizes para quem nenhum antitranspirante era poderoso o bastante. Estavam conversando há poucos minutos e as manchas de suor em sua camisa tinham aumentado muito.

— Muito bem: vamos afastá-lo da parede — resolveu um dos peritos. — Coloque-o sobre o lençol.

— Cuidado com a cabeça! Está escorregando!

— Ai, meu Deus!

Rizzoli e Korsak ficaram calados enquanto o Dr. Yeager era deitado de lado num lençol descartável. O *rigor mortis* enrijecera o cadáver num ângulo de noventa graus, e os peritos discutiam a melhor forma de dispô-lo na maca, considerando sua postura grotesca.

Subitamente Rizzoli viu um caco branco caído no chão, onde o cadáver estivera sentado. Ela se acocorou para pegar o que parecia ser um fragmento de porcelana.

— Xícara de chá quebrada — disse Korsak.

— O quê?

— Havia uma xícara de chá e um pires ao lado da vítima. Deve ter caído do seu colo ou alguma coisa assim. Já empacotamos a xícara para tirar impressões. — Ao ver a expressão de Rizzoli, Korsak deu de ombros. — Não me pergunte.

— Artefato simbólico?

— Sim. Chá ritual para o morto.

Ela olhou para o caco de porcelana na palma de sua mão enluvada e considerou o que aquilo significava. Um nó formara-se em seu estômago. Uma sensação de familiaridade terrível. *Garganta cortada. Amarras de silver tape. Entrada à noite por uma janela. Vítimas surpreendidas enquanto dormiam.*

*E uma mulher desaparecida*.

— Onde fica o quarto? — perguntou Rizzoli. Não querendo vê-lo. Com medo de vê-lo.

— Muito bem. É isso que eu queria que você visse.

O corredor que conduzia ao quarto era decorado com fotografias em preto-e-branco. Não as fotos de familiares sorridentes expostas na maioria das casas, mas nus femininos em alto contraste, rostos

obscurecidos ou escondidos da câmera, torsos anônimos. Uma mulher abraçava uma árvore, pele macia pressionada contra a casca áspera. Uma mulher sentada, inclinada para a frente, seus cabelos longos cascateando entre as coxas nuas. Uma mulher estendendo os braços para o céu, busto reluzindo com o suor de um exercício vigoroso. Rizzoli parou para estudar uma foto que estava torta.

— Todas as fotografias são da mesma mulher — observou Rizzoli.

— É ela.

— A Sra. Yeager?

— Parece que eles gostavam de pornografia.

Rizzoli examinou o corpo bem torneado de Gail Yeager.

— Não acho nem um pouco pornográfico. São fotos muito bonitas.

— Bem, tanto faz. — Ele apontou através do pórtico. — O quarto é aqui.

Rizzoli parou na soleira da porta. Dentro do quarto havia uma cama *king size*, cobertas jogadas para a frente, como se seus ocupantes tivessem sido acordados abruptamente. No tapete cor-de-rosa, os fios de náilon tinham sido achatados, deixando duas trilhas separadas da cama até a porta.

— Ambos foram arrastados da cama — sussurrou Rizzoli.

Korsak concordou com a cabeça.

— O criminoso os surpreende na cama. De alguma forma, rende os dois, amarra seus pulsos e tornozelos, arrasta-os pelo tapete até o corredor, onde começa o soalho de madeira.

As ações do assassino deixaram Rizzoli desconcertada. A detetive imaginou o criminoso de pé onde ela estava agora, olhando o casal adormecido. Uma janela alta sobre a cama, cortina aberta, deixaria passar luz suficiente para que se pudesse discernir quem era o homem e quem era a mulher. Teria atacado primeiro o Dr.

Yeager. Era a coisa lógica a fazer, controlar o homem. Deixar a mulher para depois. Até aí Rizzoli conseguia visualizar o crime. A abordagem, o ataque inicial. O que não entendia era o que acontecera em seguida.

— Por que mover os dois? — perguntou Rizzoli. — Por que não matar o Dr. Yeager logo aqui? Que motivo ele teria para tirá-los do quarto?

— Eu não sei. — Ele apontou através do pórtico. — Tudo foi fotografado. Você pode entrar.

Relutante, Rizzoli entrou no quarto, evitando as marcas no tapete, e caminhou até a cama. Não viu sangue nos lençóis. No travesseiro havia um longo fio de cabelo louro — o lado da cama onde dormia a Sra. Yeager, pensou Rizzoli. Ela se virou para a penteadeira, onde uma fotografia emoldurada do casal confirmava que Gail Yeager era loura. Uma loura bonita, com olhos azul-claros e um punhado de sardas salpicadas na pele bem bronzeada. O Dr. Yeager estava com a mão sobre o ombro da esposa, projetando a confiança de um homem que sabe que é fisicamente imponente. Não um homem que um dia acabaria morto de cuecas, mãos e pés amarrados.

— Está na cadeira — disse Korsak.

— O quê?

— Olhe a cadeira.

Rizzoli virou-se para o canto do quarto e viu uma cadeira antiga. No assento havia uma camisola dobrada. Aproximando-se mais, ela viu manchas de sangue brilhante na seda cor-de-creme.

Os pêlos na nuca de Rizzoli eriçaram de repente; durante alguns segundos ela esqueceu de respirar.

Estendeu o braço para levantar uma borda da peça de roupa. O avesso também estava manchado.

— Não sabemos de quem é o sangue — disse Korsak. — Pode ser do Dr. Yeager. Pode ser da esposa.

— Já estava manchada antes que ele o dobrasse.

— Mas não há mais sangue no quarto. O que significa que a camisola se sujou no outro cômodo. Depois foi trazida para o quarto. Dobrada cuidadosamente. Colocada nessa cadeira, como um presentinho de despedida. — Korsak fez uma pausa. — Isso te lembra alguém?

Rizzoli engoliu em seco.

— Você sabe que sim.

— Este assassino está copiando a velha assinatura do seu garoto.

— Não, isto é diferente. Completamente diferente. O *Cirurgião* nunca atacou casais.

— As camisolas dobradas. Silver tape. As vítimas surpreendidas na cama.

— Warren Hoyt escolhia mulheres solteiras. Vítimas que ele poderia dominar rapidamente.

— Mas veja as semelhanças! Ouça o que digo, estamos lidando com um copiador. Algum maluco que andou lendo sobre o *Cirurgião*.

Rizzoli ainda estava olhando para a camisola, recordando outros quartos, outras cenas de morte. Aqueles crimes haviam acontecido durante um verão de calor insuportável, como este, quando mulheres dormiam com suas janelas abertas, e um homem chamado Warren Hoyt entrava sorrateiramente em suas casas. Trazia suas fantasias sombrias e seus bisturis, os instrumentos com os quais executava rituais sangrentos em vítimas acordadas e cônscias de cada fatia de sua lâmina. Ela olhou para a camisola, e uma visão do rosto absolutamente normal de Hoyt surgiu em sua mente, um rosto que ainda surgia em seus pesadelos.

*Mas isto não é trabalho dele. Warren Hoyt está trancado em segurança num lugar de onde não pode escapar. Eu sei, porque fui eu mesma que enfiei o desgraçado lá*.

— O *Boston Globe* imprimiu cada detalhe suculento — contou Korsak. — O seu garoto apareceu até no *New York Times*. Agora este criminoso está reencenando as coisas que leu.

— Não, o seu assassino está fazendo coisas que Hoyt nunca fez. Arrastou este casal para fora do quarto até outro cômodo. Colocou o homem sentado e então cortou seu pescoço. Parece mais uma execução. Ou parte de um ritual. E também há a mulher. Ele matou o marido, mas o que fez com a esposa?

Rizzoli parou de repente ao lembrar do caco de porcelana no chão. A xícara quebrada. Sua significância atravessou Rizzoli como um vento gelado.

Sem dizer uma palavra, Rizzoli saiu do quarto e voltou para a sala de estar. Olhou para a parede onde o cadáver do Dr. Yeager estivera sentado. Baixou os olhos para o chão e começou a caminhar num círculo cada vez mais amplo, estudando os respingos de sangue na madeira.

— Rizzoli? — chamou Korsak.

Ela se virou para a janela e franziu os olhos para protegê-los da luz.

— Está iluminado demais aqui dentro. E há muito vidro. Não podemos cobrir tudo. Teremos de voltar à noite.

— Está pensando em usar uma Luma-lite?

— Precisaremos de luz ultravioleta para ver o material.

— O que você está procurando?

Ela se virou novamente para a parede.

— O Dr. Yeager estava sentado ali quando morreu. Nosso criminoso desconhecido o arrastou do quarto, encostou-o contra a parede e fez com que ele olhasse para o centro do cômodo.

— Certo.

— Por que ele foi colocado ali? Por que se dar a esse trabalho todo enquanto a vítima ainda estava viva? Precisa haver um motivo.

— Que motivo?

— Ele foi posto ali para assistir a alguma coisa. Para ser testemunha do que aconteceu neste cômodo.

Finalmente o rosto de Korsak exibiu uma expressão de entendimento e pavor. Olhou para a parede, onde o Dr. Yeager estivera sentado, uma platéia de um só para um teatro de horrores.

— Meu Deus! — exclamou Korsak. — A Sra. Yeager.

# 2

Rizzoli trouxe para casa uma pizza e desenterrou uma cabeça de alface do fundo da gaveta de hortaliças da geladeira. Descascou folhas marrons até alcançar o âmago comestível. Foi uma salada pálida e insípida, que ela comeu por obrigação mas não por prazer. Rizzoli não tinha tempo para prazer; ela comeu apenas para se reabastecer para a noite que a esperava, uma noite na qual ela não queria entrar.

Depois de algumas mordidas, largou a comida e olhou para as manchas vívidas de molho de tomate no prato. Os pesadelos te alcançam, pensou. Você pensa que é imune, que é forte e fria o bastante para conseguir viver com eles. Pensa que sabe desempenhar seu papel, sabe enganar a todos. Mas aqueles rostos continuam com você. Os olhos dos mortos.

A Sra. Gail Yeager seria um deles?

Rizzoli baixou os olhos para suas mãos, para as cicatrizes gêmeas em ambas as palmas, como chagas de crucificação curadas. Sempre que o tempo ficava frio e úmido suas mãos doíam, uma lembrança agonizante do que Warren Hoyt fizera com ela dois

anos antes, no dia em que usara seus bisturis para perfurar sua carne. No dia que ela pensou que seria seu último na terra. Os velhos ferimentos estavam doendo agora, mas ela não podia culpar o tempo. Não, eles doíam por causa das coisas que vira em Newton. A camisola dobrada. O leque de sangue na parede. Ela entrara num cômodo cujo ar estava impregnado com terror e sentira a presença perene de Warren Hoyt.

Impossível, é claro. Hoyt estava na prisão, exatamente onde deveria estar. Ainda assim, aqui estava ela, aterrorizada pela lembrança daquela casa em Newton, porque o horror parecera-lhe por demais familiar.

Sentiu-se tentada a telefonar para Thomas Moore, com quem trabalhara no caso Hoyt. Ele conhecia os detalhes tão bem quanto ela e compreendia o quanto era resistente o medo que Warren Hoyt tecera ao redor de todos eles. Mas, desde o casamento de Moore, ele e Rizzoli haviam se afastado. A felicidade recém-descoberta por Moore era exatamente o elemento que os tornara estranhos. Pessoas felizes são isoladas; elas respiram um ar diferente e são sujeitas a leis da física diferentes. Embora Moore talvez não notasse a mudança entre eles, Rizzoli sentira-a e lamentava a perda, mesmo ao sentir-se envergonhada por invejar sua felicidade. Envergonhada, também, pelo ciúme da mulher que capturara o coração de Moore. Alguns dias atrás Rizzoli recebera um cartão-postal que Moore mandara de Londres, onde ele e Catherine estavam passando férias. Havia um conciso “olá” rabiscado no verso do cartão do museu da Scotland Yard, somente algumas palavras para dizer que a estada era agradável e tudo ia bem no mundo deles. Pensando agora nesse bilhete, em seu otimismo, Rizzoli decidiu que não devia perturbá-lo falando sobre este caso. Ela não podia levar a sombra de Warren Hoyt de volta para a vida daquele casal.

Ficou sentada ouvindo os sons do tráfego na rua lá embaixo, que apenas pareciam enfatizar a imobilidade absoluta dentro de seu apartamento. Rizzoli olhou em torno para a sala de estar mobiliada espartanamente, para as paredes brancas nas quais ela ainda não pendurara um único quadro. A única decoração, se poderia ser chamada assim, era um mapa da cidade, pregado na parede, acima da mesa de jantar. Um ano atrás, o mapa estivera entupido com alfinetes coloridos marcando os assassinatos do *Cirurgião*. Nessa época Rizzoli estivera tão sequiosa por reconhecimento, por ver seus colegas admitirem que sim, ela estava no nível deles, que vivera e respirara aquela caçada. Mesmo em casa, ela fizera cada refeição olhando para as marcas deixadas pelo assassino.

Agora os alfinetes do *Cirurgião* tinham sumido, mas o mapa permanecia, aguardando por um novo conjunto de alfinetes para marcar os movimentos de outro assassino. Rizzoli perguntou-se o que queria dizer sobre ela — que análise alguém poderia fazer de sua personalidade — o fato de que, mesmo depois de dois anos neste apartamento, o único adorno em suas paredes fosse este mapa de Boston. *Minha ronda*, pensou.

*Meu universo.*

As luzes estavam apagadas dentro da residência dos Yeager quando Rizzoli entrou no caminho para a garagem às 21h10. Foi a primeira a chegar e, como não tinha acesso à casa, sentou em seu carro com as janelas abertas para deixar entrar ar fresco enquanto aguardava a chegada dos outros policiais. A casa ficava num beco sem saída silencioso, e ambas as casas vizinhas estavam escuras, o que funcionaria em seu benefício esta noite, porque haveria menos luz ambiente para atrapalhar sua busca. Mas neste momento, sentada sozinha e contemplando aquela casa de horrores, Rizzoli sentiu falta de iluminação forte e companhia

humana. As janelas da casa dos Yeager fitavam-na como os olhos vítreos de um cadáver. As sombras à sua volta assumiam uma miríade de formas, nenhuma delas benigna. Rizzoli sacou sua arma, soltou a trava de segurança e pousou-a em seu colo. Apenas então sentiu-se mais calma.

Faróis refletiram em seu espelho retrovisor. Virando-se, ficou aliviada em ver o furgão da unidade de cenas criminais estacionar atrás de seu carro. A detetive guardou a arma de volta em sua bolsa.

Um rapaz de ombros largos saltou do furgão e caminhou até o carro de Rizzoli. O rapaz se curvou para olhar pela janela do carro e a detetive viu o brilho do brinco de ouro em sua orelha.

— Oi, Rizzoli — exclamou ele.

— Oi, Mick. Obrigada por ter vindo.

— Bairro chique, este.

— Espere só para ver a casa.

Mais um par de faróis lampejou no beco sem saída. Korsak chegara.

— A turma está toda aqui — disse ela. — Vamos trabalhar.

Korsak e Mick não se conheciam. Enquanto fazia as apresentações à luz da lâmpada interna do furgão, Rizzoli viu que Korsak estava olhando para o brinco do técnico e notou sua hesitação antes de apertar a mão de Mick. Ela quase podia ver as engrenagens girando na cabeça de Korsak. *Brinco. Corpo malhado. Só pode ser gay*.

Mick começou a descarregar seu equipamento.

— Trouxe o novo Mini Crimescope 400 — anunciou ele. — Lâmpada de arco de 400 watts. Três vezes mais forte que o velho GE de 35 watts. A fonte de luz mais intensa com a qual já trabalhamos. Esta coisa é ainda mais forte que um Xenon de 500 watts. — Ele olhou para Korsak. — Pode carregar o equipamento de filmagem?

Antes que Korsak pudesse responder, Mick empurrou uma caixa de alumínio para os braços do detetive e se virou para pegar mais equipamento no furgão. Korsak ficou parado por um momento, segurando o estojo da câmera, uma expressão de descrença estampada no rosto. Finalmente caminhou até a casa.

Quando Rizzoli e Mick chegaram à porta da frente com suas caixas variadas contendo o Crimescope, cabos de força e óculos de proteção, Korsak já tinha acendido as luzes dentro da casa e a porta estava aberta. Eles calçaram pantufas de papel e entraram.

Exatamente como Rizzoli fizera no começo daquele dia, Mick parou na entrada, olhando embasbacado para a escadaria imensa.

— Tem um vitral lá no topo — informou Rizzoli. — Você precisa ver como isto fica de dia.

Um irritado Korsak gritou da sala de estar:

— Viemos aqui para trabalhar ou o quê?

Mick lançou para Rizzoli um olhar de *mas que babaca*, e ela deu de ombros. Os dois caminharam até a sala.

— Este é o cômodo — disse Korsak. Ele trocara de roupa, mas assim como a camisa que estivera usando à tarde, essa estava encharcada de suor. Estava parado em pé, queixo empinado, pés afastados um do outro, como um mal-humorado Capitão Bligh no convés de seu navio. — Vamos nos concentrar aqui, nesta área do soalho.

O sangue não perdera nem um pouco de seu impacto emocional. Enquanto Mick montou seu equipamento, ligando o cabo de força, preparando a câmera e o tripé, Rizzoli descobriu-se fitando a parede. Nem esfregando-a mil vezes seria possível apagar aquela silenciosa homenagem à violência. Os resíduos bioquímicos sempre permaneceriam numa impressão fantasmagórica.

Mas não era sangue que eles procuravam esta noite. Procuravam por um material bem mais difícil de ver. Por causa disso

recorreriam a uma fonte de luz que era intensa o bastante para revelar o que agora estava invisível a olho nu.

Rizzoli sabia que luz era simplesmente energia eletromagnética que se movia em ondas. Luz visível, que o olho humano pode detectar, possuía comprimentos de onda entre 400 e 700 nanômetros. Comprimentos de onda mais curtos, na faixa do ultravioleta, não eram visíveis. Mas quando a luz ultravioleta brilha num grande número de substâncias naturais e artificiais diferentes, ela ocasionalmente excita elétrons dentro dessas substâncias, liberando luz visível num processo chamado fluorescência. A luz ultravioleta podia revelar fluidos corporais, fragmentos ósseos, pêlos e fibras. Fora por causa disso que ela requisitara o Mini Crimescope. Sob a luz ultravioleta, toda uma nova ordem de violência ficaria visível.

— Estamos quase preparados para ver — disse Mick. — Agora precisamos deixar este cômodo o mais escuro possível. — Ele olhou para Korsak. — Pode começar desligando as luzes daquele corredor, detetive Korsak?

— Espere. Não vamos colocar visores? — perguntou Korsak. — Essa luz ultravioleta pode danificar meus olhos, certo?

— No comprimento de onda que estou usando, ela não vai ser tão nociva assim.

— Mesmo assim quero um par.

— Estão naquele estojo. Temos visores para todos.

— Deixe que eu apago as luzes do corredor — disse Rizzoli, saindo da sala.

Quando Rizzoli voltou, Korsak e Mick ainda estavam de pé, o mais afastados um do outro possível, como se temessem trocar alguma doença transmitida pela comunicação.

— Então, em que áreas vamos focar? — perguntou Mick.

— Vamos começar por aquela ponta, onde a vítima foi achada — decidiu Rizzoli. — Mova-se a partir dali, pegando a sala inteira.

Mick olhou em torno.

— Temos uma área de tapete bege ali. Provavelmente vai produzir fluorescência. E aquele sofá branco também vai brilhar sob a ultravioleta. Só quero avisar vocês que vai ser difícil achar qualquer coisa contra aquele fundo.

Ele olhou para Korsak, que já estava usando seu visor e agora parecia um bobalhão de meia-idade tentando parecer bacana com óculos escuros futuristas.

— Apague as lâmpadas daquela sala — pediu Mick. — Vamos ver o quanto podemos deixar isto aqui escuro.

Korsak abaixou o interruptor e a sala mergulhou na escuridão. Estrelas brilhavam suavemente através das janelas grandes e sem cortinas, mas não havia lua e as árvores do quintal dos fundos bloqueavam a iluminação das casas próximas.

— Nada mal — disse Mick. — Posso trabalhar assim. Melhor do que em algumas cenas criminais, quando preciso engatinhar de um canto para outro debaixo de um cobertor. Sabem, os cientistas estão desenvolvendo sistemas de leitura que podem ser usados à luz do dia. Uma hora dessas não vamos precisar mais ficar nos esbarrando no escuro como cegos.

— Podemos parar a conversa fiada e começar? — ralhou Korsak.

— Só achei que você ia se interessar pelo aspecto tecnológico da coisa.

— Alguma outra hora, tá?

— Como quiser — disse Mick, sem se abalar.

Rizzoli colocou seus visores enquanto a luz azul do Crimescope se acendeu. Formas fluorescentes apareceram como fantasmas na sala escura, o tapete e o sofá refletindo luz como Mick previra. A luz azul se moveu para a parede oposta, onde o cadáver do Dr. Yeager fora encontrado sentado, e lascas brilhantes reluziram na parede.

— Tem uma certa beleza, não? — comentou Mick.

— O que é isso? — indagou Korsak.

— Fios de cabelo, aderindo ao sangue.

— Ah, sim. Isso é *muito* bonito.

— Dirija a luz para o chão — instruiu Rizzoli. — É onde vai estar.

Mick mirou a lente ultravioleta para o chão, e um novo universo de fibras e cabelos revelou-se aos seus pés. Provas residuais que o aspirador de pó dos técnicos da Unidade de Cenas Criminais haviam deixado para trás.

— Quanto mais intensa a fonte de luz, mais intensa a fluorescência — explicou Mick enquanto corria o foco pelo chão. — É por causa disso que este aparelho é tão incrível. Com seus 400 watts, tem luz suficiente para captar tudo. O FBI comprou 71 brinquedinhos como este. É tão compacto que você pode levar num avião como bagagem de mão.

— O que é você, um fanático por tecnologia? — perguntou Korsak.

— Gosto de aparelhos bacanas. Sou formado em engenharia.

— É mesmo?

— Por que você está tão surpreso?

— Não sabia que gente como você gostava desse tipo de coisa.

— Gente como eu?

— Quero dizer, o brinco e tudo mais. Você sabe.

Rizzoli suspirou e disse:

— Abrir boca, inserir pé.

— Qual é o problema? — perguntou Korsak. — Não estou sendo preconceituoso nem nada. Apenas notei que poucas pessoas como ele fazem engenharia. É mais normal fazerem teatro, artes, coisas do tipo. Quero dizer, isso é *bom*. Precisamos de artistas.

— Estudei na University of Massachusetts — contou Mick, recusando-se a parecer ofendido. Ele continuou olhando o chão. — Engenharia elétrica.

— Ei, eletricistas ganham muito dinheiro.

— Bem, não é exatamente a mesma carreira...

Estavam se movendo num círculo cada vez mais amplo, a luz ultravioleta continuando a captar ocasionalmente fios de cabelo, fibras e outras partículas não identificáveis. Subitamente entraram num campo extremamente brilhoso.

— O tapete — explicou Mick. — Não faço idéia de que fibras sejam essas, mas estão produzindo uma fluorescência louca. Não vamos conseguir ver muito contra esse fundo.

— Mesmo assim, corra a luz pelo tapete — instruiu Rizzoli.

— A mesinha de café está no caminho. Pode tirá-la?

Rizzoli curvou-se até o que lhe parecia apenas uma sombra geométrica contra um fundo branco fluorescente.

— Korsak, pegue do outro lado — pediu ela.

Com a mesa de café movida para o lado, a área do tapete era uma piscina oval reluzente que brilhava em branco azulado.

— Como vamos conseguir achar qualquer coisa nesse fundo? — perguntou Korsak. — É como tentar ver vidro flutuando na água.

— Vidro não flutua — corrigiu Mick.

— Ah, certo. Você é o engenheiro. E então, *Mick* é diminutivo de quê? *Mickey*?

— Vamos examinar o sofá — interrompeu Rizzoli.

Mick redirecionou as lentes. O tecido do sofá também brilhou sob a luz ultravioleta, mas era uma fluorescência mais suave, como neve ao luar. Lentamente ele correu a lente pela armação estofada e depois pelas almofadas, mas não encontrou nenhuma mancha suspeita, apenas alguns longos fios de cabelo e partículas de poeira.

— Essa gente era bem asseada — comentou Mick. — Nenhuma mancha, nem mesmo muita poeira. Eu poderia dizer que este sofá é novinho em folha.

— O meu sofá eu tenho desde que me casei — resmungou Korsak.

— Muito bem, tem mais algum espaço de chão ali atrás. Vamos nos mover nessa direção.

Rizzoli sentiu Korsak esbarrar nela, e sentiu seu cheiro de suor. Ele respirava ruidosamente, como se tivesse sinusite, e a escuridão parecia amplificar suas fungadas. Incomodada, ela se afastou dele e bateu com a canela na mesinha de café.

— *Merda!*

— Ei, presta atenção para onde está indo — disse Korsak.

Rizzoli engoliu sua resposta; as coisas já estavam muito tensas naquela sala. Abaixou-se para esfregar a perna. A escuridão e a mudança abrupta de posição deixaram-na tonta e desorientada. Ela teve de se acocorar para não perder o equilíbrio. Durante alguns segundos ficou de cócoras no escuro, torcendo para Korsak não tropeçar nela, porque ele era pesado o bastante para achatá-la no chão. Ouviu os dois homens movendo-se a alguns metros.

— O fio prendeu — disse Mick. A luz do Crimescope subitamente virou na direção de Rizzoli enquanto ele se virava para soltar o cabo de força.

O facho de luz varreu o tapete onde Rizzoli estava agachada. Ela fitou. Emoldurada pela fluorescência do fundo de fibras de tapete havia uma mancha escura e irregular, menor que uma moedinha.

— Mick — chamou ela.

— Pode levantar essa ponta da mesinha de café? Acho que o fio enrolou na perna.

— *Mick.*

— Que é?

— Traga o aparelho para cá. Foque no tapete. Bem onde estou.

Mick caminhou até ela. Korsak também fez isso; ela ouviu sua respiração ofegante aproximar-se.

— Aponte para a minha mão — pediu Rizzoli. — Estou com o dedo perto da mancha.

Luz azulada banhou o tapete, e de repente a mão de Rizzoli era uma silhueta preta contra o fundo fluorescente.

— Ali — disse ela. — O que é?

Mick agachou-se ao lado dela.

— Um tipo de mancha. Vou tirar uma foto disso.

— Mas é uma mancha escura — observou Korsak. — Pensei que estávamos procurando por alguma coisa que brilhasse.

— Quando o fundo é altamente fluorescente, como as fibras desse tapete, os fluidos corporais podem parecer escuros, porque eles não brilham tão forte. Esta mancha pode ser qualquer coisa. O laboratório terá de confirmar.

— E então, vamos cortar um pedaço desse tapete bonito, só porque encontramos uma velha mancha de café ou alguma coisa assim?

Mick fez uma pausa antes de dizer:

— Tem mais um truque que podemos tentar.

— Qual?

— Vou mudar o comprimento de onda do aparelho. Vou baixar para a onda curta do ultravioleta.

— O que isso faz?

— Se der certo, vai ser bacana.

Mick ajustou o aparelho e focou a luz na área do tapete que continha a mancha negra.

— Observe — disse ele, e desligou o Crimescope.

A sala ficou escura como breu. Toda ela, exceto por um ponto brilhante reluzindo aos pés deles.

— Que diabos é *isso*? — indagou Korsak.

Rizzoli teve a impressão de que estava sofrendo uma alucinação. Fitou a imagem fantasmagórica, que parecia queimar com fogo verde. Enquanto ela olhava, o brilho espectral começou a sumir. Segundos depois, eles estavam imersos numa escuridão completa.

— Fosforescência — disse Mick. — É uma fluorescência retardada. Acontece quando a luz ultravioleta excita elétrons de certas substâncias. Os elétrons levam um pouco mais de tempo para retornar ao seu estado energético básico. À medida que fazem isso, liberam fótons de luz. É isso que estamos vendo. Temos aqui uma mancha que fosforesce em verde brilhante depois de ser exposta a uma luz ultravioleta de comprimento de onda curto. Isso é muito sugestivo. — Ele se levantou e acendeu as luzes da sala.

Em meio à luz repentina, o tapete para o qual eles estavam olhando com tanto fascínio pareceu subitamente ordinário. Mas ela não podia olhar para ele agora sem sentir repulsa. Porque ela sabia o que havia ali: a prova do sofrimento de Gail Yeager ainda grudada às fibras bege.

— É sêmen — disse Rizzoli.

— Pode ser — disse Mick enquanto montava o tripé da câmera e anexava o filtro Kodak Wratten para fotografia ultravioleta. — Depois que eu tiver batido uma foto disto, vamos cortar esta parte do tapete. O laboratório terá de confirmar com fosfatase ácida e exame pelo microscópio.

Mas Rizzoli não precisava de confirmação. Virou-se para a parede manchada de sangue. Lembrou da posição do corpo do Dr. Yeager, e lembrou da xícara que caíra de seu colo e estilhaçara no soalho de madeira. O ponto verde fosforescente no tapete confirmava seu maior temor. Ela soube o que acontecera, com tanta certeza como se a cena estivesse se desenrolando diante de seus olhos.

*Você arrastou os dois da cama até este cômodo, com seu soalho de madeira. Amarrou os pulsos e tornozelos do doutor e tampou sua boca para que não pudesse gritar, para que não pudesse distraí-lo. Você o colocou sentado ali, contra aquela parede, fazendo dele seu espectador mudo e solitário. Richard Yeager ainda está vivo, e plenamente cônscio do que você está prestes a fazer. Mas ele não*

*pode reagir. Não pode proteger sua esposa. E para ser alertado caso o doutor se mova, caso se debata, você coloca uma xícara de chá e um pires no colo dele, um sistema simples de alarme. A xícara vai estilhaçar neste chão duro se ele tentar se levantar. Entregue ao seu prazer, você não pode ficar de olho no que o Dr. Yeager está fazendo e não quer ser pego de surpresa.*

*Mas quer que ele assista.*

Rizzoli baixou os olhos para o ponto que reluzia em verde brilhante. Se eles não tivessem movido a mesa de café, se não tivessem procurado por resíduos no sofá, não teriam visto o sêmen.

*Você a possuiu, aqui no tapete. Tomou-a na frente do marido, que não podia fazer nada para salvá-la, que não podia nem salvar a si mesmo. E quando acabou, depois que você havia tomado seus espólios, uma gotinha de sêmen foi deixada nessas fibras, secando até se tornar uma película invisível.*

Matar o marido foi parte do prazer? O criminoso desconhecido havia parado, sua mão segurando a faca, para saborear o momento? Ou foi apenas uma conclusão prática dos eventos que precederam isso? Ele sentiu alguma coisa quando agarrou Richard Yeager pelo cabelo e pressionou a lâmina em sua garganta?

As luzes da sala se apagaram. A câmara de Mick clicou repetidas vezes, capturando a mancha escura, cercada pelo brilho fluorescente do tapete.

*E quando a tarefa termina, e o Dr. Yeager está sentado com a cabeça caída sobre o peito, seu sangue escorrendo na parede ao seu lado, você executa um ritual que tomou emprestado de outro assassino. Dobra a camisola da Sra. Yeager e coloca-a à vista de todos no quarto, exatamente como Warren Hoyt fazia.*

*Mas você não terminou ainda. Este foi apenas o primeiro ato. Mais prazeres, prazeres terríveis, estão à sua espera.*

*Para isso, você pega a mulher.*

As luzes do quarto acenderam de novo, e o brilho repentino doeu como uma punhalada em seus olhos. Ela estava atordoada e trêmula, embalada por terrores que não sentia há meses. E envergonhada por esses dois homens poderem perceber isso em seu rosto pálido, em suas mãos trêmulas. De repente ela não conseguia respirar.

Rizzoli saiu da sala, saiu da casa. Parou no jardim da frente, arfando. Passos seguiram-na para fora, mas ela não se virou para ver quem era. Apenas quando ele falou ela soube que era Korsak.

— Está se sentindo bem, Rizzoli?

— Estou bem.

— Você não parece bem.

— Apenas me senti um pouco tonta.

— É um *flashback* do caso Hoyt, não é? Ver isto abalou você.

— Como você pode saber?

Uma pausa.

— Sim, você tem razão — disse finalmente. — Como eu poderia saber?

Korsak começou a caminhar de volta para a casa. Rizzoli virou-se e disse:

— Korsak?

— Que é?

Eles se entreolharam por um momento. O ar noturno não era desagradável, e a grama exalava um odor agradável. Mas o medo ainda apertava o coração de Rizzoli.

— Eu sei o que ela está sentindo — disse baixinho. — Eu sei o que ela está passando.

— A Sra. Yeager?

— Você precisa encontrá-la. Precisa fazer tudo ao seu alcance para encontrá-la.

— A cara dela está em todos os noticiários. Estamos verificando todas as denúncias anônimas. — Korsak balançou a cabeça e

suspirou. — Mas você sabe, a esta altura, eu não acredito que ele a mantenha viva.

— Ela está viva. Eu sei que está.

— Como pode ter tanta certeza?

Rizzoli abraçou a si mesma para conter a tremedeira e olhou para casa.

— Porque é o que Warren Hoyt teria feito.

# 3

De todos os seus deveres como detetive na delegacia de homicídios de Boston, o que Jane Rizzoli mais odiava eram as visitas ao discreto edifício de tijolos aparentes na Albany Street. Embora suspeitasse de que não tinha estômago mais fraco que seus colegas homens, Rizzoli não podia dar-se ao luxo de revelar qualquer vulnerabilidade. Homens eram muito competentes em identificar fraquezas e inevitavelmente miravam nos pontos mais sensíveis com suas piadinhas e peças cruéis. Rizzoli aprendera a manter uma fachada estóica, a olhar sem piscar para as piores coisas que uma mesa de autópsia tinha a oferecer. Ninguém suspeitava de quanta coragem precisava reunir para entrar naquele prédio como se fosse a coisa mais natural do mundo. Sabia que os homens pensavam nela como a intrépida Jane Rizzoli, a mulher dos colhões de bronze. Mas sentada em seu carro no estacionamento atrás do instituto médico-legal, não sentia uma gota de coragem nas veias.

Não dormira bem na noite anterior. Pela primeira vez em semanas, Warren Hoyt entrara em seus sonhos, e Rizzoli acordara

encharcada de suor, mãos doendo por causa dos velhos ferimentos.

Baixou os olhos para as palmas com as cicatrizes e subitamente quis ligar o carro e dirigir para longe dali; fazer qualquer coisa para evitar a provação que a aguardava dentro do prédio. Nem precisava estar naquele lugar; afinal, isto era um homicídio em Newton — a responsabilidade não era sua. Mas Jane Rizzoli nunca fora covarde e era orgulhosa demais para recuar agora.

Saltou do carro, fechou a porta com um baque alto e entrou no prédio.

Foi a última a chegar ao laboratório de autópsias, e as outras três pessoas na sala cumprimentaram-na com acenos breves. Korsak vestia um avental cirúrgico tamanho GG e uma touca bufante. Ele parecia uma dona-de-casa gorducha com uma rede no cabelo.

— Perdi alguma coisa? — perguntou Rizzoli, também vestindo um avental para proteger as roupas de respingos inesperados.

— Não muito. Estávamos apenas conversando sobre silver tape.

A Dra. Maura Isles estava executando a autópsia. A Rainha dos Mortos: esse era o apelido que a unidade de homicídios dera-lhe no ano passado, quando juntara-se ao Instituto Médico-Legal de Massachusetts a convite do Dr. Tierney, que convencera-a a deixar sua confortável posição na faculdade de medicina de San Francisco. Não demorara muito para a imprensa local chamá-la também de Rainha dos Mortos. Na primeira vez que compareceu ao tribunal de Boston, para testemunhar pelo instituto médico-legal, chegou vestida toda de preto, em estilo gótico. As câmeras de TV acompanharam sua figura majestosa subindo soberba a escadaria do tribunal, uma mulher de tez incrivelmente pálida, boca pintada num batom de vermelho tão vivo que mais parecia uma ferida aberta, cabelos negros e cacheados batendo nos ombros e pose fria e atrevida. Prestou testemunho com uma calma enervante. O advogado de defesa tentou flertar, bajular e, finalmente, intimidá-la

descaradamente, mas a Dra. Isles respondeu às suas perguntas com uma lógica infalível, mantendo o tempo todo seu sorriso de Mona Lisa. A imprensa era apaixonada pela Dra. Isles. Os advogados de defesa morriam de medo dela. E os policiais da delegacia de homicídios a um só tempo temiam e babavam por esta mulher que escolhera passar seus dias em comunhão com os mortos.

A Dra. Isles presidiu a autópsia com seu desapego habitual. Seu assistente, Yoshima, mostrou-se igualmente profissional ao manipular instrumentos e angular lâmpadas em silêncio absoluto. Ambos tratavam o corpo de Richard Yeager com o olhar frio dos cientistas.

O *rigor mortis* sumira desde que Rizzoli vira o corpo no dia anterior. Agora o Dr. Yeager jazia flácido. A silver tape tinha sido cortada, a cueca removida, e a maior parte do sangue fora limpa da pele. Jazia com braços estendidos aos lados, ambas as mãos inchadas e arroxeadas — como cobertas por luvas — devido aos efeitos combinados das amarras apertadas e da descoloração oriunda dos livores *post mortem*. Mas era no corte transversal do pescoço que todos prestavam atenção agora.

— Golpe de misericórdia — anunciou Isles. Com uma régua mensurou as dimensões do ferimento. — Quatorze centímetros.

— Estranho, não parece tão profundo — disse Korsak.

— Porque o corte foi feito ao longo das Linhas de Langer. A tensão da pele reaproxima as bordas, fazendo com que o corte pareça raso. É bem mais profundo do que aparenta.

— Abaixador de língua? — ofereceu Yoshima.

— Obrigada. — Isles aceitou o instrumento. Introduziu gentilmente a ponta da pequena espátula de madeira no ferimento, murmurando baixinho: — Diga *ah...*

— O que está fazendo? — perguntou Korsak.

— Estou medindo a profundidade do ferimento. Quase cinco centímetros.

Isles puxou uma lente de aumento sobre o ferimento e olhou o corte vermelho.

— Tanto a artéria carótida esquerda quanto a jugular esquerda sofreram transecção. A traquéia também foi cortada. O nível de penetração traqueana, logo abaixo da cartilagem tireóide, sugere que primeiro o pescoço foi estendido, e então o corte foi feito. — Ela olhou para os dois detetives. — O criminoso desconhecido puxou a cabeça da vítima para trás, e então realizou uma incisão.

— Uma execução — avaliou Korsak.

Rizzoli lembrou de como o Crimescope captara o brilho de fios de cabelo colados à parede suja de sangue. Eram cabelos do Dr. Yeager, arrancados de seu escalpo enquanto a lâmina cortava sua pele.

— Que tipo de lâmina? — perguntou ela.

Isles não respondeu imediatamente à pergunta. Em vez disso, virou-se para Yoshima e disse:

— Fita adesiva.

— Já separei algumas tiras.

— Vou aproximar as margens. Você aplica a fita.

Korsak soltou uma risada nervosa ao perceber o que eles estavam fazendo.

— Você vai fechar ele com durex?

Isles lançou-lhe um olhar seco e irônico.

— Prefere cola multiuso?

— Isso é para segurar a cabeça dele no lugar?

— Por favor, detetive, fita adesiva não seguraria no lugar nem a *sua* cabeça. — Isles olhou pela lente de aumento. — Está bom, Yoshima. Posso ver agora.

— Ver o quê? — perguntou Korsak.

— As mil e uma utilidades da fita adesiva. Detetive Rizzoli, você me perguntou que tipo de lâmina foi usada.

— Por favor, não me diga que foi um bisturi.

— Não foi um bisturi. Dê uma olhada.

Rizzoli aproximou-se da lente e espiou o ferimento. As bordas tinham sido unidas pela fita transparente, permitindo ver com mais clareza o corte transversal feito pela arma. Havia estrias paralelas ao longo de uma das bordas da incisão.

— Uma serra dentada — deduziu Rizzoli.

— À primeira vista, é o que parece.

Rizzoli olhou para cima e viu a expressão desafiadora de Isles.

— Mas não é?

— O gume em si não é serrado, porque a outra borda da incisão é absolutamente lisa. E está vendo como esses arranhões paralelos aparecem ao longo de um terço da incisão? Não da incisão inteira. Essas marcas foram feitas enquanto a lâmina era retirada. O assassino iniciou sua incisão sob a mandíbula esquerda e cortou em direção à frente da garganta, terminando a incisão do outro lado do anel traqueano. Os arranhões aparecem quando ele está finalizando o corte, e torcendo levemente a lâmina à medida que a retira.

— Mas o que causou os arranhões?

— Não foi o gume. Esta arma tem serras na extremidade traseira, e elas causam os arranhões paralelos à medida que a arma é retirada. — Isles olhou para Rizzoli. — É uma faca de sobrevivência, estilo “Rambo”. O tipo de coisa que um caçador usaria.

*Um caçador*. Rizzoli olhou para os ombros musculosos de Richard Yeager e pensou: este não era o tipo de homem que assumiria humildemente o papel de presa.

— Certo, então me deixe visualizar a situação — disse Korsak. — Esta vítima, o Dr. Malhador aqui, vê nosso criminoso sacar uma

baita faca de Rambo. E então fica sentadinho, deixando que ele corte sua garganta?

— Ele estava com os pulsos e tornozelos amarrados — objetou Isles.

— Ele podia estar enfaixado como uma múmia. Qualquer homem de sangue quente iria se debater como louco.

— Ele tem razão — avaliou Rizzoli. — Mesmo com os pulsos e tornozelos amarrados, você ainda pode chutar. Você pode até acertar uma cabeçada no seu agressor. Mas ele ficou imóvel, sentado com as costas na parede.

A Dra. Isles se empertigou. Por um momento, ela não disse nada, ficou de pé com uma pose majestosa, como se o seu avental cirúrgico fosse um manto de sacerdotisa. Ela olhou para Yoshima.

— Dê-me uma toalha molhada. Dirija a luz para este ponto. Vamos limpar muito sua pele e examiná-la centímetro a centímetro.

— O que estamos procurando? — indagou Korsak.

— Direi quando encontrar.

Momentos depois, ao levantar o braço direito da vítima, Isles localizou as marcas na lateral do peito. Debaixo da lente de aumento ressaltavam dois inchaços avermelhados. Isles passou um dedo enluvado na pele da vítima.

— Pústulas — anunciou ela. — É uma Reação Tripla de Lewis.

— Reação... o quê? — perguntou Rizzoli.

— Reação Tripla de Lewis. Um efeito de assinatura na pele. Primeiro aparece um eritema... uma mancha vermelha... e depois um inchaço causado pela dilatação arteriolar cutânea. E finalmente, no terceiro estágio, uma pústula emerge devido à permeabilidade vascular acentuada.

— Para mim parece uma marca de Taser — observou Rizzoli.

Isles fez que sim com a cabeça.

— Exatamente. Esta é a reação clássica da pele a um choque elétrico infligido por um dispositivo semelhante ao Taser. O choque

certamente deixou a vítima incapacitada. Zap, e ele perdeu todo o controle neuromuscular. Com certeza por tempo suficiente para alguém poder amarrar seus pulsos e tornozelos.

— Quanto tempo essas pústulas costumam durar?

— Num indivíduo vivo, normalmente somem depois de duas horas.

— E num indivíduo morto?

— A morte interrompe o processo da pele. É por causa disso que ainda podemos ver o efeito. Embora seja muito leve.

— Então ele morreu duas horas depois de receber esse choque?

— Correto.

— Mas um Taser deixa a vítima desacordada apenas durante alguns minutos — objetou Korsak. — Cinco, no máximo dez. Ele teria de levar um novo choque para continuar desacordado.

— E é por causa disso que vamos continuar procurando por marcas — respondeu Isles. Ela moveu a luz mais para baixo ao longo do tronco.

O facho de luz ressaltou impiedosamente a genitália de Richard Yeager. Até esse momento, Rizzoli evitara olhar essa região de sua anatomia. Olhar os órgãos sexuais de um cadáver sempre lhe parecia uma invasão cruel, como se fosse mais um ultraje, mais uma humilhação, ao corpo da vítima. Agora, com a luz focada no pênis flácido e nos testículos, a violação de Richard Yeager parecia completa.

— Há mais pústulas — informou Isles, limpando uma mancha de sangue para revelar a pele. — Aqui, na parte inferior do abdômen.

— E na coxa — notou Rizzoli em voz baixa.

Isles olhou para ela.

— Onde?

Rizzoli apontou para as marcas, logo à esquerda dos testículos da vítima. Então esses são os últimos momentos terríveis de Richard Yeager, pensou Rizzoli. Completamente acordado e alerta,

mas não consegue se mover. Não pode se defender. Os músculos avantajados, as horas de ginástica, não significam nada no fim, porque seu corpo não obedece aos seus comandos. Seus membros jazem inúteis, em curto-circuito devido à tempestade elétrica que varou seu sistema nervoso. Ele é arrastado de seu quarto, indefeso como uma vaca atordoada a caminho do matadouro. É encostado contra a parede para testemunhar os eventos seguintes.

Mas o efeito do Taser é breve. Logo seus músculos se contorcem; seus dedos cerram-se em punhos. Ele observa o suplício de sua esposa, e os músculos furiosos obedecem. Ele tenta se levantar, mas é traído pelo barulho da xícara caindo de seu colo.

É preciso apenas mais uma descarga do Taser para que ele tombe, desesperado, como Sísifo despencando da montanha.

Rizzoli fitou o rosto de Richard Yeager, as pálpebras entreabertas, e pensou nas últimas imagens que seu cérebro registrara. Suas próprias pernas, estendidas inutilmente à sua frente, sua esposa, deitada impotente no tapete bege. E uma faca, empunhada na mão do caçador, aproximando-se para matá-lo.

*Há muito barulho na sala de recreação, onde homens andam de um lado para outro como as feras engaioladas que são. A TV está ligada no último volume. As escadas de metal que conduzem ao corredor superior de celas repenicam cada vez que são pisadas. Jamais ficamos longe da vista de nossos observadores. Há câmeras de vigilância por toda parte: no chuveiro coletivo e até na área dos vasos sanitários. Das janelas do posto da guarda, nossos guardadores observam-nos enquanto nos socializamos aqui no poço. Vêem cada movimento que fazemos. O Centro de Detenção Souza-Baranowski é uma instalação de nível seis de segurança, a mais nova do instituto correcional de Massachusetts, e é uma maravilha tecnológica. As fechaduras não têm chaves, sendo*

*operadas por terminais de computador na torre da guarda. Ordens nos são emitidas por vozes sem corpo através de intercomunicadores. As portas para cada cela podem ser abertas ou fechadas por acesso remoto, dispensando a mediação física de um ser humano. Há dias em que me pergunto se algum de nossos guardas é de carne e osso ou se as silhuetas que vemos pelo vidro são de robôs animatrônicos, troncos girando, cabeças balançando. Sejam eles homens ou máquinas, eu estou sendo vigiado, embora isso não me incomode, porque eles não podem ver dentro de minha mente; não podem adentrar a paisagem sombria de minhas fantasias. Esse lugar pertence apenas a mim.*

*Enquanto estou sentado na sala de recreação, assistindo ao telejornal das seis da tarde, perambulo justamente por essa paisagem. É a apresentadora do telejornal, sorrindo da tela, quem faz essa jornada comigo. Imagino seus cabelos negros derramados sobre um travesseiro. Vejo suor reluzindo em sua pele. E em meu mundo, ela não está sorrindo, não senhor. Seus olhos estão arregalados, as pupilas dilatadas lembrando poços sem fundo; os lábios distorcidos num ricto de terror. Tudo isto eu imagino enquanto fito a bela apresentadora em seu terno verde-musgo. Vejo seu sorriso, ouço sua voz modulada, e tento imaginar como seriam seus gritos.*

*Então uma nova imagem aparece na TV, e todos os pensamentos sobre a apresentadora evaporam. Um repórter está diante da casa do Dr. Richard Yeager, em Newton. Num tom de pesar, o jornalista revela que, dois dias depois do assassinato do médico e do seqüestro de sua esposa, nenhuma prisão foi efetuada. Já estou familiarizado com o caso do Dr. Yeager e sua esposa. Agora eu me inclino para a frente, fitando intensamente a tela, esperando por um vislumbre.*

*E finalmente a vejo.*

*A câmera se moveu para a casa e capturou-a num plano fechado enquanto ela saía pela porta da frente. Um homem parrudo emerge à sua direita. Eles param no jardim para conversar, sem saber que nesse momento o operador de câmera fechou sua lente neles. O homem parece grosseiro, com sua papada flácida e seus fios de cabelo esparsos penteados sobre um escalpo liso. Ao seu lado ela parece pequena, insignificante. Faz tempo desde que a vi pela última vez, e muita coisa nela parece ter mudado. Seus cabelos ainda são uma crina desregrada de cachos negros, e ela usa outro daqueles seus horrorosos terninhos azul-marinhos, casaco folgado pendendo dos ombros, caimento inadequado ao seu corpo de mulher pequena. Mas o rosto está diferente. Antes seu rosto emanara um ar de confiança, não particularmente bonito, mas ainda assim cativante devido à inteligência feroz dos olhos. Agora ela parece cansada, atormentada. Perdeu peso. Vejo novas linhas em seu rosto, cujas faces estão chupadas, ressaltando os ossos.*

*De repente ela nota a câmera de TV e olha em sua direção, fitando-me, desafiadora. Seus olhos parecem me ver enquanto a vejo, como se ela estivesse de pé diante de mim, em carne e osso. Nós temos uma história juntos, ela e eu, uma experiência compartilhada tão íntima que estamos unidos para sempre, como amantes.*

*Levanto do sofá e caminho até a TV. Pressiono minha mão na tela. Não estou ouvindo o comentário em* off *do repórter; estou concentrado apenas no rosto dela. Minha pequena Janie. As suas mãos têm incomodado você? Você ainda esfrega suas palmas do jeito que fazia no tribunal, como se temesse que houvesse uma farpa aprisionada em sua carne? Pensa nas cicatrizes como eu penso nelas, como símbolos de amor? Pequenas reminiscências de minha alta estima por você?*

*— Puta que pariu, sai da frente da TV! — grita alguém.*

*Não me movo. Fico de pé na frente da tela, tocando o seu rosto, lembrando como seus olhos negros como carvão fitaram-me submissos. Lembrando da suavidade de sua pele. Pele perfeita, limpa, sem o menor toque de maquiagem.*

*— Sai da frente, porra!*

*De repente ela se foi, desapareceu da tela. A apresentadora de terno verde-musgo está de volta. Há apenas um momento atrás eu me contentara em ter esta manequim empetecada em minhas fantasias. Agora ela me parece apenas mais um rosto bonito e fútil, mais uma garganta esguia. Precisei apenas ver Jane Rizzoli por um instante para lembrar o que é realmente uma caça de valor.*

*Retorno para o sofá e fico sentado durante um comercial dos automóveis Lexus. Mas não vejo mais TV. Lembro como é caminhar em liberdade. Perambular por ruas da cidade, inalando os perfumes das mulheres que passam por mim. Não aromas florais produzidos quimicamente que são armazenados em frascos, mas perfume real de suor feminino, ou de cabelos esquentados pelo sol. Nos dias de verão, eu me juntaria à multidão aguardando o sinal da faixa de pedestres ficar verde. Na confusão de uma esquina cheia de gente, que mulher notaria que o homem às suas costas inclinou-se para cheirar seu cabelo? Que mulher notaria que o homem às suas costas está fitando seu pescoço, marcando os pontos de pulsação, os locais onde a pele tem aroma mais adocicado?*

*Nem a mulher nem ninguém nota. O sinal da faixa de pedestres fica verde. A multidão começa a se mover. E a mulher continua caminhando, sem saber, sem suspeitar, que o caçador pegou seu cheiro.*

— O fato de que ele dobrou a camisola não prova que você está lidando com um copiador — afirmou o Dr. Lawrence Zucker. — Isto

é apenas uma demonstração de controle. O assassino exibindo seu domínio sobre as vítimas. Sobre a cena do crime.

— Da forma como Warren Hoyt costumava fazer.

— Outros assassinos também fazem isso. Não é exclusividade do *Cirurgião*.

O Dr. Zucker estava observando Rizzoli com um brilho estranho, quase selvagem, nos olhos. Psicólogo criminal da Northeastern University, era freqüentemente consultado pelo departamento de polícia de Boston. No ano anterior trabalhara com a delegacia de homicídios durante a investigação do *Cirurgião*, e o perfil criminal que compilara do assassino desconhecido provara-se assustadoramente acurado. Às vezes Rizzoli se perguntava qual era o grau de sanidade de Zucker. Apenas um homem intimamente familiarizado com o território do mal poderia insinuar-se tão profundamente na mente de um homem como Warren Hoyt. Rizzoli jamais sentira-se confortável com este homem, cuja voz sussurrante e olhares intensos faziam com que ela se sentisse invadida e vulnerável. Mas ele era um dos poucos que realmente entendiam Hoyt. Talvez ele também pudesse entender um copiador.

Rizzoli disse:

— Não se trata apenas da camisola dobrada. Há outras semelhanças. Ele usou silver tape para prender esta vítima.

— Mais uma vez, não é exclusividade dele. Lembra do seriado *Profissão Perigo*? O MacGyver nos ensinou mil e uma utilidades para a silver tape.

— Invasão noturna através de uma janela. As vítimas surpreendidas enquanto dormiam...

— Quando estavam mais vulneráveis. É o momento mais lógico para um ataque.

— E o único corte através do pescoço.

Zucker deu com os ombros.

— Uma forma de matar silenciosa e eficaz.

— Mas some tudo isso. A camisola dobrada. A silver tape. O método de invasão. O golpe de misericórdia...

— E o que você obtém é um assassino desconhecido que está escolhendo estratégias muito comuns. Até a xícara no colo da vítima... isso é uma variação de coisas que foram feitas antes, por estupradores seriais. Eles colocam um prato ou pires em cima do marido. Se ele se mover, a louça quebra e alerta o perpetrador. São estratégias comuns porque funcionam.

Frustrada, Rizzoli pegou as fotos da cena do crime em Newton e as dispôs na mesa do criminologista.

— Dr. Zucker, estamos tentando encontrar uma mulher desaparecida. Até agora não temos pistas. Eu não quero nem pensar no que ela está passando agora... se ainda estiver viva. Portanto, dê uma boa olhada nestas fotos. Fale sobre este assassino desconhecido. Diga como podemos encontrar este homem. Como podemos encontrar *a mulher*.

O Dr. Zucker colocou seus óculos e pegou a primeira foto. Não disse nada; apenas fitou-a por um momento, e em seguida pegou a seguinte na série de imagens. Os únicos sons foram o crepitar de sua cadeira de couro e seus ocasionais murmúrios de interesse. Através da porta de seu escritório Rizzoli podia ver o campus da Northeastern University, quase deserto neste dia de verão. Apenas alguns estudantes estavam deitados no gramado lá fora, mochilas e livros espalhados ao seu redor. Rizzoli invejou esses estudantes; invejou sua despreocupação e inocência. Sua fé cega no futuro. E suas noites, não perturbadas por sonhos sombrios.

— Você disse que achou sêmen — disse o Dr. Zucker.

Relutante, ela desviou os olhos dos estudantes banhando-se ao sol e focou no criminologista.

— Sim. Naquele tapete oval na foto. O laboratório confirma que é de um tipo sangüíneo diferente do marido. Demos entrada no DNA no banco de dados CODIS.

— Sabe, por algum motivo duvido que esse assassino desconhecido seja descuidado ao ponto de ser identificado numa busca num banco de dados de âmbito nacional. Eu aposto que seu DNA não está no CODIS. — Zucker levantou os olhos da foto. — E aposto que ele não deixou digitais.

— Nada que tenha aparecido no AFIS. Infelizmente, os Yeagers receberam pelo menos cinqüenta visitas na casa depois do funeral da mãe da Sra. Yeager. O que significa que estamos examinando muitas digitais não identificadas.

Zucker baixou os olhos para a foto do Dr. Yeager, encostado contra a parede manchada de sangue.

— Este homicídio foi em Newton.

— Foi.

— Não é uma investigação na qual você tomaria parte normalmente. Por que você está envolvida? — Olhou novamente para Rizzoli, fitando-a com intensidade perturbadora.

— Fui convidada pelo detetive Korsak...

— Que é o encarregado do caso. Certo?

— Certo. Mas...

— Não há homicídios suficientes em Boston para mantê-la ocupada, detetive? Por que sente necessidade de investigar este?

Rizzoli devolveu o olhar, sentindo que o criminologista havia conseguido, de alguma maneira, invadir o seu cérebro e agora estava vasculhando seu interior, procurando por um ponto sensível para torturar.

— Já disse — respondeu. — A mulher pode ainda estar viva.

— E você quer salvá-la.

— Você não quer? — retorquiu Rizzoli.

— Detetive, estou curioso com uma coisa — começou Zucker, sem deixar-se intimidar. — Já falou com alguém sobre o caso Hoyt? Quero dizer, sobre o impacto que ele exerceu pessoalmente em você?

— Não tenho certeza se entendi o que você quer dizer.

— Você já recebeu tratamento?

— Está perguntando se fui a um analista?

— O que aconteceu com você naquele porão deve ter sido uma experiência terrível. Warren Hoyt fez coisas com você que assombrariam qualquer policial. Ele deixou cicatrizes, tanto emocionais quanto físicas. A maioria das pessoas sofreria traumas. Teria *flashbacks,* pesadelos. Depressão.

— As lembranças não são divertidas. Mas eu consigo lidar com elas.

— Esse sempre foi seu jeito, não foi? Durona, sem reclamar nunca.

— Eu me queixo da vida, como todo mundo.

— Mas nunca se queixa sobre nada que possa fazer com que pareça fraca. Ou vulnerável.

— Não suporto gente choramingona. Eu me recuso a ser assim.

— Não estou falando sobre choramingar. Estou falando sobre ser honesta a ponto de admitir que tem problemas.

— Que problemas?

— Diga-me você, detetive.

— Não, diga-me você. Porque parece achar que minha cabeça está toda fodida.

— Eu não disse isso.

— Mas pensou.

— Foi você quem usou o termo *toda fodida*. É assim que se sente?

— Olhe, eu vim falar sobre *isso*. — Apontou para as cenas do crime de Yeager. — Por que estamos falando de mim?

— Porque, quando você olha para essas fotos, tudo o que vê é Warren Hoyt. Estou apenas me perguntando por quê.

— O caso está encerrado. Eu toquei minha vida pra frente.

— Tocou sua vida para a frente? É verdade?

A pergunta, formulada com tanta suavidade, fez Rizzoli se calar. Ela não gostava de ser sondada. Não gostava, principalmente, que ele reconhecesse uma verdade que ela não podia admitir. Warren Hoyt *deixara* cicatrizes. Tudo que ela tinha a fazer era olhar para as mãos e lembrar dos danos que ele infligira. Mas o pior dano não era físico. O que ela havia perdido, naquele porão sombrio no verão passado, fora a crença em sua invencibilidade. Sua autoconfiança. Warren Hoyt ensinara a Rizzoli o quanto ela era realmente vulnerável.

— Não estou aqui para falar sobre Warren Hoyt — rebateu ela.

— Mas ele é o motivo para você estar aqui.

— Não. Eu estou aqui porque vejo paralelos entre esses dois assassinos. Não sou a única que vê isso. O detetive Korsak também. Então vamos nos ater ao assunto, certo?

O criminologista dirigiu-lhe um sorriso brando.

— Certo.

— E então, o que pode me dizer sobre este assassino desconhecido? – Ela cutucou as fotos. — O que pode me dizer a respeito dele?

Mais uma vez, Zucker concentrou-se na imagem do Dr. Yeager.

— O seu assassino desconhecido é obviamente bem organizado. Mas você já sabe disso. Ele veio à cena completamente preparado. O cortador de vidro, a pistola de atordoamento, a silver tape. Ele conseguiu dominar o casal com tanta rapidez que eu fico pensando... — Ele olhou para ela. — Nenhuma chance de haver um segundo criminoso? Um parceiro?

— Apenas um conjunto de pegadas.

— Então seu rapaz é muito eficiente. E meticuloso.

— Mas ele deixou seu sêmen no tapete. Ele nos deu a chave para sua identidade. Esse foi um erro e tanto.

— Sim, é verdade. E ele certamente sabe disso.

— Então por que ele a violentou bem ali, na casa? Por que não fez isso depois, num lugar seguro? Se ele é organizado o bastante para invadir uma casa e controlar o marido...

— Talvez essa seja a verdadeira recompensa.

— O quê?

— Pense na cena. O Dr. Yeager está sentado ali, amarrado e indefeso. Forçado a assistir enquanto outro homem toma posse de sua propriedade.

— Propriedade — repetiu Rizzoli.

— Na mente do assassino desconhecido, é isso que a mulher é. A propriedade de outro homem. A maioria dos predadores sexuais não correria o risco de atacar um casal. Eles escolheriam a mulher solitária, o alvo fácil. Ter um homem no quarto torna a situação perigosa. Mesmo assim este assassino sabia que havia um marido no quadro. E ele veio preparado para lidar com isso. Será que isso fazia parte do prazer, parte da excitação? Ter uma platéia?

*Uma platéia de um só espectador.* Ela baixou os olhos para a foto de Richard Yeager, sentado com as costas na parede. Sim, essa tinha sido sua impressão imediata quando ela entrara na sala de estar da casa.

O olhar de Zucker passou para a janela. Um momento transcorreu. Quando ele falou de novo, sua voz estava macia e sonolenta, como se as palavras flutuassem num sonho.

— Tudo isso se resume a poder. E controle. A dominar outro ser humano, não apenas a mulher, mas também o homem. Talvez seja na verdade o homem que o excite, que seja uma parte vital desta fantasia. Nosso assassino desconhecido conhece os riscos, mas está determinado a satisfazer seus impulsos. Ele é controlado por suas fantasias, e ele, por sua vez, controla suas vítimas. Ele é todo-poderoso. O dominador. Seu inimigo fica sentado, imobilizado e impotente, e nosso assassino desconhecido faz o que os exércitos vitoriosos sempre fizeram. Ele captura seu prêmio. Estupra a

mulher. Seu prazer é acentuado pela derrota do Dr. Yeager. Este ataque é mais do que agressão sexual. É uma demonstração de poder masculino. A vitória de um homem sobre outro. O conquistador clamando seus espólios.

Lá fora, os estudantes no gramado estavam recolhendo suas mochilas, tirando a grama de suas roupas. O sol vespertino banhava tudo em dourado. Rizzoli se perguntou o que este dia reservava em seguida para aqueles estudantes. Talvez uma noite de lazer e conversas, pizzas e cerveja. E um sono profundo, sem pesadelos. O sono dos inocentes.

*Uma coisa que eu jamais conhecerei de novo.*

O celular de Rizzoli tocou.

— Com licença — pediu ela, abrindo a tampa.

Era Erin Volchko, do laboratório de cabelos, fibras e resíduos.

— Examinei as tiras de silver tape retiradas do corpo do Dr. Yeager — informou Erin. — Já mandei o relatório por fax para o detetive Korsak. Mas achei que você também iria querer saber.

— O que você descobriu?

— Vários pêlos castanhos e curtos capturados no adesivo. Pêlos de membros, puxados da vítima quando a fita foi arrancada.

— Fibras?

— Também. Mas aqui está a parte realmente interessante. Na faixa puxada dos tornozelos da vítima havia um único fio marrom-escuro, com 21 centímetros de comprimento.

— A esposa dele é loura.

— Eu sei disso. É isso que torna interessante este fio em particular.

O assassino desconhecido, pensou Rizzoli. O fio de cabelo é do nosso assassino.

— Células epiteliais? — indagou Rizzoli.

— Sim.

— Então poderemos obter o DNA desse fio de cabelo. Se combinar com o sêmen...

— Não vai combinar com o sêmen.

— Como você sabe disso?

— Porque não há como este fio ter vindo do assassino. — Erin fez uma pausa. — A não ser que ele seja um zumbi.

# 4

Para os detetives da delegacia de homicídios do departamento de polícia de Boston, uma visita ao laboratório criminal exigia apenas uma caminhada curta e agradável por um corredor ensolarado na ala sul do Schroeder Plaza. Rizzoli andara nesses corredores um sem-número de vezes, seu olhar geralmente atraído pelas janelas que davam para Roxbury, um bairro problemático cujas lojas passavam a noite trancadas com barras e cadeados e todo carro estacionado era equipado com os mais variados tipos de alarmes. Mas hoje Rizzoli estava com a cabeça cheia de perguntas e nem olhou para o lado enquanto seguia em linha reta até a Sala S269, o laboratório de cabelos, fibras e resíduos.

Na sala sem janelas, abarrotada com microscópios e um cromatógrafo a gás, a criminalista Erin Volchko reinava suprema. Isolada da luz do sol e da vista externa, concentrava seu olhar no mundo sob as lentes do microscópio, e tinha o leve estrabismo de alguém que passava tempo demais olhando por uma lente. Quando Rizzoli entrou na sala, Erin girou em sua cadeira para falar com ela.

— Acabei de colocar sob o microscópio para você. Dê uma olhada.

Sentando-se, Rizzoli observou através do óculo auxiliar. Viu um fio de cabelo estendido horizontalmente no campo.

— Este é o fio comprido e marrom que recuperei da faixa de silver tape que prendia os tornozelos do Dr. Yeager — explicou Erin. — É o único fio desse tipo preso no adesivo. Os outros eram pêlos curtos dos membros da vítima, mais um fio que estava na faixa retirada de sua boca. Mas este fio comprido é um cabelo órfão. E um órfão bem misterioso. Não combina nem com a cabeça da vítima nem com os cabelos que retiramos da escova da Sra. Yeager.

Rizzoli moveu o campo, perscrutando o fio de cabelo.

— É definitivamente humano?

— Sim, é humano.

— Então por que não pode ser do assassino?

— Olhe para ele. Diga-me o que vê.

Rizzoli parou um instante para relembrar o que aprendera sobre exame forense de cabelos. Sabia que Erin devia ter um motivo para conduzi-la tão sistematicamente através do processo; podia ouvir a excitação reprimida em sua voz.

— Este fio é curvo, grau de arco de aproximadamente ponto um ou ponto dois centímetros. E você disse que o comprimento do fio era de 21 centímetros.

— O alcance de um estilo feminino, mas comprido demais para um homem — disse Erin.

— Está preocupada com o comprimento?

— Não. Comprimento não é indicativo de sexo.

— Então no que eu devo me concentrar?

— A extremidade basal. A raiz. Nota alguma coisa estranha?

— A raiz parece um pouco irregular. Lembrando um pincel.

— Essa é exatamente a palavra que eu teria usado. Chamamos isso de raiz com aparência de pincel. É uma coleção de fibrilas

corticais. Examinando a raiz podemos dizer em que estágio do crescimento do cabelo o fio se encontrava. Quer arriscar um palpite?

Rizzoli focou na extremidade da raiz bulbosa, com sua bainha parecida com uma teia-de-aranha.

— Tem alguma coisa transparente presa na raiz.

— Uma célula epitelial — disse Erin.

— Isso significa que foi um crescimento ativo.

— Sim. A raiz em si está levemente aumentada, de modo que o cabelo estava na fase final da anagênese. Estava terminando sua fase de crescimento ativo. E essa célula epitelial pode nos dar o DNA do indivíduo.

Rizzoli levantou a cabeça e olhou para Erin.

— Não vejo o que isto tem a ver com zumbis.

Erin riu suavemente e disse:

— Não quis dizer literalmente.

— O que você quis dizer?

— Olhe novamente o fio. Examine-o em toda sua extensão, começando pela raiz.

Mais uma vez Rizzoli encostou o olho no óculo e focou num segmento mais escuro do fio de cabelo.

— A cor não é uniforme.

— Prossiga.

— Tem uma faixa preta ao longo do fio a uma pequena distância da raiz. O que é isso?

— É a chamada listra radial — respondeu Erin. — É onde o duto da glândula sebácea entra no folículo. As secreções da glândula sebácea incluem enzimas que dissolvem as células, numa espécie de processo digestivo. Isso provoca a inchação e a formação de faixa escura perto da raiz do cabelo. Era isso que eu queria que você visse. A listra radial. Ela anula qualquer possibilidade de que

este fio de cabelo pertença ao assassino que você está procurando. Pode ter caído de suas roupas. Mas não de sua cabeça.

— Por que não?

— Listra radial e raiz com aparência de pincel são mudanças *post mortem*.

Rizzoli virou-se abruptamente para Erin.

— *Post mortem*?

— Isso mesmo. Esse fio veio de um escalpo em decomposição. As mudanças nesse fio são clássicas, e são muito específicas para o processo de decomposição. A não ser que o seu assassino tenha se levantado do túmulo, este cabelo não pode ter vindo de sua cabeça.

Rizzoli levou um momento para reencontrar sua voz.

— Há quanto tempo a pessoa deveria estar morta? Para que o cabelo apresentasse essas mudanças?

— Infelizmente, as alterações como as listras não ajudam a determinar o intervalo *post mortem*. Pode ter sido arrancado do escalpo do cadáver em qualquer momento entre oito horas e várias semanas depois da morte. Cabelos de mortos embalsamados há anos também têm esta mesma aparência.

— E se você puxar o cabelo de uma pessoa ainda viva? E deixar os fios num canto durante algum tempo? As alterações ocorreriam?

— Não. Essas mudanças causadas por decomposição aparecem apenas enquanto o cabelo permanece no escalpo do morto. Os fios precisam ser puxados depois da morte. — Erin olhou nos olhos estarrecidos de Rizzoli. — O assassino que você está procurando teve contato com um cadáver. Esse fio de cabelo ficou preso nas roupas dele, e depois caiu na fita enquanto ele estava prendendo os tornozelos do Dr. Yeager.

Rizzoli sussurrou:

— Ele fez outra vítima.

— Essa é uma possibilidade. Eu gostaria de propor outra. — Erin caminhou até outra mesa e retornou com uma bandejinha contendo um pedaço de silver tape com o lado colante para cima. — Este pedaço de fita foi arrancado dos pulsos do Dr. Yeager. Eu quero mostrá-lo a você debaixo de luz ultravioleta. Pode apertar aquele interruptor na parede?

Rizzoli apertou o interruptor. Na escuridão repentina, a pequena lâmpada de luz ultravioleta de Erin emitiu um fantasmagórico verde-azulado. Era bem menos poderoso que o Crimescope que Mick usara na residência dos Yeagers, mas, quando seu facho varreu o pedaço de silver tape, detalhes estarrecedores foram revelados. Fitas adesivas deixadas em cenas de crimes podem ser o baú do tesouro para um detetive. Fibras, cabelos, digitais, e até o DNA de um criminoso deixado em células epidérmicas podem aderir à fita. Sob a luz UV, Rizzoli viu partículas de poeira e alguns cabelos curtos. E, ao longo de uma extremidade da fita, o que pareceu ser uma franja muito fina de fibras.

— Vê como essas fibras numa extremidade são contínuas? — perguntou Erin. — Elas correm todo o comprimento da fita retirada dos pulsos. O mesmo acontece com a fita retirada dos tornozelos. Quase parecem pertencer à fita em si.

— Mas não pertencem?

— Não. Se você pousar um rolo de fita adesiva de lado, as bordas captam resíduos de qualquer coisa com que fizerem contato. Estas fibras são dessa superfície. Sempre que vamos a algum lugar, captamos resíduos do ambiente. E depois deixamos esses resíduos em outros lugares. O mesmo acontece com o assassino desconhecido.

Erin acendeu as luzes do quarto e a luz repentina fez Rizzoli piscar.

— Que tipos de fibras são essas?

— Vou mostrar a você. — Erin removeu o slide que continha o fio de cabelo e o substituiu por outro. — Espie no óculo auxiliar. Explicarei o que estamos vendo.

Rizzoli aproximou o olho do óculo e viu uma fibra escura, enrodilhada numa forma de C.

— Isto veio da borda da fita adesiva — explicou Erin. — Usei um jato de ar quente para descamar todas as camadas da fita. Essas fibras azul-escuras correm ao longo de todo o comprimento. Agora vou lhe mostrar a área transversal. — Erin pegou uma pasta de manilha, da qual removeu uma fotografia. — É assim que parece sob o microscópio eletrônico. Vê como a fibra possui uma forma de delta? Como um triangulozinho. É fabricada dessa forma para reduzir o aprisionamento de sujeira. Essa forma em delta é característica de fibras de tapete.

— Então este é um material artificial?

— Exatamente.

— E quanto à birrefringência?

Rizzoli sabia que a luz, ao passar através de uma fibra sintética, costumava sair polarizada em dois planos diferentes, como se brilhasse através de um cristal. A refração dupla era chamada de birrefringência. Cada tipo de fibra possuía um índice característico que podia ser mensurado com um microscópio polarizador.

— Esta fibra azul em particular possui um índice de birrefringência de ponto zero sessenta e três.

— Isso é característico de alguma coisa em particular?

— Náilon seis ponto seis. Geralmente usado em tapetes, porque é resistente a manchas, é resiliente, e é forte. Em particular, o formato transversal da fibra e o espectrógrafo infravermelho combinam com um produto da Dupont chamado Antron, que é usado em fabricação de tapetes.

— E é azul-escuro? — perguntou Rizzoli. — Essa não é uma cor muito comum em casas. É mais usada em automóveis.

Erin concordou com a cabeça.

— De fato, esta cor específica, azul número oito-zero-dois, é oferecida há muito tempo como opção padrão em carros americanos de luxo. Cadillacs e Lincolns, por exemplo.

Rizzoli compreendeu imediatamente aonde Erin queria chegar.

— Cadillacs dão bons carros funerários.

Erin sorriu.

— Lincolns também.

As duas mulheres estavam pensando a mesma coisa: *O assassino é alguém que trabalha com cadáveres.*

Rizzoli pensou em todas as pessoas que podiam entrar em contato com mortos. O policial e o legista que são convocados à cena de uma morte inesperada. O patologista e seu assistente. O embalsamador e o diretor funerário. O restaurador, que lava o cabelo e aplica maquiagem, para que o ente querido esteja apresentável para a última vez em que será visto. Os mortos passam por uma sucessão de guardiões vivos, e resíduos dessa passagem podem permanecer em qualquer uma dessas pessoas.

Rizzoli olhou para Erin.

— A mulher desaparecida. Gail Yeager...

— Que tem ela?

— Perdeu a mãe mês passado.

Joey Valentine estava ressuscitando os mortos.

Rizzoli e Korsak estavam parados, de pé, na bem iluminada sala de preparação da Funerária e Capela Whitney, observando Joey cavucar seu estojo de maquiagem. Dentro dele havia vidrinhos de brilhos, ruges e pós. Parecia-se com qualquer estojo de maquiagem, mas esses cremes e ruges deviam insuflar vida na pele cinzenta dos cadáveres. A voz aveludada de Elvis Presley cantava “Love Me Tender” num mini-system enquanto Joey pressionava cera de

modelar nas mãos do cadáver, tampando os vários buracos e incisões deixados por diversos cateteres e sondas intravenosas.

— Esta era a música favorita da Sra. Ober — explicou ele enquanto trabalhava, olhando ocasionalmente para as três fotografias presas no cavalete que ele montara ao lado da mesa de trabalho.

Rizzoli deduziu que aquelas eram imagens da Sra. Ober, embora a mulher viva que aparecia naquelas fotos tivesse pouca semelhança com o corpo cinzento e desgastado no qual Joey estava trabalhando agora.

— O filho disse que ela era fanática pelo Elvis — contou ele. — Visitou Graceland três vezes. Ele trouxe a fita cassete para eu tocar enquanto fazia sua maquiagem. Sempre que possível toco a música favorita deles. Isso me ajuda a sentir por eles. Você aprende muito sobre uma pessoa simplesmente ouvindo as músicas que ela ouvia.

— Qual deve ser a aparência de uma fã do Elvis? — indagou Korsak.

— Você sabe. Batom mais vivo. Cabelos mais soltos. Nada parecido com alguém que escute, por exemplo, Shostakovich.

— E que música a Sra. Hallowell ouvia?

— Não lembro.

— Mas você trabalhou nela há pouco mais de um mês.

— Sim, mas nem sempre lembro dos detalhes. — Joey acabou de passar a cera nas mãos do cadáver. Moveu-se para a cabeceira da mesa, diante da qual posicionou-se balançando a cabeça ao ritmo de “You Ain’t Nothing but a Hound Dog”. Vestido em calças jeans pretas e sapatos Doc Martens, parecia um jovem artista *grunge* contemplando uma tela vazia. Mas sua tela era carne fria, sua mídia o pincel de maquiagem e o pote de ruge.

— Um leve toque de blush cor-de-bronze, creio — especulou ele, pegando o frasco apropriado. Com uma espátula, misturou cores numa palheta de aço inoxidável. — Sim, isto parece adequado

para uma velha fã de Elvis. — Começou a passar a pasta nas faces do cadáver, subindo até a linha do cabelo, onde raízes prateadas apareciam por baixo da tintura preta.

— Talvez você lembre da filha da Sra. Hallowell — arriscou Rizzoli, dando a Joey uma foto de Gail Yeager.

— Você devia perguntar ao Sr. Whitney. Ele cuida da maior parte das negociações. Sou apenas o assistente.

— Mas você e a Sra. Yeager devem ter conversado sobre a maquiagem que a mãe dela usaria no funeral. Afinal, foi você quem preparou o corpo.

Joey contemplou por alguns instantes a fotografia de Gail Yeager.

— Lembro que ela era uma moça simpática — disse baixinho.

Rizzoli lançou-lhe um olhar questionador.

— Era?

— Olha, eu tenho acompanhado as notícias. Vocês não acham mesmo que a Sra. Yeager ainda está viva, acham? — Joey virou-se e olhou de cara feia para Korsak, que estava perambulando pela sala de preparação, espiando os armários. — Ah... detetive? Está procurando alguma coisa em particular?

— Não. Só estava curioso com que tipo de coisas são guardadas numa agência funerária. — Pegou um objeto num dos armários. — Ei, este troço é um ferro de frisar?

— É. Fazemos lavagens com xampu e preparamos penteados. Fazemos serviço de manicure. Tudo para que nossos clientes fiquem bonitos.

— Ouvi dizer que você é muito bom nisso.

— Todos sempre ficam satisfeitos com meu trabalho.

Korsak riu.

— Eles elogiam você, é?

— Os parentes, quis dizer. As famílias de meus clientes sempre ficam satisfeitas.

Korsak colocou o ferro de frisar em seu lugar.

— Trabalha para o Sr. Whitney há quanto tempo? Sete anos?

— Mais ou menos isso.

— Deve ter vindo trabalhar aqui logo depois de completar o ensino médio.

— Comecei lavando os carros funerários do Sr. Whitney. Limpando a sala de preparação. Atendendo aos chamados noturnos. Depois o Sr. Whitney passou a me deixar ajudá-lo com a embalsamação. Agora que ele está envelhecendo, eu faço praticamente tudo aqui.

— Então acho que você tem uma licença de embalsamador, hein?

Uma pausa.

— Bem... não. Nunca requeri uma. Apenas ajudo o Sr. Whitney.

— Por que não tira uma licença? Tenho a impressão de que isso seria importante para a sua carreira.

— Estou feliz com o meu trabalho do jeito que ele é. — Joey voltou sua atenção para a Sra. Ober, cujo rosto agora adquirira um tom rosado. Pegou um pente de sobrancelha e começou a passar tintura marrom nos fios grisalhos, mãos trabalhando com delicadeza quase amorosa. Numa idade em que a maioria dos homens jovens estavam ansiosos por desfrutar a vida, Joey Valentine escolhera passar seus dias com os mortos. Ele trouxera cadáveres de hospitais e asilos até esta sala limpa e iluminada. Banhava e enxugava cadáveres, passava xampu em seus cabelos, embelezava-os com cremes e pó compacto para conceder-lhes uma ilusão de vida. Enquanto aplicava cor às bochechas da Sra. Ober, murmurava:

— Bonito. Sim, querida, isto está ficando muito bonito. Você vai ficar fabulosa...

— E então, Joey, você trabalha aqui há sete anos? — perguntou Korsak.

— Não acabei de dizer isso?

— E nunca se deu ao trabalho de requerer credenciais profissionais?

— Por que está insistindo nessa tecla?

— Foi porque você sabia que eles não lhe dariam uma licença?

Joey parou de repente, mão segurando um batom a centímetros dos lábios da Sra. Ober. Ele não disse nada.

— O velho Sr. Whitney sabe sobre sua ficha policial? — indagou Korsak.

Finalmente Joey levantou os olhos de seu trabalho.

— Não contou a ele, contou?

— Talvez devesse. Afinal, você deu um susto dos diabos naquela menina.

— Eu tinha apenas 18 anos. Foi um erro...

— Um erro? Como assim, você espiou a janela errada? Espiou a garota errada?

— Éramos colegas de escola! Não foi como se eu não a conhecesse!

— Então você só espiou em janelas de garotas que conhece? Nunca te pegaram pelas outras coisas que você fez?

— Já te disse, foi um erro!

— Você já entrou escondido na casa de alguém? Invadiu o quarto da pessoa? Brincou com algum mimo, como um sutiã, ou uma calcinha?

— Meu Deus! — Joey baixou os olhos para o batom que acabara de deixar cair no chão. Parecia prestes a passar mal.

— Você sabe. Voyeurs tendem a fazer outras coisas — continuou Korsak, inclemente. — Coisas ruins.

Joey caminhou até o mini-system e o desligou. No silêncio que se seguiu, ficou parado de pé, costas viradas para o casal de detetives, olhando pela janela para o cemitério do outro lado da rua.

— Você está tentando foder a minha vida — balbuciou.

— Não, Joey — garantiu Korsak. — Só estamos tendo uma conversa franca.

— O Sr. Whitney não sabe.

— E não precisa saber.

— Contanto que...?

— Onde você estava domingo à noite?

— Em casa.

— Sozinho?

Joey suspirou.

— Olha, eu sei o que significa isto. Sei o que você está tentando fazer. Mas já te disse, eu mal conhecia a Sra. Yeager. Tudo que fiz foi cuidar da mãe dela. Fiz um bom serviço, sabia? Todo mundo me disse isso depois. Parecia que ela estava viva.

— Você se importa de darmos uma olhada no seu carro?

— Por quê?

— Apenas para checar umas coisas.

— Sim, eu me importo. Mas você vai olhar de qualquer jeito, não vai?

— Apenas com sua permissão. — Korsak fez uma pausa. — Você sabe, cooperação é uma rua de mão dupla.

Joey ficou olhando pela janela durante alguns instantes antes de dizer:

— Vai ter um sepultamento lá fora hoje — disse baixinho. — Está vendo todas aquelas limusines? Desde que eu era criança, adorava ver cortejos funerários. São muito bonitos. Muito dignos. É a única coisa que as pessoas ainda fazem direito. É o único ritual que não foi arruinado. Não é como os casamentos, em que pessoas fazem coisas idiotas como saltar de aviões. Ou dizer seus votos ao vivo na televisão. Nos funerais, ainda demonstramos respeito pelo que é decente e...

— Seu carro, Joey.

Finalmente Joey se virou e caminhou até o armário. Abriu uma das gavetas, pegou um chaveiro, e o deu a Korsak.

— É o Honda marrom.

Rizzoli e Korsak estavam no estacionamento, olhos abaixados para o tapete cinza-claro que forrava o porta-malas do carro de Joey Valentine.

— Merda — praguejou Korsak batendo o porta-malas. — Mas ainda não terminei com esse sujeito.

— Não descobriu nada sobre ele.

— Viu os sapatos dele? Pareceram tamanho 43. E o carro funerário tem tapete azul-marinho.

— Assim como milhares de outros carros. Isso não faz dele o nosso homem.

— Bem, com certeza não foi o velho Whitney. — O patrão de Joey, Leon Whitney, tinha 66 anos. — Olhe, já conseguimos o DNA do assassino desconhecido. Tudo de que precisamos é o do Joey.

— Acha que ele ia cuspir num copo para você?

— Se não quiser ser demitido, ele vai se sentar e me implorar isso como um cachorrinho.

Rizzoli olhou sobre a rua, brilhando com o calor, e focou no cemitério, onde o cortejo funerário agora seguia dignamente para a saída. Depois que o morto é sepultado a vida continua, pensou Rizzoli. Qualquer que seja a tragédia, a vida sempre segue em frente. *E eu também preciso seguir em frente.*

— Não posso mais dedicar meu tempo a isto — exclamou Rizzoli.

— O quê?

— Tenho um monte de casos em minha mesa. E não creio que o caso Yeager tenha qualquer relação com Warren Hoyt.

— Não era isso que você achava três dias atrás.

— Bem, eu estava enganada. — Ela atravessou o estacionamento até seu carro, abriu a porta e abaixou as janelas. Sentiu ondas de calor saindo do interior do carro, que estava quente como um forno.

— Eu irritei você ou alguma coisa assim? — perguntou Korsak.

— Não.

— Então por que você está se retirando?

Rizzoli sentou-se diante do volante. Embora estivesse de calças compridas, sentiu a pele arder com o calor do banco.

— Estou tentando superar essa história do *Cirurgião* desde o ano passado. Preciso deixar isso para trás — explicou. — E parar de ver o dedo dele em tudo que encontro.

— Sabe, às vezes a intuição é a melhor coisa que nós temos.

— Às vezes é a única. Um sentimento, não um fato. O instinto de um policial não é uma coisa sagrada. Aliás, que diabos é o instinto? Quantas vezes um instinto acaba levando a gente para um beco sem saída? — Ela ligou o motor. — Muitas vezes.

— Então eu não irritei você?

Ela bateu a porta.

— Não.

— Tem certeza?

Rizzoli olhou através da janela aberta para Korsak. O detetive estava com os olhos franzidos para se proteger do sol. Em seus braços reluziam pêlos escuros grossos como cerdas de um pincel; sua pose — quadris inclinados para a frente, ombros afundados — lembrou a Rizzoli um gorila. Não, ele não havia irritado Rizzoli. Mas ela não podia olhar para ele sem registrar uma pontada de desgosto.

— Simplesmente não posso dedicar mais tempo a isto — justificou. — Você sabe como é.

De volta à sua mesa, Rizzoli concentrou sua atenção na papelada que ela acumulara. No topo estava a pasta do Homem do Avião, cuja identidade permanecia desconhecida e cujo cadáver arruinado ainda estava no instituto médico-legal, esperando para ser reclamado. Rizzoli já havia ignorado esta vítima por muito tempo. Mas mesmo enquanto abria a pasta e revia as fotos da autópsia, ainda estava pensando nos Yeagers e no homem com cabelos de cadáver nas roupas. Ela reviu o cronograma de pousos e decolagens do Logan Airport, mas era o rosto de Gail Yeager que continuava em sua mente, sorrindo na foto na penteadeira. Rizzoli lembrou da galeria de fotos de mulheres que tinham sido pregadas na parede da sala de reuniões um ano antes, durante a investigação do *Cirurgião*. Aquelas mulheres também haviam sorrido, seus rostos capturados num momento em que sua pele ainda estava quente, em que a vida ainda luzia em seus olhos. Rizzoli não conseguia pensar em Gail Yeager sem lembrar das mortas que tinham vindo antes dela.

Perguntou-se se Gail estava entre elas.

Seu bipe vibrou como um choque elétrico vindo de seu cinto. Um aviso prévio de uma descoberta que abalaria o seu dia. Ela pegou o telefone.

Um instante depois saía correndo do prédio.

# 5

O cachorro era um labrador amarelo, excitado quase ao ponto da histeria pelo aglomerado de policiais. Saltitava e latia na ponta da coleira amarrada a uma árvore. O dono do cão, um homem de meia-idade usando calções de corrida, estava sentado numa pedra grande, rosto colhido nas mãos em concha, ignorando os pedidos de atenção do cachorro.

— O nome do dono é Paul Vandersloot. Mora em River Street, a apenas um quilômetro e meio daqui — informou o patrulheiro Gregory Doud, que isolara a cena e já esticara um semicírculo de fita policial nas árvores.

Estavam na beira do campo de golfe municipal, olhando para o bosque da Reserva de Stony Brook, que findava o campo. Localizada na extremidade sul dos limites da cidade de Boston, esta reserva era cercada por um mar de subúrbios. Mas no interior dos 475 acres de Stony Brook havia um terreno irregular de colinas e vales, elevações rochosas e charcos franjados com tifas. No inverno, os esquiadores praticantes de *cross-country* exploravam 16

quilômetros de trilhas do parque. No verão, corredores encontravam refúgio na floresta silenciosa.

E assim fizera o Sr. Vandersloot, até seu cão levá-lo a algo por entre as árvores.

— Diz que vem aqui todas as manhãs correr com seu cachorro — explicou o policial Doud. — Geralmente sobe primeiro a East Boundary Road, através do bosque, e então retorna contornando o campo de golfe. É uma corrida de uns seis quilômetros. Diz que mantém o cão na coleira o tempo todo. Mas hoje o cachorro se soltou. Estavam subindo a trilha quando o cão fugiu para oeste, para o bosque, e não voltou. Vandersloot correu atrás dele. Praticamente tropeçou no cadáver. — Doud olhou para o corredor, que ainda estava sentado na rocha. — Discou o número de emergência.

— Ele tem celular?

— Não, senhora. Foi até uma cabine de telefone no Thompson Center. Cheguei por volta das duas e meia. Tomei cuidado para não tocar em nada. Apenas entrei na floresta o bastante para confirmar que era um corpo. Não tinha nem andado 45 metros quando senti o cheiro. Então, mais 45 metros, e avistei o cadáver. Isolei a cena. Fechei ambas as extremidades da Boundary Road.

— E quando as outras pessoas chegaram?

— Os detetives Sleeper e Crowe chegaram por volta das três. O legista chegou por volta das três e meia. — Fez uma pausa. — Não sabia que vocês viriam também.

— A Dra. Isles ligou para mim. Então por enquanto todos teremos de deixar os carros estacionados no campo de golfe.

— Ordem do detetive Sleeper. Não quer nenhum veículo visível da Enneking Parkway. Assim o público não percebe nossa presença.

— Já apareceu algum jornalista?

— Não, senhora. Tomei o cuidado de não comunicar por rádio. Usei o telefone policial da rua.

— Bom. Talvez tenhamos sorte e eles nem apareçam.

— Ai ai — fez Doud. — Será que aquele é o primeiro chacal chegando?

Um Marquis azul-escuro aproximou-se pelo gramado do campo de golfe e parou ao lado do furgão do instituto médico-legal. Uma silhueta gorda e familiar saiu com dificuldade do carro e alisou os cabelos esparsos sobre o escalpo.

— Ele não é jornalista — explicou Rizzoli. — É o homem que eu estava esperando.

Korsak veio em direção a eles.

— Você realmente acha que é ela? — perguntou.

— A Dra. Isles disse que há grandes chances. Se for assim, o seu homicida acaba de entrar nos limites de Boston. — Ela olhou para Doud. — De que direção devemos nos aproximar do corpo, para não contaminarmos a cena do crime?

— Podem seguir pelo leste. Sleeper e Crowe já fizeram uma gravação em vídeo do lugar. As pegadas e marcas do corpo sendo arrastado vêm da outra direção, começando na Enneking Parkway. Siga o seu nariz.

Rizzoli e Korsak agacharam-se para passar por baixo da fita policial e entraram na floresta. Este trecho era tão denso quanto qualquer floresta profunda. Passaram por galhos espinhentos que arranharam seus rostos e ficaram com as calças cheias de pedaços de mato. Emergiram na trilha de correr da East Boundary e viram um pedaço de fita policial adejando de uma árvore.

— O corredor vinha por esta trilha quando o cachorro se soltou — contou ela. — Parece que Sleeper deixou um rastro de fitas policiais para nós.

Atravessaram a pista de corrida e mergulharam de volta no bosque.

— Puta que pariu! — exclamou Korsak. — Acho que já estou sentindo o cheiro.

Mesmo antes de ver o corpo, ouviram o zumbido das moscas. Galhos secos se partiram debaixo de seus sapatos, o som assustando-os como se fossem tiros. Através das árvores viram Sleeper e Crowe, faces contorcidas de nojo enquanto espantavam insetos. A Dra. Isles estava agachada perto do chão, alguns diamantes de luz solar iluminando seus cabelos negros. Enquanto se aproximavam, Rizzoli e Korsak viram o que Isles estava fazendo.

Korsak soltou um gemido de horror.

— Puta merda! Isso eu não precisava ver.

— Potássio vítreo — justificou Isles, e as palavras soaram quase sedutoras em sua voz aveludada. — Isso nos dará mais uma estimativa do intervalo *post mortem*.

Será difícil determinar a hora da morte, pensou Rizzoli enquanto baixava os olhos para o cadáver nu. Isles rolara o corpo para um lençol, e ele jazia de barriga para cima, olhos saltados devido aos tecidos expandidos pelo calor dentro do crânio. A garganta estava envolta por um colar de ferimentos em forma de discos. Os cabelos louros e compridos eram uma massa de palha rígida. O abdômen estava inchado, e a barriga manchada com um verde doentio. Vasos sangüíneos tinham sido manchados pela degeneração bacteriana do sangue, e as veias estavam extremamente visíveis, como rios negros fluindo por baixo da pele. Mas todos esses horrores empalideciam diante dos procedimentos que Isle desempenhava agora. As membranas em torno do olho humano constituem a superfície mais sensível do corpo: uma única pestana ou o mais diminuto grão de areia capturado sob uma pálpebra pode causar desconforto imenso. Portanto, tanto Rizzoli quanto Korsak estremeceram ao ver Isles perfurar o olho do cadáver com uma agulha comprida. Lentamente a doutora sugou o fluido vítreo para uma seringa de dez centímetros cúbicos.

— Parece limpo e claro — observou Isles num tom satisfeito. Alojou a seringa numa caixa térmica cheia de gelo e se levantou

para correr seu olhar régio pelo local. — A temperatura do fígado está apenas dois graus Fahrenheit abaixo da ambiente. E o corpo não sofreu danos causados por insetos ou animais. Ela não está deitada aqui há muito tempo.

— Então é só uma desova? — indagou Sleeper.

— A lividez indica que morreu deitada com o rosto para cima. Vê como a pele está mais escura nas costas, onde o sangue se ajuntou? Mas ela foi encontrada aqui de bruços.

— Então foi trazida para cá.

— Há menos de 24 horas.

— Parece que está morta há muito mais tempo que isso — comentou Crowe.

— Sim. Ela está flácida, e o inchaço é significativo. A pele já começou a se desprender.

— Aquilo ali é um sangramento nasal? — perguntou Korsak.

— Sangue decomposto. Ela está começando a eliminar fluidos corporais. Estão sendo forçados para fora devido ao aumento do acúmulo interno de gases.

— Hora da morte? — perguntou Rizzoli.

Isles fez uma pausa, o olhar momentaneamente fixado nos restos grotescamente intumescidos de uma mulher que todos eles acreditavam ser Gail Yeager. Moscas enxameavam, enchendo o silêncio com seu zumbido faminto. Exceto pelos longos cabelos louros, havia pouco naquele cadáver que se assemelhasse à mulher nas fotografias, uma mulher que até pouco tempo certamente deixara homens tontos com apenas um sorriso. Uma lembrança perturbadora de que as bactérias e os insetos reduzem belos e feios à igualdade funesta da carne podre.

— Não posso responder a essa pergunta — respondeu Isles. — Ainda não.

— Mais de um dia? — pressionou Rizzoli.

— Sim.

— O seqüestro foi na noite de domingo. Poderia estar morta desde então?

— Quatro dias? Depende da temperatura ambiente. A ausência de danos causados por insetos me leva a pensar que o corpo foi mantido em local fechado até bem recentemente. Protegido do ambiente natural. Um quarto com ar-condicionado retarda a decomposição.

Rizzoli e Korsak trocaram olhares, ambos pensando a mesma coisa. Por que o assassino desconhecido teria esperado tanto tempo para dispor de um corpo em decomposição?

O *walkie-talkie* do detetive Sleeper estalou, e eles ouviram a voz de Doud:

— O detetive Frost acaba de chegar. E o furgão da unidade de cena criminal está aqui. Você está preparado para eles?

— Fique de prontidão — respondeu Sleeper. Ele já parecia cansado, forças exauridas pelo calor. Ele era o detetive mais velho na unidade, a menos de cinco anos da aposentadoria, e não tinha a menor necessidade de provar seu valor. Olhou para Rizzoli. — Estamos pegando este bonde andando. Você já estava trabalhando nele com o departamento de polícia de Newton, não é?

Rizzoli fez que sim.

— Desde segunda-feira.

— Então vai liderar o caso?

— Vou — respondeu Rizzoli.

— Ei, nós fomos os primeiros a chegar à cena — protestou Crowe.

— O seqüestro foi em Newton — argumentou Korsak.

— Mas o corpo apareceu aqui em Boston — redargüiu Crowe.

— Deus do céu! — exclamou Sleeper. — Por que, diabos, estamos lutando por... *isto*?

— É meu — decidiu Rizzoli. — Vou liderar.

Rizzoli fitou Crowe, desafiando-o a enfrentá-la. Esperando que sua rivalidade costumeira explodisse, como sempre acontecia. Viu um canto da boca de Crowe levantar-se no começo de uma careta.

Então Sleeper informou pelo *walkie-talkie*:

— A detetive Rizzoli agora é a investigadora principal. — Voltou a olhar para ela. — Você está preparada para receber a CSU?

Rizzoli olhou para o céu. Já eram cinco da tarde, e o sol começara a afundar nas árvores.

— Deixe eles virem enquanto ainda podem ver o que estão fazendo.

Uma cena de morte em ambiente externo, à luz do fim do dia, não era o tipo de situação de que Rizzoli gostava. Em áreas florestais, sempre podiam aparecer animais selvagens para espalhar restos e fugir com provas. Chuvas podiam lavar sangue e sêmen, e os ventos espalhavam fibras. Não havia portas para impedir a entrada de invasores, e os perímetros eram facilmente penetrados por curiosos. Portanto Rizzoli sentiu uma ansiedade crescente enquanto a unidade de cenas criminais procedia ao exame do local. A equipe trouxe seus detectores de metais, olhos bem treinados e sacolas de provas esperando para serem enchidas com tesouros grotescos.

Quando voltou do bosque para o campo de golfe, Rizzoli estava suada, suja e exausta de bater em mosquitos. Ela parou para tirar folhas dos cabelos e carrapichos das calças. Empertigando-se, subitamente deu-se conta da presença de um homem de cabelos ruivos vestido de terno e gravata, ao lado do furgão do instituto médico-legal, um celular pressionado contra a orelha.

Rizzoli dirigiu-se ao patrulheiro Doud, que ainda estava administrando o perímetro.

— Quem é o engravatado? — perguntou a detetive.

Doud olhou na direção do homem.

— Ele? Disse que é do FBI.

— Quê?

— Exibiu o distintivo e tentou passar por mim. Disse a ele que primeiro teria de falar com você. Não pareceu nada feliz em ouvir isso.

— O que um federal está fazendo aqui?

— Agora você me pegou.

Rizzoli olhou para o homem por um momento, perturbada pela chegada de um agente federal. Como investigadora-chefe, não queria ver anuviadas as linhas da autoridade, e este homem, com sua pose militar e terno de executivo, já se comportava como se fosse o comandante da cena criminal. Rizzoli caminhou até ele, mas o homem não reconheceu sua presença até ela estar de pé ao seu lado.

— Com licença, soube que você é do FBI.

O homem fechou seu celular e virou-se para Rizzoli. Ela viu feições marcantes e bem delineadas, e um olhar friamente impérvio.

— Sou a detetive Jane Rizzoli, investigadora-chefe deste caso — apresentou-se ela. — Posso ver sua credencial?

O homem enfiou a mão no paletó e retirou o distintivo. Enquanto estudava o distintivo, Rizzoli pôde senti-lo observando-a, mensurando-a. A detetive não gostou dessa avaliação silenciosa e da forma como esse homem a colocava em guarda, como se fosse ele quem detivesse o controle.

— Agente Gabriel Dean — leu Rizzoli, devolvendo o distintivo.

— Sim, detetive.

— Posso perguntar o que o FBI está fazendo aqui?

— Eu não sabia que éramos concorrentes.

— Por acaso eu disse que somos?

— Você está me passando a impressão de que não aprova a minha presença aqui.

— O FBI não costuma aparecer em nossas cenas criminais. Estou apenas curiosa com o que o trouxe a esta.

— Recebemos um comunicado do departamento de polícia de Newton a respeito do homicídio do Dr. Yeager.

Foi uma resposta incompleta; ele estava deixando muita coisa de fora, obrigando-a a pescar informações. Negar informações era uma forma de exercer poder, e Rizzoli entendeu o jogo dele.

— Imagino que vocês recebem muitos comunicados rotineiros — começou ela.

— Sim, recebemos.

— Cada homicídio, correto?

— Somos notificados.

— Há alguma coisa neste que o torna especial?

Ele simplesmente fitou-a com sua expressão impenetrável.

— Com certeza as vítimas achariam isso.

A raiva de Rizzoli estava subindo como um submarino retornando subitamente à tona.

— Este corpo foi encontrado há apenas algumas horas — continuou Rizzoli. — Esses comunicados agora são instantâneos?

Houve um leve tremor de sorriso nos lábios do agente quando ele disse:

— Não estamos completamente fora de sincronia, detetive. Apreciaríamos se vocês nos mantivessem a par de seu progresso. Relatos de autópsia. Provas residuais. Cópias de todas as declarações de testemunhas.

— Isso é muito papel.

— Eu concordo.

— E vocês querem tudo isso?

— Queremos.

— Algum motivo em particular?

— Um assassinato com seqüestro não deveria nos interessar? Gostaríamos de acompanhar este caso.

Por mais imponente que fosse esse homem, Rizzoli não hesitou em desafiá-lo dando mais um passo em sua direção.

— Quando vocês planejam começar a dar as ordens?

— O caso continua sendo seu. Estou aqui apenas para prover assistência.

— Mesmo se eu não precisar?

O olhar do agente se moveu para os dois técnicos que tinham emergido do bosque e agora estavam carregando a maca com o cadáver no furgão do instituto médico-legal.

— Importa quem trabalha no caso? — perguntou em voz baixa. — Contanto que o assassino seja capturado?

Eles observaram o furgão se afastar, levando o cadáver já profanado para novas indignidades sob as luzes fortes da sala de autópsias. A resposta de Gabriel Dean lembrara-a, com dolorosa clareza, o quanto as questões de jurisdição eram desprezíveis. Gail Yeager não se importava com quem teria o crédito pela captura de seu assassino. Tudo que ela exigia era justiça, e não se importava com quem a traria. Justiça era o que Rizzoli lhe devia.

Mas ela conhecia a frustração de ver os méritos de seu trabalho duro serem roubados por seus colegas. Várias vezes Rizzoli vira homens darem um passo à frente e assumirem o comando de casos que ela construíra laboriosamente. Não estava disposta a permitir que a história se repetisse.

— Aprecio a oferta de ajuda do FBI — rebateu. — Mas no momento creio que estou com todos os ângulos cobertos. Informarei se precisar de vocês. — Dito isso, deu as costas para ele e começou a se afastar.

— Não tenho certeza se você compreendeu a situação — objetou o agente. — Agora somos parte da mesma equipe.

— Não me recordo de ter pedido assistência ao FBI.

— Foi encaminhada através do comandante de sua unidade: tenente Marquette. Quer confirmar isso com ele? — Ele estendeu seu celular.

— Também tenho telefone, obrigada.

— Então lhe peço que telefone para ele. Para não perdermos mais tempo com batalhas por território.

Rizzoli estava estarrecida com a facilidade com que ele subira a bordo. E também com a precisão de seu julgamento desse homem. Ali estava um homem que não se contentaria em ficar sentado no banco de reservas.

Rizzoli pegou seu próprio celular e começou a discar os números. Mas, antes que Marquette atendesse, ouviu o patrulheiro Doud chamá-la pelo nome.

— O detetive Sleeper quer falar com você — anunciou Doud, estendendo-lhe um *walkie-talkie*.

Ela premeu o botão de transmissão.

— Rizzoli.

Em meio a um estouro de estática, ela escutou Sleeper dizer:

— É melhor você voltar aqui.

— O que você achou?

— Ah... é melhor você ver pessoalmente. Estamos 45 metros a norte de onde o outro foi achado.

*O outro?*

Ela empurrou o *walkie-talkie* de volta para Doud e marchou para o bosque. Ela estava tão apressada que não notou imediatamente que Gabriel Dean a seguia. Apenas quando ouviu o estalo de um galho, Rizzoli virou-se para ver que ele estava logo atrás dela, rosto solene e implacável. Como não teve a paciência de discutir com ele, simplesmente ignorou-o e continuou andando.

Viu os homens de pé, formando um círculo debaixo das árvores, como pessoas em luto silencioso por um parente. Sleeper virou-se e olhou para ela.

— Eles acabaram sua primeira varredura com o detector de metal — informou ele. — O técnico da cena criminal estava retornando para o campo de golfe quando o alarme disparou.

Rizzoli entrou no círculo e se agachou para inspecionar o que eles haviam acabado de achar.

O crânio fora separado do corpo e jazia isolado dos outros restos quase reduzidos a um esqueleto. Uma coroa de ouro reluzia como um dente de pirata da fileira de dentes sujos de terra. Rizzoli não viu roupas, resquícios de tecido, apenas ossos expostos com pedaços de carne decomposta ainda colados a eles. Feixes de fios de cabelo longos e castanhos estavam misturados a folhas, sugerindo que esses restos pertenciam a uma mulher.

Rizzoli empertigou-se, olhar correndo pelo chão do bosque. Mosquitos pousaram em sua face e se alimentaram de seu sangue, mas ela nem percebeu as picadas. Estava concentrada apenas nas camadas de folhas mortas e galhos, no mato denso. Um retiro silvestre profundo que agora inspirava-lhe terror.

*Quantas mulheres jazem neste bosque?*

— É o local de desova dele.

Ela se virou para Gabriel Dean, que acabara de falar. Estava acocorado a alguns metros, remexendo folhas com mãos enluvadas. Ela nem o vira vestir as luvas. Agora ele se levantou, olhar encontrando o dela.

— O assassino que você procura usou este lugar antes — observou ele. — E provavelmente usará de novo.

— Se não o assustarmos.

— Esse é o desafio. Manter nossa descoberta em segredo. Se não o assustarmos, há uma chance de que ele volte. Não apenas para desovar outro corpo, mas para visitar. Para reviver a emoção.

— Você é do departamento comportamental, não é?

O agente não respondeu à pergunta de Rizzoli, mas virou-se para olhar para o grupo de policiais e técnicos parados no bosque.

— Se conseguirmos manter isto longe da imprensa, podemos ter uma chance. Mas nós precisamos ficar de bico fechado.

*Nós.* Com essa palavra, ele entrara numa parceria com Rizzoli que ela não havia procurado, ou permitido. E ainda assim, ali estava ele, emitindo ordens. O que tornava a situação especialmente torturante era o fato de que todos estavam ouvindo sua conversa e compreendendo que a autoridade de Rizzoli estava sendo desafiada.

Apenas Korsak, com sua falta de tato costumeira, ousou intrometer-se no diálogo.

— Com licença, *detetive* Rizzoli. Quem é esse senhor?

— FBI — respondeu Rizzoli, olhar ainda fixo em Dean.

— E alguém pode me explicar quando isto virou um caso federal?

— Não virou — respondeu Rizzoli. — E o agente Dean está se preparando para se retirar do local. Alguém pode mostrar a saída para ele?

Rizzoli e Dean entreolharam-se por um momento. Então ele inclinou sua cabeça para ela, um reconhecimento silencioso de que ele estava admitindo a derrota neste *round*.

— Posso achar a saída sozinho — resolveu ele. Virou-se e caminhou de volta para o campo de golfe.

— Qual é o problema com esses federais? — desabafou Korsak. — Sempre acham que estão por cima da carne-seca. O que o FBI está fazendo aqui?

Rizzoli olhou para as árvores entre as quais Gabriel Dean acabara de desaparecer, uma figura cinzenta imiscuindo-se na escuridão.

— Bem que eu gostaria de saber.

O tenente Marquette chegou à cena criminal cerca de meia hora depois.

Geralmente Rizzoli não suportava a presença de superiores. Odiava ter um oficial superior olhando por cima do seu ombro enquanto ela trabalhava. Mas Marquette não interferiu e simplesmente ficou parado entre as árvores, avaliando silenciosamente a situação.

— Tenente — cumprimentou ela.

Ele respondeu com um aceno curto.

— Rizzoli.

— O que deu no FBI? Eles mandaram um agente para cá, esperando acesso pleno.

O tenente fez que sim com a cabeça.

— A requisição veio através do gabinete do comissário de polícia.

Então a interferência do FBI fora aprovada nas altas esferas.

Rizzoli observou os técnicos da unidade de cenas criminais guardarem seus instrumentos e voltarem para o furgão. Embora estivessem dentro dos limites de Boston, este recanto sombrio da Reserva de Stony Brook parecia isolado como uma floresta densa. O vento jogava folhas para o alto e espalhava o cheiro de podridão. Através das árvores Rizzoli viu a lanterna de Barry Frost dançando no escuro enquanto ele desamarrava a fita de cena criminal, removendo todos os vestígios de atividade policial. Esta noite a tocaia começaria, porque um assassino com desejo por um cheirinho de carne decomposta poderia retornar a este parque isolado, a este bosque silencioso.

— Então eu não tenho escolha? — perguntou Rizzoli. — Preciso cooperar com o agente Dean.

— Eu assegurei ao comissário que faríamos isso.

— Qual é o interesse do FBI neste caso?

— Você perguntou a Dean?

— Perguntar alguma coisa a ele é o mesmo que falar com uma daquelas árvores. Você não escuta nenhuma resposta. Não estou

gostando nada disso. Precisamos dar tudo a ele, mas ele não nos diz nada.

— Talvez você não o tenha abordado da forma certa.

A raiva se espalhou como um dardo de veneno em sua corrente sangüínea. Ela compreendeu o significado não pronunciado de sua declaração: *Você tem um problema, Rizzoli. Você sempre emputece os homens.*

— Já esteve com o agente Dean? — perguntou Rizzoli.

— Não.

Ela soltou uma risada carregada de sarcasmo.

— Sorte sua.

— Veja, eu vou descobrir o que puder. Mas tente trabalhar com ele, certo?

— Alguém disse que não tentei? — perguntou ela.

— O telefonema disse. Eu ouvi você expulsar o cara do local do crime. Isso não é exatamente o que eu chamo de relacionamento cooperativo.

— Ele desafiou a minha autoridade. Eu precisava firmar minha autoridade aqui. Estou no comando? Estou ou não?

Uma pausa. Então:

— Você está no comando.

— Acredito que o agente Dean também entenderá isso.

— Vou providenciar para que ele entenda. — Marquette virou-se e começou a caminhar para o bosque. — Então agora temos dois conjuntos de restos, ambos femininos?

— A julgar pelo tamanho dos ossos, e pelos punhados de cabelo, o segundo parece outra mulher. Praticamente não resta nenhum tecido macio. Podemos ver muitos danos *post mortem* causados por animais necrófagos, mas nenhuma causa da morte.

— Temos certeza de que não há mais corpos aqui?

— Os cães não farejaram mais nenhum.

Marquette suspirou de alívio.

— Graças a Deus — murmurou ele.

O bipe de Rizzoli vibrou. Ela baixou o olhar para seu cinto e reconheceu o número na telinha de cristal líquido. O instituto médico-legal.

— Igualzinho ao verão passado — murmurou Marquette, ainda olhando para as árvores. — O *Cirurgião* começou a matar por volta desta época.

— É o calor — comentou Rizzoli enquanto pegava seu celular. — Ele tira os monstros de suas tocas.

# 6

*Seguro a liberdade na palma de minha mão.*

*Ela vem no formato de um pequenino pentágono branco com MSD 97 escrito num dos lados. Decadron, quatro miligramas. Que belo formato para uma pílula, não mais um disco tedioso ou tablete em forma de torpedo como tantos outros remédios. Este desenho exigiu criatividade, uma fagulha de humor. Imagino o pessoal de marketing da Merck Pharmaceuticals, sentado em torno de uma mesa de reuniões, perguntando uns aos outros: "Como podemos fazer com que este comprimido seja reconhecido instantaneamente?" E o resultado é esta pílula de cinco lados, que repousa em minha mão como uma joiazinha. Eu estive economizando este comprimido, escondendo-o num rasgo em meu cobertor, esperando o momento exato para usar sua mágica.*

*Esperando por um sinal.*

*Estou sentado no catre de minha cela, um livro apoiado em meus joelhos dobrados. A câmera de vigilância vê apenas um prisioneiro estudioso lendo* Obras Completas de William

Shakespeare*. Ela não pode ver através da capa do livro. Não pode ver o que seguro em minha mão.*

*Lá embaixo, no poço da sala de recreação, o televisor no último volume exibe um comercial e uma bola de pingue-pongue quica de um lado para outro na mesa. Mais uma noite excitante no Bloco C. Dentro de uma hora o intercomunicador ordenará que as luzes sejam apagadas, e os homens subirão a escadaria até suas celas, sapatos repicando em degraus metálicos. Cada um deles caminhará para sua gaiola, ratos obedientes obedecendo às ordens de seus mestres. Na cabine da guarda, o comando será digitado no computador, e as portas das celas fecharão simultaneamente para que os ratos passem a noite trancados.*

*Inclino-me para a frente, aproximando minha cabeça da página, como se as letras fossem pequenas demais. Fito com concentração intensa Noite de Reis, Ato 3, Cena 3: Uma rua. Antonio e Sebastian aproximam-se...*

*Nada para ver aqui, meus amigos. Apenas um homem em seu catre, lendo. Um homem que subitamente tosse e reflexivamente leva a mão à boca. A câmera não capta o pequeno comprimido em minha palma. Não vê o movimento de minha língua, ou a pílula grudar nela e ser puxada para encher minha boca com seu gosto amargo. Degluto o comprimido a seco, sem precisar de água. É pequeno o bastante para descer com facilidade.*

*Mesmo antes que ele se dissolva em meu estômago, imagino que sinto seu poder deslizar por minha corrente sangüínea. Decadron é o nome de marca da dexametasona, um esteróide adrenocortical que gera efeitos profundos em cada órgão no corpo humano. Gluco-corticóides como o Decadron afetam tudo, desde o nível de açúcar do sangue e a retenção de fluidos até a síntese de DNA. Sem eles, o corpo entra em colapso. Eles nos ajudam a manter nossa pressão sangüínea e evitam complicações de ferimentos e infecções. Eles afetam o crescimento de nossos ossos*

*e nossa fertilidade, nosso desenvolvimento muscular e nossa imunidade.*

*Eles alteram a composição de nosso sangue.*

*Quando a porta da última gaiola se fecha e as luzes apagam, eu deito no meu catre, sentindo meu sangue pulsar através de mim. Imaginando as células correrem através de minhas veias e artérias.*

*Incontáveis vezes observei células sangüíneas pelo microscópio. Conheço o formato e a função de cada uma, e com apenas uma olhada pela lente posso dizer se uma amostra de sangue é normal. Posso ver um campo e imediatamente estimar o percentual dos diferentes leucócitos — as células brancas que nos defendem da infecção. O teste é chamado contagem diferencial celular de leucócitos, e o executei inúmeras vezes como técnico de medicina.*

*Penso em meus próprios leucócitos circulando em minhas veias. Neste exato momento, minha contagem diferencial de células brancas está mudando. O comprimido de Decadron, que engoli há duas horas, agora se dissolveu em meu estômago e o hormônio está rodopiando através de meu organismo, realizando sua mágica. Uma amostra de sangue, retirada de minha veia, revelará uma anormalidade surpreendente: uma quantidade imensa de células brancas com núcleos com lóbulos múltiplos e pontilhismo granular. Essas células são neutrófilos, que automaticamente entram em ação quando confrontados com a ameaça de infecção.*

*Os estudantes de medicina aprendem que uma pessoa que escuta o som de cascos pensa em cavalos, não em zebras. Mas o doutor que examinar minha contagem celular certamente pensará em cavalos. Chegará a uma conclusão perfeitamente lógica. Não lhe ocorrerá que, desta vez, é uma zebra que está passando a todo galope.*

No vestiário da sala de autópsias, Rizzoli vestiu jaleco, pantufas, luvas e uma touca de papel. Não tivera tempo de tomar banho desde que estivera na Reserva de Stony Brook, e nesta sala fortemente refrigerada o suor esfriava em sua pele. Nem havia jantado, e ela sentia-se tonta com a fome. Pela primeira vez em sua carreira, Rizzoli considerou colocar um punhadinho de Vick debaixo do nariz para bloquear os odores da autópsia, mas resistiu à tentação. Jamais recorrera ao uso da pomada, talvez por considerá-lo um sinal de fraqueza. Um investigador de homicídios deveria ser capaz de lidar com cada aspecto de sua profissão, por mais desagradável que fosse, e embora seus colegas costumassem esconder-se por trás desse escudo de mentol, Rizzoli sempre recusara-se a disfarçar os odores da sala de autópsias.

Rizzoli respirou fundo, inalando uma última tragada de ar limpo, e empurrou a porta para a sala seguinte.

Esperara encontrar a Dra. Isles e Korsak à sua espera, mas não que Gabriel Dean também estivesse na sala. De pé do outro lado da mesa à frente de Rizzoli, Dean usava um jaleco cirúrgico por cima de sua camisa e gravata. Embora a exaustão também transparecesse no rosto e na curva dos ombros de Korsak, o agente Dean não parecia nem um pouco cansado ou abalado pelos eventos do dia. Apenas olheiras muito leves sob os olhos maculavam seu rosto bonito. Ele cumprimentou Rizzoli com o olhar seguro de uma pessoa que sabia ter todo o direito de estar ali.

Sob as luzes fortes da mesa de exames, o corpo parecia em estado bem pior do que na primeira vez em que o vira, há poucas horas atrás. Fluidos tinham continuado a ser expulsos pelo nariz e pela boca, deixando rastros ensangüentados no rosto. O abdômen estava tão inchado que a mulher parecia estar num estado avançado de gravidez. Bolhas cheias de fluido tinham se criado debaixo da pele em vários locais. A pele estava se descolando

inteiramente de áreas do torso e tinham se dobrado como papiro amassado sob os seios.

Rizzoli notou que os dedos estavam manchados de tinta.

— Vocês já tiraram as digitais.

— Um pouco antes de você chegar — explicou a Dra. Isles, atenção focada na bandeja de instrumentos que Yoshima acabara de empurrar para a mesa. Isles tinha mais interesse pelos mortos que pelos vivos e, como de costume, ela estava alheia às tensões emocionais que vibravam na sala.

— E como estavam as mãos? Antes que você as sujasse de tinta?

O agente Dean se encarregou de responder:

— Completamos o exame externo. Passamos fita adesiva em toda a pele para coletar fibras. Cortamos as unhas do corpo.

— E quando *você* chegou aqui, agente Dean?

— Ele chegou antes de mim, também — informou Korsak. — Acho que alguns de nós estão mais acima na cadeia alimentar.

Se o comentário de Korsak teve como objetivo aumentar a irritação de Rizzoli, funcionou. As unhas da vítima podiam conter fragmentos de pele arrancadas do atacante. Pêlos ou fibras podiam ter ficado presos num punho cerrado. O exame das mãos da vítima era um passo crucial na autópsia, e Rizzoli o perdera.

Mas Dean não.

— Já temos uma identificação positiva — informou Isles. — A chapa de raios X da arcada dentária de Gail Yeager está na caixa de luz.

Rizzoli caminhou até a caixa de luz e estudou as séries de fotografias transparentes presas ali. Dentes reluziam como uma fileira de lápides espectrais contra o fundo negro do filme.

— Ano passado a Sra. Yeager fez um tratamento dentário. Ela tirou essa chapa de raios X. A coroa de ouro que ela fez é o número

20 na arcada dentária. Além disso, a Sra. Yeager possuía obturações de prata nos dentes de números 3, 14 e 29.

— Combina?

A Dra. Isles fez que sim com a cabeça.

— Não tenho qualquer dúvida de que esses são os restos de Gail Yeager.

Rizzoli virou-se de volta para o corpo na mesa, seu olhar caindo no anel de ferimentos em torno da garganta.

— Você fez um raio X do pescoço?

— Fiz. Ele sofreu fraturas bilaterais na altura da cartilagem tireóide. Consistentes com estrangulamento manual. — Isles virou-se para Yoshima, cuja eficácia silenciosa ocasionalmente fazia as pessoas esquecerem de que ele estava na sala. — Vamos colocá-la em posição para tirarmos as amostras vaginais.

Seguiu-se aquilo que Rizzoli considerava a maior indignidade que se poderia causar aos restos mortais de uma mulher. Era pior que cortar a barriga, pior que retirar o coração e os pulmões. Yoshima manobrou as pernas flácidas para uma posição de sapo, afastando as coxas para o exame pélvico.

— Com licença, detetive? — pediu Yoshima a Korsak, que era quem estava mais perto da coxa esquerda de Gail Yeager. — Pode segurar essa perna na posição?

Korsak fitou-o horrorizado.

— Quem, eu?

— Apenas mantenha o joelho flexionado desse jeito, para podermos colher as amostras.

Relutantemente Korsak estendeu a mão até a coxa do cadáver, mas recuou quando uma camada de pele se descolou, grudando em sua mão enluvada.

— Puta merda! — exclamou Korsak.

— A pele vai soltar, não importa o que você faça. Apenas mantenha a perna dela aberta, sim?

Korsak exalou longamente. Através do fedor, Rizzoli sentiu uma baforada de mentol de Vick. Agora ela sabia que pelo menos Korsak não deixara que o orgulho o impedisse de passar Vick debaixo do nariz. Fazendo uma careta, o detetive agarrou a coxa e a moveu de lado, expondo a genitália de Gail Yeager.

— Daqui pra frente sexo não vai mais me parecer tão excitante — murmurou Korsak.

A Dra. Isles direcionou a lâmpada de exame para o períneo. Separou com delicadeza os grandes lábios para revelar o intróito vaginal. Rizzoli, estóica como era, não teve coragem de testemunhar essa invasão grotesca e virou o rosto.

Seu olhar encontrou o de Gabriel Dean.

Até aquele momento, o agente federal estivera observando os procedimentos com distanciamento silencioso. Mas naquele instante Rizzoli viu raiva em seus olhos. Era a mesma raiva que Rizzoli sentia pelo homem que conduzira Gail Yeager a esta humilhação extrema. Olhando um para o outro, compartilhando sua indignação, a rivalidade entre eles foi temporariamente esquecida.

A Dra. Isles inseriu uma mecha de algodão na vagina do cadáver. Em seguida esfregou o algodão numa lâmina de microscópio que foi pousada numa bandeja. Também colheu uma amostra retal, que seria analisada em busca de presença de esperma. Quando a doutora havia completado a coleta e as pernas de Gail Yeager estavam novamente estendidas retas na mesa, Rizzoli sentiu que o pior havia passado. Mesmo quando Isles iniciou a incisão em Y — cortando diagonalmente para baixo, do ombro direito até a extremidade distal do osso esterno —, Rizzoli pensou que nada podia superar o insulto que já fora causado a esta vítima.

Isles estava prestes a abrir uma incisão igual a partir do ombro esquerdo quando Dean perguntou:

— E quanto à secreção vaginal?

— As amostras irão para o laboratório criminal — respondeu a Dra. Isles.

— Você não vai fazer uma montagem úmida?

— O laboratório pode identificar esperma perfeitamente bem numa lâmina seca.

— Esta é sua única chance de examinar o espécime fresco.

A Dra. Isles parou subitamente, ponta do bisturi posicionada sobre a pele do cadáver, e dirigiu um olhar intrigado a Dean. Finalmente ela disse a Yoshima:

— Umedeça aquela lâmina com algumas gotas de solução salina e a coloque sob o microscópio. Dentro de um segundo darei uma olhada nela.

A incisão seguinte foi abdominal. O bisturi da Dra. Isles fatiou a barriga inchada. O fedor de órgãos em decomposição foi subitamente mais do que Rizzoli podia suportar. Cambaleou até a pia e se inclinou sobre ela, tentando conter uma ânsia de vômito. Profundamente arrependida por ter tentado provar sua resistência, imaginou o agente Dean observando-a agora, sentindo-se superior. Ela não vira Vick reluzindo debaixo do nariz *dele*. Ficou de costas para a mesa e ouviu, mais do que viu, os procedimentos da autópsia. Ouviu o sopro contínuo do ar através do sistema de ventilação, o gorgolejo da água, os tinidos dos instrumentos metálicos.

Então ouviu Yoshima dizer numa voz carregada de surpresa:

— Dra. Isles?

— Sim?

— Coloquei a lâmina sob o microscópio e...

— Há presença de esperma?

— A senhora precisa ver isto com seus próprios olhos.

Sentindo sua náusea diminuir, Rizzoli virou-se para ver Isles despir as luvas e sentar diante do microscópio. Yoshima permaneceu atrás de Isles enquanto a doutora examinava a lâmina.

— Está vendo? — indagou Yoshima.

— Estou — murmurou Isles. Tirou o olho do microscópio e recostou na cadeira, estarrecida. Virou-se para Rizzoli.

— O corpo foi encontrado por volta das duas da tarde?

— Por aí.

— E agora são nove da noite...

— Bem, há esperma ou não? — interrompeu Korsak.

— Sim, há esperma — disse Isles. — E tem mobilidade.

Testa franzida, Korsak perguntou:

— Está dizendo que está *vivo*?

— Sim. Está vivo.

A sala de autópsias mergulhou num silêncio profundo. A significância desta descoberta deixara todos estarrecidos.

— Por quanto tempo o esperma permanece vivo? — indagou Rizzoli.

— Depende do ambiente.

— Quanto tempo?

— Depois da ejaculação, eles podem continuar com mobilidade durante um ou dois dias. Pelo menos metade do esperma naquela lâmina está se movendo. Aquilo é uma ejaculação fresca. Provavelmente com não mais de um dia.

— E há quanto tempo a vítima está morta? — perguntou Dean.

— Tendo por base seus níveis de potássio vítreo, que eu retirei há cerca de cinco horas, ela está morta há pelo menos sessenta horas.

Mais silêncio. Rizzoli viu a mesma conclusão registrada no rosto de cada pessoa presente na sala de autópsias. Ela olhou para Gail Yeager, que agora jazia com o tronco aberto, órgão expostos. Mão cobrindo a boca, Rizzoli girou nos calcanhares e correu para a pia. Pela primeira vez em sua carreira como policial, Jane Rizzoli vomitou.

— Ele sabia — afirmou Korsak. — Aquele filho-da-puta *sabia*.

Estavam parados no estacionamento atrás do instituto médico-legal, a ponta do cigarro de Korsak reluzindo em laranja. Depois do ar gelado da sala de autópsias, o calor da noite de verão era quase agradável. Ou talvez o melhor era, depois de tanto tempo exposta à luz inclemente da sala de autópsias, estar envolta neste manto de escuridão. Rizzoli sentia-se humilhada por sua demonstração de fraqueza, principalmente devido à presença do agente Dean. Pelo menos ele não fizera nenhum comentário nem a tratara com simpatia ou ridículo, apenas indiferença.

— Foi Dean quem pediu aquele teste de esperma — continuou Korsak. — Como foi mesmo que ele chamou a droga do exame?

— Montagem úmida.

— Sim, a tal montagem úmida. Isles não ia nem olhar o troço fresco. Ela ia esperar que secasse. Então o federal disse à doutora o que ela devia fazer, como se soubesse exatamente o que estava procurando, o que iríamos encontrar. Como ele sabia? E que diabos o FBI está fazendo neste caso?

— Você examinou os antecedentes dos Yeagers. O que você viu que pudesse atrair o FBI?

— Porra nenhuma.

— Eles estavam envolvidos em alguma coisa em que não deviam estar?

— Você está falando como se os Yeagers tivessem atraído seu assassinato.

— Ele era médico. Estamos lidando com tráfico de drogas? Talvez uma testemunha federal?

— Ele estava limpo. A esposa dele estava limpa.

— Aquele golpe de misericórdia... como uma execução. Talvez esse tenha sido o simbolismo. Um corte na garganta, para silenciá-lo.

— Caralho, Rizzoli! Você fez uma volta de cento e oitenta graus aqui. Primeiro estamos pensando num criminoso sexual que mata por diversão. Agora você está falando em conspirações.

— Estou apenas tentando entender por que Dean está envolvido. O FBI nunca dá a mínima para o que fazemos. Eles ficam fora do nosso caminho, nós ficamos fora do caminho deles, e todo mundo gosta disso. Não pedimos a ajuda deles para lidar com o *Cirurgião*. Nós cuidamos daquilo com nossos próprios recursos, usamos nossos próprios arquivos. O departamento comportamental deles vive ocupado demais com Hollywood para mover uma palha pela gente. Então, o que tem de diferente neste caso? O que torna os Yeagers especiais?

— Não descobrimos nenhuma sujeira sobre eles — insistiu Korsak. — Sem dívidas, sem problemas financeiros. Sem processos jurídicos pendentes. Eles não tinham inimigos.

— Então por que o interesse do FBI?

Korsak pensou um pouco antes de responder.

— Talvez os Yeagers tivessem amigos em lugares elevados. Alguém que estivesse sedento por justiça.

— E por que Dean simplesmente não nos diria isso?

— Federais nunca abrem o jogo sobre nada — sentenciou Korsak.

Rizzoli virou-se para olhar para o prédio. Era quase meia-noite, e eles ainda não tinham visto Maura Isles sair. Quando Rizzoli retirara-se da sala de autópsias, Isles estivera ditando seu relatório e mal se dera ao trabalho de lhes desejar boa-noite. A Rainha dos Mortos mal notava a presença dos vivos.

*Será que eu sou diferente? Quando deito em minha cama à noite, são os rostos dos assassinados que eu vejo.*

— Este caso abarca mais do que apenas os Yeagers — lembrou Korsak. — Agora temos mais um conjunto de restos.

— Acho que isso inocenta Joey Valentine — concluiu Rizzoli. — Explica como o assassino ficou com aquele cabelo de cadáver. Veio de uma vítima anterior.

— Ainda não terminei com Joey. Vou apertá-lo mais uma vez.

— Conseguiu descobrir alguma coisa sobre ele?

— Estou procurando, estou procurando.

— Você vai precisar de mais do que uma velha acusação de voyeurismo.

— Mas esse Joey é um sujeito muito esquisito. É preciso ser esquisito para gostar de passar batom em mulheres mortas.

— Esquisitice não é bastante — comentou Rizzoli olhando para o prédio, pensando em Maura Isles. — Sob alguns aspectos, nós todos somos esquisitos.

— Sim, mas nós somos esquisitos *normais.* Não tem nada *normal* no voyeurismo de Joey.

Rizzoli riu. Esta conversa tinha vagado para o absurdo, e ela estava cansada demais para tentar extrair sentido dela.

— Eu disse alguma coisa engraçada?

Rizzoli virou-se para seu carro.

— Estou ficando meio tonta. Preciso ir para casa e dormir um pouco.

— Vai voltar para acompanhar o médico de ossos?

— Vou.

Na tarde do dia seguinte um antropólogo forense iria se juntar a Isles para examinar o esqueleto da segunda mulher. Embora não estivesse ansiosa por mais uma visita àquela casa de horrores, essa era uma obrigação que Rizzoli não podia evitar. Caminhou até seu carro e destrancou a porta.

— Ei, Rizzoli? — chamou Korsak.

— Sim?

— Quer jantar? Sair para comer um hambúrguer ou coisa assim?

Era o tipo de convite que qualquer tira estenderia a outro. Um hambúrguer, uma cerveja, algumas horas para espairecer depois de um dia estressante. Não havia nada incomum ou desagradável nisso, mas fez Rizzoli sentir-se desconfortável porque ela sentiu a solidão, o desespero, por trás daquele convite. Ela não queria emaranhar-se na teia pegajosa das necessidades desse homem.

— Talvez outra hora — respondeu ela.

— Tá. Tudo bem, outra hora. — E, com um aceno rápido, Korsak virou-se e caminhou para seu carro.

Quando chegou em casa, Rizzoli encontrou uma mensagem de seu irmão Frankie na secretária eletrônica. Enquanto olhava a correspondência, ouviu a voz de Frankie ribombar do aparelho e visualizou seu jeito desleixado e machão.

— Ei, Janie? Está aí? — Longa pausa. — Porra... Olha, esqueci completamente que a mamãe faz aniversário amanhã. Que tal se a gente rachar um presente? Bota meu nome junto no cartão. Depois te mando um cheque pelo correio. Não esqueça de dizer a ela que a amo muito, tá? Tchau. Ah, ia me esquecendo. Como estão as coisas com você?

Rizzoli jogou suas cartas na mesa e murmurou:

— Certo, Frankie. Até parece que você me pagou o último presente.

De qualquer modo, era tarde demais. O presente já fora entregue: uma caixa de toalhas cor-de-pêssego com o monograma de Angela. *Este ano Janie receberá crédito integral. Como se isso fizesse diferença.* Frankie era o homem das mil e uma desculpas, todas elas consideradas sólidas como rocha por sua mãe. Ele era sargento de treinamento em Camp Pendleton, e Angela morria de preocupação com ele. Era obcecada pela segurança de Frankie, como se ele enfrentasse fogo inimigo todos os dias naquele

perigosíssimo deserto californiano. Ela se preocupava até se Frankie se alimentava direito. Sim, claro, mamãe. Como se o Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos fosse deixar seu bebezinho de cem quilos morrer de fome. Na verdade, era Jane quem não comia nada desde o meio-dia. O embaraçoso ataque de vômito na pia do laboratório de autópsia esvaziara tudo que restava em seu estômago, e agora ela estava faminta.

Rizzoli abriu seu armário de cozinha e encontrou o tesouro da mulher preguiçosa: atum em conserva, que ela comeu direto da lata, juntamente com um punhado de bolachas de água e sal. Ainda com fome, voltou para o armário para pegar uma lata de pêssegos, que ela também esvaziou; no fim, bebeu a calda com a colher enquanto observava o mapa de Boston preso em sua parede.

A Reserva de Stony Brook era uma mancha ampla e verde cercada por subúrbios: West Roxbury e Clarendon Hills ao norte; Dedham e Readville ao sul. Em qualquer dia de verão, a reserva atraía grande número de famílias, corredores e farofeiros. Quem notaria um homem sozinho em seu carro, dirigindo pela Enneking Parkway? Quem se daria ao trabalho de observar enquanto ele entrava numa das áreas de estacionamento e olhava para o bosque? Parar no meio do mato é algo irresistível para as pessoas cansadas de concreto e asfalto, britadeiras e buzinas. Juntamente com aqueles que buscavam refúgio no frescor do bosque havia um homem que vinha com um propósito completamente diferente em mente. Um predador procurando um lugar para descartar sua caça. Rizzoli viu o cenário através dos olhos dele: árvores densas, um tapete de folhas mortas. Um mundo onde insetos e animais silvestres colaborariam alegremente com seus intentos.

Rizzoli pousou a colher, e o som que ela fez ao bater na mesa foi perturbadoramente alto.

Na estante ela pegou a caixinha de alfinetes coloridos. Cada cor correspondia a um código. Pressionou um vermelho na rua onde

Gail Yeager morara em Newton e pressionou outro na reserva de Stony Brook onde o corpo de Gail fora encontrado. Ela acrescentou um segundo alfinete em Stony Brook — este, azul — para representar os restos da mulher sem nome. Depois sentou-se e considerou a geografia do mundo do assassino desconhecido. Ao longo dos assassinatos do *Cirurgião*, Rizzoli aprendera a estudar o mapa da cidade da forma como um predador estuda seu campo de caça. Afinal de contas, ela também era uma caçadora, e para caçar sua presa ela precisava compreender o universo no qual ela vivia, as ruas pelas quais andava, os bairros por onde passeava. Ela sabia que os predadores humanos costumam caçar em áreas com as quais estão familiarizados. Como todo mundo, eles têm suas zonas de conforto, suas rotinas diárias. Portanto, quando olhou os alfinetes no mapa, Rizzoli soube que estava olhando para mais do que apenas a localização de cenas criminais e locais de desova; estava vendo a esfera de atividade do assassino.

A cidade de Newton era elegante e com custo de vida altíssimo, um subúrbio de profissionais muito bem remunerados. A Reserva de Stony Brook ficava cinco quilômetros ao sul, numa região nem de perto tão requintada quanto Newton. Seria o assassino um morador de uma dessas duas localidades, perseguindo presas que cruzavam seu caminho enquanto ele se movia entre sua casa e seu trabalho? Precisava ser alguém que não se destacasse, não despertasse suspeitas, não parecesse ser de fora. Se morava em Newton, deveria ser um homem de classe alta com gostos de classe alta.

E vítimas da classe alta.

O emaranhado de ruas de Boston se tornou um borrão diante dos olhos cansados de Rizzoli, mas ela não desistiu: sentou-se num torpor além da exaustão, uma centena de detalhes nadando em sua cabeça. Pensou em esperma fresco num corpo em decomposição. Pensou em restos de um esqueleto sem nome. Fibras de tapete azul-marinho. Um assassino que carregava no corpo fios de cabelo

de vítimas anteriores. Uma arma paralisante, uma faca de caçador, uma camisola bem dobrada.

E Gabriel Dean. Qual era o papel do FBI nesta história toda?

Colocou as mãos na cabeça, sentindo que estava tão entupida de informação que podia explodir. Quisera ser a investigadora-chefe do caso, até exigira isso, e agora o peso desta investigação a estava esmagando. Estava cansada demais para pensar e nervosa demais para dormir. Começou a considerar que esses talvez fossem os primeiros sintomas de um colapso nervoso, mas reprimiu o pensamento. Jane Rizzoli não era uma fresca que se permitia sofrer um colapso nervoso. No decurso de sua carreira Rizzoli subira um telhado para correr atrás de um criminoso, derrubara portas a chutes, enfrentara a morte num porão escuro.

Ela matara um homem.

Mas, até este momento, Jane Rizzoli nunca estivera tão perto de desmoronar.

*A enfermeira da prisão não é gentil enquanto amarra o torniquete em torno de meu braço direito. O látex pinica minha pele e repuxa meus pêlos, mas ela não se importa; para ela sou apenas mais um bandido fingindo-se de doente por quem ela levantou da cama, interrompendo seu turno geralmente calmo na clínica da prisão. É uma mulher de meia-idade, ou pelo menos aparenta ser, com olhos inchados e sobrancelhas espessas, e seu hálito fede a sono e cigarros. Mas ela é uma mulher, e eu fito seu pescoço, flácido e salpicado de pintas, enquanto ela se inclina sobre meu braço para procurar uma veia boa. Penso no que jaz abaixo de sua pele pálida. A artéria carótida, pulsando com sangue vermelho e, ao lado dela, a veia jugular, inchada com seu rio mais escuro de sangue venoso. Estou intimamente familiarizado com a anatomia do pescoço de uma mulher, e estudo o dela, por menos atraente que seja.*

*Minha veia antecubital apareceu, e a mulher grunhe satisfeita. Ela umedece um chumaço de algodão com álcool e o esfrega em minha pele. É um gesto negligente, que não seria esperado de uma técnica de enfermagem, por força do hábito e nada mais.*

*— Vai sentir uma pontada — anuncia.*

*Registro a agulhada sem estremecer. Ela atinge a veia com precisão, e sangue flui para um tubo de tampa vermelha. Já trabalhei com o sangue de um número incontável de pessoas, mas jamais com o meu próprio, e assim o observo com interesse, notando o quanto é espesso e escuro, cor de amora.*

*O tubo está quase cheio. Ela o retira da seringa e encaixa um segundo tubo. A tampa deste tubo é roxa, indicando que seu conteúdo deve receber uma contagem de sangue completa. Depois de encher o tubo, a enfermeira retira a agulha de minha veia, solta o torniquete, e esfrega um chumaço de algodão no furo feito pela agulha.*

*— Segure — ordena ela.*

*Balanço debilmente a algema em meu punho esquerdo, que está presa à cabeceira da cama da clínica.*

*— Não posso — digo num tom abatido.*

*— Pelo amor de Deus! — exclama com um suspiro. Nenhuma simpatia, apenas irritação.*

*Há pessoas que desprezam os fracos, e esta mulher é uma delas. Caso detivesse poder absoluto sobre uma vítima vulnerável, ela poderia facilmente se transformar no mesmo tipo de monstro que torturava judeus em campos de concentração. Há crueldade logo abaixo de sua superfície, disfarçada pelo uniforme branco e pela identificação de enfermeira registrada em seu crachá.*

*Ela olha para o guarda.*

*— Segure — ordena.*

*Ele hesita, e então pinça o algodão com os dedos e o pressiona contra minha pele. Sua relutância em me tocar não se deve ao fato*

*de temer qualquer ato de violência de minha parte. Sempre fui bem comportado e educado, um prisioneiro modelo, e nenhum dos guardas tem medo de mim. Não, o que o deixa nervoso é o meu sangue. Ele vê o líquido vermelho ser sugado pelo algodão e imagina todos os tipos de horrores microscópicos enxameando em direção aos seus dedos. Parece aliviado quando a enfermeira rasga um esparadrapo e prende o chumaço de algodão no lugar. Prontamente o guarda vai até a pia e lava as mãos com água e sabão. Sinto vontade de rir de seu terror por algo tão elementar quanto sangue. Em vez disso permaneço imóvel no catre, joelhos recolhidos, olhos fechados, enquanto deixo escapar ocasionalmente um gemido de desconforto.*

*A enfermeira sai da sala com meus tubos de sangue, e o guarda, mãos completamente lavadas, senta numa cadeira para esperar.*

*E esperar.*

*Transcorre o que me parecem horas naquela sala fria e estéril. Não ouvimos nada da enfermeira; é como se ela tivesse nos abandonado, esquecido. O guarda se remexe em sua cadeira, perguntando-se porque ela está demorando tanto.*

*Eu já sei.*

*A esta altura a máquina completou sua análise de meu sangue, e a enfermeira está com os resultados na mão. Os números deixam-na alarmada. Sua suspeita de que minha doença era fingimento desaparece completamente. Ela vê a prova, ali na impressão, de que uma infecção perigosa se alastrou por meu corpo. Que minha queixa de dor abdominal é genuína. Embora ela tenha examinado minha barriga, sentido meus músculos estremecerem e ouvido meus gemidos aos seus toques, ela não havia acreditado em meus sintomas. Ela é enfermeira de prisão há muito tempo, e a experiência ensinou-a a duvidar das queixas dos presos. Aos seus olhos somos todos manipuladores e vigaristas, e qualquer sintoma que apresentemos é apenas fingimento para ganharmos drogas.*

*Mas um teste laboratorial é objetivo. O sangue entra na máquina e um número sai. Ela não pode ignorar uma contagem de leucócitos alarmante. E assim, ela certamente está ao telefone, consultando-se com o médico:*

*— Tenho um prisioneiro aqui com dores abdominais fortes. Ele tem sons intestinais, mas sua barriga está sensível no quadrante direito inferior. O que realmente me preocupa é sua contagem de leucócitos...*

*A porta abre, e escuto os sapatos da enfermeira guinchando no linóleo. Quando ela se dirige a mim, não percebo o tom sarcástico que usou antes. Agora ela é educada, até respeitosa. Ela sabe que está lidando com um homem seriamente adoentado e que se alguma coisa acontecer comigo ela será considerada responsável. De repente eu não sou um objeto de desprezo, mas uma bomba de tempo que poderia destruir sua carreira. E ela já perdeu tempo demais.*

*— Precisamos transferi-lo para o hospital — anuncia ela, olhando para o guarda. — Ele precisa ser retirado daqui imediatamente.*

*— Shattuck? — pergunta, referindo-se à unidade correcional do Lemuel Shattuck Hospital, em Boston.*

*— Não, é longe demais. Ele não pode esperar tanto. Providenciei uma transferência para o Fitchburg Hospital. — Há tensão em sua voz, e o policial agora me olha preocupado.*

*— Qual é o problema dele?*

*— Pode ser um apêndice supurado. Já preenchi a papelada e liguei para a emergência do Fitchburg Hospital. Ele irá numa ambulância.*

*— Ah, merda. Então terei de ir com ele. Quanto tempo isso vai levar?*

*— Ele deve ser internado. Acho que precisa de cirurgia.*

*O guarda olha seu relógio. Ele está pensando no final de seu turno e se alguém aparecerá a tempo de rendê-lo. Ele não está pensando em mim mas nos detalhes de seu próprio cronograma, em sua própria vida. Eu sou apenas uma complicação.*

*A enfermeira dobra um bolo de papéis e os coloca num envelope. Dá o envelope ao guarda.*

*— Entregue isto à emergência do Fitchburg. É importante que o doutor receba esses papéis.*

*— Tem de ser de ambulância?*

*— Tem.*

*— Isso complica a segurança.*

*Ela olha para mim. Meu pulso ainda está algemado ao catre. Estou deitado imóvel, joelhos recolhidos — a posição clássica de um paciente sofrendo de peritonite excruciante.*

*— Eu não me preocuparia muito com isso. Esse aí está doente demais para arranjar problemas.*

# 7

— A necrofilia, ou “amor aos mortos”, sempre foi um dos segredos mais sombrios da humanidade — disse o Dr. Lawrence Zucker. — A palavra vem do grego, mas desde os tempos dos faraós há evidências de sua prática. Naquela época, quando uma mulher bonita e de posição social elevada morria, seu corpo era mantido longe dos embalsamadores até pelo menos três dias depois do falecimento. Isso era para garantir que o corpo não fosse abusado sexualmente pelos homens incumbidos de prepará-la para o sepultamento. Há registro de abuso sexual dos mortos em toda a história. Dizem que depois da morte de sua esposa, o rei Herodes ainda praticou sexo com ela durante sete anos.

Rizzoli olhou para a sala de reuniões ao seu redor e ficou chocada com a estranha familiaridade daquela cena: uma assembléia de detetives cansados, pastas e fotos de cenas criminais espalhadas na mesa. A voz sussurrante do psicólogo Lawrence Zucker, conduzindo-os à mente sinistra de um predador. E o frio. Acima de tudo ela se lembrava do frio que fazia nesta sala e

de como ele se infiltrava em seus ossos e suas mãos. Muitos dos rostos também eram os mesmos: detetives Jerry Sleeper e Darren Crowe e seu parceiro, Barry Frost. Os policiais com quem ela trabalhara na investigação do *Cirurgião*, um ano antes.

Outro verão, outro monstro.

Mas desta vez um rosto estava ausente da equipe. O detetive Thomas Moore não estava entre eles, e ela sentia falta de sua presença, sentia falta de sua autoconfiança serena, sua estabilidade. Embora Rizzoli e Moore houvessem batido de frente durante a investigação do *Cirurgião*, eles haviam feito as pazes, e agora sua ausência era uma lacuna na equipe.

No lugar de Moore, sentado na própria cadeira que Moore costumava ocupar, estava um homem em quem Rizzoli não confiava: Gabriel Dean. Qualquer pessoa que entrasse na sala notaria imediatamente que Dean era o forasteiro nesta reunião de policiais. Com seu terno de corte elegante e sua postura militar, Dean destacava-se dos outros, e todos estavam cientes dessa divisão. Ninguém falava com Dean; ele era o observador silencioso, o homem do FBI cujo papel permanecia um mistério para todos eles.

O Dr. Zucker prosseguiu sua explanação.

— Sexo com um cadáver é uma atividade na qual a maioria de nós nem pensa. Mas é mencionada repetidamente na literatura, na história, e num grande número de casos criminais. Nove por cento das vítimas de assassinos seriais são violadas *post mortem*. Jeffrey Dahmer, Henry Lee Lucas e Ted Bundy admitiram ter feito isso. — Seu olhar caiu na foto da autópsia de Gail Yeager. — Portanto a presença de esperma fresco nesta vítima não é tão surpreendente.

— Sempre achei que isso era uma coisa que apenas os loucos faziam — comentou Darren Crowe. — Foi o que um especialista do FBI me disse uma vez. Que quem faz isso são os doidos que andam por aí falando sozinhos.

— Sim, já se pensou na necrofilia como uma característica de um assassino gravemente perturbado — confirmou Zucker. — É verdade. Muitos desses assassinos são criminosos que se encaixam na categoria dos assassinos desorganizados... que não são inteligentes nem sãos. Que possuem pouco controle sobre seus próprios impulsos e deixam todos os tipos de provas para trás. Fios de cabelo, esperma, digitais. Esses são os fáceis de pegar, porque não entendem nada sobre medicina forense, ou não se importam com ela.

— E quanto a este sujeito?

— Este assassino não é psicótico. Ele é uma criatura inteiramente diferente. — Zucker abriu a pasta com as fotos da casa dos Yeagers e as dispôs na mesa. Então olhou para Rizzoli. — Detetive, você andou nesta cena criminal.

Rizzoli fez que sim e respondeu:

— Este assassino foi metódico. Chegou munido de ferramentas para assassinatos. Foi limpo e eficaz. Praticamente não deixou provas residuais.

— Ele deixou sêmen — comentou Crowe.

— Mas não num lugar onde geralmente procuraríamos. Poderíamos nem ter encontrado o sêmen. Na verdade, quase não encontramos.

— E sua impressão geral? — perguntou Zucker.

— Ele é organizado. Inteligente. — Ela fez uma pausa. E acrescentou: — Exatamente como o *Cirurgião*.

Zucker olhou bem nos olhos de Rizzoli. Esse criminologista sempre deixara Rizzoli desconfortável, e ela se sentiu invadida por seu olhar especulativo. Mas Warren Hoyt provavelmente estava na mente de cada pessoa naquela sala. Ela não podia ser a única que tinha a impressão de que aquilo era um *déjà vu* de um antigo pesadelo.

— Concordo com você — disse Zucker. — Este é um assassino organizado. Ele segue o que alguns especialistas em perfis criminais chamam de tema cognitivo-objeto. Seu comportamento não visa apenas obter gratificação imediata. Suas ações possuem um alvo específico, e esse alvo é o controle completo do corpo de uma mulher. Neste caso, a vítima, Gail Yeager. Este assassino deseja possuí-la, usá-la mesmo depois de sua morte. Ao violentá-la na frente do marido ele estabeleceu este direito de posse. Ele se torna o dominador sobre ambos.

Zucker pegou a foto da autópsia.

— Considero interessante o fato de que ela não foi mutilada ou desmembrada. Exceto pelas mudanças naturais da decomposição inicial, o cadáver parece estar em condições muito boas. — Olhou para Rizzoli em busca de confirmação.

— Não havia feridas abertas — informou ela. — A causa da morte foi estrangulamento.

— Que é a forma mais íntima de matar alguém.

— Íntima?

— Pense no que significa estrangular manualmente uma pessoa. O quanto isso é pessoal. O contato íntimo. Pele com pele, as mãos dele contra a carne dela. Pense no assassino sentindo a vida de sua vítima escoar enquanto ele pressiona sua garganta.

Rizzoli olhou para Zucker enojada.

— Meu Deus!

— Isto é como *ele* pensa. O que *ele* sente. Este é o universo que ele habita, e nós precisamos aprender como é esse universo. — Zucker apontou para a foto de Gail Yeager. — Ele é conduzido pelo desejo de possuir o corpo dela, de tê-lo para si, vivo ou morto. Este é um homem que desenvolve uma ligação pessoal com um cadáver, e ele continuará a acariciá-lo, a abusar sexualmente dele.

— Então por que ele descarta o cadáver? — perguntou Sleeper. — Por que não o guarda durante sete anos? Como o rei Herodes

fez com sua esposa.

— Motivos práticos? — sugeriu Zucker. — Ele pode morar num apartamento, onde o cheiro de um corpo em decomposição acabaria atraindo a atenção. Três dias é o tempo máximo que alguém pode querer manter um cadáver.

Crowe riu.

— Por mim, três segundos.

— Então você está dizendo que o assassino nutre pelo cadáver uma ligação quase de amante — arriscou Rizzoli.

Zucker assentiu positivamente.

— Deve ter sido muito duro para ele simplesmente largá-lo lá — respondeu Zucker. — Em Stony Brook.

Rizzoli pensou naquele lugar no bosque. As árvores, a sombra. Tão longe do calor e do ruído da cidade.

— Não é um local de desova — observou ela. — É um campo santo.

Todos olharam para ela.

— Pode repetir? — pediu Crowe.

— A detetive Rizzoli atingiu o ponto exato a que eu queria chegar — afirmou Zucker. — Aquele local, na reserva, não é apenas um lugar para jogar fora cadáveres usados. Vocês podem se perguntar, então por que ele não os enterrou? Por que ele os deixa expostos a uma possível descoberta?

Rizzoli disse, baixinho:

— Porque ele quer visitá-las.

Zucker fez que sim com a cabeça.

— Elas são as amantes dele. Seu harém. Ele retorna várias vezes para vê-las, para olhá-las. Talvez até para abraçá-las. É por causa disso que os fios de cabelo dos cadáveres ficam presos nas roupas dele. — Zucker olhou para Rizzoli. — Aquele fio *post mortem* combina com o segundo conjunto de restos?

Ela fez que sim.

— O detetive Korsak e eu começamos trabalhando a partir da dedução de que o assassino desconhecido pegou esse fio de cabelo em seu local de trabalho. Agora que sabemos de onde veio esse cabelo, faz algum sentido continuarmos a investigar casas funerárias?

— Sim — assentiu Zucker. — E vou dizer por quê. Necrófilos são atraídos por cadáveres. Ficam sexualmente excitados ao lidar com eles. Ao embalsamá-los, ao vesti-los. Ao aplicar sua maquiagem. Podem tentar alcançar essa emoção escolhendo trabalhos na indústria da morte. Um assistente de embalsamador, por exemplo, ou um preparador de cadáveres. Tenha em mente que esse conjunto de restos não identificados pode até não pertencer a uma vítima de assassinato. Um dos necrófilos mais conhecidos foi um psicopata chamado Ed Gein, que começou sua carreira profanando cemitérios. Ele escavava em busca de corpos de mulheres e os levava para casa. Somente depois ele recorreu ao homicídio como meio para obter cadáveres.

— Caramba... — murmurou Frost. — Isto está ficando cada vez melhor.

— É um aspecto do amplo espectro do comportamento humano. Nós consideramos os necrófilos como indivíduos doentes e pervertidos. Mas eles sempre estão conosco. Este subsegmento de pessoas movidas por obsessões estranhas. Apetites bizarros. Sim, alguns deles são psicóticos. Mas alguns deles são perfeitamente normais em todos os aspectos.

*Warren Hoyt também era perfeitamente normal.*

Foi Gabriel Dean quem falou em seguida. Até esse momento ele não havia dito uma palavra durante a reunião inteira, e Rizzoli começou a ouvir seu tom grave de barítono.

— Você disse que esse assassino pode voltar para o bosque para visitar seu harém.

— Sim — respondeu Zucker. — É por isso que a tocaia de Stony Brook deve continuar indefinidamente.

— E o que acontecerá se ele descobrir que seu harém desapareceu?

Zucker fez uma pausa.

— Ele não vai aceitar isso muito bem.

As palavras espalharam um arrepio pela espinha de Rizzoli.

*Elas são as amantes dele. Como qualquer homem reagiria quando sua amante lhe é roubada?*

— Ele ficará enfurecido — continuou Zucker — por alguém ter tomado suas posses. E ansioso por substituir o que perdeu. Ele voltará a caçar. — Zucker olhou para Rizzoli. — Você precisa manter isto fora do alcance da imprensa pelo maior tempo possível. A tocaia pode ser a melhor chance que você tem de pegá-lo. Porque ele *vai* retornar àquele bosque, mas apenas se achar que o lugar é seguro. Apenas se achar que o harém ainda está lá, esperando por ele.

A porta da sala de reuniões se abriu. Todos eles se viraram para ver o tenente Marquette enfiar a cabeça na sala.

— Detetive Rizzoli? Preciso falar com você.

— Neste momento?

— Se você não se importar. Vamos para o meu escritório.

A julgar pelas expressões na sala, o mesmo pensamento ocorrera a todos: Rizzoli estava sendo chamada para ouvir um esporro. E ela não tinha a menor idéia do motivo. Enrubescida, levantou-se da cadeira e saiu da sala.

Marquette manteve-se silencioso enquanto eles caminhavam pelo corredor até a delegacia de homicídios. Entraram no escritório e ele fechou a porta. Através da divisória de vidro, Rizzoli viu detetives olhando de suas estações de trabalho. Marquette fechou as persianas e convidou:

— Por que não se senta, Rizzoli?

— Estou bem. Só quero saber o que está acontecendo.

— Por favor. — Sua voz estava mais calma agora, até gentil. — Sente-se.

Sua nova solicitude deixou Rizzoli profundamente incomodada. Ela e Marquette nunca tinham sido chegados. Aquela delegacia de homicídios era um clube do Bolinha, e Rizzoli sabia que era a jararaca invasora. Afundou numa cadeira, coração acelerado.

Durante um momento Marquette permaneceu calado, como se tentasse conjurar as palavras certas.

— Eu queria lhe contar isto antes dos outros ficarem sabendo. Porque achei que seria mais difícil para você. Tenho certeza de que é apenas uma situação temporária e que será resolvida dentro de alguns dias, se não de horas.

— Que situação?

— Esta manhã, por volta das cinco horas, Warren Hoyt escapou de nossa custódia.

Agora Rizzoli compreendeu por que Marquette insistira para que ela se sentasse; ele esperava que ela desmaiasse.

Mas ela não desmaiou. Ficou perfeitamente imóvel, emoções fechadas, cada nervo de seu corpo entorpecido. Quando falou, sua voz saiu tão estranhamente calma que ela quase não a reconheceu como sua.

— Como isso aconteceu?

— Foi durante uma transferência médica. Ele foi admitido ontem à noite ao Fitchburg Hospital para uma apendectomia de emergência. Nós realmente não sabemos como aconteceu. Mas na sala de cirurgia.... — Marquette fez uma pausa. — Não restaram testemunhas vivas.

— Quantos mortos? — perguntou ela. Sua voz ainda estava seca. Ainda a voz de uma estranha.

— Três. Uma enfermeira e uma anestesista que o estavam preparando para a cirurgia. Mais o guarda que o havia

acompanhado até o hospital.

— A penitenciária Souza-Baranowski é uma instalação de nível seis.

— É, sim.

— E eles permitiram que Hoyt fosse levado a um hospital civil?

— Se tivesse sido uma admissão de rotina, ele teria sido transportado para a unidade correcional do Shattuck. Mas numa situação de emergência médica é política do Instituto Correcional de Massachusetts levar prisioneiros para a facilidade conveniada mais próxima. E a mais próxima ficava em Fitchburg.

— Quem decidiu que era uma emergência?

— A enfermeira da prisão. Ela examinou Hoyt e pediu conselhos ao médico do Instituto Correcional de Massachusetts. Ambos concordaram que Hoyt precisava de atenção imediata.

— Com base em que descobertas? — Sua voz estava tentando adquirir uma certa tonalidade, uma indicação de emoção.

— Havia sintomas. Dor abdominal...

— Ele tem treinamento médico. Sabia exatamente o que dizer a eles.

— Foram feitos exames de laboratório.

— Que exames?

— Alguma coisa relacionada com contagem elevada de células brancas no sangue.

— Eles sabiam com quem estavam lidando? Eles tinham *alguma* idéia?

— Não se pode falsificar um exame de sangue.

— Ele pode. Ele trabalhou num hospital. Ele sabe como manipular exames de laboratório...

— Detetive...

— Puta que pariu, ele era um técnico de *sangue*! — Rizzoli assustou-se com o tom agudo em sua própria voz. Ela olhou para

ele, chocada com sua explosão. Impressionada pelas emoções que finalmente estava extravasando. Fúria. Impotência.

E medo. Durante todos aqueles meses, Rizzoli suprimira o medo, porque sabia que era irracional ter medo de Warren Hoyt. *O Cirurgião* estivera trancado num lugar de onde não poderia alcançá-la, não poderia feri-la. Os pesadelos tinham sido meros abalos secundários, ecos de um terror antigo que acabariam por se dissipar. Mas agora o medo fazia sentido absoluto, e o medo tinha-a em suas presas.

De repente Rizzoli levantou da cadeira e se virou para sair.

— Detetive Rizzoli!

Ela parou no pórtico.

— Para onde está indo?

— Acho que você sabe para onde tenho de ir.

— O departamento de polícia de Fitchburg e a Polícia Estadual têm esta situação sob controle.

— Eles têm? Para eles, Hoyt é apenas mais um condenado à solta. Esperam que ele cometa os mesmos erros que os outros cometem. Mas ele não vai cometer esses erros. Ele vai escapulir da rede deles.

— Você precisa dar a eles o devido crédito.

— Eles não deram a Hoyt o devido crédito. Eles não compreenderam com o que estavam lidando.

*Mas eu entendo. Entendo perfeitamente*.

Lá fora, o estacionamento brilhava sob o sol cegante e o vento que soprava da rua era denso e sulfuroso. Quando Rizzoli entrou em seu carro, sua saia já estava encharcada com suor. Hoyt deve estar gostando deste calor, pensou Rizzoli. Ele desfrutava do calor como os lagartos do deserto desfrutavam do calor das areias escaldantes. E, como qualquer réptil, ele sabia como escapulir rapidamente dos seus predadores.

*Eles não irão encontrá-lo*.

Dirigindo para Fitchburg, Rizzoli pensou no *Cirurgião*, à solta no mundo novamente. Imaginou-o caminhando pelas ruas da cidade, o predador de volta entre as presas. Rizzoli perguntou-se se ela teria forças para encará-lo novamente. Se ao derrotá-lo ela não teria gastado a cota de coragem de toda uma vida. Rizzoli não se considerava covarde. Ela jamais fugira de um desafio e sempre entrara de cabeça em todas as brigas. Mas apenas pensar em Warren Hoyt deixava-a tremendo.

*Lutei com ele uma vez, e ele quase me matou. Não sei se posso fazer isso de novo. Se posso empurrar o monstro de volta para a gaiola.*

O perímetro não estava policiado. Rizzoli parou no corredor do hospital e olhou em torno em busca de um oficial à paisana, mas viu apenas algumas enfermeiras, duas delas abraçadas uma à outra para se confortar, as outras reunidas e conversando em voz baixa, rostos acinzentados pelo choque.

Rizzoli passou debaixo da fita amarela e empurrou as portas duplas sem que ninguém protestasse. Deu na recepção da sala de cirurgia. Viu manchas de sangue e pegadas vermelhas no soalho, como marcações de tango. Um técnico de cenas criminais já estava guardando seus equipamentos. Esta era uma cena fria, já colhida, já pisada, apenas à espera de uma limpeza.

Mas ainda que a cena estivesse fria e contaminada, Rizzoli podia ler o que acontecera na sala, porque estava escrito em sangue nas paredes. Viu os arcos secos de jorro arterial liberados pela artéria pulsante de uma vítima. Traçava uma onda senoidal na parede e esparramava no enorme quadro branco onde estivera o cronograma das cirurgias do dia, listando os números da sala de cirurgia, os nomes dos pacientes, os nomes dos cirurgiões e os procedimentos operacionais. Tarefas para o dia inteiro haviam sido

programadas. Rizzoli perguntou-se o que acontecera aos pacientes cujas operações tinham sido canceladas abruptamente porque a sala de cirurgia era agora uma cena criminal. Imaginou quais seriam as conseqüências do adiamento de uma colecistectomia... fosse lá isso o que fosse. O cronograma completo explicava por que a cena criminal fora processada tão rapidamente. As necessidades dos vivos precisavam ser atendidas. Não era possível bloquear indefinidamente a sala de cirurgia mais atarefada da cidade de Fitchburg.

Os arcos de sangue ejaculado continuaram através do quadro de cronograma, viraram uma quina, prosseguiram pela outra parede. Aqui os picos eram menores, acompanhando a redução da pressão sistólica, e as pulsações começaram a descer para o piso. Acabaram numa enorme mancha vermelha ao lado da mesa de recepção.

*O telefone. Quem morreu aqui estava tentando alcançar o telefone.*

Depois da sala de recepção, um corredor amplo alinhado com pias levava às salas de operação individuais. Vozes masculinas e o crepitar de um rádio portátil atraíram a detetive até uma porta aberta. Ela caminhou ao longo da fileira de pias de esterilização, passando por um técnico de cena criminal que mal olhou para ela. Ninguém tentou impedi-la, nem mesmo quando ela entrou na sala de cirurgia 4 e parou, estarrecida com as evidências de uma chacina. Embora não houvesse mais nenhuma vítima na sala, havia sangue por toda parte, respingado em paredes, armários, tampos de mesa, e formando no chão uma trilha pisada por todos que haviam chegado a este lugar depois do assassino.

— Senhora? Senhora?

Dois homens em trajes civis estavam de pé ao lado do armário de instrumentos, olhando intrigados para ela. O mais alto caminhou até Rizzoli, suas pantufas de papel prendendo no soalho grudento.

Estava no meio da casa dos trinta, e se comportava com aquele ar de superioridade exibido por todos os homens extremamente musculosos. Compensação masculina por sua calvície prematura, pensou Rizzoli.

Antes que ele pudesse formular a pergunta óbvia, Rizzoli exibiu seu distintivo.

— Jane Rizzoli, Delegacia de Homicídios. Departamento de Polícia de Boston.

— O que Boston está fazendo aqui?

— Desculpe, não sei seu nome — respondeu Rizzoli.

— Sargento Canady. Seção de Apreensão de Fugitivos.

Um oficial da Polícia Estadual de Massachusetts. Ela teve o impulso de estender-lhe a mão, mas então viu que ele estava usando luvas de látex. Em todo caso, ele não pareceu inclinado a oferecer-lhe a cortesia.

— Em que podemos ajudá-la? — perguntou Canady.

— Talvez eu possa ajudar *vocês*.

Canady não pareceu particularmente empolgado com a oferta.

— Como?

Ela olhou para os rastros de sangue na parede.

— O homem que fez isto... Warren Hoyt...

— O que tem ele?

— Eu o conheço muito bem.

Agora o homem mais baixo juntou-se a eles. Tinha rosto pálido e orelhas de Dumbo e, embora fosse obviamente um policial, não parecia compartilhar do territorialismo de Canady.

— Ei, eu conheço você. Rizzoli. Foi você quem o trancafiou.

— Trabalhei com a equipe que fez isso.

— Não, foi você quem encurralou o sujeito em Lithia. — Ao contrário de Canady, ele não estava usando luvas e estendeu-lhe a mão. — Detetive Arlen. Departamento de Polícia de Fitchburg. Você dirigiu até aqui apenas para isso?

— Assim que fiquei sabendo. — Ela olhou novamente para as paredes. — Vocês entendem com o que estão lidando, não entendem?

Canady intrometeu-se:

— Estamos com tudo sob controle.

— Vocês conhecem a história dele?

— Sabemos o que ele fez aqui.

— Mas vocês sabem quem ele é?

— Temos sua ficha de Souza-Baranowski.

— E os guardas de lá não tinham a menor idéia de com quem estavam lidando. Senão isto não teria acontecido.

— Sempre peguei meu homem — retorquiu Canady. — Todos eles cometem os mesmos erros.

— Não este.

— Ele está à solta há apenas seis horas.

— Seis horas? — Ela balançou a cabeça. — Você já o perdeu.

Canady ficou ofendido.

— Estamos passando um pente fino na vizinhança. Montamos barreiras policiais nas ruas. Estamos verificando veículos. A imprensa já foi alertada, e a foto dele foi transmitida por todos os canais de TV. Como eu disse, temos tudo sob controle.

Ela não respondeu, preferindo voltar sua atenção para os arcos de sangue.

— Quem morreu aqui? — perguntou em voz baixa.

Foi Arlen quem respondeu.

— A anestesista e a enfermeira da sala de cirurgia. A anestesista estava deitada ali, na ponta daquela mesa. A enfermeira foi encontrada ali, ao lado da porta.

— Elas não gritaram? Não alertaram os guardas?

— Elas devem ter tido muita dificuldade em produzir qualquer ruído. As duas mulheres foram cortadas bem nas laringes.

Rizzoli caminhou até a cabeceira da mesa e olhou o mastro de metal do qual pendia uma bolsa de solução intravenosa, o tubo plástico e o cateter gotejando para uma poça de água no chão. Uma seringa de vidro jazia estilhaçada debaixo da mesa.

— Elas estavam preparando a aplicação do cateter nele — observou Rizzoli.

— O procedimento foi iniciado na sala de cirurgia — contou Arlen. — Ele foi movido diretamente para cá, depois que o cirurgião o examinou no térreo. Eles diagnosticaram um apêndice supurado.

— Por que o cirurgião não subiu com elas? Onde ele estava?

— Estava com outro paciente na sala de cirurgia. Subiu provavelmente dez, quinze minutos depois que tudo isto aconteceu. Passou pelas portas duplas, viu o guarda do Instituto Correcional de Massachusetts morto na sala de recepção e correu direto até o telefone. Praticamente toda a equipe da sala de emergência subiu correndo, mas não havia mais nada que pudesse ser feito pelas vítimas.

Rizzoli olhou para o chão e viu um grande número de pegadas de sangue. Era um caos grande demais para permitir qualquer interpretação.

— Por que o guarda não estava aqui dentro, vigiando o prisioneiro?

— A sala de cirurgia deve ser mantida esterilizada. Não se permite a entrada de roupas de rua. Provavelmente ele foi instruído a aguardar na recepção.

— Mas não é política do Instituto Correcional de Massachusetts que seus prisioneiros sejam mantidos algemados todo o tempo quando estiverem fora da instalação?

— É, sim.

— Mesmo na sala de cirurgia, ou mesmo sob anestesia, Hoyt deveria ter tido sua perna ou braço algemado à mesa.

— Deveria.

— Vocês encontraram as algemas?

Arlen e Canady entreolharam-se.

— As algemas estavam caídas no chão, debaixo da mesa — disse Canady.

— Então ele *estava* algemado.

— Até certa altura, sim...

— E por que ele teria sido libertado?

— Motivo médico, talvez? — sugeriu Arlen. — Para iniciar outra intravenosa? Para mudá-lo de posição?

Rizzoli fez que não com a cabeça.

— Elas precisariam que o guarda estivesse aqui para soltar as algemas. O guarda não teria saído, deixando seu prisioneiro aqui dentro, desalgemado.

— Então ele deve ter sido descuidado — comentou Canady. — Todos na sala de emergência tiveram a impressão de que Hoyt estava muito doente, sentindo dor demais para poder causar qualquer problema. Obviamente, eles não esperavam...

— Meu Deus — murmurou Rizzoli. — Ele não perdeu seu jeito. — Ela olhou para o carrinho de anestesia e viu que uma gaveta estava aberta. Em seu interior, frascos de tiopental reluziam sob a luz forte da sala de cirurgia. Um anestésico. Elas iam colocá-lo para dormir, pensou Rizzoli. Ele está deitado nesta mesa, cateter intravenoso no braço. Gemendo, rosto contorcido de dor. Elas nem imaginam que uma coisa terrível está para acontecer; estão ocupadas fazendo seus trabalhos. A enfermeira está pensando em que instrumentos dispor, de quais aparatos o doutor irá precisar. A anestesista está calculando as doses das drogas, enquanto observa o batimento cardíaco do paciente no monitor. Talvez ela veja seu coração acelerando e considere que isso se deve à dor. Ela nem imagina que ele está se preparando para atacar. Para matar.

E depois... o que aconteceu depois?

Ela olhou para a bandeja de instrumentos ao lado da mesa. Estava vazia.

— Ele usou um bisturi? — perguntou Rizzoli.

— Não encontramos a arma do crime.

— É o instrumento favorito dele. Ele sempre usou um bisturi... — Um pensamento subitamente eriçou os pêlos de seu pescoço. Ela olhou para Arlen.

— Ele poderia ainda estar neste prédio?

Canady intrometeu-se afirmando:

— Ele não está no prédio.

— Ele já se fez passar por médico antes. Ele sabe como se misturar a uma equipe médica. Vocês vasculharam o hospital?

— Não foi preciso.

— Então como sabem que ele não está aqui?

— Porque temos provas de que ele deixou o prédio. Está em vídeo.

A pulsação de Rizzoli acelerou.

— Vocês o pegaram nas câmeras de segurança?

Canady fez que sim com a cabeça.

— Suponho que você vai querer ver com seus próprios olhos.

# 8

— É muito estranho o que ele faz — comentou Arlen. — Já vimos este vídeo várias vezes, e ainda não entendemos.

Eles tinham descido para a sala de reuniões do hospital. No canto havia um rack móvel com um televisor e um aparelho videocassete. Arlen deixou Canady ligar os aparelhos e operar o controle remoto. Operar o controle remoto era o papel de um macho alfa, e Canady precisava ser esse macho. Arlen era suficientemente seguro para não dar a mínima para isso.

Canady enfiou a fita de vídeo no aparelho e disse:

— Muito bem, vamos ver se a polícia de Boston mata essa. — Era o equivalente verbal a derrubar o rei no tabuleiro de xadrez. Ele apertou *play.*

A imagem de uma porta fechada no fim de um corredor apareceu na tela.

— Esta é uma câmera montada no teto de um corredor do primeiro andar — informou Arlen. — A porta que você está vendo conduz diretamente para fora, para o estacionamento da equipe, a

leste do prédio. É uma de quatro saídas. A hora da gravação está no fundo da imagem.

— Cinco e dez — leu Rizzoli.

— Segundo o registro da sala de emergência, o prisioneiro subiu para a sala de cirurgia por volta das quinze para as cinco. Portanto, isto é 25 minutos depois. Agora observe. Acontece por volta das cinco e onze.

Na tela, os segundos avançaram. Então, em 5:11:13, uma figura subitamente caminhou para o campo de visão da câmera, movendo-se com calma em direção à saída. Suas costas estavam voltadas para a câmera, e eles viram cabelos castanhos curtos sobre o colarinho do jaleco branco. O homem estava usando calças de cirurgião e pantufas de papel sobre os sapatos. Havia chegado à porta e estava empurrando a barra de metal quando parou de repente.

— Observe isso — instruiu Arlen.

Lentamente o homem se virou. Seu olhar se levantou para a câmera.

Rizzoli inclinou-se para a frente, garganta seca, olhos fixos no rosto de Warren Hoyt. Enquanto fitava Hoyt, teve a impressão de que ele olhava diretamente para ela. Hoyt caminhou até a câmera, e então ela viu que ele estava com alguma coisa debaixo do braço esquerdo. Algum tipo de embrulho. Continuou caminhando até estar diretamente abaixo das lentes.

— Agora vem a parte estranha — anunciou Arlen.

Ainda olhando para a câmera, Hoyt levantou a mão direita, palma para fora, como se estivesse pronto para prestar um juramento num tribunal. Com sua mão esquerda, Hoyt apontou para sua palma aberta. E sorriu.

— Mas que diabos foi isso? — perguntou Canady.

Rizzoli não respondeu. Em silêncio, observou Hoyt virar-se, caminhar até a saída e desaparecer.

— Põe novamente — sussurrou Rizzoli.

— Você tem alguma idéia do que foi esse sinal com a mão?

— Põe novamente.

Canady fez cara feia mas apertou *rewind*, e então *play*.

Mais uma vez, Hoyt caminhou até a porta. Virou-se. Caminhou de volta até a câmera, olhar focado naqueles que agora o assistiam.

Rizzoli sentou-se com cada músculo tenso, coração acelerado, enquanto esperava por seu gesto seguinte. Aquele que ela já compreendia.

Ele levantou a palma.

— Ponha em pausa — pediu ela. — Bem aí!

Canady apertou *pause.*

Na tela, Hoyt estava congelado com um sorriso no rosto, indicador esquerdo apontando para a palma aberta de sua mão direita. A imagem deixou-a atordoada.

Foi Arlen quem finalmente quebrou o silêncio.

— O que isso significa? Você sabe?

Ela engoliu em seco.

— Sei.

— Bem, o que é? — inquiriu Canady.

Rizzoli abriu as mãos, que tinham sido mantidas fechadas em punhos sobre o colo. Em ambas as palmas estavam as cicatrizes deixadas pelo ataque de Hoyt um ano antes, nós grossos que haviam sarado sobre os dois buracos abertos por seus bisturis.

Arlen e Canady fitaram as cicatrizes.

— Hoyt fez isso com você? — perguntou Arlen.

— É isso o que significa o gesto — respondeu Rizzoli. — Foi por causa disso que levantou a mãos. — Ela olhou para a TV, onde Hoyt ainda estava sorrindo, palma aberta para a câmera. — É uma piadinha íntima, apenas entre nós dois. Seu jeito de me dizer oi. O *Cirurgião* está falando comigo.

— Você deve ter deixado ele puto dentro das calças — exclamou Canady, brandindo o controle remoto em direção à tela. — Olhe para isso. É como se ele estivesse dizendo “Vá tomar”.

— Ou “a gente se vê uma hora dessas” — acrescentou baixinho Arlen.

As palavras de Arlen fizeram um arrepio correr pela espinha de Rizzoli.

*Sim, eu sei que a gente se vê uma hora dessas. Apenas não sei quando ou onde.*

Canady apertou *play*, e a fita continuou. Eles observaram Hoyt abaixar a mão e se virar novamente para a saída. Enquanto ele se afastava, Rizzoli concentrou-se no embrulho que ele levava debaixo do braço.

— Pare novamente.

Canady apertou *pause*.

Rizzoli inclinou-se para a frente e tocou a tela.

— O que é isso que ele está carregando? Parece uma toalha embolada.

— E é — disse Canady.

— Por que ele sairia com uma toalha?

— Não é a toalha. É o que está dentro dela.

Ela franziu o cenho, pensando no que acabara de ver na sala de cirurgia no andar de cima. Lembrou da bandeja vazia ao lado da mesa.

Ela olhou para Arlen.

— Instrumentos — concluiu ela. — Ele levou instrumentos cirúrgicos.

Arlen confirmou com a cabeça.

— Um conjunto de laparotomia sumiu da sala.

— Laparotomia? O que é isso?

— É o termo médico para cortar o abdômen de alguém — explicou Canady.

Na tela, Hoyt sumira da porta de saída e agora eles viam apenas um corredor vazio, uma porta fechada. Canady desligou a tevê e se virou para ela.

— Parece que seu garoto está ansioso por voltar ao trabalho.

O toque de seu celular fez Rizzoli pular de susto. Ela sentiu seu coração bater forte enquanto pegava o telefone. Como os dois homens estavam olhando para ela, a detetive levantou da cadeira e virou-se para a janela antes de atender ao telefonema.

Era Gabriel Dean.

— Está ciente de que o antropólogo forense marcou de nos encontrar às três da tarde?

Rizzoli olhou o relógio.

— Chegarei a tempo. — Ou quase.

— Onde você está?

— Olha, eu estarei lá, certo? — Ela desligou.

Olhando para a janela, Rizzoli respirou fundo. Eu não vou suportar, pensou. Dois monstros estão me puxando, cada um para um lado, e estou quase arrebentando...

— Detetive Rizzoli? — chamou Canady.

Ela se virou para ele.

— Sinto muito. Terei de voltar para a cidade. Por favor, telefone para mim no instante em que souber a respeito de Hoyt.

Ele fez que sim com a cabeça e sorriu.

— Nós achamos que isso não vai demorar muito.

A última pessoa no mundo com quem Rizzoli estava com vontade de falar era Dean, mas, ao entrar no estacionamento do instituto médico-legal, viu-o saltar de seu carro. Rapidamente ocupou uma vaga e desligou o motor, pensando que, se simplesmente esperasse alguns minutos, Dean entraria primeiro no edifício, e ela evitaria uma conversa desnecessária com ele. Infelizmente, Dean já vira Rizzoli e

ficou parado no estacionamento, um obstáculo inevitável. Ela não tinha escolha senão falar com ele.

Rizzoli saiu para o calor escaldante e caminhou até ele, num ritmo de quem não tem um segundo a perder.

— Você não voltou para a reunião desta manhã — comentou Gabriel Dean.

— Marquette me chamou ao escritório dele.

— Ele me contou.

Ela parou e olhou para ele.

— Contou o quê?

— Que um dos seus antigos criminosos escapou.

— Foi isso mesmo.

— E que você ficou toda abalada com isso.

— Marquette também lhe disse isso?

— Não, mas como você não voltou para a reunião, considerei que você estava abalada.

— Outros assuntos exigiram minha atenção. — Ela começou a caminhar para o prédio.

— Você é a investigadora-chefe deste caso, detetive Rizzoli — gritou Dean atrás dela.

Ela parou e se virou para ele.

— Por que você acha que precisa me lembrar disso?

Dean caminhou lentamente até ela, até estar perto o suficiente para ser intimidador. Talvez essa fosse sua intenção. Eles agora estavam cara a cara, e embora Rizzoli jamais fosse recuar, não teve como evitar que seu rosto enrubescesse. Não foi apenas a superioridade física de Dean que a fez sentir-se ameaçada; foi sua compreensão repentina de que ele era um homem desejável — uma reação profundamente perversa, à luz de sua raiva. Rizzoli tentou sufocar a atração, mas ela já havia fincado suas garras e não estava disposta a largá-la.

— Este caso requer sua atenção plena — esclareceu Dean. — Olhe, eu compreendo que você está abalada com a fuga de Warren Hoyt. Isso é suficiente para mexer com os nervos de qualquer tira. É suficiente para abalar seu equilíbrio...

— Você mal me conhece. Não tente me analisar.

— Só estou conjecturando se você está se sentindo concentrada o bastante para liderar esta investigação. Ou se vai permitir que outros assuntos interfiram nela.

Rizzoli conseguiu manter sua têmpera. Conseguiu perguntar, num tom absolutamente calmo:

— Você sabe quantas pessoas Hoyt matou esta manhã? Três, agente Dean, três. Um homem e duas mulheres. Ele cortou suas gargantas e foi embora, simples assim. Do jeito que ele sempre faz. — Ela levantou as mãos, e ele olhou para suas cicatrizes. — Estas são as lembranças que ele me deixou no ano passado, quando se preparava para cortar minha garganta. — Rizzoli deixou cair as mãos e riu. — Sim, você tem toda razão. Eu tenho questões pendentes com ele.

— Você também tem um trabalho a fazer. Bem aqui.

— E estou fazendo.

— Você tem sido distraída por Hoyt. Tem permitido que ele atrapalhe você.

— A única coisa que tem me atrapalhado é *você*. Eu nem sei o que você está fazendo aqui.

— Cooperação entre agências. Não é esse o termo?

— Eu sou a única que está cooperando. O que você me deu em troca?

— O que você espera?

— Você poderia começar me dizendo por que o FBI está envolvido. Vocês nunca se intrometeram em um caso meu antes. O que torna os Yeagers diferentes? O que você sabe sobre eles que eu não sei?

— Eu sei tanto quanto você sobre os Yeagers — garantiu o agente Dean.

Seria verdade? Ela não sabia. Ela não podia ler este homem. Agora a atração sexual somara-se à sua confusão, embaralhando todas as mensagens trocadas entre eles.

Gabriel Dean olhou seu relógio.

— Passam das três. Eles estão à nossa espera.

Ele começou a caminhar para o prédio, mas ela não o seguiu imediatamente. Durante um momento ela ficou parada sozinha no estacionamento, abalada por sua reação a Dean. Finalmente respirou fundo e caminhou até o necrotério, preparando-se para mais uma visita aos mortos.

Pelo menos este cadáver não revirou seu estômago. O fedor putrefato que deixara-a enjoada durante a autópsia de Gail Yeager estava ausente deste segundo conjunto de restos mortais. Mesmo assim, Korsak tomara suas precauções usuais e mais uma vez passara Vick debaixo do nariz. Apenas alguns pedaços de tecido conjuntivo ainda aderiam aos ossos, e embora o cheiro fosse certamente desagradável, pelo menos não mandou Rizzoli correndo até a pia. Estava determinada a não repetir sua atuação constrangedora da última noite, especialmente com Gabriel Dean agora parado bem à sua frente, capaz de observar cada tremor em seu rosto. Rizzoli manteve uma fachada estóica enquanto a Dra. Isles e o antropólogo forense, Dr. Carlos Pepe, deslacravam a caixa e removiam cuidadosamente os restos de esqueleto, que foram dispostos na mesa de autópsias coberta por um lençol.

Sessenta anos de idade e curvado como um gnomo, o Dr. Pepe pareceu alegre como uma criança ao manusear o conteúdo da caixa, olhando para cada item como se fosse de ouro. Enquanto Rizzoli via apenas uma coleção aleatória de ossos manchados de

terra, tão despersonalizados quanto galhos de árvore, o Dr. Pepe via rádios, ulnas e clavículas, ossos que identificou eficientemente para em seguida dispô-los em posição anatômica. Costelas e osso esterno desarticulados martelaram o aço inoxidável coberto pelo pano. Vértebras, duas delas fundidas cirurgicamente, formavam uma cadeia nodosa a partir do centro da mesa, descendo até o anel oco da pelve, em forma de uma coroa macabra. Ossos do braço formaram membros finos que terminaram em aglomerados de coisas que pareciam seixos sujos, mas eram na verdade os ossinhos que concedem às mãos humanas sua versatilidade tão miraculosa. Imediatamente óbvia era a evidência de um antigo ferimento: pinos cirúrgicos de aço no osso esquerdo da coxa. Na cabeceira da mesa do Dr. Pepe repousavam o crânio e a mandíbula desarticulada. Dentes de ouro reluziram através da terra esmagada. Todos os ossos agora estavam dispostos na mesa.

Mas a caixa ainda não estava vazia.

O Dr. Pepe virou a caixa, derramando o restante do conteúdo numa bandeja coberta por um pano. Uma chuva de terra, folhas e nacos de cabelo pintado em castanho caíram na bandeja. Direcionou a lâmpada de exame para a bandeja; com um par de pinças, começou a catar coisas na terra. Dentro de segundos encontrou o que vinha procurando: uma pepita pequena e preta, na forma de um grão de arroz gordo.

— *Puparium.* — disse ele. — Freqüentemente confundida com fezes de rato.

— É exatamente o que eu teria dito: cocô de rato — admitiu Korsak.

— Há muito disso aqui. Você apenas precisa saber o que está procurando. — O Dr. Pepe catou mais alguns grãos pretos e pousou-os numa pequena pilha. — Espécie *calliphoridae.*

— Como é? — perguntou Korsak.

— Moscas varejeiras — informou Gabriel Dean.

O Dr. Pepe concordou com a cabeça.

— Estes são os casulos nos quais as larvas das varejeiras se desenvolvem. Emergem deles como moscas adultas. — Moveu a lente de aumento sobre a pupa. — Todas estas eclodiram.

— Como assim, eclodiram? — indagou Rizzoli.

— Significa que estão vazias. As moscas desabrocharam.

— Qual é o tempo de desenvolvimento para a *calliphoridae* nesta região?

— Nesta época do ano, cerca de 35 dias. Mas está vendo como essas duas pupas diferem em cor? Pertencem à mesma espécie, mas esta pupa teve mais exposição aos elementos.

— Duas gerações diferentes — comentou Isles.

— Esse seria meu palpite. Estou interessado em ouvir o que o entomologista terá a dizer.

— Se cada geração leva 35 dias para amadurecer, isso significa que estamos falando sobre 70 dias de exposição? — disse Rizzoli. — É o tempo que a vítima esteve jogada lá?

O Dr. Pepe olhou para os ossos na mesa.

— O que estou vendo não é inconsistente com um intervalo *post mortem* de dois meses de verão.

— Não pode ser mais específico?

— Não com restos esqueletizados. Este indivíduo pode ter jazido naquele bosque durante dois meses. Ou seis meses.

Rizzoli viu Korsak revirar os olhos, até aqui nada impressionado com o especialista em ossos.

Mas o Dr. Pepe estava apenas começando. Ele voltou sua atenção para os restos mortais na mesa.

— Um único indivíduo, fêmea — prosseguiu ele, observando a disposição dos ossos. — Pequena... não devia medir muito mais que 1,52m. Fraturas curadas são óbvias. Temos uma antiga fratura femoral, tratada com parafuso cirúrgico.

— Parece um parafuso Steinman — observou Isles. Ela apontou a espinha lombar. — E ela teve uma fusão cirúrgica de L-2 com L-3.

— Lesões múltiplas? — indagou Rizzoli.

— Esta vítima sofreu um grande evento traumático.

O Dr. Pepe prosseguiu seu inventário:

— Duas costelas esquerdas estão faltando, assim como... — Ele remexeu a coleção de pequeninos ossos das mãos. — ...três carpais e a maioria das falanges da mão esquerda. Eu diria que algum necrófago deve ter fugido com um lanchinho.

— Um sanduíche de mão — disse Korsak. Ninguém riu.

— Todos os ossos longos estão presentes. Assim como todas as vértebras... — Ele fez uma pausa, olhando intrigado para os ossos do pescoço. — O hióide está faltando.

— Não conseguimos achá-lo — informou Isles.

— Vocês peneiraram?

— Sim. Eu mesma voltei ao local para procurar.

— Pode ter sido levado por um animal necrófago — conjecturou o Dr. Pepe. Ele pegou uma escápula, um dos ossos em forma de asa que ressaltam atrás do ombro. — Estão vendo estas perfurações em forma de V? Foram feitas por dentes caninos. — Ele olhou para os outros. — A cabeça estava separada do corpo?

Rizzoli respondeu:

— Estava a alguns metros do torso.

Pepe meneou a cabeça positivamente.

— Típico de cães. Para eles, uma cabeça é como uma bola grande. Um brinquedo. Eles rolam a cabeça de um canto para outro, mas não conseguem afundar seus dentes nela, do jeito que conseguem fazer com um membro ou uma garganta.

— Espere um pouco — interrompeu-o Korsak. — Estamos falando de Fifi e Totó?

— Todos os canídeos, selvagens e domésticos, comportam-se de formas similares. Até os lobos e coiotes brincam com bolas,

exatamente como Fifi e Totó. Como estes restos foram achados num parque suburbano, cercado por residências, é quase certo que cães domésticos tenham freqüentado esse bosque. Como todos os canídeos, seu instinto é de buscar carniça. Eles roem as áreas onde conseguem enfiar os dentes, as margens no sacro, os processos espinhais. As costelas e os ossos ilíacos. E, obviamente, eles comerão todos os tecidos macios que ainda restem.

Korsak estava aparvalhado.

— Minha esposa tem um terrier Highland. Juro que ele nunca mais vai lamber a minha cara.

Pepe pegou o crânio e lançou um olhar traquinas para Isles.

— Então vamos brincar com o jogo das perguntas e respostas, Dra. Isles. Qual é o seu palpite sobre isto?

— *Brincar*? — perguntou Korsak.

— Um costume da escola de medicina — explicou Isles. — Brincamos com o jogo de perguntas e respostas para testar o conhecimento de alguém. Para colocar o infeliz na berlinda.

— Tenho certeza de que você fazia isso com seus alunos de patologia na U.C. — disse Pepe.

— Sem piedade — admitiu Isles. — Estremeciam sempre que eu olhava para eles. Sabiam que tinha uma pergunta difícil chegando.

— Agora sou eu quem vai fazer a pergunta — propôs ele, levemente brincalhão. — Fale-me sobre este indivíduo.

Ela se concentrou nos restos mortais.

— Incisivos, formato do palato e comprimento do crânio consistentes com a raça caucasóide. O crânio é pequeno, com sulcos supra-orbitários mínimos. E também temos a pélvis. O formato da entrada, o ângulo do púbis. É uma fêmea caucasiana.

— Idade?

— Há uma fusão incompleta da epífise da crista ilíaca. Nenhuma mudança artrítica na espinha. Um indivíduo jovem do sexo feminino.

— Concordo. — O Dr. Pepe pegou a mandíbula. — Três coroas de ouro — comentou. — E diversas restaurações com amálgamas. Temos raios X?

— Yoshima tirou esta manhã. Estão na caixa de luz.

Pepe caminhou até a caixa para examinar as chapas.

— Ela fez dois canais de raiz — disse apontando para a mandíbula. — Parecem obturações de guta-percha. E veja só isto. Vê como as raízes do 7 até 10 e 22 até 27 são curtas e rombudas? Houve movimento ortodôntico.

— Eu não tinha notado isso.

Pepe sorriu.

— Fico feliz em saber que ainda há alguma coisa para ensinar a você, Dra. Isles. Você estava começando a me fazer sentir supérfluo.

— Então estamos falando sobre alguém com meios para pagar tratamento dentário — sugeriu o agente Dean.

— Tratamento dentário caríssimo — acrescentou Pepe.

Rizzoli pensou em Gail Yeager e seus dentes perfeitos. Muito depois que o coração parava de bater, muito depois que a carne se decompunha, era a condição dos dentes que distinguia os ricos dos pobres. As pessoas que penavam para pagar o aluguel faziam de conta que não sentiam o molar dolorido, ou uma leve maloclusão. As características desta vítima começavam a parecer terrivelmente familiares.

*Fêmea jovem. Branca. Boa condição social.*

Pepe pousou a mandíbula na mesa e voltou sua atenção para o tronco. Durante um momento estudou a caixa de costelas e o osso esterno. Pegou uma costela desarticulada, arqueou-a em direção ao esterno e estudou o ângulo composto pelos dois ossos.

— *Pectus excavatum* — disse ele.

Pela primeira vez, Isles pareceu desanimada.

— Não tinha notado.

— E quanto às tíbias?

Imediatamente Isles caminhou até a outra extremidade da mesa e pegou um dos ossos longos. Olhou para ele, cenho franzindo cada vez mais. Finalmente pegou o osso par do outro membro e colocou ambos lado a lado.

— *Genu varum* bilateral — balbuciou ela, agora parecendo muito perturbada. — Talvez quinze graus. Não sei como deixei passar isso.

— Você estava concentrada na fratura. O pino cirúrgico estava bem na sua cara. E esta é uma condição muito rara hoje em dia. É preciso ser um velho como eu para reconhecê-la.

— Isso não é desculpa. Eu devia ter notado isso imediatamente. — Isles ficou calada por um momento, seu olhar envergonhado correndo entre os ossos da perna e o peito. — Isto não faz sentido. Não é consistente com o tratamento dentário. É como se estivéssemos lidando com dois indivíduos diferentes aqui.

Korsak resolveu interrompê-los.

— Vocês se importam de explicar sobre o que estão falando? O que não faz sentido?

— Este indivíduo possuía uma condição conhecida como *genu varum* — elucidou Dr. Pepe. — Vulgarmente conhecida como pernas arqueadas. Suas tíbias eram curvadas em cerca de quinze graus. Esse é o dobro da curvatura normal para uma tíbia.

— E por que tanto rebuliço? Muita gente tem perna arqueada.

— Não são apenas as pernas arqueadas — continuou Isles. — É também o peito. Olhe o ângulo que as costelas fazem com o esterno. Ela tem *pectus excavatum*, ou peito afunilado. Osso anormal e formação de cartilagem fizeram o esterno... o osso do peito... afundar. Se a condição for severa, pode causar dificuldade de respirar, problemas cardíacos. Neste caso era uma condição leve, e provavelmente não provocou sintomas. A condição seria principalmente cosmética.

— E se deve à formação anormal do osso? — perguntou Rizzoli.

— Sim. Um defeito no metabolismo ósseo.

— De que tipo de doença estamos falando?

Isles hesitou e olhou para o Dr. Pepe.

— Ela é de estatura *baixa*.

— Qual é a estimativa Trotter-Gleiser?

Isles pegou uma fita de medir e esticou-a sobre o fêmur e a tíbia.

— Eu diria cerca de 1,54m.

— Então temos *pectus excavatum. Genu varum* bilateral. Estatura baixa. — Ele meneou a cabeça. — É fortemente sugestivo.

Isles olhou para Rizzoli.

— Ela teve raquitismo quando criança.

Era uma palavra estranha, *raquitismo*. Para Rizzoli conjurava visões de crianças descalças em barracos, bebês chorando e pobreza absoluta. Uma época diferente, colorida em sépia. *Raquitismo* não era uma palavra que combinasse com uma mulher com três coroas de ouro e dentes corrigidos por um dentista.

Gabriel Dean também percebera essa contradição.

— Eu achava que raquitismo era causado por subnutrição.

— E é — respondeu Isles. — Carência de vitamina D. A maioria das crianças obtém um suprimento adequado de D do leite ou da luz do sol. Mas se a criança for subnutrida, e mantida dentro de casa, será deficiente dessa vitamina. E isso afeta o metabolismo do cálcio e o desenvolvimento ósseo. — Fez uma pausa. — Eu pessoalmente nunca vi um caso desses antes.

— Venha comigo escavar um dia desses — sugeriu o Dr. Pepe. — Vou lhe mostrar muitos casos do século passado. Escandinávia. Norte da Rússia...

— Mas hoje? Nos Estados Unidos? — perguntou Dean.

Pepe fez que não com a cabeça.

— Muito incomum. A julgar pelas deformidades ósseas, bem como por sua baixa estatura, eu diria que este indivíduo viveu em

circunstâncias de pobreza extrema. Pelo menos durante sua adolescência.

— Isso não é consistente com os trabalhos dentários.

— Não. Foi por causa disso que a Dra. Isles disse que estamos lidando com dois indivíduos diferentes.

A criança e o adulto, pensou Rizzoli. Lembrou de sua própria infância em Revere, sua família apertada numa pequena casa alugada, um lugar tão pequeno que para desfrutar de alguma privacidade Rizzoli precisava engatinhar até o seu espaço secreto debaixo do portão da frente. Lembrou do breve período depois que seu pai foi demitido, dos sussurros amedrontados vindos do quarto dos pais, das refeições de milho em lata e sopa de batata. Os tempos ruins não haviam durado muito. Um ano depois seu pai voltara a trabalhar e havia carne novamente na mesa. Mas um flerte com a pobreza deixa sua marca, na mente se não no corpo, e todos os três filhos do casal Rizzoli escolheram carreiras com rendas estáveis, embora não espetaculares: Jane na polícia, Frankie no Corpo de Fuzileiros Navais e Mikey no correio dos Estados Unidos, todos lutando para escapar das inseguranças da infância.

Ela olhou para o esqueleto na mesa e disse:

— Da miséria para a riqueza. Isso acontece.

— Parece uma história de Charles Dickens — disse Dean.

— É mesmo — disse Korsak. — Aquele moleque, o pequeno Tim.

— O pequeno Tim sofria de raquitismo — concordou a Dra. Isles.

— E depois viveu feliz para sempre, porque o velho Scrooge deve ter deixado dinheiro às pencas para ele — disse Korsak.

*Mas você não viveu feliz para sempre*, pensou Rizzoli, olhando para os restos. Isto não era mais uma triste coleção de ossos, mas uma mulher cuja vida começava a tomar forma em sua mente. Viu uma criança com pernas curvadas e peito afundado, crescendo em meio à pobreza. Viu essa criança passando para a adolescência,

usando blusas com botões que não combinavam entre si, o tecido transparente de tão gasto. Mesmo nessa época, será que havia alguma coisa diferente, alguma coisa especial nesta garota? Um brilho de determinação em seus olhos, um jeito de empinar o nariz que anunciava que ela estava destinada a uma vida melhor que aquela na qual nascera?

Porque a mulher que ela se tornou vivia num mundo diferente, onde o dinheiro comprava dentes corretos e coroas de ouro. Ela havia ascendido para circunstâncias mais confortáveis devido à boa sorte, trabalho duro, ou talvez a atenção do homem certo. Mas a pobreza ainda estava esculpida em seus ossos, no arqueamento de suas pernas, na depressão em seu peito.

Havia evidências de dor também, um evento catastrófico que estilhaçara sua perna esquerda e sua espinha, deixando-a com duas vértebras fundidas e uma barra de metal embutida eternamente no osso de sua coxa.

— A julgar pela quantidade de trabalhos dentários e por sua provável condição socioeconômica, esta é uma mulher cuja ausência seria notada — comentou a Dra. Isles. — Ela está morta há pelo menos dois meses. Há chances de que esteja no banco de dados do FBI.

— Sim, ela e cerca de cem mil outras — completou Korsak.

O centro nacional de informação de crimes do FBI mantinha um arquivo de pessoas perdidas, que podiam ser comparadas com restos não identificados para produzir uma lista de combinações possíveis.

— Não temos nada local? — indagou Pepe. — Nenhum caso de pessoa desaparecida que possa combinar com este indivíduo?

Rizzoli balançou a cabeça:

— Não no estado de Massachusetts.

Por mais exausta que estivesse, Rizzoli não conseguiu dormir naquela noite. Levantou uma vez da cama para conferir as trancas em sua porta e o ferrolho na janela que conduzia à escada de incêndio. Então, uma hora depois, ouviu um ruído e imaginou Warren Hoyt caminhando pelo corredor até seu quarto, bisturi em punho. Rizzoli pegou sua arma na mesinha-de-cabeceira e acocorou-se em meio à escuridão. Encharcada em suor, aguardou, pistola posicionada, que a silhueta se materializasse no vão de sua porta.

Ela não viu nada, não ouviu nada, exceto o tamborilar do seu próprio coração e a música de um carro que passava na rua abaixo.

Finalmente ela saiu para o corredor e acendeu as luzes.

Nenhum intruso.

Ela passou para a sala de estar, acendeu outra luz. Numa olhada rápida viu a corrente da porta no lugar, a janela da escada bem fechada. Ficou parada olhando para uma sala que estava exatamente como ela havia deixado e pensou: estou enlouquecendo.

Largou-se no sofá, pousou a arma no piso e afundou o rosto nas mãos, desejando arrancar de seu cérebro todas as suas lembranças de Warren Hoyt. Mas ele sempre estava lá, como um tumor que não pudesse ser extirpado, recidivando a cada momento de sua vida. Na cama, ela não pensava mais em Gail Yeager ou na mulher não-identificada cujos ossos acabara de examinar. Nem pensava no homem do avião, cujo arquivo continuava em sua mesa de trabalho, fitando-a em silenciosa censura por sua negligência. Tantos nomes e relatórios demandavam sua atenção, mas quando ela se deitava à noite e fixava os olhos no escuro, só a imagem de Warren Hoyt vinha à mente.

O telefone tocou. Ela levantou num susto, coração batendo acelerado. Precisou respirar um pouco para se acalmar o bastante para pegar o fone.

— Rizzoli? — disse Thomas Moore.

Não era uma voz que Rizzoli esperasse ouvir, e foi pega de guarda baixa ao perceber a saudade que sentia desse homem. Há apenas um ano, ela e Moore haviam trabalhado juntos como parceiros durante o caso do *Cirurgião*. Embora seu relacionamento jamais tivesse ultrapassado o de dois colegas, eles haviam confiado um ao outro suas vidas, e sob alguns aspectos esse era um nível de intimidade tão profundo quanto qualquer casamento poderia ser. Ouvir sua voz agora fez Rizzoli perceber a falta que Moore fazia em sua vida. E o quanto ele a havia magoado ao casar-se com Catherine.

— Oi, Moore — exclamou ela, sua resposta casual não revelando nenhuma de suas emoções. — Que horas são aí?

— Quase cinco. Sinto muito por ligar para você a uma hora dessas. Eu não queria que Catherine me ouvisse.

— Não tem problema. Ainda estou acordada.

Uma pausa.

— Você também está tendo dificuldade para dormir. — Não uma pergunta, mas uma declaração. Ele sabia que o mesmo fantasma estava assustando a ambos.

— Marquette ligou para você? — perguntou Rizzoli.

— Sim. Eu estava torcendo que a esta altura...

— Nada. Faz quase 24 horas, e nem fumaça do homem.

— Então a pista esfriou.

— Para início de conversa, nunca houve pista. Ele mata três pessoas na sala de cirurgia, vira o homem invisível e sai do hospital como qualquer pessoa. O departamento de polícia de Fitchburg e a Polícia Estadual reviraram a região inteira, montaram bloqueios nas estradas. A cara dele foi exibida em todos os telejornais. E nada.

— Há um lugar para onde ele seria atraído. Uma pessoa...

— O seu prédio já está cercado. Se Hoyt chegar perto dele, nós o pegamos.

Seguiu-se um longo silêncio. Então Moore disse em voz baixa:

— Não posso levá-la para casa. Estou mantendo ela aqui, onde sei que está segura.

Rizzoli percebeu o medo na voz de Moore. Não era medo por si mesmo mas por sua esposa, e ela se perguntou, com uma pitada de inveja: Qual deve ser a sensação de ser tão amada?

— Catherine sabe que ele está à solta?

— Sim. Contei a ela.

— Como ela reagiu?

— Melhor que eu. Na pior das hipóteses, está tentando acalmar a *mim*.

— Moore, ela já enfrentou o pior. Já o derrotou duas vezes. Provou que é mais forte que ele.

— Ela *pensa* que é mais forte. É aí que as coisas ficam perigosas.

— Bem, ela tem você agora. — *E eu tenho apenas a mim mesma*. Como sempre tinha sido e como provavelmente sempre seria.

Ele deve ter percebido a preocupação na voz de Rizzoli, porque disse:

— Isto deve estar sendo um inferno para você também.

— Estou bem.

— Então você está lidando com a situação melhor que eu.

Ela riu, um som alegre e agudo que era todo fingimento.

— Como se eu tivesse tempo para me preocupar com Hoyt. Estou liderando uma investigação. Encontramos um corpo desovado na reserva de Stony Brook.

— Quantas vítimas?

— Duas mulheres, mais um homem que ele matou durante o seqüestro. É outro dos ruins, Moore. Você sabe que o assassino é ruim quando Zucker lhe dá um apelido. Estamos chamando este de o *Dominador*.

— Por que o *Dominador*?

— Parece que é isso que o excita. Exercício de poder. Controle absoluto sobre o marido. Monstros e seus rituais doentios.

— Isso parece uma reprise do verão passado.

*Só que desta vez você não está aqui para cuidar de mim. Tem outras prioridades*.

— Algum progresso? — perguntou ele.

— Lento. Estamos lidando com jurisdições múltiplas. E há gente demais investigando. O departamento de polícia de Newton está no caso e, escuta só esta, a porra do FBI resolveu meter o nariz na história.

— Hein?

— Um federal chamado Gabriel Dean. Ele diz que é um *consultor*, mas se comporta como se fosse o dono do caso. Já viu isso acontecer antes?

— Nunca. — Uma pausa. — Alguma coisa está errada, Rizzoli.

— Eu sei.

— O que Marquette disse?

— Ele rolou e fingiu de morto, porque o gabinete do comissário de polícia ordenou que ele cooperasse.

— Qual é a história de Dean?

— É defensor do ditado de que em boca fechada não entra mosca. Ele te olha como quem diz “se eu te contar, terei de te matar”. — Ela parou, lembrando do olhar de Dean, de seus olhos penetrantes como dardos de vidro azul. Sim, ela podia imaginá-lo apertando um gatilho sem pestanejar. — Em todo caso, Warren Hoyt não é a minha principal preocupação agora.

— Mas é a minha — redargüiu Moore.

— Se eu souber qualquer coisa, você será o primeiro para quem eu vou ligar.

Ela desligou o telefone e, no silêncio, a petulância que ela sentira enquanto falava com Moore esvaneceu por completo. Mais

uma vez Rizzoli estava sozinha com seus temores, sentada num apartamento com porta e janelas trancadas, e apenas uma arma por companhia.

Talvez você seja a minha melhor amiga, pensou Rizzoli. Pegou a arma e a levou de volta para o quarto.

# 9

— O agente Dean veio me procurar esta manhã — notou o tenente Marquette. — Ele tem dúvidas a seu respeito.

— Então os sentimentos são mútuos — retrucou Rizzoli.

— Ele não está questionando suas habilidades. Ele considera você uma excelente policial.

— Mas?

— Ele não tem certeza se você é a detetive certa para liderar este caso.

Rizzoli não disse nada por um momento; apenas ficou sentada, bem calma, olhando para a mesa de Marquette. Quando Marquette chamara-a ao seu escritório esta manhã, Rizzoli já previra qual seria o assunto. Entrara determinada a manter controle absoluto sobre suas emoções, a não oferecer-lhe nenhum vislumbre do que ele estava esperando: um sinal de que ela estava descontrolada, necessitando ser substituída.

Quando Rizzoli falou, foi num tom de voz baixo e razoável.

— Quais são as preocupações dele?

— Que você esteja distraída. Que tenha questões não resolvidas relacionadas a Warren Hoyt. Que não tenha se recuperado plenamente do caso do *Cirurgião*.

— O que ele quis dizer com eu não ter me recuperado? — perguntou, sabendo exatamente o que isso queria dizer.

Marquette hesitou.

— Meu Deus, Rizzoli, isso não é fácil de dizer. Você sabe que não é.

— Eu prefiro que o senhor diga.

— Ele acha que você está instável, Rizzoli. Pronto, eu disse.

— E o senhor, tenente? O que acha?

— Acho que você já estava com um fardo pesado demais nos ombros. Acho que a fuga de Hoyt somou um peso que você não vai conseguir carregar.

— Acha que eu estou instável?

— O Dr. Zucker também expressou algumas preocupações. Você não se submeteu à análise no outono passado.

— Nunca recebi ordens para fazer isso.

— É só assim que você faz as coisas? Se alguém mandar?

— Não senti necessidade de fazer análise.

— Zucker acha que você ainda não se livrou do *Cirurgião*. Acha que você vê Warren Hoyt em cada esquina. Como você pode liderar esta investigação se ainda está revivendo a última?

— Eu realmente gostaria de ouvir isso do senhor, tenente. O senhor acha que estou instável?

Marquette suspirou.

— Não sei. Mas quando o agente Dean entra aqui e expressa suas preocupações, eu escuto.

— Eu não acredito que o agente Dean seja uma fonte inteiramente confiável.

Marquette fez uma pausa. Ele se inclinou para a frente com preocupação estampada na testa.

— Essa é uma acusação grave.

— Não mais grave do que a acusação que ele está dirigindo a mim.

— Você tem alguma prova?

— Hoje de manhã telefonei para o escritório do FBI em Boston.

— E...?

— Eles não conhecem nenhum agente Gabriel Dean.

Marquette recostou-se em sua cadeira e fitou Rizzoli por um momento, sem dizer nada.

— Ele veio para cá direto de Washington — continuou Rizzoli. — O escritório de Boston não teve nada a ver com isso. Não é assim que eles costumam trabalhar. Quando pedimos um perfil criminal ao FBI, esse pedido sempre passa pelo coordenador de divisão de campo deles. Isto não passou pela divisão de campo de Boston. Veio direto de Washington. Por que o FBI está metendo o nariz na minha investigação? E o que Washington tem a ver com isso?

Marquette ainda não disse nada.

Rizzoli continuou a pressioná-lo, sua frustração aumentando, seu controle começando a ruir.

— Você me disse que a ordem de cooperar veio através do comissário de polícia.

— Sim, veio.

— Quem no FBI contatou o gabinete do comissário? Com que parte da agência nós estamos lidando?

Marquette fez que não com a cabeça.

— Não foi o FBI.

— O quê?

— O pedido não veio do FBI. Falei com o gabinete do comissário na semana passada, no dia em que Dean apareceu aqui. Fiz a eles essa mesma pergunta.

— E?

— Eu prometi a eles que manteria isto confidencial. Espero o mesmo de você. — Marquette só prosseguiu depois que Rizzoli havia balançado a cabeça positivamente. — O pedido veio do gabinete do senador Conway.

Rizzoli fitou Marquette estupefata.

— E o que o nosso senador tem a ver com tudo isto?

— Eu não sei.

— O gabinete do comissário não disse ao senhor?

— Talvez eles também não saibam. Mas esse não é um pedido que eles pudessem negar, não vindo diretamente de Conway. E ele não estava pedindo mundos e fundos. Queria apenas cooperação entre agências. Fazemos isso o tempo todo.

Rizzoli inclinou-se para a frente e disse, bem baixo:

— Há alguma coisa errada, tenente. Você sabe disso. Dean não está jogando limpo com a gente.

— Não chamei você aqui para falar sobre Dean. Estamos falando de você.

— Mas é na palavra dele que você está confiando. O FBI agora dita ordens para a polícia de Boston?

O comentário pareceu pegar Marquette de surpresa. Ele se empertigou abruptamente, olhos fixos em Rizzoli. Ela finalmente atingira o nervo certo. *O FBI contra nós. É realmente você quem está dando as ordens?*

— Muito bem — disse Marquette. — Nós conversamos. Você ouviu. Isso está bom para mim.

— Para mim também. — Ela se levantou.

— Mas vou ficar de olho em você, Rizzoli.

Ela deu de ombros:

— E qual é a novidade?

— Encontrei algumas fibras interessantes — anunciou Erin Volchko. — Elas foram capturadas com fita adesiva na pele de Gail Yeager.

— Mais tapete azul-marinho? — indagou Rizzoli.

— Não. Para ser honesta, eu não faço a menor idéia do que são estas coisas.

Não era comum ver Erin admitir que estava desnorteada. Isso já bastou para despertar o interesse de Rizzoli pela lâmina que estava agora sob a lente do microscópio. Ela viu um único fio escuro.

— Estamos olhando para uma fibra sintética, cuja cor eu caracterizaria como verde-oliva. Tendo por base seus índices de refração, este é o nosso velho amigo náilon Dupont, tipo seis ponto seis.

— Como as fibras de tapete azul-marinho.

— Sim. Náilon seis ponto seis é uma fibra muito popular devido à sua força e elasticidade. Podemos encontrá-lo numa grande variedade de tecidos.

— Você disse que isto foi retirado da pele de Gail Yeager?

— Essas fibras foram encontradas presas aos seus quadris, seios e um ombro.

— Um lençol? — disse Rizzoli, intrigada. — Alguma coisa que ele tenha usado para envolver o corpo dela?

— Sim, mas não um lençol. Náilon não seria apropriado para esse uso, devido à sua baixa absorvência de umidade. Além disso, esses fios em particular são feitos de filamentos extremamente finos, dez filamentos para compor cada fio. E o fio é mais fino que um cabelo humano. Este tipo de fibra produziria um produto acabado que seria muito denso. Talvez à prova de mau tempo.

— Uma tenda? Uma lona impermeável?

— É possível. Esse é o tipo de tecido que poderia ser usado para embrulhar um cadáver.

Rizzoli teve uma visão bizarra de lonas embrulhadas expostas nos corredores de uma Wal-Mart, com os usos sugeridos pelos

fabricantes impressos nos rótulos: PERFEITO PARA ACAMPAR, PROTEGER CONTRA O CLIMA E EMBRULHAR CADÁVERES.

— Se é apenas uma lona, estamos lidando com uma peça de tecido muito genérica — objetou Rizzoli.

— Vamos, detetive. Eu a chamaria até aqui apenas para lhe mostrar uma fibra perfeitamente genérica?

— Mas não é?

— Na verdade, ela é muito interessante.

— O que há de interessante numa lona de náilon?

Erin pegou uma pasta na mesa do laboratório e retirou um gráfico gerado por computador, no qual uma linha traçava uma silhueta de picos denteados.

— Fiz uma análise RTA dessas fibras. Foi isto o que descobri.

— RTA?

— Reflexão Total Atenuada. Com microscopia infravermelha para examinar fibras individuais. A radiação infravermelha é focada na fibra, e nós lemos o espectro de luz que é rebatido. Este gráfico mostra as características de infravermelho da fibra em si. Ele simplesmente confirma que é náilon seis ponto seis, como eu lhe disse antes.

— Nenhuma surpresa.

— Ainda não — gracejou Erin, um sorriso matreiro surgindo em seus lábios. Ela tirou um segundo gráfico da pasta e o pousou ao lado do primeiro. — Aqui você vê o percurso de infravermelho da mesmíssima fibra. Nota alguma coisa?

Rizzoli olhou de um para o outro.

— São diferentes.

— Sim.

— Mas se esses exames foram feitos na mesma fibra, os gráficos deveriam ser idênticos.

— Para este segundo gráfico, eu alterei o plano de imagem. Esta RTA é o reflexo da *superfície* da fibra. Não do âmago.

— Então a superfície e o âmago são diferentes.

— Isso mesmo.

— Duas fibras diferentes entrelaçadas?

— Não. É uma fibra sintética. Mas a superfície do tecido sofreu um tratamento. É isso o que a segunda RTA está captando: os elementos químicos na superfície. Submeti a fibra ao cromatógrafo, e ela parece ser baseada em silicone. Depois que as fibras foram trançadas e tingidas, uma camada de silicone foi aplicada ao tecido terminado.

— Por quê?

— Não tenho certeza. Para torná-lo à prova d'água? Ou mais resistente ao esgarçamento? Deve ter sido um processo caro. Creio que este tecido tenha algum propósito muito específico. Apenas não sei qual é.

Rizzoli curvou-se para trás na banqueta do laboratório.

— Encontre o tecido e encontraremos o assassino — concluiu ela.

— Sim. Ao contrário do tapete azul genérico, este tecido é único.

As toalhas com monograma foram postas sobre a mesinha de café para que todos os convidados da festa pudessem ver, as letras AR, de Angela Rizzoli, bordadas em floreios barrocos. Jane escolhera-os em cor-de-pêssego, a favorita de sua mãe, e pagara um adicional pelo embrulho luxuoso, com um laço cor-de-damasco fechando a caixa e prendendo um pequeno buquê de flores. A caixa fora entregue especificamente pela Federal Express, porque sua mãe associava aqueles caminhões vermelhos, brancos e azuis a embrulhos-surpresa e eventos felizes.

E a festa do aniversário de 59 anos de Angela Rizzoli deveria ser qualificada como um evento feliz. Aniversários eram acontecimentos importantes na família Rizzoli. A cada dezembro, quando Angela

comprava um calendário para o ano seguinte, a primeira coisa que fazia era folhear os meses, marcando os diversos aniversários da família. Esquecer o aniversário de alguém querido era uma grande transgressão. Esquecer o da própria *mãe* era um pecado imperdoável, e Jane sabia que não podia deixar o dia passar sem ser celebrado. Tinha sido ela quem comprara sorvete e pendurara as decorações, que enviara os convites para a dúzia de vizinhos que agora estavam reunidos na sala de estar dos Rizzolis. Era ela quem estava agora fatiando o bolo e passando os pratos de papel para os convidados. Ela cumprira seus deveres com a competência habitual, mas este ano a festa estava desanimada. E tudo por causa de Frankie.

— Alguma coisa está errada — pressentiu Angela. Ela estava sentada no sofá ladeada por seu marido e seu filho mais novo, Michael, e olhava sem alegria para os presentes dispostos em sua mesinha de café: óleo de banho e talco suficiente para mantê-la cheirosa pela próxima década. — Talvez ele esteja doente. Talvez tenha tido um acidente e ninguém me ligou ainda.

— Mamãe, Frankie está bem — acalmou-a Jane.

— Está, sim — ecoou Michael. — Talvez o tenham mandado para... como é que se chamam aqueles jogos de guerra?

— Manobras — disse Jane.

— Isso. Algum tipo de manobra. Ou talvez até esteja numa missão fora do país. Algum lugar de onde não possa nem telefonar para ninguém.

— Mike, ele é um sargento de treinamento. Não é o Rambo.

— Até o Rambo manda cartões de aniversário para a mãe — asseverou Frank pai.

Quando um silêncio repentino se instaurou, todos os convidados se inclinaram para mordidas simultâneas em suas fatias de bolo. Passaram os minutos seguintes mastigando com concentração feroz.

Foi Gracie Kaminsky, a vizinha de porta dos Rizzolis, que teve coragem de romper o silêncio.

— Este bolo está *tão* gostoso, Angela! Quem fez?

— Eu mesma — respondeu Angela. — Imagine só, ter de assar meu próprio bolo de aniversário. Mas é isso que acontece nesta família.

Jane enrubesceu como se tivesse levado um tapa. Isto era tudo culpa de Frankie. Era com ele que Angela estava realmente furiosa, mas como sempre, havia sobrado para Jane. Ela rebateu num tom calmo, razoável:

— Eu me ofereci para trazer o bolo, mamãe.

Angela deu de ombros.

— Você se ofereceu para comprar um.

— Eu não tive tempo para fazer.

Era verdade mas, puxa, foi a coisa mais errada que ela poderia ter dito. Jane soube no instante em que as palavras saíram de seus lábios. Ela viu seu irmão Mike encolher-se no sofá. Viu seu pai corar e abraçar a si mesmo.

— Não teve tempo — repetiu Angela.

Jane soltou uma risada de desespero.

— De qualquer jeito, meus bolos sempre são horríveis.

— Não teve tempo — insistiu Angela.

— Mamãe, quer um pouco de sorvete? Que tal...?

— Como você é tão *ocupada*, acho que deveria me ajoelhar e agradecer a você por pelo menos ter vindo ao *aniversário* de sua mãe.

A filha de Angela Rizzoli não disse nada; apenas ficou parada com o rosto vermelho como um pimentão, lutando para manter as lágrimas sob controle. Os convidados voltaram a devorar o bolo freneticamente, ninguém ousando olhar para ninguém.

O telefone tocou. Todos congelaram.

Finalmente Frank pai atendeu.

— Sua mãe está bem aqui — disse ele, passando o telefone sem fio para Angela.

*Meu Deus, Frankie, por que você demorou tanto?* Com um suspiro de alívio, Jane começou a recolher pratos de papel e garfos plásticos usados.

— Que presente? — disse a mãe. — Eu não recebi nenhum.

Jane estremeceu.

*Oh não, Frankie. Não tente botar a culpa em mim*.

E de repente, toda a raiva havia derretido magicamente da voz de sua mãe.

— Ah, sim, Frankie. Eu entendo, querido. Os fuzileiros fazem você trabalhar muito, não fazem?

Balançando a cabeça, Jane estava caminhando para a cozinha quando sua mãe chamou:

— Jane, ele quer falar com você.

— Com quem, comigo?

— Foi o que ele disse.

Jane pegou o telefone.

— Oi, Frankie.

— Que porra é essa, Janie? — gritou seu irmão do outro lado da linha.

— Como é?

— Você sabe muito bem do que estou falando.

Imediatamente Rizzoli saiu da sala, levando o telefone para a cozinha, e deixou a porta fechar às suas costas.

— Eu te pedi *um* favor — disse ele.

— Está falando do presente?

— Eu ligo para desejar feliz aniversário e ela me dá um esporro.

— Você não devia ter contado com o *meu* presente.

— Aposto que você está achando isso muito divertido, não está? Afinal, você deixou a mamãe puta comigo.

— Foi você quem deixou ela puta. Mas parece que já caiu nas graças dela de novo.

— E você está chateada com isso, não está?

— Eu realmente não estou nem aí, Frankie. Isso é entre você e a mamãe.

— Sim, mas você sempre está aí, falando mal de mim pelas costas. Fazendo tudo que pode para me deixar mal com ela. Nem podia ter colocado a porra do meu nome na porra do seu presente.

— O *meu* presente já tinha sido entregue.

— E acho que ia te dar muito *trabalho* comprar alguma merdinha pra mim?

— Sim, ia dar trabalho, sim. Eu não sou sua babá. Estou trabalhando 18 horas por dia.

— É, você diz isso o tempo todo. “Coitadinha de mim, trabalhando tanto que só tenho 15 minutos de sono por noite.”

— Além disso, você não me pagou pelo último presente.

— Claro que paguei.

— Não, você não pagou. — *E ainda me emputece quando ela se refere ao “abajur bonito que o Frankie me deu”*.

— Então o problema todo é dinheiro, é isso? — continuou ele.

O bipe de Rizzoli começou a tocar em seu cinto. Ela olhou para o número.

— O problema não é dinheiro. O problema é a forma como você sempre acaba se dando bem nessas situações. Você nem tenta, mas sempre consegue ficar com todo o crédito.

— Vai voltar com aquele papo de “coitadinha de mim”?

— Estou desligando, Frankie.

— Me passe de volta para a mãe.

— Primeiro preciso responder ao bipe. Você pode ligar de volta daqui a um minuto.

— Vá tomar no cu! Não vou dar outro interur...

Desligou. Parou um momento para esfriar a cabeça, e então digitou o número na tela de seu bipe.

Darren Crowe atendeu.

Ela não estava com cabeça para lidar com outro homem desagradável, e disse muito secamente:

— Rizzoli. Você me bipou.

— Puxa, já está de novo num daqueles dias?

— Pode me fazer o favor de dizer o que está acontecendo?

— Sim, nós temos um um-cinco-quatro. Beacon Hill. Sleeper e eu chegamos aqui há mais ou menos meia hora.

Ela ouviu uma risada na sala de estar de sua mãe e olhou para a porta fechada. Pensou na cena que sua mãe iria fazer se ela saísse antes de acabar a festa de aniversário.

— Você vai querer ver este — insistiu Crowe.

— Por quê?

— Vai ser óbvio quando você chegar aqui.

# 10

Chegando à varanda da frente, Rizzoli sentiu o cheiro de morte saindo pela porta aberta e parou, relutando em dar o primeiro passo para ver o que já sabia que a aguardava lá dentro. Teria preferido aguardar mais um ou dois minutos, para preparar-se, mas Darren Crowe, que abrira a porta, agora estava de pé à sua frente. Rizzoli não tinha escolha senão vestir as luvas, calçar as pantufas e seguir com o que precisava ser feito.

— Frost já chegou? — perguntou enquanto colocava as luvas.

— Há uns vinte minutos. Está lá dentro.

— Teria chegado mais cedo, mas tive de vir lá de Revere.

— O que foi fazer em Revere?

— Aniversário da mamãe.

Ele riu.

— Parece que estava muito divertido lá.

— Não pergunte.

Ela colocou a segunda pantufa e se empertigou, expressão profissional estampada no rosto. Homens como Crowe respeitavam apenas a força, e força era tudo que ela permitia que vissem.

Enquanto entravam, Rizzoli sentiu que Crowe a olhava, atento para qual seria sua reação para o que estava prestes a ver. Testando, sempre testando, aguardando pelo momento em que ela desabaria. Sabendo que, cedo ou tarde, isso iria acontecer.

Fechou a porta da frente e subitamente sentiu-se claustrofóbica, isolada do ar fresco. O fedor de morte estava mais pungente, e seus pulmões encheram-se com ele. Rizzoli não permitiu que nenhuma dessas emoções transparecessem enquanto entrava na ante-sala, notando o pé-direito de 3,5m, o antigo relógio do vovô... que não tiquetaqueava. Para Rizzoli, o bairro de Beacon Hill sempre fora a vizinhança de seus sonhos em Boston, o lugar para onde se mudaria se um dia ganhasse na loteria ou, ainda mais improvável, casasse com um bom partido. E esta tinha todas as qualidades de sua casa dos sonhos. Mas Rizzoli já estava tensa com as similitudes com a cena criminal dos Yeagers. Uma casa maravilhosa num bairro maravilhoso. Cheiro de chacina no ar.

— O sistema de segurança estava desligado — contou Crowe.

— Desabilitado?

— Não. As vítimas simplesmente não o ligaram. Talvez não soubessem como ele funcionava, porque a casa não era deles.

— De quem era a casa?

Crowe abriu um caderninho e leu.

— O proprietário é Christopher Harm, 62 anos. Operador de câmbio aposentado. Trabalha na diretoria da Boston Symphony Orchestra. Está passando o verão na França. Ele ofereceu a casa aos Ghents enquanto eles estão em turnê em Boston.

— Como assim, em turnê?

— Ambos são músicos. Chegaram há uma semana de Chicago. Karenna Ghent é pianista. Seu marido Alexander era violoncelista. Esta noite seria sua última apresentação no Symphony Hall.

Não escapou à sua atenção o fato de que Crowe se referiu ao homem no pretérito, mas não à mulher.

As pantufas de papel dos policiais farfalharam no soalho de madeira enquanto seguiam o corredor, atraídos pelo vozerio. Ao entrar na sala de estar, o corpo não foi a primeira coisa que Rizzoli viu, porque estava bloqueado de sua visão por Sleeper e Frost, de pé com as costas viradas para ela. O que viu foi, escrita nas paredes, a história de horror que já conhecia de cor e salteado: arcos múltiplos de jorro arterial. Deve ter arfado alto, porque tanto Frost quanto Sleeper viraram-se simultaneamente para olhá-la. Moveram-se para os lados de modo a revelar a Dra. Isles acocorada ao lado da vítima.

Alexander Ghent estava sentado com as costas apoiadas na parede, lembrando uma marionete triste com sua cabeça virada para trás, expondo o ferimento largo aberto em sua garganta. *Tão jovem*, foi a primeira reação chocada de Rizzoli ao olhar o rosto desconcertantemente despreocupado, o olho azul aberto. *Ele é tão jovem*.

— Uma funcionária do Symphony Hall... seu nome é Evelyn Petrakas... veio pegá-los por volta das seis para levá-los para a apresentação desta noite — informou Crowe. — Não atenderam quando ela bateu na porta. Como estava destrancada, ela entrou para ver se estavam bem.

— Ele está usando calças de pijama — observou Rizzoli.

— Está em *rigor mortis* — disse a Dra. Isles ao se levantar. — E o corpo esfriou significativamente. Serei mais específica quando obtiver os resultados do potássio vítreo. Mas neste momento eu estimaria a hora da morte entre dezesseis e vinte horas atrás. De modo que teria sido então... — Ela olhou o relógio. — Em algum momento entre uma e cinco da manhã.

— A cama está desfeita — verificou Sleeper. — A última vez em que alguém viu o casal foi ontem à noite. Deixaram o Symphony Hall por volta das onze. A Srta. Petrakas deixou os dois aqui.

As vítimas estavam dormindo, pensou Rizzoli enquanto olhava para a calça do pijama de Ghent. Dormindo e alheias ao fato de que havia alguém na casa. Caminhando até seu quarto.

— Há uma janela de cozinha aberta que leva a um pequeno quintal nos fundos — continuou Sleeper. — Achamos várias pegadas no canteiro de flores, embora não sejam todas do mesmo tamanho. Algumas delas podem pertencer a um jardineiro. Ou até às vítimas.

Rizzoli baixou os olhos para a silver tape que prendia os tornozelos de Alex Ghent.

— E a Sra. Ghent? — indagou, já sabendo a resposta.

— Desaparecida — respondeu Sleeper.

O olhar de Rizzoli se moveu num círculo mais amplo em torno do cadáver, mas ela não viu nenhuma xícara quebrada, nenhum fragmento de louça. Tem alguma coisa errada, pensou.

— Detetive Rizzoli?

Ela se virou e viu um perito de cena criminal parado no corredor.

— O patrulheiro disse que tem um sujeito lá fora dizendo que conhece você. Ele está segurando um cigarro fedorento e exigindo acesso. Quer dar uma olhada nele?

— Sei quem é — disse Rizzoli. — Vou trazê-lo para dentro.

Korsak estava fumando enquanto caminhava de um lado para outro na calçada, tão furioso com a indignidade de ser reduzido à condição de curioso civil que parecia exalar fumaça das orelhas também. Ele a viu e imediatamente jogou fora a bagana e a esmagou como se fosse um inseto nojento.

— Você está me deixando de fora ou o quê? — acusou ele.

— Sinto muito. O patrulheiro não sabia sobre você.

— Maldito novato. Não mostrou o menor respeito.

— Ele não te conhecia, certo? A culpa foi toda minha. — Rizzoli levantou a fita de isolamento e Korsak se agachou para passar por baixo. — Quero que veja isto.

Na porta da frente, Rizzoli aguardou enquanto Korsak colocava as pantufas de papel e as luvas de látex. Tropeçou enquanto tentava equilibrar-se num pé. Ao segurá-lo, Rizzoli ficou chocada em sentir seu bafo de álcool. Ela telefonara para ele de seu carro, e ele atendera em casa, numa noite de folga. Agora ela se arrependeu por tê-lo alertado. Korsak já estava zangado e beligerante, mas Rizzoli não podia impedir sua entrada sem precipitar uma cena ruidosa e extremamente pública. Ela torceu para que ele estivesse suficientemente sóbrio para não embaraçar a ambos.

— Muito bem — bufou. — Mostre o que temos aí.

Na sala de estar Korsak observou, sem tecer qualquer comentário, o cadáver de Alexander Ghent, desmoronado numa poça de sangue. A camisa de Korsak estava para fora das calças, e ele, como sempre, arquejava ruidosamente. Rizzoli viu Crowe e Sleeper olharem na direção deles, viu Crowe revirar os olhos, e sentiu-se subitamente furiosa com Korsak por aparecer em tal estado. Convocara Korsak porque ele fora o primeiro detetive a entrar na cena criminal dos Yeagers, e queria sua impressão sobre esta também. O que conseguiu foi um tira bêbado cuja própria presença estava começando a humilhá-la.

— Pode ser o nosso garoto — comentou Korsak.

Crowe resfolegou.

— Não diga, Sherlock!

Korsak voltou seu olhar injetado de sangue para Crowe.

— Você é um daqueles meninos gênios, hein? Acha que sabe tudo.

— Não é preciso ser gênio para ver o que temos aqui.

— E o que temos aqui?

— Uma reprise. Invasão domiciliar noturna. Casal surpreendido na cama. Esposa seqüestrada, marido recebe o golpe de misericórdia. Está tudo aqui.

— Então onde está a xícara? — Ainda que debilitado, Korsak conseguira focar tão precisamente o detalhe que deixou Rizzoli enciumada.

— Não tinha — respondeu Crowe.

Korsak olhou para o colo vazio da vítima.

— Ele posicionou a vítima. Fez o sujeito sentar-se com as costas apoiadas na parede para assistir ao show, como da última vez. Mas não usou o sistema de alerta. A xícara. Se estava violentando a esposa, como vigiou o marido?

— Ghent é um sujeito magricela. Não teria representado uma ameaça tão grande assim. Além disso, está todo amarrado. Como poderia ter se levantado e defendido a esposa?

— Isso é uma mudança. É o que estou dizendo.

Crowe balançou os ombros e deu as costas para Korsak:

— Então ele reescreveu o roteiro.

— O menino bonito sabe tudo, não sabe?

A sala ficou silenciosa. Até a Dra. Isles, sempre munida de um comentário irônico, não disse nada, preferindo observar com uma expressão vagamente entretida.

Crowe virou-se, seu olhar fixo em Korsak como um raio laser. Mas suas palavras foram dirigidas a Rizzoli:

— Detetive, existe algum motivo para este homem estar invadindo nossa cena criminal?

Rizzoli segurou o braço de Korsak. Estava úmido e pegajoso, e ela sentiu o suor azedo dele.

— Ainda não vimos o quarto. Vamos.

— Sim — disse Crowe, rindo. — Vocês não querem perder o quarto.

Korsak soltou-se de Rizzoli e deu um passo trôpego na direção de Crowe.

— Eu já estava investigando este assassino bem antes de você, bundão.

— Vamos, Korsak — insistiu Rizzoli.

— ... caçando cada porra de pista que ele deixa. Sou eu quem deveria ter sido chamado para cá primeiro, porque eu o conheço. Posso sentir o cheiro dele.

— Ah. E então esse é o cheiro que eu estou sentindo — rebateu Crowe.

— *Vamos* — disse Rizzoli, prestes a perder a paciência. Temendo toda a fúria que poderia ser desencadeada se ela fizesse isso. Fúria contra Korsak e Crowe por sua estúpida competição machista.

Foi Barry Frost quem galantemente se apresentou para desfazer a tensão. O instinto de Rizzoli costumava ser de entrar de cabeça em qualquer discussão, mas Frost sempre era o apaziguador. Essa é a maldição de ter crescido como o filho do meio, como ele lhe dissera certa vez, a criança que sabe que os punhos de todas as partes envolvidas vão acabar na sua cara. Ele nem tentou acalmar Korsak, mas disse a Rizzoli:

— Você precisa ver o que achamos no quarto. É uma coisa que une esses dois casos.

Frost cruzou a sala de estar e seguiu para outro corredor, seus passos confiantes anunciando: *quem quiser ir para onde a ação está, que me siga.*

Depois de um instante de hesitação, Korsak fez isso.

No quarto, Frost, Korsak e Rizzoli olharam a roupa de cama amarfanhada, os lençóis jogados para trás. E os rastros gêmeos marcados no tapete.

— Arrastados de suas camas — disse Frost. — Como os Yeagers.

Mas Alexander Ghent era menor e bem menos musculoso que o Dr. Yeager, e o criminoso desconhecido teria tido muito mais facilidade de levá-lo para o corredor e encostá-lo contra a parede.

Também teria sido bem mais fácil puxar os cabelos e cortar a garganta da vítima.

— Está na penteadeira — disse Frost.

Era uma camisola curta azul-clara, tamanho P, bem dobrada e salpicada com sangue. O tipo de coisa que uma mulher usaria para excitar um amante, talvez um marido. Claro que Karenna Ghent jamais imaginaria o teatro violento para o qual esta roupa serviria como indumentária e adereço. Ao lado da camisola havia um par de envelopes com passagens da Delta Airline. Rizzoli olhou dentro deles e viu o itinerário, que já fora providenciado pela agência de talentos dos Ghents.

— Eles deveriam voar amanhã — leu ela. — Sua próxima parada era Memphis.

— Que pena — disse Korsak. — Eles nunca conheceram a terra do Elvis.

Lá fora, ela e Korsak sentaram no carro dele com as janelas abertas enquanto ele fumava um cigarro. Ele tragou fundo, e então liberou a fumaça com satisfação, enquanto a droga produzia sua magia venenosa nos pulmões dele. Ele parecia mais calmo, mais concentrado do que ao chegar, há três horas. A dose de nicotina aguçara sua mente. Ou talvez o álcool finalmente fora consumido por seu sistema.

— Está com alguma dúvida sobre nosso garoto? — perguntou Korsak.

— Nenhuma.

— O Crimescope não captou sêmen.

— Talvez ele tenha sido mais asseado desta vez.

— Ou não a tenha estuprado — sugeriu Korsak. — E foi por causa disso que ele não precisou da xícara.

Incomodada com a fumaça do cigarro de Korsak, Rizzoli virou o rosto para a janela aberta e balançou a mão para limpar o ar.

— Assassinato não segue um modelo determinado. Cada vítima reage de forma diferente. É uma peça com dois personagens, Korsak. O assassino *e* a vítima. Qualquer um dos dois pode afetar o resultado. O Dr. Yeager era um homem bem maior que Alex Ghent. Talvez o assassino tenha se sentido menos confiante sobre controlar Yeager, e assim usou a xícara como sinal de alerta. Coisa que ele não precisou fazer com Ghent.

— Eu não sei. — Korsak jogou uma cinza pela janela. — Esse negócio com a xícara é uma coisa tão estranha que parece parte da assinatura dele. Uma coisa que ele não teria deixado de fazer.

— Todo o resto foi idêntico — frisou Rizzoli. — Um casal abastado. O homem amarrado. A mulher desaparecida.

Eles se calaram quando o mesmo pensamento funesto ocorreu subitamente a ambos: *A mulher. O que foi feito de Karenna Ghent?*

Rizzoli já conhecia a resposta. Embora a imagem de Karenna fosse aparecer em breve nas telas de TV da cidade inteira, acompanhada por um apelo de ajuda à comunidade em geral; embora o departamento de polícia de Boston fosse se esforçar ao máximo para apurar cada denúncia telefônica, cada aparecimento de uma mulher de cabelos negros, Rizzoli sabia qual seria o resultado. Ela podia senti-lo, como uma pedra fria em seu estômago. Karenna Ghent estava morta.

— O cadáver de Gail Yeager foi desovado mais ou menos dois dias depois de seu seqüestro — lembrou Korsak. — Agora faz... o quê? Umas vinte horas desde que o casal foi atacado.

— Reserva Stony Brook — acrescentou Rizzoli. — É para onde ele vai levar o corpo. Vou reforçar a equipe de vigilância. — Ela olhou para Korsak. — Você vê alguma maneira de encaixar Joey Valentine neste?

— Estou trabalhando nisso. Ele finalmente me deu uma amostra de seu sangue. O resultado do exame de DNA ainda não chegou.

— Isso não parece coisa de um homem culpado. Ainda está vigiando o homem.

— Eu estava. Até ele apresentar queixa de que eu o estava assediando.

— E estava?

Korsak riu, expelindo toda a fumaça dos pulmões.

— Qualquer homem adulto que goste de passar pó-de-arroz em senhoras mortas vai gritar como uma menininha com qualquer coisa que eu faça.

— E como as menininhas gritam? — retrucou irritada. — Mais ou menos como os menininhos.

— Ai, droga. Não me venha com essa conversa feminista. Minha filha já me enche o saco com isso. Depois ela fica sem dinheiro e volta pedindo ajuda ao porco-chauvinista do papai dela. — Korsak empertigou-se subitamente. — Ei. Olha só quem deu as caras.

Um Lincoln preto estacionara numa vaga do outro lado da rua. Rizzoli viu Gabriel Dean emergir do veículo, sua figura atlética e bem-vestida saída direto das páginas de estilo da *Playboy*. Ficou parado durante um instante, olhando para a fachada de tijolos aparentes da residência. Então se aproximou do patrulheiro que policiava o perímetro e mostrou seu distintivo.

— Vá entender — grunhiu Korsak. — *Isso* me emputece. O mesmo policial me mandou ficar afastado até você vir me pegar. Como se eu fosse um mendigo. Mas tudo que Dean precisa fazer é mostrar seu distintivo mágico e dizer “agente federal” e pronto, está dentro. Por que diabos ele conseguiu entrar e eu não?

— Talvez porque ele tenha se dado ao trabalho de enfiar a camisa para dentro.

— Tá, como se um terno bonito pudesse fazer isso por mim. Está tudo na atitude. Olhe para ele. Parece que tem o rei na barriga.

Rizzoli observou Dean equilibrar graciosamente uma perna para calçar uma pantufa de papel sobre o sapato. Ele enfiou suas mãos compridas em luvas, como um cirurgião preparando-se para operar. Sim, tudo dizia respeito à atitude. Korsak era um pugilista raivoso que esperava que todos o rejeitassem. Naturalmente o rejeitavam.

— Quem o chamou? — perguntou Korsak.

— Eu não fui.

— Mesmo assim ele aparece.

— Ele sempre aparece. Tem alguém mantendo o cara informado. Não é ninguém da minha equipe. É alguém de cima.

Rizzoli tornou a olhar para a porta da frente. Dean acabara de entrar, e ela o imaginou de pé na sala de estar, examinando as manchas de sangue. Lendo-as da forma como se lê um relatório de campo, a mancha da humanidade destacada de sua fonte.

— Sabe, estive pensando neste assunto — disse Korsak. — Dean não apareceu na cena até quase três dias depois do ataque aos Yeagers. A primeira vez que demos com ele foi na reserva de Stony Brook, quando o corpo da Sra. Yeager foi achado. Certo?

— Certo.

— Então, por que ele demorou tanto? Outro dia mesmo estávamos lidando com a possibilidade de uma execução. Algum problema no qual os Yeagers haviam se metido. Se eles já estavam no radar do FBI... sob investigação, ou sendo vigiados... você não acha que os federais teriam entrado no caso no instante em que o Dr. Yeager foi morto? Mas eles esperaram três dias para entrar. O que foi que finalmente os colocou nesta história? O que interessou a eles?

Ela olhou para Korsak.

— Você registrou um relatório VICAP?

— Registrei. Levei uma hora inteira para terminar aquela porcaria. Cento e oitenta e nove perguntas. Coisas estranhas como, “Alguma parte do corpo foi arrancada com uma mordida? Quais

objetos foram introduzidos em quais orifícios?” Agora eu preciso registrar um relatório suplementar sobre a Sra. Yeager.

— Você requereu uma avaliação de perfil quando transmitiu o formulário?

— Não. Eu não vi sentido em ter um especialista de perfil do FBI me dizendo o que eu já sabia. Apenas cumpri meu dever cívico e enviei o formulário VICAP.

VICAP, a sigla em inglês para Programa de Apreensão de Criminosos Violentos, era o banco de dados do FBI para crimes violentos. Compilar o banco de dados exigia a cooperação dos oficiais de polícia já bastante atarefados que, ao se deparar com o imenso questionário do VICAP, muitas vezes até desistiam.

— Quando você registrou o relatório? — indagou Rizzoli.

— Logo depois do *post mortem* do Dr. Yeager.

— E foi quando Dean apareceu. Um dia depois.

— Você acha? — indagou Korsak. — Foi isso que o atraiu?

— Talvez o seu relatório tenha deflagrado um alarme.

— O que teria chamado a atenção deles?

— Eu não sei. — Ela olhou para a porta da frente da casa, pela qual Dean desaparecera. — E está muito claro que ele não vai nos contar.

# 11

Jane Rizzoli não era o tipo de garota que gostasse de sinfonias. Toda sua exposição a música se limitava à sua coleção de CDs de músicas lentas e os dois anos em que ela passara tocando trompete na banda da escola durante o ensino médio, uma das duas garotas que escolheram esse instrumento. Fora atraída por esse instrumento porque produzia o som mais alto e vibrante, diferente daqueles clarinetes melódicos ou daquelas flautas alegres que as outras meninas tocavam. Não, Rizzoli queria ser ouvida, e assim sentara-se ombro a ombro com os meninos na seção de trompetes. Ela adorava quando as notas explodiam do instrumento.

Infelizmente, com freqüência eram as notas erradas.

Depois que seu pai a baniu para o quintal dos fundos para praticar o instrumento e os cachorros da vizinhança começaram a uivar em protesto, ela finalmente desistira do trompete. Até ela podia reconhecer que entusiasmo e pulmões fortes não eram suficientes para uma desestimulante falta de talento.

Desde então, música significara para Rizzoli um pouco mais que o fundo insosso dos elevadores e as batidas estridentes emitidas pelos alto-falantes de carros nas ruas. Ela estivera no interior do Symphony Hall na esquina da Huntington com a Mass Avenue apenas duas vezes na vida, ambas como aluna comparecendo com sua turma para assistir a ensaios da orquestra sinfônica de Boston. Em 1990, o Cohen Wing fora acrescentado, uma parte do Symphony Hall que Rizzoli nunca visitara. Quando ela e Frost entraram na nova ala, Rizzoli ficou surpresa em ver como tinha se modernizado... não era mais o prédio escuro e caindo aos pedaços do qual se lembrava.

Mostraram seus distintivos a um idoso guarda de segurança, que empertigou um tantinho sua coluna cifótica ao ver que eles eram da delegacia de homicídios.

— É a respeito dos Ghents? — perguntou.

— Sim, senhor — respondeu Rizzoli.

— Terrível. Simplesmente terrível. Eu os vi na semana passada, logo depois que eles chegaram à cidade. Eles vieram dar uma olhada na sala de concertos. — Balançou a cabeça. — Um casal jovem tão simpático!

— O senhor estava de serviço na noite em que eles se apresentaram?

— Não, senhora. Trabalho aqui apenas durante o dia. Preciso sair às cinco para pegar minha esposa no asilo diurno. Ela precisa de supervisão 24 horas, sabe? Senão esquece de desligar o forno.... — Ele se calou subitamente, ruborizando. — Mas acho que vocês não estão aqui para jogar seu tempo fora. Vieram ver Evelyn?

— Viemos. Qual é o caminho para o escritório dela?

— Ela não está lá. Eu a vi na sala de concertos há alguns minutos.

— Está havendo um ensaio ou alguma coisa assim?

— Não, senhora. É a nossa temporada calma. A orquestra fica em Tanglewood durante o verão. Nesta época do ano nós só recebemos alguns artistas visitantes.

— Então podemos ir direto até a sala de concertos?

— A senhora tem o distintivo. No que me diz respeito, pode ir a qualquer lugar.

Eles não viram imediatamente Evelyn Petrakas. Assim que Rizzoli entrou no auditório escurecido, tudo que viu foi um vasto mar de cadeiras vazias, descendo numa onda até um palco iluminado. Atraídos pela luz, os dois detetives desceram o corredor, o soalho de madeira crepitando como o convés de um velho navio. Eles já haviam alcançado o palco quando uma voz chamou-os baixo:

— Em que posso ser útil?

Forçando a vista, Rizzoli virou-se para olhar para o fundo escurecido do auditório.

— Srta. Petrakas?

— Sim?

— Sou a detetive Rizzoli. Este é o detetive Frost. Podemos falar com você?

— Estou aqui. Na fileira do fundo.

Caminharam pelo corredor até ela. Evelyn não se levantou, permanecendo aconchegada onde estava, como se estivesse se escondendo da luz. Cumprimentou os detetives com um aceno seco enquanto eles ocupavam dois assentos ao seu lado.

— Já falei com um policial ontem à noite — contou Evelyn.

— Detetive Sleeper?

— Sim. Acho que esse era o nome dele. Um homem mais velho, bem simpático. Sei que devia ter ficado para conversar com alguns outros detetives, mas precisei sair. Eu não conseguiria ficar mais naquela casa... — Ela olhou para o palco, como se hipnotizada por

uma atuação que apenas ela podia ver. Mesmo na escuridão, Rizzoli podia ver que ela possuía um rosto bonito, talvez na casa dos quarenta, com fiapos grisalhos prematuros nos cabelos escuros.
— Eu tinha responsabilidades aqui — continuou. — Tivemos de ressarcir todos os ingressos. E depois a imprensa começou a aparecer. Eu tinha de voltar para lidar com ela. — Ela soltou uma risada fraca. — Esse é o meu trabalho: apagar incêndios.

— Qual é o seu trabalho exatamente, Srta. Petrakas? — indagou Frost.

— Meu título oficial? — Ela deu de ombros. — "Coordenadora de programação para artistas visitantes." O que isso significa é que eu tento mantê-los felizes e saudáveis enquanto estão em Boston. É impressionante como alguns deles são carentes. Eles passam a vida inteira ensaiando e gravando. O mundo real é um quebra-cabeça para eles. Assim, recomendo lugares para eles ficarem. Providencio para que sejam pegos no aeroporto. Cestas de frutas em seus quartos. Quaisquer confortos adicionais de que precisarem. Seguro suas mãos para atravessar as ruas.

— Quando conheceu os Ghents? — indagou Rizzoli.

— Um dia depois que eles chegaram à cidade. Fui pegá-los na casa. Não podiam pegar um táxi porque o violoncelo de Alex é um trambolho. Mas eu providenciei um SUV com banco traseiro dobrável.

— Você levou os dois para passear pela cidade enquanto eles estavam aqui?

— Apenas entre a casa e o Symphony Hall.

Rizzoli olhou seu caderninho.

— A casa em Beacon Hill pertence a um membro da diretoria, certo? Christopher Harm. Ele costuma convidar músicos para se hospedarem lá?

— Durante o verão, quando ele está na Europa. É muito mais agradável do que um quarto de hotel. O Sr. Harm confia nos

músicos clássicos. Ele sabe que eles cuidarão bem de sua casa.

— Algum hóspede da casa do Sr. Harm já reclamou de problemas lá?

— Problemas?

— Invasores. Assaltantes. Qualquer coisa que pudesse causar-lhes transtornos.

Evelyn fez que não com a cabeça.

— É Beacon Hill, detetive. Não existe bairro melhor. Eu sei que Alex e Karenna adoraram o lugar.

— Quando foi a última vez que os viu?

Evelyn engoliu em seco e sussurrou:

— Ontem à noite. Quando encontrei Alex...

— Quis dizer enquanto ele ainda estava vivo, Srta. Petrakas.

— Oh. — Evelyn soltou uma risada embaraçada. — Claro que foi isso que você quis dizer. Desculpe. Não estou pensando direito. Estou com muita dificuldade de me concentrar. — Ela balançou a cabeça. — Nem sei por que vim trabalhar hoje. Simplesmente pareceu uma coisa que eu precisava fazer.

— A última vez que os viu? — insistiu Rizzoli.

Desta vez Evelyn respondeu num tom mais firme.

— Anteontem à noite. Depois da apresentação, eu os levei de volta para Beacon Hill. Foi por volta das onze.

— Você apenas deixou os dois em frente à casa? Ou entrou com eles?

— Só deixei.

— Você viu os dois entrarem?

— Sim.

— Então eles não a convidaram a entrar.

— Acho que eles estavam muito cansados. E acho que eles estavam um pouco deprimidos.

— Por quê?

— Depois de toda a antecipação sobre a apresentação em Boston, a platéia não foi tão grande quanto eles esperavam. E nós somos conhecidos como a cidade da música. Se isto foi o melhor que eles conseguiram atrair aqui, o que poderiam esperar em Detroit ou Memphis? — Evelyn olhou com tristeza para o palco. — Somos dinossauros, detetive. Karenna disse isso, no carro. Quem aprecia música clássica hoje em dia? A maioria dos jovens prefere assistir a videoclipes. As pessoas andam por aí com pedaços de metal tilintando nas caras. Só pensam em sexo, brilho e roupas idiotas. E por que aquele cantor, sei lá o nome dele, precisa botar a língua pra fora? O que isso tem a ver com música?

— Absolutamente nada — concordou Frost, simpatizando imediatamente com a questão. — Sabe, Srta. Petrakas, eu e minha esposa tivemos essa mesma conversa outro dia. Alice adora música clássica. Realmente adora. Todos os anos compramos ingressos para toda a temporada de concertos.

Evelyn dirigiu um sorriso triste ao policial.

— Então lamento dizer, mas vocês também são dinossauros.

Enquanto eles se levantavam para sair, Rizzoli viu um bonito programa pousado na cadeira da frente. Ela se inclinou para pegá-lo.

— Os Ghents estão aqui? — perguntou.

— Abra na página cinco — disse Evelyn. — Aí. Essa era a foto publicitária deles.

Era uma foto de duas pessoas apaixonadas.

Karenna, magra e elegante num vestido preto aberto no ombro, fitava os olhos sorridentes do seu marido. O rosto dela era luminoso, seus cabelos escuros como os de uma espanhola. Alexander estava com o rosto voltado para baixo, cumprimentando-a com um sorriso de menino, um tufo desgrenhado de cabelos claros caindo sobre seu olho.

— Eram bonitos, não eram? — comentou Evelyn em voz baixa. — Sabe, é estranho. Nunca tive realmente a oportunidade de me sentar e conversar com eles. Mas eu conheci a música deles. Ouvi seus discos. Eu assisti à sua apresentação, bem ali naquele palco. Pode-se dizer muita coisa sobre alguém apenas ouvindo sua música. E a única coisa que eu lembro era como eles tocavam ternamente. Acho que essa é a palavra que eu usaria para descrevê-los. Eram pessoas ternas.

Rizzoli olhou para o palco e imaginou Alexander e Karenna na noite de sua apresentação final. Os cabelos negros e lustrosos de Karenna sob as luzes do palco, o violoncelo de Alexander reluzindo. E sua música, como as vozes de dois amantes cantando um para o outro.

— Você disse que a noite em que eles se apresentaram foi decepcionante — disse Frost.

— Foi, sim.

— Quantas pessoas na platéia?

— Acho que vendemos cerca de 450 ingressos.

Quatrocentos e cinqüenta pares de olhos, pensou Rizzoli, todos eles focados no palco, onde um casal apaixonado era banhado em luz. Que emoções os Ghents inspiraram em sua platéia? O prazer da música bem tocada? A alegria de ver dois jovens apaixonados? Ou outras emoções, mais sombrias, haviam se agitado no coração de uma pessoa sentada nesta própria sala de concerto? Fome. Inveja. Amargura de querer o que outro homem possui.

Rizzoli mais uma vez baixou os olhos para a foto dos Ghents.

*Foi a beleza dela que chamou sua atenção? Ou foi o fato de que eles estavam apaixonados?*

Bebeu café puro enquanto olhava para os mortos que se empilhavam em sua mesa. Richard e Gail Yeager. Mulher Raquítica.

Alexander Ghent. E o Homem do Avião, que, embora não mais considerado vítima de homicídio, ainda pesava em sua mente. Os mortos sempre pesavam na mente de Rizzoli. Um suprimento infindável de cadáveres, cada um exigindo sua atenção, cada um com sua própria história de horror para contar, caso Rizzoli se desse ao trabalho de cavar apenas um pouco para expor os ossos de suas histórias. Ela cavava há tanto tempo que todos os mortos que já havia conhecido começavam a se misturar como esqueletos emaranhados numa cova coletiva.

Ao meio-dia, quando o laboratório de DNA passou-lhe um bipe, Rizzoli ficou aliviada em escapar, pelo menos momentaneamente, daquela acusadora pilha de pastas. Saiu de sua mesa e seguiu o corredor até a ala sul.

O laboratório de DNA ficava na sala S253, e o criminalista que lhe passara o bipe era Walter De Groot, um holandês louro com um rosto pálido e esburacado. Geralmente ele estremecia ao ver Rizzoli, porque suas visitas quase sempre visavam pressioná-lo a entregar mais rapidamente algum laudo de DNA. Mas hoje ele a recebeu com um sorriso largo.

— Revelei o autorad — disse ele. — Está pendurado ali agora.

Um autorad, ou autoradiograma, era uma chapa de raios X que capturava o padrão de fragmentos de DNA. De Groot pegou o filme na corda de secar e pregou-o numa caixa de luz. Fileiras paralelas de borrões escuros corriam do topo para o fundo.

— O que você está vendo aqui é o perfil VNTR — explicou ele. Essa era a sigla em inglês para números variáveis de repetições variáveis. — Extraí o DNA das diferentes fontes que você forneceu, e isolei os fragmentos com o grupo específico que estamos comparando. Não são realmente genes, mas seções do filamento de DNA que se repetem sem propósito claro. Dão bons marcadores de identificação.

— E então, o que são todas essas trilhas? A que se correspondem?

— As primeiras duas trilhas, começando à esquerda, são os controles. A número um é a escada padrão de DNA, para nos ajudar a estimar as posições relativas para as várias amostras. A trilha dois é uma linha de células-padrão, mais uma vez usada como controle. As trilhas três, quatro e cinco são linhas evidenciárias, tiradas de origens conhecidas.

— Que origens?

— A trilha três é do suspeito Joey Valentine. A trilha quatro é do Dr. Yeager. A trilha cinco é da Sra. Yeager.

O olhar de Rizzoli demorou-se na trilha cinco enquanto ela tentava aceitar o conceito de que isto era parte do projeto que criara Gail Yeager. Que um ser humano único, desde o tom preciso de seus cabelos louros até o som de sua gargalhada, podia ser decomposto a esta cadeia de borrões escuros. Ela não via humanidade neste autorad, nada da mulher que amara um esposo e pranteara uma mãe. *É apenas isto que somos? Um colar de elementos químicos? Onde, na hélice dupla, reside a alma?*

Então ela olhou para as duas trilhas finais.

— E o que são estas duas últimas?

— São as não-identificadas. A trilha seis é daquela mancha de sêmen no tapete dos Yeagers. A trilha sete é o sêmen fresco coletado do canal vaginal de Gail Yeager.

— Essas duas últimas parecem combinar.

— Isso é correto. Ambas as amostras não-identificadas de DNA pertencem ao mesmo homem. E, como você irá notar, não é o Dr. Yeager ou o Sr. Valentine. Isto efetivamente elimina o Sr. Valentine como a fonte de sêmen.

Ela olhou as duas pistas não-identificadas. A digital genética de um monstro.

— Aí está o seu assassino desconhecido — disse De Groot.

— Você já contatou o CODIS? Alguma chance de convencê-los a trabalhar um pouco mais rápido numa busca de dados?

CODIS era o banco nacional de dados de DNA. Ele armazenava os perfis genéticos de assassinos condenados, bem como perfis não identificados de cenas criminais no país inteiro.

— Na verdade, esse é o motivo pelo qual bipei para você. Eu mandei para eles a mancha de DNA na semana passada.

Ela suspirou.

— Significa que eles vão nos dar uma resposta daqui a um ano.

— Não. O agente Dean acaba de me ligar. O DNA do seu assassino desconhecido não está no CODIS.

Rizzoli olhou para ele, surpresa.

— O agente Dean lhe deu a notícia?

— Ele deve ter estalado o chicote neles ou alguma coisa assim. Desde que trabalho aqui, nunca vi uma requisição ao CODIS ser respondida tão depressa.

— Você confirmou isso diretamente com o CODIS?

— Bem, não — respondeu De Groot com uma expressão intrigada. — Considerei que o agente Dean saberia...

— Por favor, ligue para eles. Quero isso confirmado.

— Por acaso, a... confiabilidade do agente Dean está em questão?

— Vamos apenas evitar riscos, certo? — Ela olhou, mais uma vez, para a caixa de luz. — Se é verdade que o assassino não está no CODIS...

— Então você encontrou um jogador novo, detetive. Ou alguém que conseguiu permanecer invisível para o sistema.

Rizzoli olhou com frustração para a cadeia de borrões. Nós temos o DNA dele, pensou. Temos seu perfil genético. Mas ainda não sabemos seu nome.

Rizzoli introduziu um disco em seu *CD player* e afundou no sofá enquanto enxugava a cabeça com uma toalha. As notas elegantes de um solo de violoncelo verteram das caixas de som como chocolate derretido. Embora não fosse fã de música clássica, comprara um CD com as primeiras gravações de Alex Ghent na loja de presentes do Symphony Hall. Se ela iria familiarizar-se com cada aspecto de sua morte, então também deveria conhecer sua vida. E grande parte de sua vida era música.

O arco de Ghent deslizava pelas cordas do violoncelo, a melodia da Suíte Número 1 em Sol Menor de Bach subindo e descendo como as ondas de um oceano. Essa gravação tinha sido feita quando ele tinha ainda apenas 18 anos. Quando ele se sentara num estúdio, seus dedos eram carne quente pressionando as cordas, movimentando o arco. Esses mesmos dedos agora jaziam brancos e frios na geladeira do necrotério, sua música silenciada. Rizzoli assistira à autópsia naquela manhã, e ao notar seus dedos finos e compridos imaginara-os voando para cima e para baixo pelo braço do violoncelo. As mãos humanas podiam unir-se com madeira e cordas para produzir sons tão magistrais que pareciam miraculosos.

Pegou a capa do CD e estudou sua fotografia, tirada quando ele ainda era apenas um menino. Os olhos de Alex estavam voltados para baixo, seu braço esquerdo envolvendo o instrumento, abraçando suas curvas, como um dia faria com sua esposa, Karenna. Embora Rizzoli tivesse procurado por um CD dos dois, todas as gravações em dupla estavam esgotadas na loja da sala de concertos. Apenas o disco de Alexander estava em estoque. O violoncelista solitário, chamando por sua companheira. E onde estava essa companheira agora? Viva e em agonia, enfrentando o terror final da morte? Ou além da dor e já nos primeiros estágios de decomposição?

O telefone tocou. Rizzoli abaixou o som e pegou o fone.

— Você está aí — disse Korsak.

— Vim para casa tomar banho.

— Liguei ainda há pouco. Você não atendeu.

— Acho que não escutei. Como estão as coisas?

— É isso que quero saber.

— Se acontecer algo, você vai ser o primeiro para quem vou ligar.

— Como você fez hoje? Você não me ligou uma vez sequer. Fiquei sabendo do DNA do Joey Valentine pelo cara do laboratório.

— Não tive oportunidade de dizer a você. Estou correndo de um lado para outro feito uma barata tonta.

— Não esqueça que fui eu quem te colocou neste caso.

— Não esqueci.

— Sabe, faz cinqüenta horas que ela desapareceu.

E Karenna Ghent provavelmente está morta há dois dias, pensou Rizzoli. Mas a morte não deteria seu assassino. Apenas aguçaria seu apetite. Ele olhava para seu cadáver e o via apenas como um objeto de desejo. Uma coisa que podia controlar. Ela não resiste. É carne fria e passiva que aceita sem protestar toda e qualquer indignidade. A amante perfeita.

O CD ainda estava tocando baixo. O violoncelo de Alexander tecendo sua melodia fúnebre. Rizzoli sabia aonde Korsak queria chegar; sabia o que ele queria. E não sabia como recusar. Levantou do sofá e desligou o CD. Mesmo no silêncio, as harmonias do violoncelo pareceram perdurar.

— Se for como da última vez, ele vai desová-la esta noite — continuou Korsak.

— Estaremos preparados para ele.

— Então, faço parte da equipe ou não?

— Já temos nossa equipe de tocaia.

— Vocês não têm a mim. Mais um corpo quente pode ser útil.

— Já designamos as posições. Olhe, eu vou ligar para você assim que alguma coisa...

— Me poupe dessa história de “depois te ligo”. Não vou ficar sentado ao lado do telefone como uma solteirona. Conheço este criminoso há mais tempo que você, há mais tempo que qualquer outro policial. Como você iria se sentir se alguém te tirasse do jogo, te deixasse fora da captura? Pense nisso.

Ela pensou. E compreendeu a raiva que se apoderara dele. Compreendia essa raiva melhor do que ninguém, porque já a sentira. A sensação de ser posta de lado, de se tornar uma espectadora amarga enquanto outros subiam ao palco para receber os aplausos. Rizzoli olhou seu relógio.

— Estou saindo agora. Se quiser se juntar a mim, terá de me encontrar lá.

— Qual é a sua posição de tocaia?

— O estacionamento do outro lado da rua, diante do Smith Playground. Podemos nos encontrar no campo de golfe.

— Combinado.

# 12

Eram duas da manhã, e na reserva de Stony Brook o ar estava denso, quente e úmido. Rizzoli e Korsak aguardavam num carro estacionado ao lado de arbustos cerrados. De sua posição podiam observar todos os veículos que entravam em Stony Brook vindos do leste. Havia carros de vigilância adicionais estacionados ao longo da Enneking Parkway, a via principal através da reserva. Qualquer veículo que entrasse num dos estacionamentos de terra batida poderia ser rapidamente cercado por veículos convergentes. Era uma arapuca da qual nenhum carro poderia escapar.

Rizzoli estava suando dentro de seu colete. Abaixou a janela e sentiu o cheiro de folhas apodrecendo e terra úmida. Cheiros silvestres.

— Ei, está deixando entrar os mosquitos! — queixou-se Korsak.

— Preciso de ar fresco. Está fedendo a cigarro aqui dentro.

— Só acendi um. Não estou sentindo o cheiro.

— Fumantes nunca sentem.

Ele olhou para ela.

— Caralho, você pegou no meu pé a noite inteira. Se está com algum problema comigo, talvez uma conversa ajude.

Ela olhou pela janela, para a rua, que permanecia escura e vazia.

— Não é sobre você — confessou ela.

— Sobre quem, então?

Quando ela não respondeu, Korsak soltou um resmungo de compreensão.

— Dean de novo. Então, o que ele fez agora?

— Faz alguns dias, ele se queixou sobre mim ao Marquette.

— O que foi que ele disse?

— Que não sou a pessoa certa para a missão. Que talvez eu precise fazer análise por causa de problemas não resolvidos.

— Ele está se referindo ao *Cirurgião*?

— O que você acha?

— Que babaca.

— E hoje descobri que recebemos resposta instantânea do CODIS. Isso nunca aconteceu antes. Dean estala os dedos e todo mundo pula. Eu só queria saber por que ele se envolveu nesta história.

— Bem, os caras são assim mesmo. Não são eles que dizem que informação é poder? Não dividem informações com ninguém, principalmente com quem consideram inferiores. E na cabeça de Dean, nós somos uns bostas e ele um superespião. Aquele sujeito pensa que é James Bond!

— Você está confundindo o FBI com a CIA.

— CIA, FBI. — Ele deu de ombros. — Todas essas agências alfabéticas. Elas fazem segredo de tudo.

O rádio crepitou.

— Vigia Três. Um veículo, sedã último modelo, movendo-se para sul pela Enneking Parkway.

Agora a voz de Frost, no veículo ao lado:

— Vigia Dois. Estamos vendo. Ainda se movendo para sul. Não parece que vai parar.

Segundos depois, uma terceira unidade reportou:

— Vigia Cinco. Ele acaba de passar pelo cruzamento da Bald Knob Road. Distanciando-se do estacionamento.

*Não é o nosso garoto*. Mesmo nas primeiras horas da manhã a Enneking Parkway era uma via muito trafegada. Eles tinham perdido a conta de quantos veículos haviam passado pela reserva. Tantos alarmes falsos pontuando longos intervalos de tédio haviam gastado toda a adrenalina de Rizzoli, e ela estava afundando num torpor de privação de sono.

Recostou-se com um suspiro de decepção. Pelo pára-brisas ela viu a escuridão da floresta, iluminada apenas pela centelha ocasional de um vaga-lume.

— Venha, seu filho-duma-puta — murmurou Rizzoli. — Venha pra mim...

— Café? — perguntou Korsak.

— Obrigada.

Ele abriu a garrafa térmica, serviu uma xícara e a deu a Rizzoli. O café era preto, amargo e o gosto estava horroroso, mas mesmo assim ela o tomou.

— Fiz extraforte — explicou ele. — Dupliquei a dose do pó instantâneo. Isso faz crescer cabelo no peito.

— Talvez eu precise disso.

— Talvez, se eu beber muito deste negócio, alguns desses cabelos migrem de volta para a minha cabeça.

Ela olhou para a floresta, onde a escuridão escondia folhas podres e animais errantes. Animais com dentes. Lembrou-se dos restos mastigados da Mulher Raquítica e pensou em guaxinins mastigando costelas e cães brincando com crânios como se fossem bolas. Olhando para as árvores ela pensava em todos os tipos de criaturas, menos no Bambi.

— Nem posso mais falar sobre Hoyt — desabafou ela. — Não posso mencioná-lo sem que as pessoas me olhem com *pena*. Ontem tentei apontar os paralelos entre o *Cirurgião* e o nosso menino, e pude ver Dean pensando: *Ela ainda está com o* Cirurgião *no cérebro.* Ele acha que estou obcecada. — Suspirou. — Talvez eu esteja. Talvez eu continue assim para sempre. Talvez eu entre em qualquer cena criminal e veja o dedo dele. Cada assassino terá seu rosto.

Ambos olharam para o rádio quando a Central se pronunciou:

— Temos uma requisição por uma verificação de premissas, Cemitério Fairview. Alguma unidade na área?

Ninguém respondeu.

A Central repetiu o chamado:

— Temos um pedido por uma verificação de premissas, Cemitério Fairview. Possível entrada não-autorizada. Unidade Doze, ainda está na área?

— Unidade Doze. Estamos num código 1040 na River Street. Situação de emergência. Impossibilitados de atender.

— Entendido. Unidade Quinze? Qual é o seu 1010?

— Unidade Quinze. West Roxbury. Ainda naquele bar. Essa turma não está se acalmando. Estimativa de meia a uma hora para podermos nos encaminhar ao Cemitério Fairview.

— Alguma unidade? — perguntou a Central, vasculhando as ondas de rádio em busca de um carro de patrulha disponível. Numa noite quente de sábado, uma verificação de premissas rotineira não era um chamado de alta prioridade. Nem sempre era possível proteger os mortos de casais copulando no cemitério ou jovens pichando as lápides. A prioridade de um policial era sempre para os vivos.

O silêncio do rádio foi quebrado por um membro da equipe de tocaia de Rizzoli.

— Ah, aqui é Vigia Cinco. Estamos situados na Enneking Parkway. O Cemitério Fairview fica imediatamente à nossa vizinhança...

Rizzoli pegou o microfone e apertou o botão de transmitir.

— Vigia Cinco, aqui é Vigia Um — interrompeu Rizzoli. — Não abandone sua posição. Entendido?

— Temos cinco veículos na tocaia...

— O cemitério *não* é nossa prioridade.

— Vigia Um — disse Central. — Todas as unidades estão atendendo chamados agora. Alguma chance de liberar uma?

— Negativo. Quero que minha equipe mantenha posição. Entendido, Vigia Cinco?

— Código 104. Estamos mantendo. Central, não podemos atender a esse chamado de verificação de premissas.

Rizzoli suspirou com raiva. Ela certamente ouviria reclamações sobre isto na manhã seguinte, mas não estava disposta a liberar um único veículo de sua equipe de vigilância, não para uma chamada trivial.

— Sabe, a gente não está exatamente em ação — objetou Korsak.

— Quando acontecer, será rápido. Não vou permitir que ninguém estrague isto.

— Sabe aquela nossa conversa? Sobre você estar obcecada?

— Não comece agora.

— Não, eu não vou começar. Não quero que você arranque minha cabeça. — Ele abriu a porta.

— Para onde vai?

— Dar uma mijada. Preciso de permissão?

— Só estou perguntando.

— O café desceu bem.

— Não admira. O seu café abriria um buraco até numa chapa de aço.

Ele saltou do carro e caminhou para o bosque, mãos já abaixando o zíper. Ele nem se deu ao trabalho de se esconder atrás de uma árvore; simplesmente ficou parado ali, urinando nos arbustos. Como isto era uma coisa que não precisava ver, Rizzoli desviou o olhar. Toda classe tem seu menino porcalhão, e Korsak era ele, o menino que catava meleca na frente de todo mundo, arrotava com gosto e usava calças com manchas de comida. O menino cujas mãos gorduchas e meladas você evitava tocar a qualquer custo, porque morria de medo de pegar algum germe. Rizzoli sentia a um só tempo repulsa e pena dele. Olhou novamente para o café que ele lhe servira, e jogou o que sobrara pela janela.

Mais uma vez o rádio crepitou, assustando a detetive.

— Temos um veículo se movendo para leste pela Dedham Parkway. Parece um táxi.

Rizzoli respondeu:

— Um táxi, às três da manhã?

— Assim fomos informados.

— Para onde ele está indo?

— Acaba de virar para norte e entrar na Enneking.

— Vigia Dois? — chamou Rizzoli. Era a unidade seguinte na rota.

— Vigia Dois — confirmou Frost. — Sim, estamos vendo. Acaba de passar por nós... — Silêncio. Então, com tensão súbita: — Ele está diminuindo a velocidade.

— Está fazendo o quê?

— Está freando. Parece que vai parar...

— Localização? — inquiriu Rizzoli.

— O estacionamento de terra batida. Ele acaba de entrar no estacionamento!

*É ele.*

— Korsak, estamos quentes! — sussurrou para a janela. Enquanto colocava sua unidade de comunicação pessoal e ajustava

o fone, cada nervo de Rizzoli tinia de excitação.

Korsak fechou o zíper e voltou para o carro.

— O quê? O quê?

— Um veículo acaba de sair da Enneking... Vigia Dois, o que o motorista está fazendo?

— Está sentado lá. Luzes apagadas.

Rizzoli inclinou-se para a frente, pressionando o fone contra sua orelha. Segundos arrastaram-se. As transmissões ficaram silenciosas, cada policial esperando a ação seguinte do suspeito.

*Ele está analisando a área. Confirmando se é seguro continuar*.

— Você manda, Rizzoli — disse Frost. — Avançamos?

Ela hesitou, pesando suas opções, temendo acionar a arapuca cedo demais.

— Espere — exclamou Frost. — Ele acaba de acender os faróis de novo. Ah. Merda. Ele está recuando. Mudou de idéia.

— Ele viu você? Frost, ele viu você?

— Eu não sei! Ele voltou para a Enneking. Seguindo para norte...

— Nós o assustamos! — E então a única decisão possível pareceu cristalina a Rizzoli. Ela gritou na sua unidade de comunicação:

— Todas as unidades, vão, vão, *vão*! Cerquem ele *agora*!

Rizzoli ligou o motor, engatou a primeira. Seus pneus giraram, cavando uma vala em terra macia e folhas caídas. Galhos chicotearam o pára-brisas. Ela ouviu as transmissões rápidas e concisas de sua equipe e o ruído distante de sirenes múltiplas.

— Vigia Três. Bloqueado o norte da Enneking.

— Vigia Dois. Em perseguição...

— Veículo se aproximando. Está freando...

— Cerquem ele! Cerquem ele!

— Não confrontem sem apoio! — ordenou Rizzoli. — Aguardem apoio!

— Entendido. Veículo parou. Estamos mantendo posição.

Quando Rizzoli freou o carro com um guincho alto, a Enneking Parkway já era um nó de carros-patrulha e luzes azuis pulsantes. Rizzoli ficou temporariamente cega enquanto saltava do carro. O fluxo de adrenalina deixara todos os policiais com os nervos à flor da pele, e ela ouviu a tensão em suas vozes, a tensão de homens à beira da violência.

Frost abriu a porta do suspeito, e meia dúzia de armas foram apontadas para a cabeça do motorista. O taxista ficou sentado, cego e desorientado, luzes azuis pulsando em seu rosto.

— Saia do veículo — ordenou Frost.

— O que... o que foi que eu fiz?

— *Saia do veículo*. — Na noite intumescida com adrenalina, até Barry Frost transformara-se num homem ameaçador.

O taxista emergiu lentamente, mãos ao alto. No instante em que tocou o solo com ambos os pés, foi girado e empurrado contra o capô do táxi.

— Que foi que eu *fiz*? — gritou enquanto Frost o revistava.

— Diga seu nome! — ordenou Rizzoli.

— Não sei o que é tudo isto...

— Seu *nome*!

— Wilensky. — Ele choramingou. — Vernon Wilensky...

— Confere — Frost leu a carteira de identidade do taxista. — Vernon Wilensky, homem branco, nascido em 1955.

— A carteira de motorista também confere — ecoou Korsak, que se inclinara para dentro do táxi para ler a identidade pregada no painel.

Rizzoli olhou para cima, estreitando os olhos para se proteger do brilho de faróis em aproximação. Mesmo às três da manhã havia carros passando pela via, e, com a estrada agora bloqueada por veículos de polícia, em breve haveria carros recuando em ambas as direções.

Ela tornou a se concentrar no taxista. Segurando-o pela camisa, virou-o de frente para ela e apontou a lanterna contra seus olhos. Viu um homem de meia-idade, cabelos louros raleando, pele pálida sob o foco inclemente da lanterna. Este não era o rosto que ela imaginara para seu assassino desconhecido. Rizzoli, que nem sabia quantas vezes fitara os olhos do mal, carregava na memória os rostos de todos os monstros com os quais deparara-se em sua carreira. Este homem assustado não se enquadrava na galeria.

— O que está fazendo aqui, Sr. Wilensky? — perguntou Rizzoli.

— Eu estava... eu estava apenas pegando uma corrida.

— Que corrida?

— Um homem pediu um táxi. Disse que tinha ficado sem gasolina na Enneking Parkway...

— Onde ele está?

— Eu não sei! Parei onde ele disse que estaria esperando, e ele não está aqui. Por favor, isto é um engano. Ligue para a minha despachante! Ela vai confirmar o que estou dizendo!

Rizzoli disse a Frost:

— Abra o porta-malas.

Caminhando até a traseira do táxi, Rizzoli sentiu um enjôo instaurando-se em seu estômago. Levantou o capô e apontou a lanterna Maglite. Durante sólidos cinco segundos ela fixou a vista naquele porta-malas vazio, o enjôo agora crescendo para uma vontade de vomitar. Ela vestiu as luvas. Sentiu seu rosto aquecer e corar, seu coração bater desesperado, enquanto tirava o tapete cinza do porta-malas. Viu um estepe, um macaco, e algumas ferramentas. Puxou com força o tapete, toda sua raiva concentrada desnudando cada centímetro quadrado do piso do porta-malas, expondo cada reentrância escura. Ela parecia uma louca, agarrando-se desesperadamente aos resquícios de sua sanidade. Quando não tinha mais nada o que puxar, e o piso metálico do porta-malas estava completamente exposto, Rizzoli simplesmente

fitou o espaço vazio, recusando-se a aceitar o que estava ali para quem quisesse ver. A evidência irrefutável de que ela fora enganada.

*Uma armação. Tudo isto foi armado para nos distrair. Para nos distrair do quê?*

— Código 1054, código 1054, Cemitério Fairview. Todas as unidades, código 1054, Cemitério Fairview.

O olhar de Frost encontrou o dela, ambos atingidos ao mesmo tempo pela mesma compreensão terrível. Código 1054. Homicídio.

— Fique com o táxi! — ordenou a Frost enquanto corria para seu carro. No emaranhado de veículos, o dela era o mais fácil de extrair, o mais rápido de manobrar. Enquanto sentava atrás do volante e girava a chave, Rizzoli já xingava a si mesma por sua estupidez.

— Ei! *Ei!* — gritou Korsak. Ele estava correndo ao lado do carro, batendo na porta.

Ela freou apenas o tempo suficiente para permitir que ele entrasse e fechasse a porta. Então pisou fundo no acelerador, jogando o detetive para trás.

— Porra, estava querendo me deixar lá? — gritou ele.

— Ponha o cinto.

— Eu não sou apenas um carona.

— *Ponha o cinto!*

Ele puxou o cinto sobre o ombro e o prendeu. Mesmo sobre as vozes tagarelando no rádio, ela podia ouvir a respiração ruidosa e ofegante de Korsak.

— Vigia Um, respondendo ao 1054 — disse ela à Central.

— Seu 1010?

— Enneking Parkway, acabando de passar pelo cruzamento com Turtle Pond. Estimativa de chegada, menos de um minuto.

— Você será a primeira na cena.

— Situação?

— Sem informações adicionais. Considere código 1058.

*Armado e possivelmente perigoso.*

O pé de Rizzoli estava no fundo do acelerador. A estrada até o Cemitério Fairview chegou tão depressa que ela quase a perdeu. Fizeram a curva cantando pneus, Rizzoli brigando com o volante.

— Eia! — arfou Korsak quando eles quase colidiram com uma proteção de acostamento.

O portão de ferro fundido do cemitério estava aberto e ela entrou. O cemitério estava escuro, e seus faróis revelavam gramados e lápides sobressaindo-se como dentes brancos.

Um veículo de uma empresa de segurança estava estacionado a noventa metros do portão do cemitério. A porta do motorista estava aberta e a luz interna estava acesa. Rizzoli freou e já estava sacando a arma ao saltar, o reflexo tão automático que ela nem registrou a ação. Estava preocupada com um grande número de detalhes: o cheiro de grama recém-cortada e a terra úmida. O batimento de seu coração contra seu esterno.

E o medo. Correndo os olhos pela escuridão, Rizzoli sentiu a lambida gelada do medo porque sabia que, se o táxi tinha sido uma armação, então isto também podia ser. Um jogo do qual ela até agora nem sabia que estava participando.

Parou, olhos focando numa poça de sombra perto da base de um obelisco memorial. Mirando sua lanterna, viu o corpo caído do segurança.

Enquanto caminhava em sua direção, Rizzoli sentiu o cheiro de sangue. Não havia outro cheiro como aquele, e ativou alarmes primitivos em seu cérebro. A detetive se ajoelhou no gramado, encharcado com o sangue, ainda quente. Korsak estava bem ao seu lado, também com sua lanterna acesa, e Rizzoli ouviu sua respiração entrecortada, os guinchos que ele sempre fazia quando se exercitava.

O guarda estava deitado de bruços. Ela o virou de barriga para cima.

— Meu Deus! — ganiu Korsak, recuando com tanta brusquidão que o foco de sua lanterna foi dirigido para o céu.

O facho da lanterna de Rizzoli também estava trêmulo enquanto ela analisava o pescoço quase decapitado, pedaços de cartilagem reluzindo brancos na carne chacinada. Homem caído, de fato. Caído, morto, e quase separado de sua cabeça.

Luzes azuis vararam a noite, um caleidoscópio surreal aproximando-se deles. Rizzoli levantou-se, calças emporcalhadas com sangue, o tecido grudando nos joelhos. Olhos franzidos para se proteger das luzes dos veículos que se aproximavam, Rizzoli virou o rosto para a paisagem escurecida do cemitério. Nesse instante, uma imagem se congelou em suas retinas: uma silhueta movendo-se entre as lápides. Foi um vislumbre de menos de um segundo, e no pulso seguinte de luz a figura perdera-se no mar de lápides de mármore e granito.

— Korsak. Alguém se movendo às duas horas.

— Não estou vendo porra nenhuma.

Ela forçou a vista. Viu novamente, descendo o aclive em direção à cobertura de árvores. Num instante Rizzoli estava correndo, ziguezagueando pela pista de obstáculos de lápides, pisando nos mortos adormecidos. Ouviu Korsak bem atrás dela, ofegando como um acordeão, mas não por muito tempo. Dentro de segundos ela estava sozinha, pernas funcionando com o combustível de foguete da adrenalina. Ela estava quase alcançando as árvores, cada vez mais perto do local em que vira a silhueta pela última vez. Mas agora ela não via sombras em movimento, vultos na escuridão. Ela reduziu o passo até parar. Correu os olhos de um lado para outro, procurando o mais tênue movimento nas sombras.

Embora ela agora estivesse imóvel, seu pulso acelerou, movido pelo medo. Com a certeza arrepiante de que *ele* estava perto. *Ele* a observava. Ainda assim ela relutava em acender a lanterna, em enviar um facho de luz que anunciasse sua localização.

O estalo de um galho fez Rizzoli girar para a direita. As árvores avultavam-se à sua frente numa cortina escura impenetrável. Em meio ao rugido de seu próprio sangue, ao sopro de ar através de seus pulmões, ouviu folhas farfalharem e mais galhos quebrarem.

*Ele está caminhando em minha direção*.

Rizzoli se acocorou, arma apontada e preparada para disparar frente à menor ameaça.

Os passos pararam de repente.

Ela acendeu a lanterna Maglite e dirigiu seu facho para a frente. Então o viu, vestido de preto, parado entre as árvores. Capturado pelo facho de luz, ele se contorceu e levantou o braço para cobrir os olhos.

— *Parado!* — gritou Rizzoli. — Polícia!

O homem manteve-se perfeitamente imóvel, rosto virado, mão cobrindo o rosto. Ele disse, baixo:

— Vou tirar meus óculos.

— Não, babaca! Vai ficar parado exatamente onde está.

— E depois o quê, detetive Rizzoli? Vamos trocar distintivos e um aperto de mãos?

Arregalou os olhos, reconhecendo subitamente a voz. Lenta, deliberadamente, Gabriel Dean removeu seus óculos e virou-se para olhar para ela. Com a luz em seus olhos Dean não podia ver Rizzoli, mas ela podia vê-lo com perfeição, e notar que sua expressão estava tranqüila e impávida.

Com a lanterna ela fez uma varredura vertical do corpo de Dean, viu roupas pretas, uma arma num coldre de cinto. E em sua mão os óculos de visão noturna que ele acabara de remover. As palavras de Korsak ecoaram na mente de Rizzoli: *Aquele sujeito pensa que é James Bond.*

Dean deu um passo até ela.

Instantaneamente a arma de Rizzoli se levantou.

— Fique parado onde está.

— Calma, Rizzoli. Não há motivo para explodir minha cabeça.

— Ela não está aí?

— Só estou me aproximando de você. Para podermos conversar.

— Podemos falar desta distância.

Ele olhou para as luzes piscantes dos carros-patrulha.

— Quem você acha que emitiu o chamado de homicídio?

Ela continuou imóvel; não deixou sua mira oscilar.

— Use a cabeça, detetive. Eu presumo que você tenha uma cabeça muito boa.

Ele deu mais um passo.

— Porra, *parado*!

— Certo. — Ele levantou as mãos. Repetiu, calmamente: — Certo.

— O que está fazendo aqui?

— O mesmo que você. É aqui que a ação está.

— Como você soube? Se foi você quem requereu aquele 1054, como sabia que a ação estava aqui?

— Eu não sabia.

— Você apenas calhou de estar passando por aqui e achou o cadáver?

— Ouvi a Central emitir um chamado para a verificação da propriedade do Cemitério Fairview. Um possível invasor.

— E então?

— E então eu pensei que poderia ser o assassino.

— Você *pensou*?

— Sim.

— Deve ter tido uma razão muito boa.

— Instinto.

— Não me enrola, Dean. Aparece todo vestido para operação noturna, e eu tenho de acreditar que você só deu uma passadinha aqui para checar um invasor?

— Meus instintos são bons.

— Para ser tão bom, só sendo profeta.

— Estamos perdendo tempo aqui, detetive. Ou me prenda ou trabalhe comigo.

— Estou tendendo para a primeira opção.

Dean fitou Rizzoli com um olhar frio. Havia muita coisa que ele não estava dizendo a ela, muitos segredos que ela jamais arrancaria dele. Não aqui, não esta noite. Finalmente Rizzoli abaixou a arma mas não a colocou no coldre. Gabriel Dean não inspirava *tanta* confiança assim.

— Já que você foi o primeiro a chegar à cena, o que viu?

— Encontrei o segurança caído. Usei o rádio do carro dele para chamar a Central. O sangue ainda estava quente. Achei que havia uma chance de nosso garoto estar por perto. Então comecei a procurar.

Ela resfolegou, desconfiada.

— Nas árvores?

— Não vi outros veículos no cemitério. Você sabe o que temos à nossa volta, detetive?

Ela hesitou.

— Dedham está a leste. Hyde Park a norte e sul.

— Exatamente. Bairros residenciais em todos os lados, com muitos lugares para estacionar um carro. De lá é apenas uma caminhada curta até este cemitério.

— Por que o assassino viria para cá?

— O que sabemos sobre ele? Que é obcecado pelos mortos. Gosta de sentir o cheiro dos mortos, de tocar os mortos. Ele guarda os cadáveres até que o cheiro fica tão forte que é impossível de disfarçar, de ocultar. Apenas então ele abre mão dos restos mortais. Este é um homem que provavelmente fica excitado simplesmente passeando por um cemitério. Então aqui estava ele, na escuridão, desfrutando de uma pequena aventura erótica.

— Isto é doentio.

— Olhe dentro da mente *dele*, do universo *dele*. Podemos achar que é doentio, mas para ele este lugar é um pedacinho do céu. Um lugar onde os mortos são trazidos para descansar. Exatamente o tipo de lugar para onde *o Dominador* viria. Ele caminha por este lugar e provavelmente imagina todo um harém de mulheres adormecidas repousando sob seus pés.

“Mas então ele é perturbado, surpreendido pela chegada de um carro de uma firma de segurança. Um guarda que provavelmente não espera lidar com nada mais perigoso que alguns adolescentes procurando por uma aventura noturna.

— E o guarda deixa um homem solitário caminhar até ele e cortar sua garganta?

Dean ficou calado. Para isto ele não tinha explicação. Nem Rizzoli.

Quando os dois subiram de volta pela ladeira, a noite pulsava com luzes azuis, e a equipe de Rizzoli já estava passando fitas de isolamento entre estacas. Rizzoli viu o funesto carnaval de atividades e subitamente sentiu-se cansada demais para lidar com aquilo. Poucas vezes Rizzoli havia questionado seu próprio julgamento, duvidado de seus próprios instintos. Mas esta noite, confrontada com a evidência de seu fracasso, pensou que Gabriel Dean talvez estivesse certo, e que ela não deveria estar liderando esta investigação. Talvez o trauma infligido por Warren Hoyt houvesse causado tantos danos que ela não conseguisse mais agir como uma verdadeira policial. Esta noite ela tomara a escolha errada. Recusara-se a liberar qualquer integrante de sua equipe para atender a um chamado de verificação de premissas. *Estávamos a um quilômetro e meio daqui, sentados em nossos carros, esperando por nada enquanto este homem estava morrendo.*

A sucessão de derrotas pesava tanto nos ombros de Rizzoli que ela sentia as costas arqueadas como se carregasse pedras de verdade. Ela voltou para o carro e abriu o celular. Frost atendeu.

— A despachante da empresa de táxi confirma a história do motorista — informou Frost. — Eles receberam a chamada às 2h16. Um homem alegando que seu carro estava sem gasolina na Enneking Parkway. Ela despachou o Sr. Wilensky. Estamos tentando rastrear de onde o telefonema foi feito.

— Nosso garoto não é estúpido. O rastro não vai levar a lugar nenhum. Um telefone público. Ou um celular roubado. *Merda.* — Ela socou o painel do carro.

— E quanto ao taxista? Ele está limpo.

— Libere.

— Tem certeza?

— Foi tudo um jogo, Frost. O assassino sabia que estávamos esperando por ele. Ele está brincando conosco. Demonstrando seu controle sobre nós. Que ele é mais esperto do que nós.

*E ele acaba de provar isso*.

Rizzoli desligou o telefone e ficou sentada por um momento, reunindo energia para saltar do carro e enfrentar o que a esperava. Mais uma investigação de morte. Todas as perguntas que certamente iriam se seguir às suas decisões desta noite. Rizzoli pensou no quanto investira suas esperanças na crença de que o assassino obedeceria ao seu padrão. Em vez disso ele usara esse próprio padrão para provocá-la. Para gerar o fiasco que ela agora tinha em mãos.

Vários policiais parados diante da fita de cena criminal viraram-se para olhar para ela — sinal de que, por mais cansada que estivesse, não podia esconder-se em seu carro por muito mais tempo. Lembrou da garrafa térmica de café de Korsak; por pior que fosse o gosto, uma boa dose de cafeína viria bem a calhar. Virou-se

para pegar a garrafa térmica atrás da sua poltrona e parou de repente.

Olhou para os policiais parados entre os carros de patrulha. Viu Gabriel Dean, esguio e elegante como um gato preto enquanto caminhava pelo perímetro da cena criminal. Viu policiais vasculhando o chão com suas lanternas. Mas não viu Korsak.

Saiu do carro e se dirigiu ao policial Doud, que fizera parte da equipe de tocaia.

— Viu o detetive Korsak? — perguntou.

— Não, madame.

— Ele não estava aqui quando você chegou? Não estava esperando perto do cadáver?

— Eu não o vi.

Ela olhou para as árvores, onde encontrara Gabriel Dean. *Korsak estava correndo bem atrás de mim. Mas ele não me alcançou. E ele não voltou para cá...*

Ela começou a caminhar até as arvores, retraçando a rota pela qual correra através do cemitério. Durante a corrida estivera tão concentrada na perseguição que mal prestara atenção em Korsak. Ele havia corrido atrás de Rizzoli, tentando acompanhá-la. Depois ficara para trás, e essa fora a última vez que ela o vira.

Rizzoli começou a caminhar mais depressa, correndo o facho da lanterna para a esquerda e para a direita. Esta era a rota que ela havia tomado? Não, não, ela seguira uma fileira diferente de lápides. Ela reconhecera um obelisco avultando-se à esquerda.

Corrigindo o curso, seguiu até o obelisco e quase tropeçou nas pernas de Korsak.

Ele jazia de bruços ao lado de uma lápide, a sombra de seu tronco imenso mesclando-se com o granito. Imediatamente ela estava ajoelhada, gritando por ajuda enquanto o virava de barriga para cima. Bastou olhar uma vez seu rosto inchado e escurecido para ver que ele estava em parada cardíaca.

Sentiu seu pescoço, querendo tão desesperadamente detectar seu batimento cardíaco que quase confundiu a pulsação latejante de seus próprios dedos com a dele. Mas ele não tinha nenhuma.

Martelou o punho no peito de Korsak. Mesmo esse golpe violento não acordou seu coração.

Inclinando a cabeça de Korsak para trás, abriu sua boca para aumentar a ventilação. Antes sentira nojo de muitas coisas em Korsak. O cheiro de seu suor e cigarros, sua respiração arquejante, seu aperto de mão melado. Nenhuma dessas coisas foi registrada agora enquanto Rizzoli selava sua boca contra a dele e soprava ar em seus pulmões. Sentiu o peito de Korsak se expandir, ouviu o zumbido ruidoso de seus pulmões expelirem ar novamente. Plantou as mãos em seu peito e iniciou a reanimação cardiopulmonar, fazendo o trabalho que o coração dele se recusava a executar. Ela continuou bombeando enquanto outros policiais chegavam para ajudar, enquanto seus braços começavam a tremer e o suor se espalhava por seu colete. Mesmo enquanto bombeava, Rizzoli estava açoitando mentalmente a si mesma. Como ela não o tinha visto, caído ali? Por que não notara sua ausência? Os músculos de Rizzoli ardiam, seus joelhos doíam, mas ela não parou. Ela devia isto a ele e não iria abandoná-lo uma segunda vez.

Uma sirene de ambulância se aproximou.

Ainda estava bombeando quando os médicos socorristas chegaram. Rizzoli só abdicou de seu papel quando alguém segurou seu braço e a afastou de Korsak. Manteve-se afastada, pernas trêmulas, enquanto os médicos assumiam a situação, inserindo um tubo intravenoso, pendurando uma bolsa de soro. Inclinaram a cabeça de Korsak para trás e enfiaram por sua garganta uma lâmina de laringoscopia.

— Não consigo ver as cordas vocais!

— Nossa, o pescoço dele é grosso demais!

— Ajude-me a reposicionar.

— Certo. Tente de novo!

Mais uma vez o médico inseriu o laringoscópio, fazendo força para segurar o peso do queixo de Korsak. Com seu queixo imenso e língua inchada, o detetive parecia um touro recém-estrangulado.

— O tubo está dentro!

Rasgaram o resto da camisa de Korsak, expondo uma mata densa de pêlos, e esfregaram os eletrodos do desfibrilador. No monitor de eletroencefalograma surgiu uma linha denteada.

— Taquicardia ventricular!

Os eletrodos descarregaram, uma rajada de corrente elétrica varando o peito de Korsak. O espasmo ergueu da grama seu tronco pesado para que ele em seguida caísse de volta numa pilha flácida. Os inúmeros fachos de luz das lanternas dos policiais revelavam cada detalhe cruel, desde a pálida barriga de cerveja até os peitos quase femininos que são o embaraço de tantos homens obesos.

— Certo! Ele está com ritmo. Taquicardia sinusal...

— Pressão sangüínea?

A almofada do medidor inflou em torno do braço carnudo de Korsak.

— Pressão sistólica nove. Podemos movê-lo!

Mesmo depois que os médicos haviam embarcado Korsak e as luzes traseiras da ambulância tinham sumido na noite, Rizzoli não se mexeu. Entorpecida com exaustão, ficou parada, fitando as trevas, imaginando o que estava para acontecer com Korsak. As luzes fortes da sala de emergência. Mais agulhas, mais tubos. Rizzoli decidiu telefonar para a esposa do detetive, mas então lembrou que não sabia seu nome. Na verdade, ela não sabia praticamente nada sobre a vida de Korsak, e sentiu uma tristeza profunda ao compreender que conhecia mais sobre os Yeagers mortos que sobre o homem vivo com quem trabalhara. O parceiro que ela deixara na mão.

Baixou os olhos para a grama onde o encontrara deitado. Ela ainda estava marcada pelo peso do detetive. Rizzoli imaginou Korsak correndo atrás dela, mas sem fôlego suficiente para acompanhá-la. Ele havia se esforçado demais, movido por vaidade masculina, por orgulho. Teria apertado o peito antes de cair? Teria gritado por socorro?

*De qualquer jeito, eu não teria ouvido. Estava ocupada demais perseguindo sombras. Tentando salvar meu próprio orgulho.*

— Detetive Rizzoli? — disse o policial Doud. Ele se aproximara tão silenciosamente que ela nem o percebera parado ao seu lado.

— Sim?

— Lamento dizer, mas encontramos outro.

— Outro?

— Outro corpo.

Estarrecida, Rizzoli não disse nada enquanto seguia Doud pelo gramado úmido, sua lanterna iluminando o caminho através da escuridão. Um lampejo longínquo gerado por outras lanternas marcava seu destino. Quando ela finalmente sentiu o primeiro cheiro de podridão, eles estavam a muitas centenas de metros do local onde o guarda de segurança caíra.

— Quem encontrou? — indagou Rizzoli.

— O agente Dean.

— Por que ele estava procurando aqui tão longe?

— Acho que estava fazendo uma busca geral.

Dean virou-se para olhar para Rizzoli enquanto ela se aproximava.

— Creio que encontramos Karenna Ghent — anunciou ele.

A mulher jazia em cima de uma sepultura, cabelos negros esparramados em torno da cabeça, pilhas de folhas dispostas entre os fios escuros num arremedo de ornamentação daquela carne mortificada. Estava morta há tempo suficiente para que a barriga estivesse inchada e fluido escorresse das narinas. Mas o impacto de

todos esses detalhes empalideceu diante do horror de ver o que fora feito na parte inferior de seu abdômen. Rizzoli fitou o ferimento largo. Um único corte transversal.

O chão pareceu sumir debaixo dos pés de Rizzoli, que cambaleou para trás, estendendo o braço às cegas em busca de apoio mas encontrando apenas ar.

Foi Dean quem a pegou, segurando-a com firmeza pelo cotovelo.

— Não é coincidência — observou ele.

Rizzoli estava calada, seu olhar ainda fixado naquele ferimento terrível. Lembrou de ferimentos semelhantes em outras mulheres. Lembrou de um verão ainda mais quente que este.

— Ele esteve acompanhando as notícias — continuou Dean. — Ele sabe que você está chefiando a investigação. Ele sabe como virar a mesa, como fazer um jogo de gato e rato funcionar em ambos os sentidos. É isso o que esta situação é para ele agora: um jogo.

Embora registrasse suas palavras, ela não entendia o que Dean estava tentando lhe dizer.

— Que jogo?

— Não está vendo o nome?

Dean apontou o facho de luz de sua lanterna para as palavras cinzeladas na lápide de granito:

*Marido e pai amado*
*Anthony Rizzoli*
*1901-1962*

— É uma provocação — disse Dean. — E é direcionada a você.

# 13

A mulher sentada ao lado da cama de Korsak tinha cabelos castanhos lisos que pareciam não ser lavados ou penteados há dias. Ela não o tocava; simplesmente fitava a cama com olhos vazios, mãos repousando no colo, desprovida de vida como um manequim. Rizzoli parou diante do cubículo da UTI, decidindo se deveria intrometer-se. Quando a mulher finalmente levantou o rosto, seu olhar cruzou com o de Rizzoli através da vitrine. Sem poder mais esconder-se, a detetive entrou no cubículo.

— Sra. Korsak? — perguntou Rizzoli.

— Sim.

— Sou a detetive Rizzoli. Jane. Por favor, me chame de Jane.

A expressão da mulher permaneceu vazia; ela claramente não reconheceu o nome.

— Sinto muito, mas não sei seu primeiro nome — disse Rizzoli.

— Diane. — A mulher ficou calada por um momento; então franziu a testa, intrigada. — Perdão, quem é você mesmo?

— Jane Rizzoli. Sou do departamento de polícia de Boston. Estive trabalhando com seu marido num caso. Ele talvez tenha mencionado.

Diane respondeu com um vago encolher de ombros e tornou a olhar para seu marido. Seu rosto não revelava tristeza ou medo. Apenas a passividade torpe da exaustão.

Durante um momento Rizzoli apenas manteve uma vigília silenciosa da cama. Tantos tubos, pensou. Tantas máquinas. E no centro Korsak, reduzido a carne insensível. Os médicos tinham confirmado um ataque cardíaco, e embora seu ritmo cardíaco agora estivesse estável, ele permanecia em estupor. Um tubo endotraqueal saía da boca aberta como uma cobra de plástico. Uma garrafa pendurada ao lado da cama coletava um lento gotejar de urina. Embora o lençol ocultasse os genitais de Korsak, seu peito e abdômen estavam nus, e uma perna peluda sobressaía de baixo do lençol, revelando um pé com unhas amarelas não cortadas. Olhando esses detalhes, ela se sentia envergonhada de invadir sua privacidade, de vê-lo em seu estado mais vulnerável. Ainda assim não conseguia desviar os olhos dele. Sentia-se compelida a olhar, atraída por todos os detalhes íntimos, as coisas que, caso estivesse acordado, Korsak não gostaria que ela visse.

— Ele está precisando se barbear — observou Diane.

Uma preocupação tão trivial, mas ainda assim o primeiro comentário espontâneo que Diane fizera. Ela não movera um músculo, permanecendo sentada absolutamente imóvel, mãos frouxas, expressão plácida cinzelada em pedra.

Rizzoli tentou pensar em alguma coisa para dizer, alguma coisa que *devesse* dizer para confortar Diane. Acabou optando por um clichê.

— Ele é um lutador. Não vai desistir fácil.

As palavras de Rizzoli caíram como pedras num lago sem fundo. Sem ondas, sem efeito. Um silêncio longo transcorreu antes que os

olhos azuis e foscos de Diane finalmente focassem nela.

— Sinto muito, mas esqueci de novo o seu nome.

— Jane Rizzoli. O seu marido e eu estávamos trabalhando juntos numa tocaia.

— Ah... Foi você.

Rizzoli parou, subitamente abalada pela culpa. *Sim, fui eu. Quem abandonou o seu marido. Quem o deixou sozinho na escuridão porque estava louca para salvar uma tocaia calamitosa.*

— Obrigada — disse Diane.

— Pelo quê? — perguntou Rizzoli, surpresa.

— Pelo que fez. Por tê-lo ajudado.

Rizzoli fitou os olhos azuis e vagos da mulher, e pela primeira vez notou as pupilas fortemente contraídas. Os olhos dos anestesiados, pensou. Diane Korsak estava num transe narcótico.

Rizzoli olhou para Korsak. Lembrou-se da noite em que o chamara à cena da morte de Ghent e ele chegara alcoolizado. Lembrou-se também da noite em que conversaram no estacionamento do instituto médico-legal e Korsak parecera relutante em ir para casa. Era isso que ele encontrava todas as noites? Esta mulher de olhar vazio e voz de robô?

*Você nunca me disse. E eu nunca me importei em perguntar*.

Rizzoli aproximou-se da cama e apertou a mão de Korsak. Lembrou do nojo que sentira antes por esta palma úmida. Mas não esta noite. Hoje teria adorado que ele retribuísse ao aperto. Mas a mão de Korsak permaneceu flácida.

Eram onze da manhã quando Rizzoli finalmente entrou em seu apartamento. Ela virou os dois ferrolhos, apertou o botão da fechadura e passou a corrente. Houve uma época em que consideraria todas essas trancas um sinal de paranóia. Uma época em que ela teria ficado satisfeita em apenas trancar a porta e

manter uma arma na gaveta de sua mesinha-de-cabeceira. Mas há um ano Warren Hoyt mudara sua vida, e desde então sua porta adquirira esses reluzentes acessórios de bronze. Rizzoli olhou seu exército de trancas, subitamente percebendo que havia se tornado mais outra vítima de um crime violento, desesperada por entrincheirar sua casa e isolar-se do mundo.

O *Cirurgião* fizera isso com ela.

E agora este novo assassino desconhecido, *o Dominador*, somara sua voz ao coro de monstros urrando do outro lado de sua porta. Gabriel Dean entendera imediatamente que a escolha da sepultura na qual o cadáver de Karenna Ghent tinha sido depositado não fora acidental. Embora o inquilino daquela sepultura, Anthony Rizzoli, não fosse parente de Jane, seu nome em comum era claramente uma mensagem destinada a ela.

*O* Dominador *conhece o meu nome.*

Ela só removeu o coldre depois de uma revista completa do seu apartamento. Não era um espaço grande, e levou menos de um minuto para olhar a cozinha e a sala de estar, e então percorrer o corredor curto até seu quarto, onde abriu o armário e espiou debaixo da cama. Apenas então desafivelou o coldre e guardou a arma na gaveta da mesinha-de-cabeceira. Despiu as roupas e foi até o banheiro. Trancou a porta — mais um reflexo automático, e completamente desnecessário, mas era a única forma que tinha de entrar no chuveiro e reunir as forças para puxar a cortina. Momentos depois, seus cabelos ainda cheios de condicionador, foi tomada pela sensação de que não estava sozinha. Puxou a cortina e olhou para o banheiro vazio, coração batendo, água escorrendo por seus ombros e caindo no chão.

Desligou a torneira. Recostou-se contra a parede azulejada, respirando fundo, esperando sua pulsação desacelerar. Sob o tamborilar de seu coração, escutou o zumbido do ventilador. O ronco dos canos do prédio. Os sons cotidianos que jamais

percebera até agora, quando sua normalidade surtia um efeito calmante muitíssimo bem-vindo.

Quando seu coração finalmente voltou à velocidade normal, a água havia esfriado em sua pele. Rizzoli saiu do box, enxugou-se e então se abaixou para esfregar o chão molhado também. Apesar de todo o fingimento, de toda sua banca de tira durona, agora estava reduzida a pouco mais que carne trêmula. Viu no espelho como o medo a mudara. Olhou para uma mulher que perdera peso, cuja constituição naturalmente frágil estava quase se derretendo para a esqualidez. Cujo rosto, que antes fora quadrado e resoluto, agora estava fino como o de uma aparição, olhos escuros arregalados dentro das órbitas fundas.

Fugiu do espelho e entrou no quarto. Cabelos ainda úmidos, afundou na cama e ficou deitada de olhos arregalados, sabendo que deveria tentar recuperar ao menos algumas horas de sono. Mas a luz do dia brilhava forte através das fendas das persianas, e ela podia ouvir a rua lá embaixo. Era meio-dia, e estava acordada há praticamente trinta horas e não comia há quase doze. Mesmo assim não sentia apetite ou vontade de dormir. Os eventos do começo da manhã ainda zumbiam como uma corrente através de seu sistema nervoso, as memórias girando em sua cabeça numa ciranda interminável. Via a garganta do segurança aberta, cabeça virada num ângulo impossível a partir do torso. Via Karenna Ghent, folhas espalhadas nos cabelos.

E via Korsak, corpo coberto de tubos e fios.

As três imagens piscavam sucessivamente em sua cabeça como uma luz estroboscópica, e ela não conseguia pará-las. Não conseguia silenciar o zumbido. Era assim que uma louca se sentia?

Semanas antes, o Dr. Zucker aconselhara-a a se consultar com um analista, e Rizzoli negara-se terminantemente. Agora Rizzoli se perguntou se Zucker havia detectado alguma coisa em suas palavras, seu olhar, que nem mesmo ela percebia. As primeiras

ranhuras em sua sanidade, alargando-se cada vez mais, desde que o *Cirurgião* havia abalado a sua vida.

A campainha do telefone acordou Rizzoli. Com a impressão de que acabara de fechar os olhos, atendeu ao telefone movida pela primeira emoção que sentiu, que foi raiva, raiva por não ter direito a nem mesmo um minuto de descanso. Respondeu com um sucinto:

— Rizzoli.

— Ah... detetive Rizzoli, aqui é Yoshima, do instituto médico-legal. A Dra. Isles estava esperando que você viesse para o *post mortem* de Ghent.

— Estou indo.

— Bem, ela já começou, e...

— Que horas são?

— Quase quatro. Tentamos seu bipe, mas você não respondeu.

Rizzoli sentou-se tão bruscamente que o quarto inteiro pareceu girar ao seu redor. Balançou a cabeça e olhou o relógio ao lado de sua cama: 15:52. O alarme não a havia acordado, nem o som de seu bipe.

— Sinto muito. Chegarei aí o mais rápido possível.

— Espere um pouco. A Dra. Isles quer falar com você.

Ela ouviu um som metálico: instrumentos sendo pousados numa bandeja. E então a voz de Isles chegou pelo telefone.

— Detetive Rizzoli, você está vindo para cá, certo?

— Estarei aí em meia hora.

— Então estaremos à sua espera.

— Não quero prender vocês.

— O Dr. Tierney também está vindo. Vocês dois precisam ver uma coisa.

Isto era altamente irregular. Com todos os patologistas da equipe para escolher, por que a Dra. Isles chamaria o Dr. Tierney de volta

de sua aposentadoria recente?

— Algum problema? — indagou Rizzoli.

— O ferimento no abdômen da vítima — respondeu a Dra. Isles. — Não é um simples corte. É uma incisão cirúrgica.

O Dr. Tierney já estava paramentado e esperando na sala de autópsias quando Rizzoli chegou. Como a Dra. Isles, ele normalmente dispensava o uso de um respirador, e esta noite sua única proteção facial era uma máscara plástica, através da qual Rizzoli pôde ver sua expressão pesarosa. Todos na sala pareciam igualmente melancólicos, e Rizzoli foi recebida com um silêncio irritante ao entrar na sala. A esta altura a presença do agente Dean não mais a surpreendia, e ela respondeu ao seu olhar com um leve meneio de cabeça enquanto se perguntava se ele também conseguira recuperar algumas horas de sono. Pela primeira vez Rizzoli viu fadiga nos olhos de Dean. Talvez até Gabriel Dean estivesse sendo lentamente prostrado pelo peso desta investigação.

— O que perdi? — perguntou Rizzoli. Ainda não preparada para olhar para os restos mortais, fixou sua atenção em Isles.

— Terminamos o exame externo. Os criminologistas já colheram fibras, fragmentos de unhas e cabelos.

— E quanto às amostras vaginais?

Isles fez que sim com a cabeça.

— Encontramos espermatozóides vivos.

Rizzoli respirou fundo e finalmente olhou para o corpo de Karenna Ghent. O cheiro forte quase derrotou o mentol Vick que Rizzoli, pela primeira vez, passara debaixo das narinas. Ela não confiava mais em seu estômago. Muita coisa ruim acontecera nessas últimas semanas, e ela perdera a confiança na força que a sustentara durante outras investigações. Ao entrar nesta sala, o que ela temera não era a autópsia propriamente dita, mas sua reação a

ela. Rizzoli não podia predizer, não podia controlar, a forma como reagiria, e isto, mais do que qualquer outra coisa, era o que a assustava.

Antes de sair de casa, comera um punhado de bolachas de água e sal para não enfrentar este tormento de estômago vazio, e estava aliviada por não ter sentido nem mesmo uma pontada de náusea apesar dos odores, apesar da condição grotesca dos restos mortais. Foi capaz de manter sua compostura ao examinar o abdômen esverdeado. A incisão em Y ainda não fora feita. O corte profundo era a única coisa que Rizzoli não teve coragem de olhar. Em vez disso concentrou-se no pescoço, nos ferimentos discóides, visíveis mesmo contra a descoloração *post mortem*, sob ambos os ângulos da mandíbula. As marcas foram deixadas pelos dedos do assassino, pressionando contra a carne.

— Estrangulamento manual — anunciou Isles. — Como Gail Yeager.

*A forma mais íntima de matar alguém*, dissera o Dr. Zucker. *Pele com pele. Suas mãos contra a carne dela. Pressionando sua garganta enquanto sentia sua vida escoar.*

— E os raios X?

— Uma fratura da cartilagem tireóide esquerda.

O Dr. Tierney interrompeu-os:

— Não é o pescoço que nos interessa. É o ferimento. Sugiro que ponha um par de luvas, detetive. Você mesma vai examinar isto.

Rizzoli caminhou até o armário onde as luvas ficavam guardadas. Colocou sem pressa um par tamanho P, usando esse tempo para arregimentar coragem. Enfim virou-se de volta para a mesa.

A Dra. Isles já estava com a lâmpada de teto focada na parte inferior do abdômen. As bordas do ferimento arreganhavam-se como lábios escurecidos.

— A camada de pele foi aberta com um único corte limpo — disse a Dra. Isles. — Feito com uma lâmina não serrada. Uma vez que a lâmina estava dentro da pele, uma incisão mais profunda foi feita. Primeiro a fáscia superficial, depois o músculo, e finalmente o peritônio pélvico.

Rizzoli olhou para o ferimento, pensando na mão que segurara a lâmina, uma mão tão firme que tinha traçado a incisão com um único corte confiante.

Ela perguntou, baixinho:

— A vítima estava viva quando isto aconteceu?

— Não. Ele não usou sutura e não houve sangramento. Esta foi uma incisão *post mortem*, executada depois que o coração do paciente havia parado, depois que a circulação tinha cessado. A maneira como este procedimento foi feito, a seqüência metódica das incisões, indica que ele tem experiência em cirurgias.

— Vá em frente, detetive — encorajou o Dr. Tierney. — Examine o ferimento.

Ela hesitou, suas mãos geladas dentro das luvas de látex. Muito lentamente introduziu a mão na incisão, afundando na pélvis de Karenna Ghent. Ela sabia exatamente o que iria encontrar, mas ainda assim ficou abalada pela descoberta. Ela olhou para o Dr. Tierney e viu confirmação em seus olhos.

— O útero foi removido — disse ele.

Rizzoli retirou a mão da pélvis.

— É ele — balbuciou. — Warren Hoyt fez isto.

— Ainda assim, todo o resto é consistente com o *Dominador* — observou Gabriel Dean. — O seqüestro, o estrangulamento. O intercurso *post mortem*...

— Mas não isto — disse Rizzoli, fitando o ferimento. — Esta é a fantasia de Hoyt. É o que o excita. Proceder ao corte, apoderar-se do órgão que define as vítimas como mulheres e lhes confere um

poder que ele jamais terá. — Ela olhou direto para Dean. — Eu conheço o trabalho dele. Eu o vi antes.

— Nós dois conhecemos — acrescentou o Dr. Tierney a Dean. — Ano passado eu executei as autópsias nas vítimas de Hoyt. Esta é a técnica dele.

Dean balançou a cabeça, incrédulo.

— Dois assassinos diferentes? Combinando técnicas?

— O *Dominador* e o *Cirurgião* — concluiu Rizzoli. — Eles se encontraram.

# 14

Estava sentada no carro, ar quente soprando da saída de ventilação, suor formando contas em seu rosto. Nem mesmo o calor da noite dissolvia o arrepio com que Rizzoli saíra da sala de autópsia. Talvez eu tenha contraído um vírus, pensou, massageando as têmporas. E não seria de admirar; há dias ela estava funcionando a todo vapor e agora o corpo resolvera reclamar. Sua cabeça doía e tudo que tinha vontade de fazer era arrastar-se para a cama e dormir uma semana.

Dirigiu direto para casa. Caminhou até seu apartamento e mais uma vez desempenhou o ritual que se tornara parte vital da manutenção de sua sanidade. Girar os ferrolhos, passar a corrente. Fez essas coisas com extremo cuidado, e apenas depois de ter completado seus procedimentos de segurança e fechado cada tranca, espiado cada armário, Rizzoli finalmente descalçou os sapatos, despiu as calças e a blusa. Apenas de calcinha e sutiã, sentou na cama e se pôs a massagear as têmporas, imaginando se ainda haveria alguma aspirina no armário do banheiro, mas sentindo-se cansada demais para levantar e dar uma olhada.

O interfone do apartamento zumbiu. Rizzoli levantou de supetão, pulso galopando, alarmes acionando cada nervo. Não esperava visitantes, nem queria nenhum.

O zumbido tocou de novo, o som agindo como palha de aço contra nervos expostos.

Levantou, caminhou até a sala de estar e premeu o botão do interfone.

— Sim?

— É Gabriel Dean. Posso subir?

De todas as vozes no mundo, esta era a última que ela esperava ouvir. Ficou tão estupefata que não respondeu.

— Detetive Rizzoli?

— Do que se trata, agente Dean?

— A autópsia. Precisamos conversar.

Apertou o botão que abria a porta da rua e quase imediatamente desejou não ter feito isso. Não confiava em Dean, mas mesmo assim estava prestes a deixá-lo entrar no santuário de seu apartamento. Com o descuidado toque de um botão a decisão fora tomada, e agora ela não tinha como voltar atrás.

Ela mal tivera tempo de vestir um roupão quando ele bateu na porta. Pela lente grande angular do olho mágico as feições marcantes pareceram-lhe distorcidas. Ameaçadoras. Quando ela terminou de abrir todas as trancas, aquela imagem grotescamente distorcida havia se solidificado em sua mente. A realidade era bem menos ameaçadora. O homem de pé na porta de seu apartamento tinha olhos cansados e um rosto que registrava a tensão de ter testemunhado muitos horrores e dormido pouco.

Ainda assim, a primeira pergunta que ele fez foi sobre ela.

— Está agüentando bem tudo isso?

Ela entendeu a implicação da pergunta: que ela *não* estava agüentando bem. Que ela precisava ser analisada, uma policial instável prestes a desmoronar em pedacinhos.

— Estou perfeitamente bem.

— Você saiu tão rápido da autópsia que não tivemos chance de conversar.

— Sobre o quê?

— Warren Hoyt.

— O que você quer saber sobre ele?

— Tudo.

— Acho que isso levaria a noite inteira, e agora eu estou cansada.

Ela fechou mais o seu roupão, subitamente envergonhada. Sempre considerara importante parecer profissional, e geralmente vestia um terninho antes de seguir para uma cena criminal. Agora estava de pé diante de Dean usando nada mais do que calcinha, sutiã e um robe, e não gostou desta sensação de vulnerabilidade.

Ela estendeu a mão até a porta, um gesto com uma mensagem clara: *Esta conversa acabou*.

Ele não recuou do vão da porta.

— Olhe, admito que cometi um erro. Devia ter dado ouvidos a você desde o começo. Foi você quem o viu primeiro. Eu não reconheci os paralelos com Hoyt.

— Isso porque você não o conheceu.

— Então conte-me sobre ele. Precisamos trabalhar juntos, Jane.

A risada de Rizzoli saiu afiada como vidro.

— Agora está interessado em trabalho de equipe? Isto é novidade.

Resignada com o fato de que ele não iria embora, Rizzoli deu-lhe as costas e caminhou para a sala. Dean seguiu-a, fechando a porta atrás dele.

— Fale-me sobre Hoyt.

— Você pode ler a pasta dele.

— Já fiz isso.

— Então sabe tudo de que precisa.

— Não tudo.

Ela se virou para ele.

— O que mais há?

— Quero saber o que você sabe. — Ele se aproximou mais, e Rizzoli sentiu um arrepio de alarme porque estava em franca desvantagem, de pé, descalça, diante dele, exausta demais para defender-se de uma agressão. Para ela, *pareceu* uma agressão a forma como ele estava fazendo perguntas e como seu olhar parecia penetrar o pouco que ela vestia.

— Há uma espécie de elo emocional entre vocês dois — arriscou ele. — Um *relacionamento*.

— Não chame isso de relacionamento.

— Como você chamaria?

— Ele era o criminoso. Eu, a pessoa que o encurralou. Simples assim.

— Não é nada simples, pelo que ouvi falar. Queira admitir ou não, *existe* uma ligação entre vocês dois. Ele retornou propositalmente para a sua vida. Aquele túmulo onde ele deixou o corpo de Karenna Ghent não foi escolhido ao acaso.

Ela não disse nada. Nesse ponto ela não discordava.

— Ele é um caçador, exatamente como você — continuou Dean. — Vocês dois caçam humanos. Esse é o elo entre vocês. O terreno comum.

— Não há terreno comum.

— Mas vocês entendem um ao outro. Não importa quais sejam os seus sentimentos, detetive, você está ligada a ele. Você viu a influência que ele exercia sobre o *Dominador* antes de todos nós. Você estava muito à nossa frente.

— E você achava que eu precisava de analista.

— Sim. Naquele momento, achei sim.

— Então agora eu não sou maluca. Sou brilhante.

— Você está com a pista clara em sua cabeça. Pode nos ajudar a descobrir o que ele fará em seguida. O que ele quer?

— Por que eu deveria saber?

— Você tem uma visão mais íntima dele do que qualquer outro policial.

— Íntima? O que você quer dizer por *íntima*? Aquele filho-da-puta quase me matou.

— E não há nada mais íntimo do que assassinato. Não é isso?

Rizzoli odiou-o naquele momento, porque ele expressara uma verdade da qual ela queria fugir. Dean frisara exatamente aquilo que ela não tinha coragem de reconhecer: que ela e Warren Hoyt estariam ligados para sempre um ao outro. Que medo e ódio eram emoções mais poderosas do que o amor.

Ela afundou no sofá. Antes ela teria resistido. Antes ela teria se mantido em pé de igualdade com qualquer homem. Mas esta noite ela estava cansada, tão cansada que não tinha forças de se defender das perguntas de Dean. Ele continuaria a pressioná-la até que respondesse, e talvez fosse melhor que ela se rendesse ao inevitável. Admitir tudo que ele quisesse para assim ser deixada em paz.

Empertigando-se, Rizzoli flagrou-se olhando para as mãos, as cicatrizes gêmeas em suas palmas. Elas eram a marca mais óbvia deixada por Hoyt; as outras cicatrizes não eram visíveis: as fraturas curadas de suas costelas e ossos faciais, que ainda podiam ser vistas em chapas de raios X. As menos visíveis eram as fraturas que ainda dividiam sua vida, como fendas deixadas por um terremoto. Nas últimas semanas ela deixara essas fendas se alargarem, como se o próprio solo tivesse cedido sob seus pés.

— Eu nem percebi que ele ainda estava lá — sussurrou. — Parado bem atrás de mim naquele porão, naquela casa...

Dean sentou-se na cadeira de frente para ela.

— Foi você quem o encontrou. A única policial que sabia onde procurar.

— Sim.

— Por quê?

Ela deu com os ombros e riu.

— Sorte.

— Não. Foi mais do que isso.

— Não me dê crédito que não mereço.

— Eu não acho que poderia lhe dar crédito suficiente, Jane.

Rizzoli levantou o rosto e o viu fitando-a de uma forma tão direta que ela quis se esconder. Mas para onde fugiria? Nenhuma defesa poderia resistir a um olhar tão penetrante. O quanto ele vê?, ela se perguntou. Ele sabe o quanto faz com que me sinta exposta?

— Conte para mim o que aconteceu naquele porão.

— Você sabe o que aconteceu. Está no meu depoimento.

— As pessoas deixam coisas de fora dos depoimentos.

— Não tenho mais nada a dizer.

— Não vai nem tentar?

Raiva atravessou seu corpo como estilhaços de uma granada.

— Eu não *quero* pensar nisso.

— Contudo você não consegue se esquecer. Consegue?

Rizzoli fitou-o, perguntando-se que jogo ele estava fazendo e como fora tão facilmente sugada para ele. Rizzoli já conhecera homens carismáticos, homens que podiam atrair o olhar de uma mulher com a velocidade de uma chicotada. Sempre considerara-os pelo que eram: os geneticamente abençoados entre os meros mortais. Ela não interessava a esses homens, e eles não interessavam a ela. Mas esta noite ela possuía algo de que Gabriel Dean precisava e ele focava todo seu poder de atração nela. E estava funcionando. Nunca em sua vida um homem deixara-a tão confusa e excitada ao mesmo tempo.

— Ele tinha prendido você no porão — encorajou-a Dean.

— Eu entrei no porão. Não sabia o que ia acontecer.

— Por que não sabia?

Foi uma pergunta surpreendente, que a obrigou a fazer uma pausa. Pensou naquela tarde, quando estivera de pé diante da porta do porão, temendo a descida por aquela escadaria escura. Lembrou do calor sufocante da casa e como o suor encharcara seu sutiã, sua blusa. Lembrou como o medo acendera cada nervo de seu corpo. Sim, ela realmente *sabia* que alguma coisa não estava certa. Sabia que alguma coisa a esperava no fundo da escadaria.

— O que saiu errado, detetive?

— A vítima — sussurrou.

— Catherine Cordell?

— Ela estava no porão. Amarrada a uma cama no porão...

— A isca.

Rizzoli fechou os olhos e quase sentiu o cheiro do sangue de Cordell, o cheiro da terra úmida. O cheiro de seu próprio suor, encharcado com medo.

— Eu mordi a isca.

— Ele sabia que você morderia.

— Eu devia ter imaginado...

— Mas estava concentrada na vítima. Em Cordell.

— Eu queria salvá-la.

— E esse foi o seu erro.

Ela abriu os olhos e fitou-o enfurecida.

— Erro?

— Você não checou a segurança da área primeiro. Você se deixou aberta ao ataque. Você cometeu o erro mais básico que existe. É surpreendente, para alguém tão capaz.

— Você não estava lá. Você não sabe a situação que enfrentei.

— Eu li sua declaração.

— Cordell estava deitada lá. Sangrando...

— Então você reagiu como qualquer ser humano normal faria. Tentou salvá-la.

— Sim.

— E se meteu em problemas. Esqueceu de pensar como uma policial.

A expressão ultrajada de Rizzoli não pareceu perturbá-lo. Ele simplesmente olhou de volta para ela, expressão imóvel, rosto tão bem composto, tão seguro, que serviu apenas para ampliar a atribulação dela própria.

— Eu *nunca* esqueço de pensar como uma policial.

— Sim, naquele porão você esqueceu. Deixou-se distrair pela vítima.

— Minha preocupação primária é sempre com a vítima.

— Quando isso coloca vocês duas em risco? Isso é lógico?

*Lógico*. Sim, esse era Gabriel Dean. Rizzoli jamais conhecera ninguém como este homem, que podia tratar vivos e mortos com a mesma ausência de emoção.

— Não podia deixar que ela morresse — justificou-se ela. — Esse foi o meu primeiro... o meu único pensamento.

— Você a conhecia? Cordell?

— Conhecia.

— Eram amigas?

— Não. — A resposta foi tão imediata que a sobrancelha de Dean se levantou numa indagação silenciosa. Rizzoli respirou fundo: — Ela era parte da investigação do *Cirurgião*. E nada mais.

— Não gostava dela?

Rizzoli fez uma pausa, surpresa; Dean parecia ler seus pensamentos. Ela respondeu:

— Eu não morria de amores por ela. Vamos colocar desta forma. — *Eu sentia inveja dela. De sua beleza. De seu efeito sobre Thomas Moore.*

— Mas Cordell era uma vítima — disse Dean.

— Eu não tinha certeza *do que* ela era. Não a princípio. Mas no fim ficou claro para mim que ela era o alvo do *Cirurgião*.

— Você deve ter sentido culpa. De ter duvidado dela.

Rizzoli não disse nada.

— Foi por causa disso que precisou tanto salvá-la?

Rizzoli empertigou-se, insultada com a pergunta.

— Ela estava em perigo. Eu não precisava de outro motivo.

— Você correu riscos que não eram prudentes.

— Eu não creio que *risco* e *prudência* sejam palavras que combinem numa mesma frase.

— O *Cirurgião* preparou a armadilha. Você mordeu a isca.

— Sim, certo. Foi um erro.

— Um erro que ele sabia que você iria cometer.

— Como ele poderia saber disso?

— Ele conhece muito a seu respeito. É aquele elo novamente. A conexão entre vocês dois.

Ela se levantou de supetão.

— Pára com essa merda! — exclamou, e saiu da sala.

Ele a seguiu até a cozinha, perseguindo-a incessantemente com suas teorias, teorias que ela não queria ouvir. A noção de qualquer elo emocional entre ela e Hoyt era repelente demais para ser considerada, e ela não podia suportar ouvir isso por muito mais tempo. Mas ali estava ele, encurralando-a em sua já claustrofóbica cozinha, forçando-a a ouvir o que ele tinha a dizer.

— Exatamente como você tem um canal direto para a psique de Warren Hoyt — continuou —, ele tem um para a sua.

— Ele nem me conhecia na época.

— Pode ter certeza disso? Ele devia estar acompanhando a investigação. Devia saber que você estava na equipe.

— E isso era tudo que ele saberia sobre mim.

— Acho que ele a conhece melhor do que você pensa. Ele se alimenta dos medos das mulheres. Está escrito no perfil psicológico

dele. Warren Hoyt sente atração por mulheres feridas. Por mulheres abaladas emocionalmente. O cheiro da dor de uma mulher o excita, e ele é extremamente sensível à sua presença. Ele emprega métodos sutis para detectar uma mulher ferida. Analisa o tom de sua voz. Se ela anda de cabeça baixa ou recusa olhar nos olhos dos outros. Todos os pequenos sinais físicos que o resto de nós deixa passar. Mas ele percebe todos eles. Ele sabe que mulheres estão feridas, e são essas que ele deseja.

— Eu não sou uma vítima.

— Você é agora. Ele a transformou numa.

Dean aproximou-se mais, chegando tão perto que os dois agora estavam quase se tocando. Rizzoli sentiu o impulso repentino de se jogar nos braços de Dean e se apoiar em seu peito. Para ver como ele reagiria. Mas o orgulho e o bom senso mantiveram-na perfeitamente rígida. Ela forçou uma gargalhada.

— Quem é a vítima aqui, agente Dean? Não eu. Não esqueça, fui *eu* quem prendeu o sujeito.

— Sim — respondeu, baixo. — Você prendeu o *Cirurgião*. Mas não sem causar danos a si mesma.

Ela retribuiu o olhar, silenciosa. *Danos*. Essa era a palavra perfeita para definir o que ele causara a ela. Uma mulher com cicatrizes nas mãos e uma fortaleza de trancas na porta. Uma mulher que jamais sentiria a brisa quente de agosto sem lembrar do calor daquele dia de verão e o cheiro de seu próprio sangue.

Sem dizer uma palavra, ela se virou e saiu da cozinha, voltando para a sala de estar. Ali ela afundou no sofá e ficou sentada em silêncio. Ele não a seguiu imediatamente, e por um momento Rizzoli foi abençoada com a solidão. Ela desejava que ele simplesmente desaparecesse, saísse de seu apartamento e lhe concedesse a intimidade que todo animal agonizante deseja. Mas não teve tanta sorte. Ela o ouviu emergir da cozinha, e levantou os olhos para vê-lo segurando dois copos. Ele estendeu um para ela.

— O que é isto? — perguntou Rizzoli.

— Tequila. Achei no seu armário.

Ela pegou o copo e o olhou intrigada.

— Esqueci que tinha esta garrafa. É bem velha.

— Bem, ela não tinha sido aberta.

Isso porque ela não gostava de tequila. A garrafa era apenas outra daquelas bebidas inúteis que seu irmão Frankie trazia de lembrança de suas viagens, como o licor kahlua do Havaí e o saquê do Japão. A forma de Frankie se exibir como um homem bem viajado, graças à fuzilaria dos Estados Unidos. Aquele era um momento tão bom quanto qualquer outro para provar esse souvenir do ensolarado México. Ela tomou um gole e lacrimejou. Enquanto a tequila descia queimando para seu estômago, ela subitamente pensou num detalhe do passado de Warren Hoyt. Suas primeiras vítimas tinham sido incapacitadas com a droga Rohypnol, colocada sorrateiramente em suas bebidas. Como é fácil nos pegar desprotegidas, pensou Rizzoli. Quando uma mulher está distraída ou não tem motivos para desconfiar do homem que lhe oferece uma bebida, ela é apenas mais uma ovelha no abatedouro. Até ela aceitara um copo de tequila sem hesitar. Até ela permitira que um homem a quem não conhecia bem entrasse em seu apartamento.

Olhou novamente para Dean. Estava sentado de frente para ela, e agora seus olhares se encontraram. A bebida, batendo em seu estômago vazio, já estava surtindo efeito, e ela sentiu seus membros entorpecidos. A anestesia do álcool. Estava calma e distante, perigosamente calma e distante.

Dean inclinou-se até ela, e o mecanismo de defesa de Rizzoli não a fez recuar como de costume. Dean estava invadindo seu espaço pessoal, da forma como poucos homens haviam tentado fazer, e ela permitiu. Ela se rendeu a ele.

— Não estamos mais lidando com um único assassino — observou ele. — Estamos lidando com uma parceria. E um desses

dois parceiros é um homem que conhece você melhor do que ninguém. Admita ou não, você tem uma ligação especial com Warren Hoyt, o que a torna também um elo com o *Dominador*.

Rizzoli exauriu um suspiro longo e sussurrou:

— É a forma como Warren trabalha melhor. É o que ele deseja. Um parceiro. Um mentor.

— Ele tinha um em Savannah.

— Sim. Um médico chamado Andrew Capra. Depois que Capra foi morto, Warren ficou sozinho. Foi então que ele veio para Boston. Mas ele nunca deixou de procurar por um novo parceiro. Alguém com quem pudesse compartilhar seus desejos. Suas fantasias.

— Parece que ele encontrou.

Fitaram um ao outro, ambos compreendendo as conseqüências funestas deste novo acontecimento.

— Agora eles são duas vezes mais eficazes — continuou ele. — Lobos trabalham melhor em matilhas que sozinhos.

— Caçada cooperativa.

Ele fez que sim.

— Facilita tudo. Perseguir. Encurralar. Manter o controle sobre as vítimas.

Ela se mexeu na cadeira.

— A xícara! — exclamou.

— O que tem ela?

— Não havia uma na cena criminal de Ghent. Agora sabemos por quê.

— Porque Warren Hoyt estava lá para ajudá-lo.

Ela fez que sim com a cabeça.

— O *Dominador* não precisava mais de um sistema de alarme. Ele tinha um parceiro que poderia alertá-lo caso o marido se mexesse. Um parceiro que permaneceu parado ali, observando tudo acontecer. E Warren também extraiu satisfação. Também gostou. Faz parte da fantasia dele. Ver uma mulher ser violentada.

— E o *Dominador* adora uma platéia.

Ela confirmou com a cabeça.

— É por causa disso que ele ataca apenas casais. Para que haja alguém para assistir. Para vê-lo desfrutar de seu domínio absoluto sobre o corpo de uma mulher.

O tormento que Rizzoli descreveu era uma violação tão íntima que foi doloroso para ela falar com ele olho no olho. Mas não desviou o olhar. O ataque sexual a mulheres era um crime que despertava a curiosidade lasciva de muitos homens. Como a única mulher na sala durante as reuniões investigativas de começo da manhã, Rizzoli vira seus colegas homens discutirem os detalhes desses ataques e percebera a excitação em suas vozes, mesmo enquanto esforçavam-se para manter a aparência de profissionalismo sóbrio. Demoravam-se nos relatos do patologista, olhavam por tempo demais as fotos de cenas criminais de mulheres com pernas abertas. Suas reações faziam Rizzoli sentir-se também pessoalmente violada, e com o passar dos anos desenvolvera uma sensibilidade aguçada para o menor brilho de interesse nos olhos de um policial quando o assunto era estupro. Agora, fitando os olhos de Dean, ela procurou por esse brilho perturbador mas não encontrou nenhum. Ela não vira nada além de determinação em seus olhos ao examinar os cadáveres violentados de Gail Yeager e Karenna Ghent. Dean não ficava excitado com essas atrocidades; ficava indignado.

— Você disse que Hoyt deseja um mentor — disse ele.

— Sim. Alguém para mostrar o caminho para ensiná-lo.

— Ensinar o quê? Ele já sabe como matar.

Ela parou para tomar outro gole de tequila. Quando olhou para Dean novamente, descobriu que ele havia se inclinado para mais perto, como se temesse perder qualquer informação que ela tivesse a oferecer.

— Variações sobre um tema — explicou. — Mulheres e dor. De quantas formas pode-se aviltar um corpo? De quantas formas pode-se infligir tortura? Warren tinha um padrão que ele seguiu durante muitos anos. Talvez ele esteja pronto para expandir seus horizontes.

— Ou este criminoso esteja pronto para expandir os dele.

Ela fez uma pausa antes de retrucar:

— O *Dominador*?

— Talvez estejamos vendo a situação invertida. Talvez seja o nosso assassino desconhecido que esteja procurando um mentor. E ele escolheu Warren Hoyt como seu professor.

Rizzoli fitou-o, gelada pelo pensamento. A palavra *professor* implicava mestria. Autoridade. Teria sido este o papel que Hoyt assumira durante seus meses atrás das paredes da prisão? Teria o confinamento nutrido suas fantasias, afiado seus impulsos para propósitos maiores? Ele tinha sido um inimigo formidável antes da prisão. Rizzoli não queria pensar numa encarnação mais poderosa de Warren Hoyt.

Dean recostou-se na cadeira, olhos azuis considerando seu copo de tequila. Ele havia apenas bebericado, e agora pousou o copo de volta na mesinha de café. Rizzoli sempre o considerara um homem que jamais deixava sua disciplina enfraquecer, que aprendera a manter todos seus impulsos em xeque. Mas ele estava sendo vencido pela fadiga; seus ombros estavam arqueados, seus olhos injetados. Ele esfregou uma das mãos sobre o rosto.

— Como dois monstros conseguem fazer contato numa cidade do tamanho de Boston? — conjecturou. — Como se encontram?

— E tão depressa? — acrescentou Rizzoli. — Os Ghents foram atacados apenas dois dias depois da fuga de Warren.

Dean levantou a cabeça e olhou para Rizzoli.

— Eles já se conheciam.

— Ou conheciam *a respeito* um do outro.

Certamente o *Dominador* sabia a respeito de Warren Hoyt. No outono passado seria impossível ler um jornal de Boston e permanecer ignorante sobre as atrocidades que ele cometera. Mesmo se eles não se conhecessem, Hoyt também saberia a respeito deste assassino desconhecido, se acompanhava os telejornais. Ele ouvira falar das mortes dos Yeagers, e sabia da existência de um monstro como ele, este irmão de sangue. Comunicação através do assassinato, a mensagem transmitida pelos telejornais e pelo *Boston Globe*.

*Ele também me viu na TV. Hoyt sabia que eu estava na cena da morte dos Yeagers. E agora ele está tentando se aproximar de mim.*

O toque de Dean provocou um tremor em Rizzoli. Estava fitando-a, aproximando-se cada vez mais dela. Rizzoli teve a impressão de que jamais um homem olhara-a com tanta intensidade.

*Nenhum homem além do* Cirurgião.

— Não é o *Dominador* que está fazendo jogos comigo — corrigiu Rizzoli. — É Hoyt. O jeito como aquela tocaia terminou num fiasco completo... foi planejado para me abater. É a única forma como ele consegue abordar uma mulher: abatendo seu espírito. Desmoralizando a mulher, arrancando pedaços de sua vida. É por isso que escolhe vítimas de estupro para matar. Mulheres que já foram destruídas simbolicamente. Antes de atacar, Hoyt precisa nos ver enfraquecidas. Com medo.

— Você é a última mulher na Terra que eu classificaria como fraca.

Rizzoli enrubesceu com o elogio, porque sabia que não o merecia.

— Estou apenas tentando explicar como ele trabalha — disse ela. — Como ele persegue sua presa. Primeiro ele incapacita, depois ataca. Fez isso com Catherine Cordell. Antes do ataque final, ele a torturou psicologicamente. Enviou mensagens para que soubesse que ele podia entrar e sair de sua vida sem que ela se

desse conta. Como um fantasma, atravessando paredes. Cordell não sabia quando ele ia aparecer em seguida, ou de que direção viria o ataque. Mas sabia que viria. É assim que Hoyt enfraquece a vítima. Mostrando que algum dia, quando ela menos esperar, ele irá pegá-la.

Apesar da natureza aterrorizante de suas palavras, Rizzoli mantivera uma voz calma. Sobrenaturalmente calma. Durante o tempo todo Dean a observara com intensidade serena, como se procurasse por um lampejo de emoção verdadeira, fraqueza verdadeira. Rizzoli não permitiu que ele visse nenhum.

— Agora ele tem um parceiro — continuou. — Alguém com quem pode aprender. Alguém a quem ele pode ensinar em troca. Uma equipe de caça.

— Você acha que eles permanecerão juntos.

— Warren vai querer isso. Ele ambicionava um parceiro. Eles já mataram juntos uma vez. Essa é uma ligação poderosa, selada com sangue.

Tomou um último gole da bebida, secando o copo. Será que a tequila entorpeceria seu cérebro, afugentando os pesadelos desta noite? Ou ela estava além dos confortos da anestesia?

— Já requereu proteção?

A pergunta chocou Rizzoli.

— Proteção?

— Um carro de patrulha, pelo menos. Para vigiar seu apartamento.

— Sou policial.

Dean inclinou a cabeça, como se esperando pelo resto da resposta.

— Se eu fosse homem você teria feito essa pergunta?

— Você não é homem.

— Isso significa que eu preciso automaticamente de proteção?

— Por que está tão ofendida?

— Por que o fato de eu ser mulher me incapacita de defender minha própria casa?

Dean suspirou.

— Sempre precisa superar os homens, detetive?

— Dei muito duro para ser tratada como todo mundo — endureceu-se ela. — Não vou pedir favores especiais porque sou mulher.

— É porque você é mulher que está nesta posição. As fantasias sexuais do *Cirurgião* são sobre mulheres. E o foco dos ataques do *Dominador* não são os maridos, mas as esposas. Ele estupra as esposas. Você não pode me dizer que ser mulher é irrelevante nesta situação.

Rizzoli estremeceu à menção de estupro. Até agora eles haviam mencionado ataques sexuais apenas em relação a outras mulheres. O fato de que ela era uma vítima potencial trazia o foco para um nível muito mais íntimo, um nível que ela não se sentia confortável em discutir com qualquer homem. Mas não era apenas o assunto de estupro que incomodava Rizzoli; era Dean. A forma como ele a estudava, como se ela guardasse algum segredo que ele estava ansioso para extrair.

— Isto não tem nada a ver com você ser policial ou capaz de defender a si mesma — disse ele. — Isto tem a ver com você ser mulher. Uma mulher com quem Warren Hoyt provavelmente vem fantasiando há meses.

— Não eu. É Cordell quem ele quer.

— Cordell está fora do alcance dele. Ele não pode tocá-la. Mas você está bem aqui. Está ao alcance dele, a mulher que ele quase derrotou. A mulher que ele pregou no soalho daquele porão. Ele estava com a lâmina na sua garganta. Ele já podia sentir seu cheiro.

— Pare, Dean.

— De certa maneira ele já reivindicou você. Você já é dele. E está em campo aberto todos os dias, trabalhando nos crimes que

ele deixa para trás. Cada cadáver é uma mensagem para os seus olhos. Uma amostra do que ele planejou para você.

— Já disse, *pare*.

— E acha que não precisa de proteção? Acha que vai se manter viva com revólver e coragem? Então está ignorando os seus próprios pressentimentos. Sabe o que ele vai fazer em seguida. Sabe o que ele deseja, o que o excita. E o que o excita é você. O que ele planeja fazer com *você.*

— Cala a boca, porra!

A explosão de Rizzoli assustou a ambos. Ela fitou Dean, envergonhada por sua falta de controle e pelas lágrimas que brotaram sabia ela lá de onde. Merda, merda, ela não podia chorar. Não podia permitir que um homem a visse desmoronar. E não podia permitir que, dentre todos os homens, Dean fosse o primeiro a ver isso.

Respirou fundo e disse em voz baixa:

— Quero que você saia agora.

— Estou apenas pedindo que dê ouvidos aos seus próprios instintos. Que aceite a mesma proteção que você ofereceria a qualquer outra mulher.

Rizzoli levantou-se e caminhou até a porta.

— Boa noite, agente Dean.

Por um momento Dean não se moveu, fazendo Rizzoli se perguntar o que seria necessário para ejetar este homem de sua casa. Finalmente ele se levantou, mas quando chegou à porta parou e se virou para ela.

— Você não é invencível, Jane — advertiu-a Dean. — E ninguém espera que você seja.

Muito depois que ele havia saído, Rizzoli permaneceu com as costas pressionadas contra a porta trancada, olhos cerrados, tentando aplacar a tensão deixada no rastro de sua visita. Rizzoli sabia que ela não era invencível. Aprendera isso há um ano, quando

olhara para o rosto do *Cirurgião* e esperara pela mordida de seu bisturi. Ela não precisava ser lembrada disso, e não gostara da forma bruta como Dean transmitira essa lição.

Voltou para o sofá e pegou o telefone na mesinha de canto. Ainda não devia ter amanhecido em Londres, mas ela não podia mais postergar este telefonema.

Moore atendeu no segundo toque, voz rouca mas alerta, apesar da hora.

— Sou eu. Desculpe por acordar você.

— Espere um pouco que vou para a sala.

Ela esperou. Pelo telefone ouviu um rangido de molas de colchão enquanto ele levantava da cama, e então o som de uma porta fechando às costas dele.

— O que está acontecendo? — perguntou Moore.

— O *Cirurgião* está caçando novamente.

— Houve outra vítima?

— Vi a autópsia há algumas horas. É trabalho dele.

— Ele não perdeu tempo.

— Fica pior, Moore.

— Como pode ficar pior?

— Ele tem um novo parceiro.

Uma pausa longa. E então, baixinho:

— Quem é?

— Achamos que é o mesmo assassino desconhecido que matou aquele casal em Newton. De algum modo, ele e Hoyt se encontraram. Estão caçando juntos.

— Tão depressa? Como podem ter se unido tão rápido?

— Se conheciam. Só pode ser isso.

— Onde se conheceram? Quando?

— É isso que precisamos descobrir. Pode ser a chave para a identidade do *Dominador*. — De repente ela pensou na sala de cirurgia da qual Hoyt escapara. *As algemas*. Não tinha sido o guarda

quem as destrancara. Outra pessoa havia entrado naquela sala de cirurgia para libertar Hoyt, talvez alguém usando roupas de zelador ou um jaleco de médico.

— Eu devia estar aí — disse Moore. — Devia estar nisto com você...

— Não, não devia. O seu lugar é onde você está, com Catherine. Não acredito que Hoyt possa encontrá-la. Mas ele vai tentar. Ele não desiste nunca; você sabe disso. E agora eles são dois, e nós não temos a menor idéia de como é a aparência desse parceiro. Se ele aparecer em Londres, você não vai conhecer seu rosto. Você precisa estar preparado.

Como se alguém pudesse estar preparado para o ataque do *Cirurgião*, pensou enquanto desligava o telefone. Há um ano atrás, Catherine Cordell pensara que estava preparada. Ela havia transformado sua casa numa fortaleza e vivia em estado de sítio. E ainda assim Hoyt conseguira penetrar suas defesas. Ele atacara quando ela menos esperava, num lugar que ela julgava seguro.

*Exatamente como julgo minha casa segura.*

Levantou e caminhou até a porta. Olhando para a rua lá embaixo, ela se perguntou se, naquele momento, alguém estava olhando para *ela*, observando-a na moldura da janela iluminada. Não seria difícil encontrá-la. Tudo que o *Cirurgião* precisava fazer era procurar no catálogo em “RIZZOLI, J”.

Na rua lá embaixo, um veículo reduziu a velocidade e parou no meio-fio. Um carro de patrulha. Rizzoli observou o veículo por um momento, mas ele não se moveu, e as luzes do motor foram apagadas, indicando que estava ali para ficar. Não requisitara vigilância protetora, mas sabia quem fizera isso.

Gabriel Dean.

*Gritos de mulheres ecoam pela história.*

*As páginas dos livros de história descrevem superficialmente os acontecimentos, não oferecendo os detalhes mais suculentos. Fornecem relatos secos de estratégias militares e ataques de flanco, da astúcia de generais e da investida de exércitos. Vemos ilustrações de homens de armadura, espadas desembainhadas, músculos flexionados em meio à agitação do combate. Vemos pinturas de líderes montando cavalos nobres, admirando campos onde soldados posam como fileiras de trigo esperando a ceifa. Vemos mapas com flechas traçando a marcha de exércitos conquistadores e lemos letras de baladas de guerra, cantadas em nome do rei e da pátria. Os triunfos dos homens sempre são escritos em letras garrafais, com o sangue dos soldados.*

*Ninguém fala das mulheres.*

*Mas todos sabemos que elas estavam lá, carne macia e pele lisa, seu perfume impregnando as páginas da história. Todos sabemos, embora não falemos disso, que a selvageria da guerra não se confina ao campo de batalha. Que depois que o último soldado inimigo cai, e um exército é vitorioso, é contra as mulheres conquistadas que o exército volta sua atenção.*

*Sempre foi assim, embora a realidade brutal raramente seja mencionada nos livros de história. Em vez disso leio sobre guerras reluzentes como bronze, com glória para todos. Leio sobre gregos lutando sob os olhos vigilantes dos Deuses, e da queda de Tróia, que segundo o poeta Homero foi uma guerra travada por heróis, Aquiles e Heitor, Ajax e Odisseu, nomes agora preservados para a eternidade. Ele escreve sobre o clangor das espadas, o vôo das flechas, a terra encharcada em sangue.*

*Ele deixa de fora as melhores partes.*

*É o dramaturgo Eurípides que nos conta sobre o que aconteceu depois da guerra com as mulheres troianas, mas mesmo ele é circunspecto. Ele não se demora nos detalhes lascivos. Ele nos conta que Cassandra foi carregada para fora do templo de Atena*

*por um chefe grego, mas cabe a nós imaginar o que acontece em seguida. O rasgar da túnica, o desnudar da pele. O chefe fazendo movimentos de martelo-pilão entre suas coxas virgens. Os gritos de dor e desespero de Cassandra.*

*Durante a queda da cidade de Tróia, gritos como esses devem ter se levantado das gargantas de muitas outras mulheres, enquanto os gregos vitoriosos tomavam o que lhes era devido, marcando sua vitória na carne das mulheres conquistadas. A essa altura restariam em Tróia homens vivos para assistir ao tormento de suas mulheres? Os antigos não mencionam isso. Mas que forma melhor haveria de coroar uma vitória do que abusar dos corpos das amadas do inimigo? Que prova mais poderosa haveria de que você derrotou e humilhou o inimigo do que forçá-lo a assistir enquanto toma o prazer que lhe caberia?*

*Isto eu entendo: triunfo requer uma platéia.*

*Penso nas mulheres troianas enquanto nosso carro desliza pela Commonwealth Avenue, firme com o fluxo do tráfego. É uma estrada movimentada, e mesmo às nove da noite os carros se movem devagar, dando-me tempo para estudar calmamente o prédio.*

*As janelas estão escuras; nem Catherine Cordell nem seu marido estão em casa.*

*É apenas isso que me permito, essa única olhada, e então o prédio sai lentamente de meu campo de visão. Sei que o quarteirão está sendo vigiado, mas ainda assim não resisti a esse vislumbre de sua fortaleza, inexpugnável como as muralhas de um castelo. Agora um castelo vazio, não mais de qualquer interesse para aqueles que pretendiam invadi-lo.*

*Olho para meu motorista, cujo rosto está oculto em sombras. Vejo apenas a silhueta e o brilho dos olhos, como duas fagulhas famintas na noite.*

*Assisti no Discovery Channel a vídeos de leões à noite, o fogo verde de seus olhos queimando na escuridão. Lembro daqueles leões, de seus olhos famintos atentos para o momento do bote. Agora vejo essa fome nos olhos de meu companheiro.*

*A mesma fome que ele certamente vê nos meus.*

*Abaixo o vidro da janela e inalo profundamente o odor cálido da noite. O leão, cheirando o ar que paira na savana. Procurando o cheiro de sua presa.*

# 15

Foram juntos no carro de Dean, rumando para leste em direção à cidade de Shirley, a 72 quilômetros de Boston. Dean falou muito pouco durante o percurso, mas o silêncio entre os dois parecia apenas intensificar a percepção que Rizzoli tinha de seu cheiro, de sua confiança. Ela mal olhava para Dean por medo de que ele visse, nos olhos dela, a agitação que ele inspirara.

Em vez disso baixou os olhos e viu o tapete azul-marinho aos seus pés. Pensando se era náilon seis ponto seis, azul oito-zero-dois; pensando quantos carros tinham tapetes semelhantes. Era uma cor muito popular; em toda parte para onde olhava havia tapetes azuis, e ela só podia imaginar quantas solas de sapato carregavam fibras de náilon oito-zero-dois pelas ruas de Boston.

O ar condicionado estava frio demais. Fechou a saída de ar que ficava à altura de seus joelhos e olhou para os campos de mato alto, desejando sentir o calor para além desta bolha super-refrigerada. Lá fora uma névoa matutina deitava-se como gaze sobre os campos verdes, e as árvores posavam imóveis mesmo frente à brisa suave. Rizzoli quase nunca aventurava-se à região rural de Massachusetts.

Era uma garota da cidade, nascida e criada em ambiente urbano, e não sentia qualquer afinidade pelo campo com seus espaços vazios e insetos picadores. E não era hoje que começaria a se encantar pela vida idílica.

Não dormira bem na noite anterior. Acordara assustada várias vezes, e se deitara com o coração batendo forte enquanto aguçava a audição para ouvir passos ou o sussurro da respiração de um intruso. Às cinco da manhã levantou da cama sentindo-se entorpecida e cansada. Duas xícaras de café haviam bastado para deixá-la alerta o bastante para telefonar para o hospital e perguntar pela condição de Korsak.

Ele ainda estava na UTI. Ainda estava respirando com aparelhos.

Abaixou a janela um pouco e o ar quente entrou no carro, trazendo um aroma de grama e terra. Ela considerou a triste possibilidade de que Korsak jamais viesse novamente a desfrutar desses aromas ou sentir o vento em seu rosto. Tentou lembrar se as últimas palavras que eles haviam trocado tinham sido palavras boas, palavras amistosas, mas não conseguiu lembrar.

Na Saída 36, Dean seguiu as placas para o Instituto Correcional de Massachusetts em Shirley. Souza-Baranowski, a instalação de nível de segurança seis onde Warren Hoyt estivera preso, avultava-se à direita deles. Dean estacionou na área de visitantes e se virou para olhar para Rizzoli.

— Se em qualquer momento você sentir a necessidade de pular fora, não hesite — recomendou ele.

— Por que você está querendo que eu desista?

— Porque eu sei o que ele fez com você. Qualquer pessoa na sua posição teria problemas em trabalhar neste caso.

Rizzoli viu preocupação genuína nos olhos de Dean. Não gostou de ver esse sentimento, porque apenas reforçava o quão frágil era sua coragem.

— Vamos fazer nosso trabalho, certo? — respondeu ela, e abriu a porta do carro.

O orgulho manteve Rizzoli caminhando com determinação até o prédio. Ele a impulsionou através da checagem de segurança na ante-sala de controle, quando ela e Dean apresentaram distintivos e entregaram armas. Enquanto aguardava um guia, Rizzoli leu o Código de Vestuário, pregado na área de entrada de visitantes.

> *É proibido entrar nesta instalação: Descalço. Com trajes de banho. Com qualquer roupa que demonstre afiliação a uma gangue. Qualquer roupa semelhante à emitida aos internos ou funcionários. Roupas com bolsos internos. Roupas fechadas com cordões. Roupas com fendas ou de abertura fácil. Roupas excessivamente largas, folgadas ou pesadas...*

A lista era interminável, proibindo de tudo, desde laços de cabelo a sutiãs com armações de arame.

Finalmente apareceu um guarda do setor de correções. Era um homem gordo usando um macacão azul com a sigla do Instituto Correcional de Massachusetts.

— Detetive Rizzoli e agente Dean? Sou o guarda Curtis. Venham comigo.

Curtis revelou-se amistoso, até jovial, enquanto conduzia os dois através da primeira porta trancada e para o interior da prisão. Rizzoli tentou adivinhar se Curtis seria tão agradável se eles não fossem oficiais da lei, parte da mesma irmandade. O guarda instruiu os dois a removerem seus cintos, sapatos, jaquetas, relógios e chaves e colocá-los na mesa para serem examinados. Rizzoli tirou seu Timex e o pousou ao lado do Omega reluzente de Dean. Em seguida despiu seu paletó, exatamente ao mesmo tempo que Dean. Alguma coisa pareceu-lhe desagradavelmente íntima nesse processo.

Enquanto desafivelava o cinto e o puxava dos passadores de sua calça, sentiu Curtis olhando para ela, do jeito como um homem observa uma mulher se despir. Retirou seus sapatos de salto baixo, colocou-os ao lado dos sapatos de Dean, e devolveu friamente o olhar do guarda Curtis. Apenas então ele desviou os olhos. Em seguida Rizzoli puxou os bolsos para fora e acompanhou Dean através do detector de metais.

— Ei, você está com sorte — quis brincar Curtis depois da inspeção. — Por pouco a gente tinha de passar a mão em você.

— O quê?

— Todos os dias o nosso comandante de turno estabelece um número aleatório para que visitante receberá uma revista completa. Você escapou por pouco. A próxima pessoa que passar será revistada.

Rizzoli comentou, seca:

— Ser apalpada não teria sido o ponto alto do meu dia.

— Vocês podem pegar tudo de volta agora. E podem ficar com os relógios.

— Fala isso como se fosse um privilégio.

— Apenas advogados e policiais podem usar relógios depois deste ponto. Os outros devem deixar todas as jóias sob nossa guarda. Agora eu vou carimbar seus punhos direitos, e vocês poderão entrar nos casulos.

— Temos hora marcada com o superintendente Oxton às nove — objetou Dean.

— Ele está com o cronograma atrasado hoje. Pediu que primeiro eu levasse vocês para ver a cela do prisioneiro. Depois vou levá-los ao gabinete de Oxton.

O Centro Correcional Souza-Baranowski era a instalação mais recente do Instituto Correcional de Massachusetts, com um sistema de segurança de alta tecnologia que dispensava chaves e era operado por 42 terminais de computadores com interfaces gráficas,

explicou o guarda Curtis. Ele apontou para diversas câmeras de vigilância.

— Elas gravam ao vivo 24 horas por dia. A maioria dos visitantes nunca viu um guarda. Eles apenas escutam o sistema de intercomunicação para saber o que devem fazer em seguida.

Enquanto eles passavam por uma porta de ferro, ao longo de um corredor comprido, e através de outra série de portões, Rizzoli estava ciente de que cada movimento deles estava sendo monitorado. Com apenas alguns comandos num teclado de computador, os guardas podiam trancar cada passagem, cada cela, sem sair de seu quarto de controle.

Na entrada para a Cela Bloco C, uma voz no intercomunicador instruiu-os a pressionar seus passes contra a janela para serem inspecionados. Eles declararam novamente seus nomes, e o oficial Curtis anunciou:

— Dois visitantes para inspecionar a cela do prisioneiro Hoyt.

O portão de aço se abriu e eles entraram na sala de recreação, a área comum para prisioneiros. Era pintada num deprimente tom verde hospitalar. Rizzoli viu um televisor instalado num suporte de parede, sofá, cadeiras e uma mesa de pingue-pongue em que dois homens disputavam uma partida. Toda a mobília estava pregada no chão. Uma dúzia de homens vestidos em jeans azuis viraram-se simultaneamente e olharam para eles.

Eles olhavam especialmente para Rizzoli, a única mulher na sala.

Os dois homens jogando pingue-pongue interromperam abruptamente a partida. Por um momento, o único som era o da TV, sintonizada na CNN. Recusando-se a ser intimidada, Rizzoli retribuiu o olhar dos prisioneiros, embora pudesse imaginar o que cada homem estava pensando. Ou fantasiando. Rizzoli não notou que Dean havia se aproximado até sentir seu braço roçar no dele. Surgiu uma voz no intercomunicador:

— Visitantes, vocês devem seguir para a cela C-8.

— Venham comigo — pediu o guarda Curtis. — Mais um andar.

Subiram a escadaria, os degraus de metal rangendo a cada passo. Da galeria superior, que passava por celas individuais, eles podiam olhar para o poço da sala de recreação. Curtis conduziu-os ao longo da passarela até chegarem à C-8.

— É esta. A sala do prisioneiro Hoyt.

Rizzoli parou no pórtico e olhou para dentro da gaiola. Não viu nada que distinguisse esta cela de qualquer outra... nenhuma fotografia, nenhuma posse pessoal que lhe dissesse que Warren Hoyt havia habitado este espaço... mas mesmo assim os pêlos de sua nuca se eriçaram. Embora ele tivesse fugido, sua presença estava impregnada no próprio ar. Se era possível que o mal perdurasse, então este lugar agora estava contaminado.

— Pode entrar se quiser — disse Curtis.

Entrou na cela. Viu apenas paredes nuas, colchão sobre uma plataforma, pia, privada. Um cubículo simples. Warren devia gostar de mantê-lo assim. Era um homem asseado, cuidadoso e preciso, que trabalhara no mundo esterilizado de um laboratório de medicina, um mundo onde os únicos jorros de cor vinham dos tubos de sangue que ele manipulava diariamente. Não precisava cercar-se de imagens lascivas; aquelas que carregava em sua mente eram suficientemente horríveis.

— Esta cela não foi designada a nenhum outro prisioneiro? — indagou Dean.

— Ainda não, senhor.

— E nenhum outro prisioneiro esteve aqui desde que Hoyt partiu?

— Isso mesmo.

Rizzoli caminhou até o colchão e ergueu uma das pontas. Dean pegou a outra, e juntos levantaram o colchão e olharam debaixo dele. Não acharam nada. Tiraram o colchão completamente e

procuraram por costuras no tecido, esconderijos onde contrabandos poderiam ter sido estocados. Tudo que acharam foi um pequeno rasgo lateral com menos de três centímetros de comprimento. Rizzoli sondou-o com o dedo e não achou nada em seu interior.

Empertigando-se, correu os olhos pela cela, absorvendo o ambiente do mesmo jeito que Hoyt havia feito. Imaginou-o vivendo naquele colchão, olhos focados no teto vazio enquanto desfiava fantasias que chocariam qualquer ser humano normal. Mas Hoyt excitava-se com essas fantasias. Ficava deitado ali, suando, excitado com os gritos femininos que ecoavam em sua mente. Rizzoli virou-se para o guarda Curtis.

— Onde estão suas posses? Objetos pessoais? Correspondência?

— No gabinete do superintendente. Vamos para lá em seguida.

— Hoje de manhã, logo depois que você ligou, trouxeram os pertences do prisioneiro aqui para cima, para sua inspeção — informou o superintendente Oxton, gesticulando para uma grande caixa de papelão em sua mesa. — Já tínhamos olhado tudo. Não encontramos absolutamente nenhum contrabando.

Oxton enfatizou esse último detalhe como se o absolvesse de toda responsabilidade pelo que acontecera. Aos olhos de Rizzoli, Oxton pareceu um homem que não tolerava infrações, que mantinha com punho de ferro todas as leis e regulamentos. Ali estava um homem que desencavava todos os contrabandos, isolava arruaceiros, exigia que as luzes fossem apagadas na hora certa todas as noites. Bastou uma olhada por seu escritório, com fotos mostrando um Oxton de aparência feroz num uniforme da marinha, para que Rizzoli soubesse que este era o domínio de um indivíduo que precisava exercer controle. Mas apesar de todos seus esforços um prisioneiro escapara, e Oxton agora estava na defensiva. Ele os

saudou com um aperto de mão firme e um esboço de simpatia nos frios olhos azuis.

Abriu a caixa e removeu uma sacola hermética tamanho grande, que passou para Rizzoli.

— Os artigos de higiene pessoal do prisioneiro — explicou.

Rizzoli viu escova, pente, toalha de rosto e sabão. Loção de vaselina de cuidado intensivo. Pousou a sacola na mesa tão logo pôde, repugnada pelo pensamento de que Hoyt usara essas coisas diariamente para cuidar da aparência. Ela viu cabelos castanho-claros ainda presos aos dentes do pente.

Oxton continuou removendo objetos da caixa. Cuecas. Uma pilha de exemplares da *National Geographic* e várias edições do *Boston Globe*. Duas barras de chocolate, um bloco de anotações, envelopes brancos, três esferográficas de plástico.

— E esta correspondência — acrescentou Oxton ao remover outra sacola hermética, contendo um maço de cartas. — Examinamos cada carta. A Polícia Estadual está com os nomes e os endereços de todos esses correspondentes. — Ele entregou o maço a Dean. — Obviamente, estas são apenas as cartas que ele manteve. Ele provavelmente jogou fora uma certa quantidade.

Dean abriu a sacola hermética e removeu seu conteúdo. Havia mais ou menos uma dúzia de cartas, ainda em seus envelopes.

— A MCI censura as cartas dos prisioneiros? — indagou Dean. — Vocês examinam as cartas antes de entregá-las a eles?

— Temos autoridade para fazer isso. Mas depende do tipo de carta.

— Do tipo?

— Se for classificada como privilegiada, os guardas têm permissão apenas para dar uma olhada no envelope em busca de contrabando, mas não podem ler a carta. A correspondência é privada, entre remetente e prisioneiro.

— Então você não tinha idéia do que era escrito para ele.

— Se for carta privilegiada.

— Qual é a diferença entre carta privilegiada e não privilegiada?

Oxton reagiu à interrupção com um brilho de irritação nos olhos.

— Cartas não privilegiadas são aquelas emitidas por amigos e familiares ou pelo público geral. Por exemplo, vários de nossos presos se correspondem com pessoas no mundo exterior que julgam estar prestando um serviço de caridade.

— Correspondendo-se com assassinos? Eles são malucos?

— Muitas dessas pessoas são mulheres ingênuas e solitárias. Suscetíveis a serem usadas por vigaristas. Esses tipos de cartas não são privilegiadas e os guardas têm autoridade para lê-las e censurá-las. Mas nem sempre temos tempo para ler todas. Lidamos com um volume imenso de correspondência. No caso do prisioneiro Hoyt, havia muita correspondência para inspecionar.

— De quem? Eu não sabia que ele tinha tantos parentes — comentou Dean.

— No ano passado ele obteve muita publicidade. Isso atrai o interesse do público. Muita gente queria escrever para ele.

Rizzoli ficou chocada.

— Está dizendo que ele recebia cartas de *fãs*?

— Estou.

— Meu Deus! As pessoas são loucas!

— O público acha excitante conversar com um assassino. Alguma coisa a ver com estar em contato com a fama. Manson, Dahmer e Gacy recebem muitas cartas de fãs. Nossos prisioneiros recebem propostas de casamento. Mulheres mandam dinheiro para eles, ou fotos delas de biquíni. Homens escrevem para eles perguntando como é a sensação de cometer um assassinato. O mundo está cheio de gente maluca. Gente que deseja conhecer um assassino da vida real.

Mas um deles não havia apenas escrito para Hoyt. Um deles havia se filiado ao clube VIP do *Cirurgião*. Rizzoli olhou para o maço

de cartas, enfurecida por esta prova tangível da fama do *Cirurgião*. Assassinos tratados como astros do rock! Pensou nas cicatrizes em suas mãos, e sentiu cada uma destas cartas de fãs como mais uma punhalada de bisturi.

— E quanto às cartas privilegiadas? — perguntou Dean. — Você disse que elas não eram lidas nem censuradas. O que classifica uma carta como privilegiada?

— São cartas confidenciais que provêm de órgãos oficiais estaduais ou federais. Um oficial da suprema corte, por exemplo, ou da promotoria geral. Cartas do presidente, do governador ou de agências policiais.

— Hoyt recebia cartas assim?

— Possivelmente. Não mantemos registros para cada carta que chega à instituição.

— Como você sabe quando uma carta é realmente privilegiada? — perguntou Rizzoli.

Oxton fitou-a impaciente.

— Eu acabo de lhe dizer. Se vier de um órgão federal ou estadual...

— Não. Quero saber como vocês sabem se não é uma falsificação, ou escrita com papel de carta roubado? Eu poderia facilmente escrever planos de fuga para um de seus prisioneiros e endereçar para ele num envelope, digamos, do gabinete do senador Conway. — Ela não escolheu o exemplo aleatoriamente. Ela estava olhando para Dean e viu seu queixo empinar à menção do nome de Conway.

Oxton hesitou antes de responder:

— Não é impossível. Mas isso seria uma infração passível de...

— Então já aconteceu.

Relutante, Oxton fez que sim com a cabeça.

— Houve vários casos. Informações criminosas foram remetidas disfarçadas de transações oficiais. Tentamos permanecer alertas

para isso, mas ocasionalmente algumas cartas falsas conseguem passar pelo nosso crivo.

— E quanto às cartas que Hoyt enviava? Vocês as examinavam?

— Não.

— Nenhuma delas?

— Não tínhamos motivo para isso. Nunca o consideramos um prisioneiro problemático. Sempre foi cooperativo. Muito calmo e educado.

— Um prisioneiro modelo — ecoou Rizzoli. — Certo.

Oxton fixou um olhar frio em Rizzoli.

— Detetive, nós temos homens aqui que arrancariam os seus braços e ririam disso. Homens que quebrariam o pescoço de um guarda apenas porque não gostaram de uma refeição. Um prisioneiro como Hoyt não está no topo da nossa lista de preocupações.

Dean calmamente redirecionou a conversa de volta para o assunto em questão.

— Então não sabemos para quem ele pode ter escrito?

Uma pergunta tão trivial pareceu aplacar a irritação crescente do diretor de prisão. Oxton deu as costas para Rizzoli e desviou sua atenção para Dean, claramente preferindo uma conversa de homem para homem.

— Não, não sabemos — respondeu. — O prisioneiro Hoyt pode ter escrito para qualquer um.

Numa sala de reuniões no fundo do corredor do gabinete de Oxton, Rizzoli e Dean puseram luvas de látex e espalharam na mesa os envelopes endereçados a Warren Hoyt. Viram uma variedade de envelopes, alguns em tons pastéis ou florais, e um com *Jesus Salva* impresso num canto. O mais absurdo de todos era o decorado com

gatinhos brincalhões. Sim, um envelope muito adequado para se escrever uma carta ao *Cirurgião*. Ele deve ter achado graça quando viu.

Rizzoli abriu o envelope com os gatinhos e encontrou em seu interior a foto de uma mulher sorridente com olhos otimistas. Também havia uma carta, escrita numa caligrafia de menininha, bolinhas cor de cereja no lugar do ponto de cada "i".

*Para: Sr. Warren Hoyt, Prisioneiro*
*Instituto Correcional de Massachusetts*
*Prezado Sr. Hoyt*
*Vi o senhor na TV hoje, enquanto era conduzido para fora do tribunal. Creio ser uma excelente julgadora de caráter, e quando vi seu rosto pude ver tanta tristeza e dor. Oh, tanta dor! Há bondade no senhor; eu sei que há. Se ao menos o senhor tivesse alguém para ajudá-lo a encontrar dentro de si...*

Rizzoli subitamente percebeu que estava apertando a carta com raiva. Sentiu vontade de procurar a mulher estúpida que escrevera aquelas palavras e forçá-la a ver as fotos das autópsias das vítimas de Hoyt, ler o relato do legista da agonia que elas sofreram antes que a morte misericordiosamente findasse seus tormentos. Rizzoli precisou obrigar-se a largar a carta, um apelo adocicado à humanidade de Hoyt e à "bondade dentro de todos nós".

Pegou o envelope seguinte. Nada de gatinhos desta vez, apenas um envelope branco comum contendo uma carta escrita em papel pautado. Mais uma vez, vinha de uma mulher que incluíra sua foto, um instantâneo superexposto de uma loura oxigenada.

*Caro Sr. Hoyt*

*Pode me mandar seu autógrafo? Eu coleciono muitas assinaturas de pessoas como você. Tenho uma até do Jeffry Dahmer. Se quiser manter correspondência comigo, isso seria bacana. Sua amiga, Gloria.*

Rizzoli olhou para as palavras que ela não conseguia acreditar que pertencessem a qualquer ser humano são. *Isso seria bacana. Sua amiga*.

— Meu Deus, esta gente é louca! — exclamou Rizzoli.

— É a atração da fama — explicou Dean. — Essas pessoas não têm vidas próprias. Elas se consideram sem valor, sem nome. Assim tentam se aproximar de alguém que tem nome. Como se quisessem capturar um pouco de sua mágica.

— Mágica? — Ela olhou para ele. — Você chama isso de mágica?

— Você sabe o que quero dizer.

— Não, eu não sei. Não consigo entender por que mulheres escrevem para monstros. Elas estão procurando romance? Uma noite de paixão com um homem que seria capaz de cortar suas tripas?

Rizzoli empurrou a cadeira para trás e se levantou. Foi até a parede com janelas muito finas. Ali ficou parada de braços fortemente cruzados, olhando para uma faixa estreita de sol, um pedaço de céu azul. Qualquer vista, até mesmo uma tão minguada, era melhor que olhar para as cartas das fãs de Warren Hoyt. Certamente Hoyt gostara da atenção. Ele provavelmente considerava cada carta uma nova prova de que detinha poder sobre as mulheres, de que, mesmo trancafiado ali, ele podia distorcer mentes, manipular pessoas. Transformá-las em suas posses.

— É uma perda de tempo — concluiu amarga enquanto observava um pássaro voar diante de prédios onde eram os homens

que ficavam em gaiolas, onde as barras de ferro continham animais para que eles não fugissem, e não para serem apreciados. — Ele não é estúpido. Deve ter destruído tudo que o associava ao *Dominador*. Ele vai proteger seu novo parceiro. Com toda certeza não deixou nenhuma pista útil.

— Talvez nada útil — concordou Dean. — Mas definitivamente iluminador.

— É verdade. Como se eu quisesse ler o que essas loucas escrevem para ele. É repulsivo.

— E se o propósito fosse esse?

Ela se virou para olhar para ele. Uma listra de luz passando pela janela fina batia em seu rosto, iluminando um olho azul brilhante. Rizzoli sempre considerara as feições de Dean muito atraentes, mas nunca tanto quanto naquele momento, de frente para ele do outro lado da mesa.

— Como assim?

— Ler as cartas dele enoja você.

— Ler as cartas dele me deixa furiosa. Isso não é óbvio?

— É para ele, também. — Dean apontou com a cabeça para a pilha de cartas. — Ele sabia que isso irritaria você.

— Acha que tudo isto é apenas para mexer com minha cabeça? Essas cartas?

— É um jogo psicológico, Jane. Ele deixou essas cartas aqui para você. Esta bela coleção de cartas das admiradoras mais ardentes dele. Ele sabia que cedo ou tarde você estaria aqui, onde está agora, lendo o que elas disseram para ele. Talvez ele quisesse mostrar a você que *tem* admiradoras. Que, embora você o despreze, há mulheres que o admiram, mulheres que sentem atração por ele. É como um ex-namorado tentando provocar ciúmes. Tentando desequilibrar você.

— Não diga merda, Dean.

— E está dando certo, não está? Olhe para você. Está tão agitada que nem consegue ficar sentada. Ele sabe como manipular você, como mexer com a sua cabeça.

— Você está dando crédito demais a ele.

— Estou?

Ela brandiu as cartas.

— Acha que tudo isto é para mim? O que eu sou? O centro do universo dele?

— Ele não é o centro do seu? — rebateu Dean.

Ela olhou para ele, incapaz de pensar numa resposta porque o que ele disse lhe pareceu, nesse instante, uma verdade inegável. Warren Hoyt *era* o centro de seu universo. Reinava como um rei sombrio sobre os pesadelos de Rizzoli, dominando também as horas que ela passava acordada, sempre preparado para invadir seus pensamentos. Naquele porão, Rizzoli tinha sido marcada como dele, da forma como toda vítima é marcada por um agressor, e ela não poderia apagar seu selo de propriedade. Ele estava cavado em suas mãos, calcinado em sua alma.

Rizzoli voltou para a mesa e se sentou. Arregimentou coragem para o restante da tarefa.

O envelope seguinte tinha um endereço de resposta; *DRA. J. P. O'Donnell, Brattle Street 1634, Cambridge, Massachusetts, CEP 02138*. Nas proximidades da universidade de Harvard, a Brattle Street era uma rua de casas elegantes e elite instruída, onde professores universitários e industriais aposentados faziam *cooper* nas mesmas calçadas e acenavam uns para os outros por cima de sebes vivas. Não era o tipo de vizinhança onde se esperava encontrar o acólito de um monstro.

Rizzoli abriu a carta. Estava datada de seis semanas atrás.

*Prezado Warren,*

*Obrigada por sua última carta, e por assinar os dois formulários de liberação. Os detalhes fornecidos ajudaram-me muito a compreender as dificuldades que você enfrentou. Tenho muitas outras perguntas para fazer-lhe, e fico satisfeita em saber que você ainda está disposto a se encontrar comigo conforme planejado. Se não tiver objeções, gostaria de fazer uma gravação em vídeo da entrevista. Você sabe que a sua ajuda é absolutamente essencial ao meu projeto.*

*Sinceramente, Dra. O'Donnell.*

— Quem diabos é essa J. P. O'Donnell? — disse Rizzoli.

Dean olhou para ela, surpreso.

— Joyce O'Donnell?

— O envelope diz apenas Dra. J. P. O'Donnell. Ela vinha entrevistando Hoyt.

Ele olhou intrigado para o envelope.

— Não sabia que tinha se mudado para Boston.

— Você a conhece?

— Ela é uma neuropsiquiatra. Vamos dizer apenas que nos conhecemos sob circunstâncias hostis num tribunal. Os advogados de defesa a amam.

— Nem precisa dizer. Uma testemunha especializada. Ela é chamada para apoiar os bandidos.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Não importa o que o seu cliente fez, quantas pessoas ele matou, O'Donnell ficará feliz em prover um testemunho benéfico.

— Por que será que ela estava escrevendo para Hoyt?

Rizzoli releu a carta. Fora escrita com o máximo de respeito, elogiando-o por sua cooperação. Ela ainda não conhecia a Dra. O'Donnell e já não tinha ido com a cara dela.

O envelope seguinte na pilha também vinha de O'Donnell, mas não continha uma carta. Em vez disso ela retirou três instantâneos — fotos estritamente amadoras. Duas delas tinham sido tiradas em ambiente externo à luz do dia. A terceira era uma cena interna. Durante um momento ela simplesmente fitou as fotos, pêlos atrás do pescoço eriçados, olhos registrando o que o cérebro recusava-se a aceitar. Ela recuou assustada, e largou as fotos como se fossem carvões quentes.

— Jane? O que foi?

— Sou eu — sussurrou.

— O quê?

— Ela esteve me seguindo. Tirando fotos de mim. Ela enviou as fotos para *ele*.

Dean levantou da cadeira e deu a volta até o outro lado da mesa para olhar sobre o ombro de Rizzoli.

— Não estou vendo você aqui...

— Olhe. *Olhe*. — Ela apontou para a foto de um Honda verde-escuro estacionado na rua. — É meu.

— Não dá para ler a placa.

— Eu posso reconhecer o meu próprio carro!

Dean virou o instantâneo. No verso, alguém desenhara um rosto sorridente e escrevera com um hidrocor azul: *Meu carro.*

O medo bateu forte no peito de Rizzoli.

— Olhe a outra — pediu ela.

Ele pegou a segunda foto. Esta também fora tirada à luz do dia, e mostrava a fachada de um prédio. Ele não precisou que ela lhe dissesse que edifício era aquele; ele estivera lá na noite anterior. Dean virou a foto e viu as palavras: *Minha casa*. Debaixo das palavras, outra carinha sorridente.

Dean pegou a terceira foto, batida dentro de um restaurante.

À primeira vista, parecia apenas uma imagem mal enquadrada de clientes sentados à mesa, uma garçonete borrada em movimento

ao cruzar a sala carregando um bule. Rizzoli levou alguns segundos para localizar a figura sentada logo à esquerda do centro, uma mulher de cabelos escuros, rosto visto apenas de perfil, feições obscurecidas contra a luz da janela. Ela esperou Dean reconhecer quem era a mulher.

— Sabe onde esta foi tirada? — perguntou Dean num tom calmo.

— No Starfish Café.

— Quando?

— Eu não sei...

— É um lugar que você visita com freqüência?

— Aos domingos. Tomo café lá. É o único dia da semana em que eu... — A voz morreu em sua garganta.

Rizzoli ficou calada, fitando a foto de seu próprio perfil, ombros relaxados, rosto voltado para baixo, olhando para um jornal aberto. Devia ser um jornal de domingo. Domingo era o dia em que ela se recompensava tomando café no Starfish. Uma manhã de rabanadas, *bacon* e quadrinhos.

E um perseguidor. Ela não sabia que alguém a estava vigiando. Tirando fotos dela. Enviando-as para o próprio homem que a perseguia em seus pesadelos.

Dean virou o instantâneo.

No verso havia mais um desenho de rosto sorridente. E debaixo dele, envolvida num coração, uma única palavra:

*Eu*.

# 16

*Meu carro. Minha casa. Eu.*

Rizzoli voltou para Boston com o estômago revirado de raiva. Embora Dean estivesse sentado ao seu lado, ela não olhou para ele; estava concentrada demais em acalentar sua raiva, em sentir suas chamas.

A raiva apenas aumentou quando Dean parou diante do endereço de O'Donnell na Brattle Street. Rizzoli olhou para a casa grande, em estilo colonial, tábuas pintadas em branco imaculado, janelas em cinza-ardósia. Uma cerca de ferro fundido fechava um jardim com o gramado bem cuidado e um caminho pavimentado em granito. Mesmo segundo os padrões elevados da Brattle Street, esta era uma bela casa que um funcionário público jamais poderia sonhar em possuir. Mesmo assim, são os funcionários públicos como eu que enfrentam os Warren Hoyts do mundo e que sofrem os efeitos colaterais dessas batalhas, pensou Rizzoli. Era ela quem trancava portas e janelas à noite, quem acordava de um salto em meio ao eco de passos de fantasmas se aproximando de sua cama. Lutava com monstros e sofria as conseqüências, enquanto ali,

naquela imponente casa, morava uma mulher que oferecia a esses mesmos monstros um ouvido solidário, defendendo na corte homens indefensáveis. Era uma casa construída sobre os ossos das vítimas.

A mulher que abriu a porta era tão arrumada quanto a casa. Seus cabelos pareciam um brilhante capacete louro-acinzentado. Vestia uma blusa de Brooks Brothers e uma calça muito bem passada, e aparentava uns quarenta anos. O rosto, liso como alabastro, não demonstrava nenhuma emoção, mas os olhos se revestiam de um frio interesse.

— Dra. O'Donnell? Sou a detetive Jane Rizzoli. Este é o agente Gabriel Dean.

A mulher congelou os olhos em Dean.

— Já nos conhecemos.

E parece que já têm uma opinião formada um do outro — não muito favorável, pensou Rizzoli.

Claramente irritada com a visita, O'Donnell não abriu um sorriso ao conduzir o casal através da ampla ante-sala até uma sala de estar formal. O sofá era de seda branca com adornos em pau-rosa, e tapetes orientais em tonalidades vivas de vermelho acentuavam o soalho de teca. Rizzoli sabia muito pouco sobre arte, mas mesmo ela reconheceu que as pinturas penduradas nas paredes eram originais, provavelmente valiosas. Mais ossos de vítimas, pensou. Ela e Dean sentaram-se no sofá, de frente para O'Donnell. Não lhes foi oferecido café, chá ou mesmo água, pista nada sutil de que sua anfitriã desejava que esta fosse uma conversa bastante breve.

O'Donnell foi direto ao ponto e se dirigiu a Rizzoli.

— Você disse que era a respeito de Warren Hoyt.

— A senhora manteve correspondência com ele?

— Sim. Algum problema com isso?

— Qual era a natureza da correspondência?

— Como você sabe a respeito, deduzo que tenha lido.

— Qual era a natureza da correspondência? — repetiu Rizzoli, sem mudar o tom.

O'Donnell fitou-a por um momento, avaliando silenciosamente a oposição. A esta altura ela compreendia que a oposição era *Rizzoli*, e respondeu de acordo, sua postura endurecendo como uma armadura.

— Primeiro gostaria de lhe fazer uma pergunta, detetive — retrucou O'Donnell. — Por que minha correspondência com o Sr. Hoyt é de interesse para a polícia?

— A senhora sabe que ele escapou da custódia?

— Claro que sim, li nos jornais. Além disso, a Polícia Estadual entrou em contato para me perguntar se ele tentou falar comigo. Eles entraram em contato com todos os correspondentes de Warren.

*Warren*. Eles se tratavam pelo primeiro nome.

Rizzoli abriu uma grande pasta de cartolina que trouxera consigo e removeu os três instantâneos, encapados em bolsas herméticas. Ela passou os instantâneos para a Dra. O'Donnell.

— A senhora enviou essas fotografias para o Sr. Hoyt?

O'Donnell mal olhou para as imagens.

— Não. Por quê?

— A senhora nem olhou direito para elas.

— Não preciso. Não enviei nenhum tipo de fotografia para o Sr. Hoyt.

— Essas fotos foram achadas na cela dele. Num envelope com o seu endereço.

— Então ele deve ter usado meu envelope para guardá-las — disse, devolvendo as fotografias a Rizzoli.

— O que foi exatamente que a senhora enviou para ele?

— Cartas. Formulários de liberação para que ele assinasse e devolvesse.

— Formulários para liberar o quê?

— Os arquivos escolares dele. Fichas pediátricas. Qualquer informação que pudesse ajudar-me a avaliar sua história.

— Quantas vezes a senhora escreveu para ele?

— Creio que quatro ou cinco vezes.

— E ele respondeu?

— Sim. Tenho suas cartas arquivadas. Posso lhe dar cópias.

— Ele tentou contatar a senhora depois da fuga?

— Se ele tivesse feito isso, você não acha que eu teria contado às autoridades?

— Eu não sei, Dra. O'Donnell. Não conheço a natureza do seu relacionamento com o Sr. Hoyt.

— Era uma correspondência. Não um relacionamento.

— Mesmo assim a senhora escreveu para ele. Quatro ou cinco vezes.

— Eu também o visitei. A entrevista está gravada em vídeo. Se quiser, também posso lhe dar uma cópia.

— Por que a senhora conversava com ele?

— Ele tem uma história para contar. Lições para nos ensinar.

— Que lições? Como chacinar mulheres? — As palavras saíram da boca de Rizzoli antes que ela pudesse pensar nelas, um dardo de emoção amarga que não conseguiu perfurar a armadura da outra mulher.

O'Donnell retrucou, impávida:

— Como agente da lei, você vê apenas o resultado final. A brutalidade, a violência. Crimes terríveis que são a conseqüência natural das coisas que esses homens viveram.

— E o que a senhora vê?

— O que aconteceu antes, em suas vidas.

— Agora a senhora vai me dizer que a culpa de tudo é de suas infâncias infelizes?

— Você sabe alguma coisa sobre a infância de Warren?

Rizzoli pôde sentir sua pressão sangüínea subir. Ela não tinha o menor desejo de conversar sobre as raízes das obsessões de Hoyt.

— As vítimas de Hoyt não dão a mínima para a infância dele. E nem eu.

— Mas sabe alguma coisa sobre isso?

— Fui informada de que ele teve uma infância absolutamente normal. Uma infância melhor do que a de muitos homens que não retalham mulheres.

— Normal. — O'Donnell pareceu achar essa palavra divertida. Olhou para Dean pela primeira vez desde que eles haviam sentado. — Agente Dean, por que não nos dá a sua definição de normal?

Um olhar passou entre eles, ecos hostis de uma antiga batalha não resolvida plenamente. Mas quaisquer que fossem as emoções de Dean agora, elas não transpareceram em sua voz. Ele disse, muito calmo:

— A detetive Rizzoli está fazendo as perguntas. Sugiro que responda a elas, doutora.

O fato de Dean ainda não ter assumido o controle da entrevista surpreendeu Rizzoli. Dean parecia-lhe um homem acostumado a tomar o controle, mas neste caso ele cedera e escolhera o papel de observador.

Rizzoli permitira que sua raiva dissipasse a conversa. Agora era hora de retomar o comando, e para isso precisa controlar sua raiva. Proceder com calma e método.

— Quando vocês começaram a trocar correspondência? — perguntou Rizzoli.

O'Donnell respondeu num tom igualmente profissional:

— Há cerca de três meses.

— E por que a senhora decidiu escrever para ele?

— Espere um minuto. — O'Donnell se permitiu uma risada atônita. — Você entendeu errado. Eu não iniciei esta correspondência.

— Está dizendo que foi Hoyt quem começou?

— Sim. Ele me escreveu primeiro. Ele disse que conhecia meu trabalho sobre a neurologia da violência. Sabia que eu tinha sido testemunha de defesa em outros julgamentos.

— Ele quis contratar a senhora?

— Não. Ele sabia que não havia chance de que sua sentença fosse alterada. Não tão tarde. Mas ele achou que eu estaria interessada no caso dele. Eu estava.

— Por quê?

— Está me perguntando por que eu estava interessada?

— Por que a senhora perderia tempo escrevendo para alguém como Hoyt?

— Ele é exatamente o tipo de pessoa sobre quem eu quero conhecer mais.

— Ele foi analisado por meia dúzia de psiquiatras. Não há nada de errado com ele. Ele é perfeitamente normal, exceto pelo fato de que gosta de matar mulheres. Ele gosta de amarrar mulheres e de cortar seus abdômens. Ele se excita brincando de cirurgião. Só que ele faz isso enquanto elas estão acordadas, sabendo exatamente o que está acontecendo.

— E mesmo assim você diz que ele é normal.

— Ele não é insano. Ele sabia o que estava fazendo e gostava disso.

— Então você acredita que ele simplesmente nasceu mau.

— Essa é exatamente a palavra que eu usaria para ele — confirmou Rizzoli.

Por um momento, O'Donnell brindou Rizzoli com um olhar que parecia atravessá-la. O quanto ela via? Seu treinamento psiquiátrico permitia-lhe espiar através da máscara pública de uma pessoa, ver a carne traumatizada por trás dela?

Abruptamente O'Donnell se levantou.

— Podem me acompanhar ao meu escritório? — propôs ela. — Há uma coisa que devem ver.

Rizzoli e Dean seguiram-na através de um corredor, sapatos farfalhando no tapete vermelho-vinho que seguia toda a extensão do corredor. O cômodo ao qual ela os levou fazia um contraste absoluto com a sala ricamente adornada. O escritório de O'Donnell era devotado estritamente a negócios: paredes brancas, prateleiras entupidas com livros de referência e arquivos de metal. Rizzoli considerou que bastava entrar nesta sala para uma pessoa assumir uma postura profissional. E o cômodo parecia exercer precisamente esse efeito em O'Donnell. Caminhou determinada até sua mesa, pegou um envelope de raios X e o levou até uma caixa de luz montada na parede. Colocou um filme nos pregadores e apertou um botão.

A caixa de luz se acendeu, expondo a imagem de um crânio humano.

— Visão frontal — disse O'Donnell. — Homem de 28 anos, operário. Ele era um cidadão obediente às leis e descrito como um marido bom e atencioso. O pai amoroso de sua filha de seis anos. Então ele foi ferido no canteiro de obras. Uma viga se chocou com sua cabeça. — Ela olhou para os dois visitantes. — O agente Dean provavelmente já viu. E quanto a você, detetive?

Rizzoli aproximou-se mais da caixa de luz. Não estava acostumada a estudar raios X, por isso conseguiu apenas ver o quadro geral; o domo do crânio, os ocos gêmeos das órbitas oculares, a sucessão de dentes.

— Vou colocar a visão lateral — disse O'Donnell, e introduziu um segundo raio X na caixa. — Vê agora?

O segundo filme mostrou o crânio de perfil. Rizzoli agora podia ver uma teia fina de linhas de fratura irradiando para trás a partir da frente do crânio. Apontou para elas.

O'Donnell assentiu positivamente.

— Ele estava inconsciente quando foi levado à sala de emergência. Uma tomografia computadorizada revelou hemorragia, com um grande hematoma subdural... um ajuntamento de sangue... pressionando os lóbulos frontais do cérebro. O sangue foi sugado cirurgicamente, e ele se recuperou. Ou melhor, pareceu se recuperar. Ele recebeu alta e mais tarde voltou a trabalhar. Mas ele não era mais o mesmo homem. No trabalho, arrumava problemas a toda hora e acabou sendo demitido. Começou a molestar sexualmente a filha. E então, depois de uma discussão com a esposa, bateu nela com tanta brutalidade que seu cadáver ficou irreconhecível. Simplesmente começou a bater e não conseguia parar. Mesmo depois de ter estilhaçado a maioria dos dentes dela. Até seu rosto ser reduzido a uma massa disforme e fragmentos de ossos.

— A senhora vai me dizer que a culpa é disso aí? — estranhou Rizzoli, apontando para o crânio fragmentado.

— Sim.

— Me poupe.

— Olhe para a chapa, detetive. Vê onde a fratura está localizada? Considere que parte do cérebro reside logo abaixo. — Virou-se para olhar para Dean.

Ele retribuiu o olhar sem qualquer expressão no rosto:

— Os lóbulos frontais.

Um leve sorriso contorceu os lábios de O'Donnell. Ela claramente gostou da oportunidade de desafiar um antigo rival.

— Qual é a história dessa chapa de raios X? — perguntou Rizzoli.

— Fui chamada pelo advogado de defesa do homem para executar uma avaliação neuropsiquiátrica. Usei o que nós chamamos de Teste de Seleção de Cartões de Wisconsin e um Teste de Categoria da Bateria Halstead-Reitan. Também pedi uma IRM... imagem por ressonância magnética... do cérebro dele. Todos

esses exames apontaram para a mesma conclusão: este homem sofreu dano severo em ambos os lóbulos frontais.

— Ainda assim a senhora disse que ele se recuperou completamente do ferimento.

— Ele *aparentou* recuperação.

— Mas ele sofreu dano cerebral ou não sofreu?

— Mesmo com danos graves aos lóbulos frontais, uma pessoa ainda pode caminhar, conversar e desempenhar funções cotidianas. Você poderia conversar com alguém que sofreu uma lobotomia frontal e não detectar nada de errado, mas essa pessoa estaria seriamente prejudicada. — Ela apontou para o raio X. — A condição deste homem é chamada síndrome da desinibição frontal. Os lóbulos frontais afetam nossa prudência e julgamento. Nossa capacidade de controlar impulsos impróprios. Se eles forem danificados, você ficará socialmente desinibida. Demonstrará comportamento inadequado, sem qualquer sentimento de culpa ou dor emocional. Perderá a capacidade de controlar seus impulsos violentos. E todos nós temos impulsos violentos, momentos de raiva, quando queremos revidar. Queremos arremeter nosso carro contra alguém que nos cortou no tráfego. Tenho certeza de que você conhece a sensação, detetive. De estar com tanta raiva que deseja machucar alguém.

Rizzoli nada disse, silenciada pelas palavras de O'Donnell.

— A sociedade pensa em atos de violência como manifestações de maldade ou imoralidade. A sociedade nos diz que temos controle total sobre nosso próprio comportamento, que cada um de nós tem livre arbítrio para escolher *não* machucar outro ser humano. Mas não é apenas a moralidade que nos guia. A biologia também. Nossos lóbulos frontais nos ajudam a integrar pensamentos e ações. Eles nos ajudam a pesar as conseqüências dessas ações. Sem esse tipo de controle, nós cedemos a qualquer impulso selvagem. Foi isso que aconteceu com esse homem. Ele perdeu a

capacidade de controlar seu comportamento. Sentia atração sexual por sua filha, e então a molestava. Ficou zangado com a esposa, e então bateu nela até a morte. De vez em quando, todos nós temos pensamentos perturbadores ou impróprios, ainda que fugazes. Vemos um desconhecido atraente, e sexo desponta em nossas cabeças. E é apenas isso... um pensamento breve. Mas e se nós cedêssemos ao impulso? E se não conseguíssemos nos conter? Esse impulso sexual poderia conduzir a um estupro. Ou coisa pior.

— E essa foi a defesa dele? “Meu cérebro me obrigou a fazer isso?”

Irritação cintilou nos olhos de O’Donnell.

— A síndrome da desinibição frontal é um diagnóstico aceito entre os neurologistas.

— Sim, mas funcionou no tribunal?

Uma pausa fria.

— Nosso sistema jurídico ainda está trabalhando com uma definição de insanidade que pertence ao século XIX. Não é de espantar que nossas cortes ignorem a neurologia. Este homem agora está no corredor da morte em Oklahoma — acrescentou O’Donnell, puxando os filmes da caixa de luz e devolvendo-os ao envelope.

— O que isto tem a ver com Warren Hoyt?

O’Donnell caminhou até sua mesa, pegou outro envelope de raios X e retirou um novo par de filmes, que ela pregou na caixa de luz. Outro par de chapas de crânio, uma frontal e uma lateral, mas menores. Um crânio de criança.

— Este menino caiu enquanto escalava uma cerca — contou O’Donnell. — Tombou de bruços e bateu com a cabeça na calçada. Olhe aqui, na visão frontal. Podemos ver uma pequena fissura, correndo para cima na altura da sobrancelha esquerda. Uma fratura.

— Estou vendo — disse Rizzoli.

— Veja o nome do paciente.

Rizzoli concentrou-se no quadradinho na borda do filme, que continha os dados de identificação. O que ela leu deixou-a absolutamente imóvel.

— Ele tinha dez anos quando sofreu o ferimento — contou O'Donnell. — Um menino normal e ativo, crescendo num subúrbio rico de Houston. Pelo menos é isso que suas fichas pediátricas indicam, e o que sua escola primária reportou. Uma criança saudável, com inteligência acima da média. Dava-se muito bem com as outras crianças.

— Até que cresceu e começou a matá-las.

— Sim, mas *por que* Warren começou a matar? — O'Donnell apontou para os filmes. — Este ferimento pode ser um fator.

— Ei, eu caí de um trepa-trepa quando tinha sete anos. Bati a cabeça numa das barras. Não estou lá fora fatiando pessoas.

— Mas você caça humanos. Exatamente como ele. Você, na verdade, é uma caçadora profissional.

O rosto de Rizzoli enrubesceu de raiva.

— Como você pode me comparar a ele?

— Não estou comparando, detetive. Mas considere como está se sentindo neste momento. Provavelmente gostaria de me dar um tapa, não gostaria? E o que está detendo você? O que a impede de fazer isso? É a sua moralidade? Seus bons modos? Ou é apenas a lógica fria, informando a você que haverá conseqüências? A certeza de que será presa? Unidas, todas essas considerações impedem que você me ataque. E esses processos mentais ocorrem nos seus lóbulos frontais. Graças a esses neurônios intactos, você é capaz de controlar seus impulsos destrutivos. — O'Donnell fez uma pausa antes de acrescentar com uma expressão sábia: — Na maior parte do tempo.

Essas últimas palavras, miradas como uma lança, encontraram seu alvo. Era um ponto macio de vulnerabilidade. Há apenas um ano, durante a investigação do *Cirurgião*, Rizzoli cometera um erro

terrível que iria envergonhá-la para sempre. No calor de uma perseguição, ela matara com um tiro um homem desarmado. Rizzoli olhou de volta para O'Donnell e viu um brilho de satisfação nos olhos da outra mulher.

Dean quebrou o silêncio.

— Você nos disse que foi Hoyt quem iniciou o contato. O que ele estava esperando ganhar com tudo isto? Atenção? Simpatia?

— Que tal compreensão humana? — sugeriu O'Donnell.

— Isso foi tudo que ele pediu a você?

— Warren está ansioso por respostas. Ele não sabe o que o impele a matar. Ele sabe que ele é diferente. E ele quer saber por quê.

— Ele lhe disse isso?

O'Donnell caminhou até sua mesa e pegou uma pasta de arquivo.

— Tenho as cartas dele aqui. E a fita de vídeo com nossa entrevista.

— Você foi ao Souza-Baranowski?

— Sim.

— Por sugestão de quem?

O'Donnell hesitou.

— Ambos consideramos que seria útil.

— Mas quem foi realmente o primeiro a mencionar a idéia de um encontro?

Rizzoli respondeu à pergunta por O'Donnell.

— Foi ele. Não foi? Hoyt pediu a reunião.

— Pode ter sido sugestão dele. Mas ambos queríamos fazer isso.

— A senhora não tem a menor idéia do verdadeiro motivo para ele tê-la convidado a ir até lá, tem? — perguntou Rizzoli.

— Precisávamos nos encontrar. Não posso avaliar um paciente sem vê-lo cara a cara.

— E enquanto a senhora estava sentada lá, cara a cara com Hoyt, no que acha que ele estava pensando?

A expressão de O'Donnell deu a entender que ela não se importava com isso.

— E você, sabe?

— Sim, claro. Eu sei exatamente o que se passa na cabeça do *Cirurgião*. — Rizzoli havia reencontrado sua voz, e as palavras saíram frias e implacáveis: — Ele sugeriu a reunião porque queria dar uma olhada na senhora. Ele faz isso com as mulheres. Sorri e fala com muita educação conosco. Está nos registros escolares dele, não está? "Jovem educado", diziam os professores. Aposto que ele foi educado quando a senhora esteve com ele.

— Sim, ele foi...

— Apenas um homem comum, prestativo.

— Detetive, eu não sou ingênua a ponto de pensar nele como um homem normal. Mas ele é prestativo. E ele estava atormentado por seus atos. Ele deseja compreender os motivos para seu comportamento.

— E então a senhora disse que a culpa de tudo foi da batida que ele levou na cabeça.

— Eu disse a ele que o ferimento na cabeça foi um fator contribuinte.

— Ele deve ter ficado feliz em ouvir isso. De ter uma desculpa para o que fez.

— Dei a ele a minha opinião honesta.

— A senhora sabe com que mais ele ficou feliz?

— Com o quê?

— Com o fato de estar na mesma sala que a senhora. Vocês sentaram na mesma sala?

— Nós nos encontramos numa sala de reuniões. Houve vigilância de vídeo contínua.

— Mas não havia qualquer barreira entre vocês. Nenhuma janela protetora. Nenhum vidro plástico.

— Ele não me ameaçou em nenhum instante.

— Ele podia inclinar-se para mais perto da senhora. Estudar o seu cabelo, cheirar a sua pele. O que mais o excita é o cheiro do medo. Cães podem farejar medo, sabia? Quando ficamos com medo, nós liberamos hormônios que os animais podem detectar. Warren Hoyt também pode sentir esse cheiro. Ele é como qualquer outra criatura que caça. Ele sente o cheiro do medo, da vulnerabilidade. Isso alimenta suas fantasias. E eu posso imaginar quais eram as fantasias dele no momento em que se sentou naquela sala com a senhora. Eu já vi para onde essas fantasias conduzem.

O'Donnell tentou rir mas não conseguiu.

— Se você está tentando me assustar...

— A senhora tem um pescoço comprido, Dra. O'Donnell. Creio que algumas pessoas o chamariam de pescoço de cisne. Ele notou isso. A senhora por acaso o flagrou, apenas uma vez, fitando a sua garganta?

— Mas... francamente!

— Por acaso ele não baixava os olhos de vez em quando? Talvez a senhora tenha pensado que ele estava olhando seus seios, como outros homens fazem. Mas não Warren. Ele não liga muito para seios. Ele liga para gargantas. Para ele, a garganta de uma mulher é uma sobremesa. Aquela parte que ele mal pode esperar para fatiar. Depois que ele terminar com outra parte da sua anatomia.

Enrubescendo, O'Donnell virou-se para Dean.

— A sua parceira está saindo da linha.

— Não — defendeu-a Dean em voz calma. — Creio que a detetive Rizzoli está indo direto ao alvo.

— Isto é pura intimidação.

Rizzoli riu.

— A senhora esteve numa sala com Warren Hoyt e não se sentiu intimidada?

O'Donnell deitou um olhar frio em Rizzoli.

— Foi uma entrevista clínica.

— Para a senhora foi. Para ele, foi outra coisa.

Rizzoli aproximou-se dela, um movimento de agressão silenciosa que não passou despercebido a O'Donnell. Embora fosse mais alta e mais imponente tanto em estatura quanto em posição social, O'Donnell não era capaz de pagar a ferocidade implacável de Rizzoli na mesma moeda, e enrubesceu mais e mais à medida que as palavras da detetive continuavam a apunhalá-la.

— Ele foi educado, a senhora disse. Prestativo. Bem, é claro que foi. Ele tinha exatamente o que queria: uma mulher na sala com ele. Uma mulher sentada perto o bastante para deixá-lo excitado. Mas ele esconde isso; ele é muito bom em esconder coisas. Sabe como manter uma conversa perfeitamente normal, mesmo enquanto está pensando em cortar a sua garganta.

— Você passou dos limites — zangou-se O'Donnell.

— A senhora acha que estou apenas tentando assustá-la?

— E isso não é óbvio?

— Então aqui está uma coisa para a senhora ficar cagando de medo. Warren Hoyt deu uma boa cheirada na senhora. Ficou excitado com a senhora. Agora ele está à solta, e está caçando de novo. E sabe de uma coisa? Ele jamais esquece o cheiro de uma mulher.

O'Donnell arregalou os olhos, que finalmente registraram medo. Rizzoli não tinha como evitar sentir satisfação com esse medo. Ela queria que O'Donnell sentisse um gostinho do que ela própria sofrera no ano passado.

— É bom a senhora se acostumar a sentir medo — continuou Rizzoli. — Porque vai precisar.

— Já trabalhei com homens como ele — argumentou O'Donnell. — Eu sei quando devo sentir medo.

— Hoyt é diferente de qualquer outro assassino que a senhora conheceu.

O'Donnell soltou uma gargalhada. O orgulho ajudara-a a recobrar sua petulância.

— Todos eles são diferentes. Todos são únicos. E eu nunca dei as costas para nenhum deles.

# 17

*Prezada Dra. O'Donnell.*

*A senhora me pediu para escrever sobre minhas mais antigas lembranças de infância. Ouvi dizer que poucas pessoas guardam memórias de sua vida antes dos três anos de idade, porque o cérebro imaturo não adquiriu a habilidade de processar a linguagem, e nós precisamos da linguagem para interpretar as visões e sons que experimentamos durante a infância. Qualquer que seja a explicação para a amnésia da infância, ela não se aplica a mim. Posso chamar à mente imagens claras que, creio, remontam de quando eu contava cerca de onze meses. Decerto a senhora irá considerar essas imagens como lembranças fabricadas, criadas a partir de histórias que posso ter ouvido de meus pais. Eu lhe asseguro, essas memórias são absolutamente reais, e, se meus pais estivessem vivos, eles iriam lhe dizer que minhas lembranças são precisas e que não poderiam ter-se baseado em histórias que posso ter ouvido. Pela própria natureza dessas imagens, esses não são eventos sobre os quais minha família teria falado.*

*Lembro de meu berço, sua madeira pintada de branco, sua grade marcada por meus dentes. Um cobertor azul com algum tipo de criaturinhas impressas nele. Pássaros ou abelhas, talvez ursinhos. E sobre o berço, um mecanismo flutuante que agora eu sei que era um móbile, mas que na época parecia uma coisa mágica. Sempre brilhando, sempre se mexendo. Estrelas, luas e planetas, meu pai me disse mais tarde, são exatamente o tipo de coisa que ele penduraria sobre o berço de seu filho. Ele era engenheiro aeroespacial, e acreditava ser possível transformar qualquer criança num gênio meramente estimulando o cérebro em crescimento, fosse com móbiles, cartões com figuras ou fitas gravadas com a voz de seu pai recitando a tabuada.*

*Sempre fui bom em matemática.*

*Mas essas são memórias que eu duvido que possam lhe interessar. Não, a senhora está procurando pelos temas mais sombrios, não por minhas lembranças de berços brancos e móbiles bonitos. A senhora quer saber por que eu sou como sou.*

*Portanto, suponho que deva lhe contar sobre Mairead Donohue.*

*Soube seu nome anos depois, quando contei a uma tia sobre minhas lembranças antigas, e ela disse: "Meu Deus, você realmente lembra de Mairead?" — Sim, realmente, eu lembro dela. Quando eu chamo à mente as imagens de meu quarto de bebê, não é o rosto de minha mãe, mas o rosto de Mairead que olha para mim sobre as grades de meu berço. Pele branca, maculada por uma única verruga pousada em sua bochecha como uma mosca preta. Olhos verdes que são a um só tempo belos e frios. E seu sorriso... até uma criança pequena como eu podia ver aquilo para o que os adultos eram cegos: há ódio naquele sorriso. Ela odeia a casa na qual trabalha. Ela odeia o fedor das fraldas. Ela odeia meus choros de fome que interrompem seu sono. Ela odeia as circunstâncias que a*

*trouxeram a esta cidade quente do Texas, tão diferente de sua Irlanda nativa.*

*E mais do que tudo, ela me odeia.*

*Eu sei que ela me odeia, porque ela demonstra isso de uma dúzia de formas sutis. Ela não deixa nenhum indício de seus maus-tratos. Não, ela é inteligente demais para isso. Em vez disso, seu ódio toma a forma de sussurros raivosos, suaves como sibilos de cascavel, enquanto ela se inclina sobre meu berço. Eu não posso compreender as palavras, mas escuto seu veneno, e vejo o ódio em seus olhos estreitos. Ela não negligencia minhas necessidades físicas; minha fralda está sempre limpa e minha garrafa de leite está sempre quente. Mas secretamente, sempre há beliscões, torcidas de pele, e álcool ardendo em minha uretra. Naturalmente eu grito, mas nunca ficam cicatrizes ou contusões. Eu sou apenas um bebê com cólicas; é isso que ela diz aos meus pais. Um bebê com um temperamento agitado. E pobre Mairead, tão trabalhadora! É ela quem precisa lidar com o fedelho chorão, enquanto minha mãe comparece aos seus eventos sociais. Minha mãe, com seu cheiro de perfume e casaco de pele.*

*Portanto é disso que eu me lembro. Das pontadas de dor lancinante. Do som de meu próprio choro. E da pele branca do pescoço de Mairead pairando sobre o meu berço para me dar um beliscão ou torcer minha pele macia.*

*Não sei se o ódio é um sentimento acessível a uma criança tão pequena como eu era então. Sem a capacidade de raciocinar, o melhor que podemos conseguir é associar causa e efeito. E devo ter compreendido, ainda naquela época, que a fonte de meu tormento era uma mulher de olhos frios e pescoço branco como leite.*

Sentada à sua mesa, Rizzoli fitava a caligrafia meticulosa de Warren Hoyt, as linhas respeitando com precisão ambas as margens, as palavras pequenas e firmes marchando numa linha reta através da página. Embora ele tivesse escrito a carta a tinta, não havia correções ou palavras riscadas, cada sentença já estava organizada antes que a caneta tocasse o papel. Rizzoli pensou nele curvado sobre a página, dedos finos envolvendo a esferográfica, pele roçando no papel, e subitamente ela sentiu uma necessidade quase desesperada de lavar as mãos.

No banheiro feminino Rizzoli esfregou-se com água e sabão, numa tentativa de erradicar qualquer vestígio de Hoyt. Porém, mesmo depois de ter lavado e secado as mãos, ainda se sentia contaminada, como se as palavras dele tivessem se infiltrado como veneno através de sua pele. E havia mais cartas como essa para ler, mais veneno a ser absorvido.

Tomou um susto ao ouvir uma batida na porta do banheiro.

— Rizzoli, você está aí? — Era Dean.

— Estou! — gritou.

— Estou com o videocassete preparado na sala de reuniões.

— Já estou indo.

Ela se olhou no espelho e não ficou feliz com o que viu. Olhos cansados, expressão de confiança abalada. Não permita que ele a veja assim, pensou.

Abriu a bica, jogou água fria no rosto e se secou com uma toalha de papel. Em seguida empertigou-se e respirou fundo. Melhor, pensou, olhando o próprio reflexo. Nunca deixe que eles a vejam suar.

Entrou na sala de reuniões e cumprimentou Dean com um leve aceno de cabeça.

— Certo, estamos prontos?

Dean já havia ligado o televisor e o vídeo. Pegou o envelope de cartolina que O'Donnell lhe dera e introduziu a fita.

— Está com a data de sete de agosto — informou.

Apenas três semanas atrás, pensou Rizzoli, incomodada com o quanto aquelas imagens, aquelas palavras, seriam recentes.

Sentou à mesa da sala de reuniões, caneta e bloco na mão para tomar notas.

— Comece.

Dean inseriu a fita e pressionou *play*.

A primeira imagem que viram foi a bem-vestida O'Donnell, parada diante de uma parede branca pintada a cal, parecendo incongruentemente elegante em seu *tailleur* azul.

— Hoje é sete de agosto. Estou na instituição Souza-Baranowski em Shirley, Massachusetts. Este indivíduo é Warren D. Hoyt.

A tela da TV ficou preta; então uma nova imagem apareceu, um rosto tão abominável a Rizzoli que ela estremeceu em sua cadeira. Aos olhos de qualquer outra pessoa, Hoyt pareceria um sujeito comum, alguém que se podia esquecer. Seus cabelos castanho-claros estavam cortados bem rentes, e seu rosto tinha a palidez do confinamento. A camisa de brim, em azul prisão, estava um pouco folgada demais para seu corpo esguio. As pessoas que o haviam conhecido em sua vida cotidiana descreviam-no como agradável e educado, e era essa a imagem que ele projetava na gravação em vídeo. Um homem jovem, agradável, inofensivo.

O olhar dele se desviou da câmera, e ele se concentrou em alguma coisa que estava fora da tela. Eles ouviram uma cadeira arranhar o chão e em seguida a voz de O'Donnell falando.

— Está confortável, Warren?

— Sim, estou.

— Podemos começar, então?

— Quando quiser, Dra. O'Donnell. — Ele sorriu. — Não vou a lugar nenhum.

— Muito bem. — Um estalo da cadeira, um pigarreio de O'Donnell. — Em suas cartas, você já me contou muito sobre sua

família e sua infância.

— Tentei ser o mais completo possível. Acho que é importante que você entenda cada aspecto de quem eu sou.

— Sim, eu aprecio isso. Não é sempre que tenho a oportunidade de entrevistar alguém tão bem articulado quanto você. Certamente não alguém que tenta ser tão analítico com seu próprio comportamento.

Hoyt deu com os ombros.

— Bem, você conhece o ditado sobre a vida não examinada. Ela não vale a pena ser vivida.

— Mas às vezes podemos exagerar em nossa auto-análise. É um mecanismo de defesa. Intelectualismo como meio de nos distanciar de nossas emoções cruas.

Hoyt fez uma pausa, e então disse, num tom levemente sarcástico:

— A senhora quer que eu fale sobre sentimentos.

— Sim.

— Algum sentimento em particular?

— Quero saber o que faz homens matarem. O que os atrai à violência. Quero saber o que se passa na sua cabeça. O que você sente quando mata outro ser humano.

Durante alguns instantes ele não falou nada, meditando sobre a questão.

— Não é fácil de descrever.

— Tente.

— Pelo bem da ciência? — O sarcasmo voltara à sua voz.

— Sim, pelo bem da ciência. O que você sente?

Uma pausa longa.

— Prazer.

— A sensação é boa?

— Sim.

— Descreva-a para mim.

— Quer realmente que eu descreva?

— É o cerne da minha pesquisa, Warren. Quero saber o que você experimenta quando mata. Não é curiosidade mórbida. Eu preciso saber se você experimenta sintomas que possam indicar anormalidades neurológicas. Dores de cabeça, por exemplo. Sabores ou odores estranhos.

— O cheiro do sangue é muito agradável. — Ele se calou. — Oh. Eu acho que choquei a senhora.

— Prossiga. Fale-me sobre sangue.

— Eu trabalhava com isso, a senhora sabe.

— Sim. Era técnico de laboratório.

— As pessoas pensam no sangue apenas como um fluido vermelho que circula em nossas veias. Como óleo de motor. Mas é uma substância muito complexa e específica. O sangue de cada pessoa é único. Assim como cada assassinato é único. Não há um tipo específico para descrever.

— Mas todos eles lhe dão prazer?

— Alguns mais do que outros.

— Fale-me sobre o que você considera mais importante. O que mais lembra em particular. Há algo?

Ele fez que sim.

— Há algo de que eu sempre lembro.

— Mais do que dos outros?

— Sim. Ele está sempre em minha mente.

— Por quê?

— Porque não o completei. Porque não tive oportunidade de desfrutá-lo. É como ter uma coceira que você não pode coçar.

— Você faz isso parecer trivial.

— É verdade? Mas com o tempo, até uma coceira trivial começa a consumir sua atenção. Ela está sempre lá, incomodando sua pele. A senhora já deve ter ouvido falar de cócegas no pé como forma de tortura. No começo pode não parecer nada. Mas depois de dias sem

alívio, isso se torna uma das formas mais cruéis de tortura. Acho que mencionei em minhas cartas que sei uma ou duas coisas sobre a história da crueldade do homem para com o homem. A arte de infligir dor.

— Sim. Você escreveu sobre o seu... interesse pelo assunto.

— Os torturadores sempre souberam que, com o tempo, o mais sutil dos desconfortos se torna intolerável.

— E essa coceira que você mencionou se tornou intolerável?

— Ela me mantém acordado à noite. Pensamentos sobre como poderia ter sido. O prazer que me foi negado. Sempre fui uma pessoa meticulosa; nunca deixei de acabar algo que tenha começado. Portanto, isso me perturba. Eu penso nisso o tempo todo. As imagens ficam voltando à minha mente.

— Descreva essas imagens. O que você vê, como se sente.

— Eu a vejo. Ela é diferente. Não é como as outras.

— Como assim?

— Ela me odeia.

— As outras não?

— As outras estavam nuas e assustadas. Conquistadas. Mas esta ainda está lutando contra mim. Eu sinto isso quando a toco. Sua pele está elétrica de raiva, embora ela saiba que eu a derrotei. — Ele se inclinou para a frente, como se estivesse prestes a compartilhar seus pensamentos mais íntimos. Seu olhar não estava mais em O'Donnell, mas na câmera, como se pudesse enxergar através das lentes e fitar Rizzoli. — Eu sinto a raiva dela — disse ele. — Com um simples toque em sua pele, eu absorvo essa raiva. É como lava. Uma coisa líquida e perigosa. Energia pura. Eu nunca me senti tão poderoso. Queria me sentir assim de novo.

— Isso excita você?

— Sim. Eu penso no pescoço dela. Muito fino. Ela tem um pescoço bonito, branco.

— No que mais você pensa?

— Penso em tirar suas roupas. Penso no quanto seus seios são firmes. E sua barriga. Uma barriga bonita, lisa...

— As suas fantasias com a Dra. Cordell são... sexuais?

Ele fez uma pausa. Piscou, como se tivesse sido acordado abruptamente de um transe.

— Dra. Cordell?

— Era dela que você estava falando, não era? A vítima que você nunca matou. Catherine Cordell.

— Ah, sim. Eu também penso nela. Mas não é sobre ela que estou falando.

— Sobre quem você está falando?

— Sobre a outra. — Encarou a câmera com uma expressão tão intensa que Rizzoli sentiu seu calor. — A policial.

— A mulher que encontrou você? É com essa mulher que você fantasia?

— Sim. O nome dela é Jane Rizzoli.

# 18

Dean se levantou e apertou o botão *stop* no videocassete. A tela ficou vazia. As últimas palavras de Warren Hoyt pareciam pairar como um eco perpétuo no silêncio. Nas fantasias de Hoyt, Rizzoli fora despida de suas roupas e dignidade, reduzida a partes corporais nuas. Pescoço, seios, barriga. Ela se perguntou se era assim que Dean a via agora, se as visões eróticas que Hoyt conjurara tinham sido impressas também na mente de Dean.

Ele se virou para ela. Rizzoli nunca havia achado o rosto dele fácil de ler, mas naquele instante a raiva em seus olhos era inconfundível.

— Você entendeu, não entendeu? — perguntou ele. — Ele queria que você assistisse a esta fita. Ele deixou uma trilha de pedaços de pão para você seguir. O envelope com o endereço de O'Donnell conduziu à própria O'Donnell. Às cartas dele, a esta fita. Ele sabia que, cedo ou tarde, você veria tudo isso.

Rizzoli fitou a TV vazia.

— Ele estava falando comigo.

— Exatamente. Ele está usando O'Donnell como sua mídia. Quando Hoyt fala com ela, nesta entrevista, ele está na verdade falando com você. Contando as fantasias dele. Usando essas fantasias para assustar, humilhar você. Escute o que ele diz.

Dean rebobinou a fita. Mais uma vez, o rosto de Hoyt apareceu na tela.

— Ela me mantém acordado à noite. Pensamentos sobre como poderia ter sido. O prazer que me foi negado. Sempre fui uma pessoa meticulosa; nunca deixei de acabar algo que tenha começado. Portanto, isso me perturba. Eu penso nisso o tempo todo...

Dean apertou *stop* e olhou para ela.

— Como isso faz você se sentir? Saber que você sempre esteve na mente dele?

— Você sabe muito bem como eu me sinto.

— E ele também. Por isso ele queria que você ouvisse. — Dean apertou *fast forward* e depois *play*.

Os olhos de Hoyt estavam focados na platéia que ele não podia ver.

— Penso em tirar suas roupas. Penso no quanto seus seios são firmes. E sua barriga. Uma barriga bonita, lisa...

Mais uma vez Dean apertou *stop*. Ele encarou Rizzoli e ela enrubesceu.

— Não me diga. Você quer saber como eu me *sinto* sobre isso.

— Exposta?

— Sim.

— Vulnerável?

— *Sim*.

— Violentada.

Ela engoliu em seco e desviou o olhar. Disse baixo:

— Sim.

— Todas as coisas que ele quer que você sinta. Você me disse que ele sente atração por mulheres feridas. Por mulheres que foram violentadas. E é precisamente assim que ele está fazendo você se sentir agora. Com meras palavras numa fita de vídeo. Como uma vítima.

Rizzoli levou os olhos abruptamente para Dean.

— Não — cortou ela. — *Não* como uma vítima. Você quer que eu diga como estou me sentindo realmente agora?

— Como?

— Pronta para dilacerar aquele filho-duma-puta.

A resposta foi pura bravata, palavras lançadas ao ar. Mas pegou Dean de surpresa, e ele a fitou intrigado por um momento. Será que ele via como ela estava se esforçando para manter sua fachada de durona? Será que ele percebera o tom falso em sua voz? Para não permitir que ele percebesse seu blefe, Rizzoli emendou o assunto:

— Você está dizendo que ele sabia, já naquela época, que eu acabaria vendo isto? Que a fita era destinada a mim?

— Você não teve essa impressão?

— Aquilo me pareceu como qualquer fantasia de um psicótico.

— Não qualquer fantasia. Não qualquer psicótico. Não qualquer vítima. Jane, ele estava falando sobre você. Falando sobre o que gostaria de fazer com *você*.

Alarmes soaram através dos nervos de Rizzoli. Dean estava tornando a situação pessoal novamente, direcionando-a como uma flecha direto contra ela. Ele gostava de vê-la tremer? Por acaso isto servia a algum propósito além de acentuar seus medos?

— Na época em que isto foi gravado, ele já tinha planejado sua fuga — continuou Dean. — Não esqueça, foi ele que contatou O'Donnell. Ele sabia que ela conversaria com ele. Ela não poderia resistir à oferta. Ela era um microfone aberto, gravando tudo que ele dizia, tudo que ele queria que as pessoas ouvissem. Você, em

particular. Depois ele liberou uma seqüência lógica de eventos, que trouxeram direto até este momento, com você assistindo à fita.

— Alguém pode ser tão brilhante assim?

— E Warren Hoyt não é? — perguntou ele. Era outra flecha disparada para perfurar suas defesas. Para enfatizar o óbvio. — Ele passou um ano atrás das grades. Ele teve um ano para acalentar suas fantasias. — E todas elas eram sobre você.

— Não. Era Catherine Cordell que ele queria. Sempre foi Cordell.

— Não foi o que ele disse a O'Donnell.

— Então ele estava mentindo.

— Por quê?

— Para chegar até mim. Para me abalar...

— Então você concorda. Esta fita tinha como propósito acabar em suas mãos. É uma mensagem direcionada a *você*.

Rizzoli permaneceu olhando para a tela de TV vazia. O fantasma do rosto de Hoyt ainda parecia fitá-la. Tudo que fizera até agora tivera como propósito abalar seu universo, destruir sua paz de espírito. Hoyt fizera a mesma coisa com Cordell antes de tentar matá-la. Queria suas vítimas aterrorizadas, abatidas pela exaustão; colhia sua presa apenas depois que ela estava amadurecida pelo medo. Rizzoli não tinha negações para oferecer, nenhuma defesa contra o óbvio.

Dean sentou-se e olhou para ela sobre a mesa.

— Acho que você deveria retirar-se desta investigação — sugeriu em voz baixa.

Rizzoli fitou-o, chocada.

— *Retirar-me?*

— Ficou pessoal.

— Entre mim e um criminoso sempre é pessoal.

— Não a este nível. Ele quer você neste caso para poder fazer seus joguinhos. Ele se insinuou em cada aspecto da sua vida. Como

líder da investigação, você está visível e acessível. Completamente imersa na caçada. E agora ele está começando a montar a cena do crime visando a você. Para se comunicar com *você*.

— Mais um motivo para eu continuar no caso.

— Não. Mais um motivo para você se retirar. Para colocar distância entre você e Hoyt.

— Agente Dean, eu nunca me retirei de nada — retrucou Rizzoli.

Depois de uma pausa, Dean disse secamente:

— Não, eu não consigo imaginar você fazendo isso.

Agora era ela quem estava inclinada para a frente, numa atitude de confrontação.

— Qual é o seu problema comigo, afinal? Você está pegando no meu pé desde o começo. Falou com Marquette pelas minhas costas. Levantou dúvidas a meu respeito e...

— Nunca questionei a sua competência.

— Então, qual é o seu problema comigo?

Ele respondeu à raiva de Rizzoli num tom calmo e razoável.

— Considere com quem estamos lidando. Um homem que você já caçou. Um homem que culpa você por sua captura. Ele ainda está pensando no que gostaria de fazer com você, e você passou o mesmo ano tentando esquecer o que *ele* fez. Ele está louco por um segundo ato, Jane. Hoyt está deitando os alicerces, atraindo você para onde ele a quer. Não é um lugar seguro para se estar.

— É realmente com minha segurança que você está preocupado?

— Está insinuando que eu tenho objetivos secretos?

— Eu não teria como saber. Ainda não decifrei você.

Ele se levantou e caminhou até o videocassete. Ejetou a fita e a colocou de volta no envelope. Ele estava tentando ganhar tempo enquanto pensava numa resposta crível.

Dean sentou-se novamente e olhou para ela.

— A verdade é que eu também ainda não decifrei você.

Ela riu.

— Eu? — Ela fez um gesto, mostrando a si mesma. — Eu sou isto que você está vendo.

— Tudo que vejo é uma policial. E quanto a Jane Rizzoli, a mulher?

— Uma e a outra são a mesma.

— Você sabe que isso não é verdade. Você não permite que ninguém veja por trás do seu distintivo.

— O que eu devia deixar que vissem? Que eu não tenho aquele cromossomo Y que eles prezam tanto? Tudo que eu *quero* que eles vejam é o meu distintivo.

Ele se inclinou para a frente, seu rosto perto o bastante para invadir o espaço pessoal dela.

— Isto diz respeito à sua vulnerabilidade enquanto alvo. Diz respeito a um criminoso que já sabe como mexer com a sua cabeça. Um homem que conseguiu se aproximar de você sem que percebesse.

— Da próxima vez eu saberei.

— Saberá mesmo?

Fitaram-se, rostos tão próximos quanto dois amantes. A flecha de desejo sexual que varou Rizzoli foi tão repentina e inesperada que pareceu provocar dor e prazer ao mesmo tempo. Recuou abruptamente, rosto corado, e ainda que os olhares dos dois tenham se cruzado a uma distância segura, Rizzoli ainda se sentia exposta. Não era boa em ocultar suas emoções e sempre sentira-se terrivelmente inadequada ao flertar ou se envolver em todos aqueles joguinhos que transcorrem entre homens e mulheres. Esforçando-se para manter sua expressão imutável, descobriu que não podia continuar olhando para ele sem se sentir transparente.

— Você deve compreender que haverá uma próxima vez — insistiu ele. — E agora não é apenas o Hoyt. Eles são dois. Se isso não assusta você, deveria.

Rizzoli baixou os olhos para o envelope que continha a fita de vídeo com a gravação que Hoyt quisera que ela visse. O jogo estava apenas começando, com vantagem para Hoyt, e sim, ela estava amedrontada.

Em silêncio, ela se pôs a ajuntar seus papéis.

— Jane?

— Eu ouvi tudo que você disse.

— Não faz diferença para você, faz?

Ela olhou para ele.

— Quer saber de uma coisa? Posso ser atropelada por um ônibus da próxima vez que atravessar a rua. Ou posso ter um ataque cardíaco e cair dura aqui mesmo. Mas eu não penso nessas coisas. Não permito que elas ocupem os meus pensamentos. Sempre fiz isso. Os pesadelos... eles realmente me abateram muito. Mas agora eu recuperei meu fôlego. Ou talvez apenas esteja tão cansada que não sinta mais nada. Assim, o melhor que posso fazer é colocar um pé na frente do outro e continuar marchando. É assim que se vence estas coisas. Você apenas *continua marchando*. É apenas isso que qualquer um de nós pode fazer.

Rizzoli quase ficou aliviada quando seu bipe tocou. Ele lhe deu um bom motivo para romper o contato visual e olhar para a tela do aparelhinho. Rizzoli sentiu Dean observando-a enquanto ela caminhava até o telefone da sala de reuniões e discava.

— Cabelos e Fibras. Volchko — respondeu uma voz.

— Rizzoli. Você me bipou.

— É sobre aquelas fibras e náilon verdes. Aquelas que foram colhidas da pele de Gail Yeager. Encontramos fibras idênticas na pele de Karenna Ghent.

— Então ele está usando o mesmo tecido para embrulhar todas as suas vítimas. Até aí nenhuma surpresa.

— Mas eu tenho uma surpresinha para você.

— E qual é?

— Eu sei que tecido ele usou.

Erin apontou para o microscópio.

— As lâminas estão prontas para vocês. Dêem uma olhada.

Rizzoli e Dean sentaram-se de frente um para o outro, olhos pressionados nos óculos auxiliares do microscópio. Através das lentes, eles tiveram a mesma visão: dois fios, deitados lado a lado para serem comparados.

— A fibra da esquerda foi retirada de Gail Yeager. A da direita veio de Karenna Ghent — disse Erin. — O que você acha?

— Parecem idênticas — respondeu Rizzoli.

— E são. Ambos os fios são náilon Dupont tipo seis ponto seis, verde-musgo. Os filamentos são extremamente finos, dez por fio. — Erin pegou uma pasta e tirou dois gráficos, que ela pousou no tampo da mesa. — E aqui está novamente a espectrografia RTA. O número um veio de Yeager, o número dois de Ghent. — Ela olhou para Dean. — Está familiarizado com técnicas de Reflexão Total Atenuada, agente Dean?

— É um modo infravermelho, não é?

— Exatamente. Nós o usamos para distinguir tratamentos da superfície da fibra em si. Para detectar elementos químicos que tenham sido aplicados ao tecido depois da tecelagem.

— E houve algum?

— Sim, uma camada de silicone — explicou Erin. — Na semana passada, a detetive Rizzoli e eu pensamos nos motivos possíveis para esse tipo de tratamento de superfície. Não sabíamos para o que este tecido havia sido projetado. O que nós sabíamos era que essas fibras eram resistentes ao calor e à luz. E que os fios são tão finos que, se entrelaçados, seriam impermeáveis.

— Pensamos que talvez fosse uma tenda ou uma lona — disse Rizzoli.

— E para que serviria o acréscimo de silicone? — indagou Dean.

— Propriedades antiestáticas — respondeu Erin. — Alguma resistência a esgarçamentos e água. Além disso, reduz a porosidade deste tecido a praticamente zero. Em outras palavras, nem ar pode passar por ele. — Erin olhou para Rizzoli. — Algum palpite sobre o que é isso?

— Você disse que já conhecia a resposta.

— Bem, eu tive uma pequena ajuda. Do laboratório da Polícia Estadual de Connecticut. — Erin colocou um terceiro gráfico no tampo da mesa. — Eles me passaram um fax com isto esta manhã. É uma espectrografia RTA de fibras de um caso de homicídio na zona rural de Connecticut. As fibras foram colhidas das luvas e da jaqueta de lã do suspeito. Compare-as com as fibras de Karenna Ghent.

O olhar de Rizzoli correu entre um gráfico e outro.

— Os espectros combinam. As fibras são idênticas.

— Certo. A única coisa diferente é a cor. As fibras dos nossos dois casos são verdes-musgo. As fibras do homicídio em Connecticut vieram em duas cores diferentes. Algumas eram em laranja néon; outras em verde-limão.

— Você está brincando.

— Parece bem berrante, não é? Mas descontando a cor, as fibras de Connecticut combinam com as nossas. Náilon Dupont tipo seis ponto seis, dez filamentos por fio, finalizado com uma camada de silicone.

— Fale a respeito do caso de Connecticut — pediu Dean.

— Um acidente de pára-quedismo. O pára-quedas da vítima não abriu adequadamente. Apenas quando essas fibras laranja e verde-limão apareceram nas roupas do suspeito é que o caso virou uma investigação de homicídio.

Rizzoli olhou para a espectrografia RTA.

— É um pára-quedas.

— Exatamente. O suspeito do homicídio de Connecticut sabotou o pára-quedas da vítima na noite anterior. Esta RTA é característica de tecido de pára-quedas. É resistente a esgarçamentos, resistente a água, facilmente dobrável e armazenável entre usos. É isso o que o assassino que vocês estão procurando está usando para embrulhar suas vítimas.

Rizzoli levantou os olhos para Erin.

— Um pára-quedas — ecoou a detetive. — Funciona como uma mortalha perfeita.

# 19

Havia papéis por toda parte, pastas de arquivos abertas na mesa de reuniões, fotos de cenas criminais acumuladas como telhas lustrosas. Páginas e mais páginas de bloco escritas a caneta. Embora esta fosse a era dos computadores — e houvesse alguns *laptops* ligados, telas tremeluzindo —, quando a informação verte abundantemente os policiais ainda buscam pelo conforto do papel. Rizzoli tinha um *laptop*, mas deixara-o em sua mesa, preferindo rabiscar anotações. A página era um emaranhado de palavras, setas e quadradinhos enfatizando detalhes significativos. Mas havia ordem na bagunça, e segurança na permanência da tinta. Ela virou para uma página limpa, tentando focar sua atenção na voz sussurrante do Dr. Zucker. Tentando não se distrair pela presença de Gabriel Dean, que estava sentado ao lado dela, fazendo suas próprias anotações, mas numa letra muito mais bonita. Ela baixou os olhos para a mão de Dean, veias grossas saltando da pele enquanto ele apertava a caneta, a manga da camisa sobressaindo branca e bem-passada da manga de seu paletó cinza. Ele entrara na reunião depois de Rizzoli e

escolhera sentar-se ao lado dela. Isso significava alguma coisa? *Não, Rizzoli. Isso significa apenas que havia uma cadeira vazia ao seu lado*. Era uma perda de tempo, uma diversão, flagrar-se com esses pensamentos. Sentia-se dispersa, sua atenção escapando em direções diferentes, e até suas linhas estavam tortas na página. Havia mais cinco homens na sala, mas era apenas Dean que mantinha sua atenção. Agora ela conhecia seu cheiro e podia discerni-lo, frio e limpo, da sinfonia olfativa de loções de barbear. Rizzoli, que jamais usava perfume, estava cercada de homens que usavam.

Ela baixou os olhos para o que acabara de escrever:

*Mutualismo: simbiose com vantagem mútua para ambos ou todos os organismos envolvidos.*

A palavra que definia o pacto de Warren Hoyt com seu novo parceiro. O *Cirurgião* e o *Dominador*, operando como uma equipe. Caçando e comendo carniça juntos.

— Warren Hoyt sempre trabalhou melhor com um parceiro — explicou o Dr. Zucker. — É como ele caça. É a forma como ele costumava caçar com Andrew Capra, até a morte de Capra. Na verdade, Hoyt *exige* a participação de outro homem como parte de seu ritual.

— Mas no ano passado ele caçou sozinho — comentou Barry Frost. — Ele não tinha um parceiro.

— De certo modo, tinha sim — discordou Zucker. — Pense nas vítimas que ele escolheu, aqui em Boston. Todas elas eram mulheres que tinham sido atacadas sexualmente... não por Hoyt, mas por outros homens. Ele sente atração por mulheres feridas, mulheres marcadas pelo estupro. Aos seus olhos, isso deixou-as sujas, contaminadas. E portanto abordáveis. Bem no fundo, Hoyt

sente medo de mulheres normais, e esse medo o torna impotente. Ele se sente fortalecido apenas quando pensa nelas como criaturas inferiores. Destruídas simbolicamente. Quando ele caçava com Capra, era Capra quem atacava as mulheres. Só depois Hoyt usava seu bisturi. Só depois ele podia obter satisfação plena do ritual.

Zucker olhou ao seu redor e viu cabeças assentindo em concordância. Com exceção de Dean, todos haviam trabalhado na investigação do *Cirurgião*; todos estavam familiarizados com a obra de Warren Hoyt. Zucker abriu uma pasta na mesa.

— Agora chegamos ao nosso segundo assassino. O *Dominador*. Seu ritual é quase uma imagem espelhada do ritual de Warren Hoyt. Ele não sente medo de mulheres. Ele também não sente medo de homens. Inclusive ataca mulheres que vivem com parceiros. Não é apenas questão de uma presença inconveniente do marido ou namorado. Não, o *Dominador* parece *querer* o homem lá, e ele vai preparado para lidar com ele. Uma arma de atordoamento e um rolo de silver tape para imobilizá-lo. O posicionamento do homem de modo a forçá-lo a ver o que acontecerá em seguida. O *Dominador* não mata simplesmente o homem, o que seria a atitude prática. Ele se excita em ter uma platéia. Em saber que outro homem está ali para vê-lo tomar seu prêmio.

— E Warren Hoyt se excita em assistir — completou Rizzoli.

Zucker fez que sim com a cabeça.

— Exatamente. Um assassino gosta de atuar. O outro gosta de assistir. É um exemplo perfeito de mutualismo. Esses dois homens são parceiros naturais. Seus desejos se complementam. Juntos, são mais eficientes. Eles podem controlar melhor sua presa. Eles podem combinar suas habilidades. Até mesmo enquanto Hoyt ainda estava na prisão, o *Dominador* estava copiando as técnicas de Hoyt. Ele já estava tomando emprestados elementos da assinatura do *Cirurgião*.

Este era um ponto que Rizzoli reconhecera antes dos outros, mas ninguém na sala reconheceu esse detalhe. Talvez eles

tivessem esquecido, mas ela não.

— Sabemos que Hoyt recebeu algumas cartas do público geral. Mesmo da prisão, ele conseguiu recrutar um admirador. Ele o cultivou, talvez até o tenha instruído.

— Um aprendiz — disse baixo Rizzoli.

Zucker olhou para ela.

— É uma palavra interessante essa que você usou. Aprendiz. Alguém que adquire uma habilidade ou perícia sob a tutela de um mestre. Neste caso, a perícia da caça.

— Mas qual deles é o aprendiz? — perguntou Dean. — E qual deles é o mestre?

A pergunta de Dean enervou Rizzoli. Durante o último ano, Warren Hoyt havia representado o pior mal que ela podia imaginar. Num mundo repleto de caçadores, ninguém se igualava a ele. Agora Dean trouxe à baila uma possibilidade que ela não quisera considerar: que o *Cirurgião* fosse meramente um acólito de alguém ainda mais monstruoso.

— Qualquer que seja seu relacionamento, eles são mais eficazes como dupla do que individualmente — reiterou Zucker. — E como dupla, é possível que o padrão de seus ataques mude.

— Como assim? — indagou Sleeper.

— Até agora, o *Dominador* escolheu casais. Ele prepara o homem para ser sua platéia, alguém para vê-lo agir. Ele quer outro homem ali, para vê-lo tomar seu prêmio.

— Mas agora ele tem um parceiro — continuou Rizzoli. — Um homem que irá assistir. Um homem que *deseja* assistir.

Zucker concordou com a cabeça.

— Hoyt pode preencher o papel essencial na fantasia do *Dominador*. O observador. A platéia.

— O que significa que da próxima vez eles talvez não escolham um casal — acrescentou Rizzoli. — Eles poderiam escolher... — Ela se calou, não querendo terminar o pensamento.

Mas Zucker estava esperando para ouvir uma resposta, uma resposta na qual ele já havia pensado. O criminalista permaneceu sentado com a cabeça inclinada para o lado, olhos claros observando-a com intensidade arrepiante.

Foi Dean quem proveu a resposta.

— Eles poderiam escolher uma mulher que morasse sozinha.

Zucker fez que sim com a cabeça.

— Fácil de subjugar, fácil de controlar. Não precisando se preocupar com o marido, eles podem focar toda a atenção na mulher.

*Meu carro. Minha casa. Eu*.

Rizzoli entrou numa vaga do Pilgrim Hospital e desligou a ignição. Por um momento ela não saltou do carro; permaneceu sentada com as portas fechadas, perscrutando a garagem. Como policial, ela sempre se considerara uma guerreira, uma caçadora. Jamais vira a si mesma como uma presa. Mas agora ela se viu comportando-se como uma presa, cautelosa como um coelho se preparando para deixar a segurança de sua toca. Ela, que sempre tinha sido destemida, estava reduzida a lançar olhares nervosos pela janela de seu carro. Ela, que havia aberto portas a chutes, que sempre participara do primeiro grupo de policiais a invadir a casa de um suspeito. Rizzoli olhou para si mesma no retrovisor e viu o rosto lívido, os olhos assustados, de uma mulher que ela mal conhecia. Não uma conquistadora, mas uma vítima. Uma mulher que ela desprezava.

Abriu a porta do carro e saiu. Empertigou-se, encorajada pelo peso de sua arma, alojada contra seu quadril. Aqueles filhos-da-puta podiam vir; ela estava preparada para eles.

Subiu sozinha no elevador da garagem, coluna reta, orgulho superando o medo. Quando saiu novamente, viu outras pessoas, e

agora sua arma pareceu desnecessária, até excessiva. Puxou para baixo o paletó de seu *tailleur* para manter o coldre oculto enquanto entrava no hospital, e juntou-se no elevador a um trio de estudantes de medicina com estetoscópios sobressaindo dos bolsos. Eles falaram entre si em linguajar médico, ignorando a mulher de aparência cansada entre eles. Sim, aquela com a arma oculta no quadril.

No CTI, Rizzoli passou direto pelo balcão da recepcionista e foi até o cubículo 5. Ali ela parou, olhando intrigada através da divisória de vidro.

Havia uma mulher deitada na cama de Korsak.

— Desculpe. Senhora? — chamou uma enfermeira. — Visitas precisam se registrar.

Rizzoli girou nos calcanhares.

— Onde está ele?

— Quem?

— Vince Korsak. Ele devia estar naquela cama.

— Sinto muito. Comecei a trabalhar às três...

— Você devia me avisar se acontecesse alguma coisa!

A esta altura, sua agitação atraíra a atenção de outra enfermeira que interveio rapidamente, falando no tom calmo de quem estava acostumada a lidar com parentes irritados.

— Senhora, o Sr. Korsak foi desentubado esta manhã.

— O que significa isso?

— O tubo na garganta dele... o que o ajudava a respirar... nós o retiramos. Ele está passando bem agora, e o transferimos para a unidade de tratamento intermediário, no fim do corredor. — Ela acrescentou, defensivamente: — Mas nós telefonamos para a *esposa* do Sr. Korsak.

Rizzoli pensou em Diane Korsak e em seus olhos vazios, e se perguntou se ela chegara mesmo a compreender o telefonema, ou

se a informação simplesmente caíra como uma moeda num poço escuro.

Quando chegou ao quarto de Korsak, estava mais calma e controlada. Olhou pela fresta da porta.

Ele estava acordado e olhando para o teto. Sua barriga fazia volume por baixo dos lençóis. Os braços jaziam perfeitamente parados aos lados de seu corpo, como se tivesse medo de movê-los e perturbar o emaranhado de fios e tubos.

— Ei — chamou ela baixinho.

Ele olhou para ela e grasnou em resposta:

— Oi.

— Que tal uma visita?

Em resposta, deu um tapinha na cama, um convite para ela se acomodar. E ficar.

Rizzoli arrastou uma cadeira até o lado da cama de Korsak e sentou. O olhar de Korsak levantara-se de novo, não para o teto, como ela pensara inicialmente, mas para um monitor cardíaco que estava instalado no canto do quarto. Um eletrocardiograma piscava através da tela.

— Aquele é o meu coração — disse ele. O tubo deixara-o rouco, e o que ele disse saiu praticamente num sussurro.

— Parece que está batendo bem — comentou Rizzoli.

— É. — Houve silêncio enquanto ele mantinha o olhar fixado no monitor.

Rizzoli viu o buquê de flores que ela mandara naquela manhã sob sua mesa-de-cabeceira. Era o único vaso no quarto. Ninguém mais pensara em mandar-lhe flores? Nem mesmo sua esposa?

— Ontem conheci a Diane — contou Rizzoli.

Korsak olhou para ela, e então rapidamente desviou o olhar, mas não antes que ela pudesse ver a tristeza em sua expressão.

— Acho que ela não lhe contou.

— Ela não esteve aqui hoje — disse, dando de ombros.

— Ela deve vir mais tarde.

— O cacete que ela vai vir.

A resposta pegou Rizzoli de surpresa. Talvez ele também tivesse surpreendido a si mesmo, porque estava com o rosto subitamente ruborizado.

— Eu não devia ter dito isso.

— Você pode dizer o que quiser para mim.

Ele olhou novamente para o monitor e suspirou.

— Certo, mas é uma merda.

— O que é uma merda?

— Tudo. Eu passo a vida inteira fazendo o que acho que é certo. Levo o pagamento todo para casa. Dou à filha tudo que ela quer. Nunca aceito subornos, nem mesmo uma vez. E de repente eu me vejo com 54 anos e *bum!* Meu próprio coração se vira contra mim. E eu estou deitado de costas, pensando: *De que adiantou tudo isso?* Eu segui as regras e acabei com uma filha fracassada que ainda liga para o papai sempre que precisa de dinheiro. E uma esposa que fica doidona com qualquer porcaria que consegue comprar na farmácia. Eu não posso competir com o Príncipe Valium. Sou apenas o cara que coloca um teto em cima da cabeça dela e paga todos os remédios. — Ele soltou uma risada resignada, amarga.

— Por que você ainda está casado?

— Qual é a alternativa?

— Estar solteiro.

— Estar sozinho, você quer dizer. — Pronunciou a palavra *sozinho* como se fosse a pior de todas as opções. Algumas pessoas fazem escolhas torcendo pelo melhor; Korsak fizera uma escolha simplesmente para evitar o pior. Ele olhou para seu monitor cardíaco, o símbolo tremeluzente de sua mortalidade. Boas ou más escolhas, todas elas tinham conduzido a este momento, a este quarto de hospital, onde o medo fazia companhia ao arrependimento.

E onde eu estarei com a idade dele?, Rizzoli. Deitada numa cama de hospital, lamentando as escolhas que fiz, desejando ter seguido outro caminho? Ela pensou em seu apartamento silencioso com suas paredes vazias, sua cama solitária. Como sua vida seria melhor que a de Korsak?

— Fico com medo de que ela pare — confessou ele. — Você sabe, a linha reta. Isso me deixa cagando de medo.

— Pare de olhar.

— Se eu parar de olhar, quem vai ficar vigiando?

— As enfermeiras estão observando no posto delas. Elas também têm monitores lá, sabia?

— Mas elas estão realmente *assistindo*? Ou estão apenas vendo o tempo passar, falando sobre compras, namorados e merdas desse tipo? O que está em jogo aqui é o meu coração!

— Elas também têm sistemas de alarme. Se acontecer qualquer coisa minimamente irregular, a máquina delas começa a bipar.

Ele olhou para ela, desconfiado.

— Tem certeza?

— Qual é o problema? Não acredita em mim?

— Sei lá.

Eles se entreolharam por um momento, e Rizzoli sentiu-se envergonhada. Rizzoli não tinha qualquer direito de esperar que ele confiasse nela, não depois do que havia acontecido no cemitério. A visão ainda a assombrava, a visão de Korsak, caído sozinho e abandonado na escuridão. E ela... tão egoísta, tão alheia a tudo que não fosse a perseguição. Ela não podia encará-lo, e baixou os olhos, focando o braço carnudo do policial, marcado com esparadrapos e tubos intravenosos.

— Eu sinto muito — disse Rizzoli. — Meu Deus, eu sinto muito mesmo.

— Pelo quê?

— Por não ter cuidado de você.

— Do que você está falando?

— Não lembra?

Ele balançou a cabeça.

Ela parou, subitamente percebendo que ele realmente não lembrava. Que ela podia parar de falar agora e ele jamais saberia que ela o havia abandonado. O silêncio podia ser a saída mais fácil, mas ela sabia que não conseguiria viver com o fardo.

— Do que você lembra, sobre a noite no cemitério? — perguntou. — A última coisa?

— A última coisa? Eu estava correndo. Acho que a gente estava correndo, não estava? Caçando o assassino.

— O que mais?

— Lembro de estar puto dentro da roupa.

— Por quê?

Ele resfolegou.

— Porque não conseguia acompanhar uma garota!

— E depois?

Ele deu de ombros.

— Apenas isso. Essa é a última coisa que eu lembro. Depois lembro daquelas enfermeiras enfiando os malditos tubos pela minha... — Ele parou. — Eu acordei bem. E acredite, logo deixei isso bem claro para as enfermeiras.

Um momento de silêncio, Korsak com os olhos teimosamente fixados no monitor do eletrocardiograma. Então ele disse, com desgosto:

— Acho que eu fodi a perseguição.

Isso pegou Rizzoli de surpresa.

— Korsak...

— Veja só isto. — Ele apontou para sua barriga enorme. — Parece que engoli uma porcaria de bola de basquete. É isso que parece. Ou estou grávido de 15 meses. Não consigo nem vencer uma corrida com uma garota. Já fui bem rápido, sabia? Era forte

como um cavalo. Não era como sou agora. Você devia ter me visto naquela época, Rizzoli. Não iria me reconhecer. Aposto que você nem acredita, não é? Porque pode apenas me ver como sou agora. Um monte de merda inútil. Cigarro demais, comida demais.

*Bebida demais*, acrescentou mentalmente Rizzoli.

— ... apenas um saco de banha. — Ele deu um tapa furioso na barriga.

— Korsak, ouça com atenção. Quem fodeu tudo fui eu, e não você.

Ele olhou para ela, claramente confuso.

— No cemitério. Estávamos os dois correndo. Caçando o que a gente achava que era o assassino. Você estava logo atrás de mim. Podia ouvir você ofegando, tentando me acompanhar.

— Disso você não precisa me lembrar.

— E de repente você não estava lá. Simplesmente não estava lá. Mas eu continuei correndo, e foi tudo perda de tempo. Não era o assassino. Era o agente Dean, investigando o perímetro. O assassino já tinha fugido. Estávamos correndo atrás de porcaria nenhuma, Korsak. Apenas sombras. Só isso.

Ele permaneceu calado, aguardando o resto da história. Ela se forçou a prosseguir:

— Nessa hora eu devia ter ido procurar por você. Devia ter percebido que você não estava por perto. Mas as coisas fugiram ao controle. E eu não estava pensando direito. Não parei para me perguntar onde você... — Ela suspirou. — Eu não sei quanto tempo levei para lembrar. Talvez tenham sido apenas alguns minutos. Mas eu acho que foi muito mais. E durante esse tempo todo você ficou caído lá, atrás de uma das lápides. Demorei muito a começar a procurar por você. A lembrar.

Mais silêncio. Rizzoli se perguntou se Korsak ouvira qualquer coisa que ela dissera, porque tinha começado a brincar com seu

tubo intravenoso. Era como se ele não quisesse olhar para ela e estivesse tentando concentrar-se em outra coisa.

— Korsak?

— Que é?

— Não tem nada a dizer?

— Tenho. Esqueça isso. É tudo que tenho a dizer.

— Eu me sinto uma idiota.

— Por quê? Porque estava fazendo seu trabalho?

— Porque eu devia estar cuidando do meu parceiro.

— E desde quando sou seu parceiro?

— Naquela noite você era.

Ele riu.

— Naquela noite eu era um estorvo. Uma bola de ferro de duas toneladas acorrentada a você, te atrasando. Enquanto você estava toda encucada por não ter cuidado de mim, eu estava deitado aqui, puto da vida por não ter conseguido fazer meu trabalho. Pensei em todas as mentiras que tenho contado a mim mesmo. Está vendo esta pança? — Mais uma vez bateu na barriga. — Ela ia desaparecer. Sim, eu acreditei nisso. Que um dia desses ia fazer dieta e me livrar deste pneu de caminhão. Mas em vez disso apenas comprei calças cada vez maiores. Fiquei me dizendo que esses fabricantes de roupas estavam errando os tamanhos. Daqui a uns dois anos estarei usando calças de palhaço. Que nem o Bozo. E nem uma tonelada de Ex-Lax e pílulas de água vai me ajudar a passar nos exames físicos.

— Você fez isso? Tomou pílulas para passar nos exames?

— Não vou te dizer nem que sim nem que não, apenas que este problema do coração não foi nenhuma surpresa. Não posso dizer que não fui avisado. Mas agora que aconteceu estou puto da vida. — Resfolegou com raiva. Olhou novamente para o monitor. — Agora estou com o coração todo fodido.

Ficaram calados por um momento, assistindo ao eletrocardiograma, esperando que o coração dele reduzisse o ritmo. Rizzoli nunca prestara muita atenção ao batimento cardíaco de seu peito. Enquanto observava o padrão traçado por Korsak, tomou ciência de sua própria pulsação. Sempre considerara seu batimento cardíaco uma coisa garantida, e agora se perguntou como seria ficar atenta a cada batida, com medo de que a próxima não chegasse. Que o pulsar vital em seu peito pudesse parar de repente.

Olhando para Korsak, cujo olhar ainda estava grudado no monitor, ela pensou: Ele não está apenas com raiva; está aterrorizado.

De repente ele sentou reto, mão voando ao peito, olhos arregalados de pânico.

— Chame a enfermeira! Chame a enfermeira!

— O quê? O que é?

— Não ouviu o alarme? É o meu coração...

— Korsak, é apenas o meu bipe.

— O quê?

Ela desprendeu o bipe do cinto e desligou o alarme. Mostrou a ele a telinha digital com o número de telefone.

— Está vendo? Não é seu coração.

Ele afundou nos travesseiros.

— Meu Deus. Tire essa coisa daqui. Podia ter me estourado a coronária.

— Posso usar este telefone?

Ele estava deitado com a mão pressionando o peito, o corpo inteiro flácido de alívio.

— Sim, sim.

Ela pegou o telefone e discou.

Uma familiar voz fantasmagórica atendeu:

— Instituto médico-legal. Dra. Isles falando.

— Rizzoli.

— O detetive Frost e eu estamos examinando uma série de chapas de raios X dentárias em meu computador. Estreitamos aquela lista que a NCIC nos mandou de mulheres desaparecidas na área de New England. Recebi este arquivo por e-mail da polícia estadual do Maine.

— Qual era o caso?

— Um seqüestro-assassinato de 2 de junho do ano passado. A vítima de assassinato foi Kenneth Waite, 36 anos. A seqüestrada foi sua esposa, Marla Jean, 34. Estamos olhando os raios X dos dentes de Marla.

— Encontramos a Raquítica?

— Combina — respondeu Isles. — Sua garota agora tem um nome: Marla Jean Waite. Eles estão enviando os registros dela por fax agora.

— Espere. Disse que este seqüestro-assassinato foi no Maine?

— Uma cidade chamada Blue Hill. Frost disse que já esteve lá. Fica a cinco horas de carro.

— O assassino desconhecido tem um campo de caça bem maior do que achávamos.

— Frost quer falar com você.

A voz alegre de Frost entrou na linha.

— Oi, já comeu rolinho de lagosta?

— Quê?

— Podemos comer rolinhos de lagosta no caminho. Tem um restaurante fantástico em Lincolnville Beach. Se sairmos daqui amanhã às oito, podemos chegar lá na hora do almoço. Meu carro ou o seu?

— Podemos ir no meu. — Fez uma pausa. E não conseguiu deixar de acrescentar: — Dean provavelmente vai querer ir conosco.

Houve uma pausa.

— Está certo — respondeu finalmente Frost, sem entusiasmo. — Se você acha.

— Vou ligar para ele.

Enquanto desligava, Rizzoli pôde sentir Korsak olhando para ela.

— Então o Sr. FBI é parte da equipe agora.

Ela o ignorou e discou o número do celular de Dean.

— Quando isso aconteceu?

— Ele é apenas mais um recurso.

— Não era o que você pensava dele antes.

— Tivemos uma oportunidade de trabalharmos juntos desde então.

— Não me diga. Você viu o outro *lado* dele.

Ela fez um gesto para que Korsak se calasse quando a ligação foi atendida. Mas, no lugar da voz de Dean, uma mensagem gravada entrou na linha:

— O assinante não está disponível neste momento.

Ela desligou e olhou para Korsak.

— E isso é problema?

— É você que parece estar com um problema. Consegue uma pista nova e mal pode *esperar* para telefonar para o seu novo parceiro do FBI. O que está acontecendo?

— Não está acontecendo nada.

— Não é o que me parece.

O rosto de Rizzoli ficou quente. Ela não estava sendo honesta com ele e ambos sabiam disso. Ao discar o número do celular de Dean ela sentira a pulsação acelerar, e sabia exatamente o que isso significava. Era como uma viciada tomando seu pico, incapaz de se conter de telefonar para ele. Dando as costas para o olhar recriminador de Korsak, deparou-se com a janela enquanto telefonava para seu hotel.

— Colonnade — atenderam.

— Podem me passar para um dos seus hóspedes? Ele se chama Gabriel Dean.

— Um minuto, por favor.

Enquanto esperava, ela tentou pensar nas palavras certas para dizer a ele, o tom de voz adequado. Controlado. Profissional. *Uma policial. Você é uma policial.*

O telefonista voltou à linha.

— Sinto muito, mas o Sr. Dean não é mais hóspede nosso.

Rizzoli franziu o cenho, mão apertando o fone.

— Ele deixou um número?

— Não há nenhum listado.

Rizzoli olhou pela janela, olhos subitamente ofuscados pelo sol poente.

— Quando ele fechou a conta?

— Faz uma hora.

# 20

Rizzoli fechou a pasta que continha as páginas enviadas por fax da Polícia Estadual do Maine e olhou pela janela para as árvores que corriam lá fora, para o vislumbre ocasional de uma casa de fazenda branca entre as árvores. Ler no carro sempre a deixava enjoada, e os detalhes do desaparecimento de Marla Jean Waite apenas intensificavam seu desconforto. O almoço que eles tinham feito no caminho não ajudara a situação. Frost estava louco para comer rolinhos de lagosta num dos quiosques de beira de estrada, e embora ela tivesse gostado da comida na hora, a maionese agora estava revirando em seu estômago. Ficou olhando para a estrada à frente, esperando a náusea passar. Ajudava o fato de que Frost era um motorista calmo e controlado que não fazia movimentos inesperados, cujo pé ficava firme no acelerador. Rizzoli sempre fora uma apreciadora da previsibilidade absoluta de Frost, mas nunca tanto quanto agora, quando ela estava se sentindo tão nauseada.

Quando estava se sentindo melhor, Rizzoli começou a tomar notas da beleza natural do lado de fora da janela do carro. Ela

nunca havia se aventurado a esta região do Maine. O mais ao norte que já chegara tinha sido aos dez anos de idade, quando fora de carro com sua família até Old Orchard Beach no verão. Lembrava-se de uma ponte coberta, de brinquedos de parque de diversões, de algodão-doce azul e espigas de milho. E lembrava de caminhar até o mar e sentir como a água era fria. Mesmo assim ela continuara avançando na água, precisamente porque sua mãe alertara-a a não fazer isso.

— É frio demais para você, Janie — dissera Angela. — Continue na areia quente.

E então os irmãos de Jane tinham feito coro:

— É isso mesmo, Janie. Você vai congelar suas pernas finas de pelicano!

Portanto, é claro que ela havia entrado na água, caminhando de cara emburrada até onde o mar beijava a areia. Ao entrar, a água a fizera arfar de agonia, mas não era a pinicada da água fria que permaneceria em suas lembranças por todos os anos seguintes; era o calor dos olhares de seus irmãos enquanto a observavam da praia, fazendo troça, desafiando-a a avançar ainda mais naquele frio sufocante. Então ela avançou mar adentro, água subindo até suas coxas, cintura, ombros, caminhando sem hesitação, sem nem parar para abraçar a si mesma. Ela avançara porque não era dor a sensação que mais temia; era humilhação.

Agora a Old Orchard Beach estava a 160 quilômetros atrás deles e ela percebia que, do carro, a vista não parecia em nada com o Maine de sua infância. Longe da costa como eles estavam, não havia parques de diversões ou pontes cobertas. Em vez disso ela via árvores e, ocasionalmente, uma vila, cada qual ancorada em torno de uma igrejinha branca.

— Alice e eu costumamos vir de carro até aqui todo mês de julho — contou Frost.

— Nunca estive aqui.

— Nunca? — Ele olhou para ela com uma expressão surpresa que ela considerou irritante. Uma expressão que dizia: *Onde você esteve?*

— Nunca tive motivos para vir — esclareceu ela.

— Os pais da Alice têm um lote de acampamento na ilha Little Deer. A gente costuma ficar lá.

— Engraçado. Nunca pensei na Alice como o tipo de mulher que gosta de acampar.

— Bem, eles chamam o lugar de lote de acampamento, mas na verdade têm uma pré-fabricada montada lá. Banheiros de verdade e água quente. — Frost riu. — Alice ficaria louca se tivesse de mijar no mato.

— Só animais deviam mijar na floresta.

— Gosto de florestas. Eu moraria aqui, se pudesse.

— E perder toda a excitação da cidade grande?

Frost balançou a cabeça.

— Vou te dizer do que eu não sentiria falta. Das coisas ruins. Coisas que fazem você se perguntar o que está errado com as pessoas.

— Acha que é melhor aqui?

Ele se calou, olhar fixo na estrada, um tapete contínuo de árvores correndo pelas janelas.

— Não — respondeu finalmente. — Afinal, é por causa disso que estamos aqui.

Ela olhou para as árvores e pensou: o assassino desconhecido também veio para cá. O *Dominador*, à procura de uma presa. Deve ter dirigido por esta mesma estrada, talvez olhado para essas mesmas árvores ou parado para comer naquele quiosque de lagosta na beira da estrada. Nem todos os predadores são encontrados nas cidades, alguns vagam por estradas secundárias ou passeiam em cidadezinhas, a terra das vizinhanças confiáveis e das portas destrancadas. Teria ele vindo passar férias aqui e

simplesmente visto uma oportunidade que não poderia deixar passar? Predadores também saem de férias. Viajam pelo campo e desfrutam do cheiro do mar, como todo mundo. Eles são perfeitamente humanos.

Lá fora, através das árvores, ela começou a ter vislumbres de mar e rochas de granito, uma paisagem irregular que ela teria apreciado mais se não soubesse que o assassino também o fizera.

Frost reduziu a velocidade e esticou o pescoço para a frente, enquanto perscrutava a estrada.

— Perdemos o retorno?

— Que retorno?

— A gente devia ter virado à direita na Cranberry Ridge Road.

— Eu não vi.

— Estamos dirigindo há tempo demais. Já devia ter aparecido.

— Já estamos atrasados.

— Eu sei, eu sei.

— É melhor biparmos o Gorman. Dizer a ele que os ratos da cidade estão perdidos no campo. — Rizzoli abriu o celular e fez cara feia ao ver que o sinal estava fraco. — Acha que este bipe vai funcionar aqui?

— Espere, acho que estamos com sorte.

À frente deles, um veículo com a placa oficial do estado de Maine estava estacionado na lateral da estrada. Frost parou ao lado dele, e Rizzoli baixou sua janela para falar com o motorista. Antes que ela pudesse se apresentar, o homem gritou para eles:

— Ei, vocês são os policiais de Boston?

— Como adivinhou? — quis saber Rizzoli.

— Placas de Massachusetts. Achei que vocês tinham se perdido. Sou o detetive Gorman.

— Rizzoli e Frost. Nós já íamos bipar para você para pedir orientações.

Sem Gorman para mostrar o caminho, eles teriam perdido Cranberry Ridge completamente. Era uma estrada de terra escavada através da floresta, marcada apenas por uma placa num poste: ESTRADA 24. Passaram por bosques, atravessaram um denso túnel de árvores que ocultava toda a vista e seguiram uma estrada que coleava loucamente. Então o bosque deu lugar a uma explosão de luz solar e eles viram jardins e um campo de grama verde, subindo até uma casa grande no topo da colina. A vista encantou tanto Frost que ele abruptamente reduziu a velocidade para admirá-la.

— Vendo aquela estrada de terra vagabunda você pensa que ela levaria até uma cabana ou um trailer — comentou ele. — Nunca a uma coisa assim.

— Talvez esse seja o propósito da estrada de terra vagabunda.

— Afastar a gentalha?

— É. Só que não funcionou, não é mesmo?

Quando pararam atrás do carro de Gorman, ele já estava de pé no caminho de acesso, esperando para cumprimentar os dois. Como Frost, estava vestido num terno, mas o seu estava bem largo, como se ele tivesse perdido muito peso desde que o comprara. Seu rosto também refletia alguma antiga mazela, a pele pálida e flácida.

Ele deu a Rizzoli uma pasta de cartolina e uma fita de vídeo.

— Vídeo da cena do crime — explicou. — Estamos mandando copiar o resto dos arquivos para vocês. Estou com alguns no meu porta-malas. Podem pegá-los quando saírem.

— A Dra. Isles vai mandar para você o relatório final sobre os restos — anunciou Rizzoli.

— Causa da morte?

Ela balançou a cabeça.

— Estava reduzido a um esqueleto. Não foi possível determinar.

Gorman suspirou e olhou para a casa.

— Bem, pelo menos eu sei onde Marla está agora. Era isso que estava me deixando maluco. — Fez um gesto na direção da casa. — Não há muito lá dentro para ver. O lugar foi todo limpo. Mas vocês pediram.

— Quem está morando aqui agora? — indagou Frost.

— Ninguém. Não desde o assassinato.

— Casa bonita demais para estar vazia.

— Está presa na justiça. Mesmo se eles conseguirem colocar a casa no mercado, duvido que seja vendida.

Subiram os degraus até uma varanda onde folhas haviam se depositado e vasos de gerânios mortos pendiam das calhas. Aparentemente ninguém varria ou molhava as plantas há semanas, e um ar de negligência envolvia a casa.

— Não venho aqui desde julho — disse Gorman enquanto pegava um chaveiro e procurava pela chave certa. — Só voltei a trabalhar na semana passada, e ainda estou tentando entrar no ritmo. Hepatite acaba com você. E olha que tive uma variação branda, Tipo A. Pelo menos não me matou... — Olhou para seus visitantes. — Ouçam meu conselho: não comam mariscos no México.

Finalmente ele achou a chave certa e destrancou a porta. Entrando, Rizzoli inalou os odores de tinta fresca e cera de assoalho, cheiros de uma casa revistada e desinfetada. E depois abandonada, pensou ela, olhando para as formas fantasmagóricas dos móveis cobertos por lençóis. Soalhos de carvalho branco reluziam como vidro polido. Luz entrava através de janelas do chão ao teto. Aqui, no topo da montanha, eles estavam empoleirados sobre a floresta densa, e a paisagem seguia assim até Blue Hill Bay. Um jato traçou uma linha branca no céu azul, e, abaixo, um barco deixava um rastro na superfície da água. Ela ficou parada por um momento na janela, olhando para a mesma vista que Marla Jean Waite decerto também apreciara.

— Fale sobre essa gente.

— Vocês leram as fichas que passei por fax?

— Sim. Mas através delas não fiquei conhecendo bem quem eles eram.

— Bem, isso não é de admirar.

Ela se virou para olhá-lo e ficou impressionada com o brilho amarelo em seus olhos. O sol vespertino parecia enfatizar o tom doentio de sua pele.

— Vamos começar por Kenneth — sugeriu Rizzoli. — O dinheiro é todo dele, não é verdade?

Gorman fez que sim com a cabeça.

— Ele era um babaca.

— Isso eu não li no relatório.

— Algumas coisas não podem ser ditas em relatórios. Mas esse é o consenso geral na cidade. Você sabe, temos muita gente como Kenny aqui. Blue Hill agora é o refúgio predileto dos ricaços de Boston. A maioria é gente boa. Mas de vez em quando aparece um Kenny Waite, que faz o jogo de “você sabe com quem está falando?”. Sim, todos eles sabiam com quem estavam falando. Com um cara com o rabo entupido de dinheiro.

— E de onde veio o dinheiro?

— Dos avós. Indústria de exportações, acho. Kenny certamente nunca ganhou um centavo trabalhando na vida, mas ele sabia como gastar o dinheiro. Tinha um belo Hinckley lá no porto. E costumava ficar indo e voltando de Boston na sua Ferrari vermelha. Até que ele perdeu a carteira e teve o carro apreendido. Multas demais. — Gorman grunhiu. — Acho que isso resume bem Kenneth Waite III. Muito dinheiro, pouco cérebro.

— Que desperdício — comentou Frost.

— Você tem filhos?

Frost balançou a cabeça.

— Ainda não.

— Se quiser botar um bando de filhos inúteis no mundo, tudo que precisa fazer é deixar dinheiro para eles — sentenciou Gorman

— E quanto a Marla Jean? — perguntou Rizzoli. Ela lembrou dos restos mortais da Raquítica na mesa de autópsia. As tíbias curvadas, o osso esterno deformado, evidências ósseas de uma infância pobre. — Ela não começou a vida com dinheiro, começou?

Gorman balançou a cabeça negativamente.

— Ela cresceu numa cidade de mineração de carvão, lá em West Virginia. Veio para cá trabalhar como garçonete durante um verão. Foi assim que conheceu Kenny. Acho que ele se casou com Marla porque ela era a única que agüentava as babaquices dele. Mas o casamento não parecia muito feliz. Ainda mais depois do acidente.

— Acidente?

— Alguns anos atrás Kenny estava dirigindo de cara cheia, como de costume. Meteu o carro numa árvore. Ele saiu sem um arranhão. Era um sortudo. Mas Marla Jean ficou três meses no hospital.

— Deve ter sido aí que ela quebrou o osso da coxa.

— Hein?

— Ela tinha um pino cirúrgico no fêmur. E duas vértebras fundidas.

Gorman assentiu.

— Ouvi dizer que ela estava mancando. Uma pena, porque era uma mulher muito bonita.

E mulheres feias podem mancar que ninguém se importa, pensou Rizzoli, mas segurou a língua. Ela caminhou até uma parede de prateleiras embutidas e estudou uma fotografia de um casal em trajes de banho. Eles estavam parados numa praia, água turquesa beijando seus tornozelos. A mulher tinha um corpo esguio, quase infantil, com cabelos marrom-escuros caindo nos ombros. Agora cabelo de cadáver, pensou Rizzoli. O homem tinha cabelos louros, cintura já engrossando, músculos ficando flácidos. O que

devia ter sido um rosto atraente estava arruinado por uma expressão vaga de desprezo.

— O casamento era infeliz? — indagou Rizzoli.

— Foi isso o que a empregada me disse. Depois do acidente, Marla Jean não queria viajar muito. Kenny só conseguia arrastá-la até Boston. Mas Kenny estava acostumado a viajar para St. Bart todo mês de janeiro, e assim a deixava aqui.

— Sozinha?

— Sujeito bacana ele, hein? — ironizou Gorman. — Marla Jean tinha uma empregada que fazia compras para ela. Limpava a casa. Dirigia para ela. Marla Jean não gostava de dirigir. É bem solitário aqui em cima, mas a empregada achava que Marla Jean parecia mais feliz quando Kenny não estava. — Gorman fez uma pausa. — Tenho de admitir, depois que encontramos Kenny, que me ocorreu que talvez...

— Que talvez Marla Jean tivesse cometido o crime — completou Rizzoli.

— Isso sempre foi a primeira consideração. — Pegou um lenço para enxugar o rosto. — Vocês estão achando aqui muito quente?

— Está morno.

— Não fico bem nestes dias quentes. O corpo ainda está descompensado. Mas é isso que dá comer mariscos no México.

Atravessaram a sala de estar, passaram pelas formas fantasmagóricas de móveis cobertos por lençóis e uma enorme lareira de pedra diante da qual havia uma pequena pilha de cepos partidos. Combustível para alimentar as chamas de uma noite fria do Maine. Gorman levou-os até uma área da sala onde havia apenas chão vazio e a parede branca não estava decorada. Rizzoli olhou para a camada fresca de tinta, e os pêlos em sua nuca se arrepiaram. Ela baixou os olhos para o chão e viu que o carvalho

estava mais pálido ali, esfregado e reenvernizado. Mas não é fácil apagar sangue. Se escurecessem a sala e borrifassem luminol, o soalho ainda gritaria com sangue, seus vestígios químicos entranhados tão profundamente nas ranhuras da madeira que jamais seriam completamente apagados.

— Puseram Kenny sentado ali — Gorman apontou para a parede recém-pintada. — Pernas estendidas à frente, braços presos atrás. Pulsos e tornozelos amarrados com silver tape. Um único corte no pescoço, feito com faca tipo Rambo.

— Não havia mais ferimentos? — perguntou Rizzoli.

— Apenas o pescoço. Como uma execução.

— Marcas de pistola de atordoamento?

Gorman fez uma pausa.

— Ele estava aqui há dois dias quando a empregada o achou. Dois dias quentes. A essa altura a pele estava com uma aparência nada boa. Para não mencionar o cheiro. Uma marca de pistola de atordoamento pode ter passado despercebida.

— Vocês examinaram este soalho sob uma fonte de luz alternativa?

— Havia uma sangueira danada aqui. Não tenho certeza do que teríamos visto sob uma Luma-lite. Mas está tudo no vídeo da cena criminal. — Ele olhou em torno e encontrou o televisor e o videocassete. — Por que não damos uma olhada? Pode responder à maioria das suas perguntas.

Rizzoli caminhou até o televisor, apertou o botão ON e inseriu a fita na ranhura. A Home Shopping Network apareceu na tela, oferecendo, por apenas $99,95, um colar com pendente de zircônio que reluzia no pescoço de cisne de uma modelo.

— Essas coisas me deixam doida — reclamou Rizzoli, atrapalhando-se com os dois controles remotos diferentes. — Nunca aprendi a programar o meu. — Ela olhou para Frost.

— Ei, não me peça.

Gorman suspirou e pegou o controle remoto. A modelo de colar subitamente desapareceu, substituída por uma visão do caminho de acesso dos Waites. Vento sibilou no microfone, distorcendo a voz do operador de câmera enquanto ele declarou seu nome, detetive Pardee, a hora, data, e localização. Eram cinco da tarde de 2 de junho, um dia tempestuoso, com árvores curvando-se ao vento forte. Pardee virou a câmera para a casa e começou a galgar os degraus, a imagem da câmera balançando no televisor. Rizzoli viu gerânios florescendo em vasos, os mesmos gerânios que agora estavam secos. Uma voz chamou por Pardee, e a tela ficou vazia por alguns segundos.

— A porta da frente foi encontrada destrancada — esclareceu Gorman. — A doméstica disse que isso não era incomum. Os moradores daqui costumam deixar as portas destrancadas. Ela deduziu que havia alguém em casa porque Marla Jean nunca ia a lugar nenhum. Bateu primeiro, mas ninguém atendeu.

Uma imagem nova apareceu abruptamente na tela do televisor, a câmera apontada através da porta aberta, direto para a sala de estar. Deve ter sido isto que a empregada registrou ao abrir a porta. Enquanto o fedor, e o horror, derramavam-se sobre ela.

— Ela deve ter dado, talvez, um passo para dentro da casa — continuou Gorman. — Viu Kenny sentado com as costas na parede do fundo. E aquele sangue todo. Não lembra de ter visto mais nada. Quis apenas sair correndo dali. Pulou no seu carro e pisou tão fundo no acelerador que seus pneus deixaram sulcos no cascalho.

A câmera moveu-se para dentro da casa e fez uma panorâmica pela mobília, fechando no evento principal: Kenneth Waite III, vestido apenas de cuecas, cabeça caída no peito. O começo da decomposição já havia deformado suas feições. O abdômen cheio de gás estava estufado como um balão, o rosto estava tão inchado que não parecia humano. Mas não foi o rosto que chamou a

atenção de Rizzoli; foi o objeto de incongruente delicadeza pousado sobre suas coxas.

— A gente não entendeu o que significava *aquilo* — contou Gorman. — Para mim era algum tipo de artefato simbólico. Foi assim que o classifiquei. Uma forma de ridicularizar a vítima. “Olhe para mim, todo amarrado, com esta xícara ridícula no meu colo.” Era exatamente o que uma esposa faria com o marido, para demonstrar o quanto o desprezava. — Ele suspirou. — Mas isso era quando eu pensava que Marla Jean era a assassina.

A câmera afastou-se do cadáver e agora estava seguindo o corredor. Retraçando os passos do assassino, rumo ao quarto onde Kenny e Marla tinham dormido. A imagem tremia como a visão nauseante que se tem pela escotilha de um navio numa tempestade. A câmera parou em cada porta para oferecer um vislumbre do interior. Primeiro um banheiro, depois um quarto de hóspedes. À medida que ela avançava pelo corredor, a pulsação de Rizzoli acelerava. Sem perceber, ela estava se aproximando do televisor como se fosse ela, e não Pardee, que caminhava pelo longo corredor.

Subitamente uma visão do quarto principal apareceu na tela. Janelas com cortinas verdes. Uma penteadeira e um guarda-roupas, ambos pintados em branco, e a porta do *closet*. Uma cama de quatro pilares, os lençóis puxados para trás, praticamente desnudando-a.

— Foram pegos de surpresa enquanto dormiam — informou Gorman. — O estômago de Kenny estava praticamente vazio. Na hora em que foi morto, ele não comia há pelo menos oito horas.

Rizzoli aproximou-se mais do televisor, olhar perscrutando rapidamente a tela. Agora Pardee deu as costas para o corredor.

— Rebobine — instruiu Rizzoli.

— Por quê? — perguntou Gorman.

— Apenas volte. Para quando vimos o quarto pela primei-ra vez.

Gorman deu o controle remoto para Rizzoli.

— É todo seu.

Rizzoli apertou *Rewind*, e a fita zumbiu para trás. Mais uma vez Pardee estava no corredor, aproximando-se do quarto principal. Mais uma vez a imagem voltou-se para a direita, fazendo uma panorâmica lenta pela penteadeira, pelo guarda-roupas, pelas portas do *closet*, e então focaram na cama. Agora Frost estava de pé ao lado dela, procurando pela mesma coisa.

Ela apertou *Pausa*.

— Não está ali.

— O que não está? — perguntou Gorman.

— A camisola dobrada. — Ela se virou para ele. — Não encontrou nenhuma?

— Nem sabia que devia ter encontrado.

— Faz parte da assinatura do *Dominador*. Ele dobra as roupas de dormir. Coloca as roupas bem à mostra como um símbolo de seu controle.

— Se foi ele, então não fez isso aqui.

— Todo o resto combina com ele. A silver tape, a xícara no colo. A posição da vítima masculina.

— O que você vê é o que nós encontramos.

— Tem certeza de que nada foi movido antes da gravação?

A pergunta foi formulada sem o menor tato, e Gorman fez cara de quem não gostou.

— Bem, acho que sempre é *possível* que o primeiro policial na cena tenha entrado aqui e decidido mudar os objetos de lugar, apenas para tornar as coisas mais interessantes para a gente.

Frost, sempre o diplomata, estava acostumado a aplacar os ânimos atiçados por Rizzoli.

— Não é como se este assassino seguisse uma lista ao pé da letra. Parece que desta vez ele variou um pouco.

— Se for o mesmo cara — objetou Gorman.

Rizzoli deu as costas para o televisor e, mais uma vez, olhou para a parede onde Kenny morrera e inchara lentamente ao calor. Pensou nos Yeagers e nos Ghents, em silver tape e em vítimas adormecidas, na teia de detalhes que amarrava estes casos uns aos outros.

*Mas aqui, nesta casa*, o Dominador ignorou um passo. *Ele não dobrou as roupas de cama. Porque ele e Hoyt ainda não eram uma dupla.*

Ela se lembrou da tarde na casa dos Yeagers, quando seu olhar congelou na camisola de Gail Yeager, e lembrou da sensação arrepiante de familiaridade.

*O* Cirurgião *e o* Dominador só *começaram sua aliança com os Yeagers. Esse foi o dia em que eles me atraíram para o jogo, com uma camisola dobrada. Mesmo da prisão, Warren Hoyt conseguiu me enviar seu cartão de visitas.*

Ela olhou para Gorman, que se acomodara numa das cadeiras cobertas por lençóis e estava mais uma vez enxugando suor da face. Este encontro já o havia deixado exausto, e ele estava minguando diante dos olhos dos detetives da cidade.

— Você nunca identificou nenhum suspeito? — indagou Rizzoli.

— Não conseguimos botar a carapuça em nenhum. E olha que fizemos quatrocentas ou quinhentas entrevistas.

— E os Waites, até onde você sabe, não estavam familiarizados nem com os Yeagers nem com os Ghents?

— Esses nomes não apareceram em nossas investigações. Olha, dentro de um ou dois dias você vai receber cópias de todos os nossos arquivos. Vai poder comparar todas as suas informações com as nossas. — Gorman dobrou o lenço e o colocou de volta no bolso da jaqueta. — Talvez seja bom checar com o FBI também — acrescentou. — Ver se eles têm alguma coisa a acrescentar.

Rizzoli ficou calada por alguns segundos antes de perguntar:

— O FBI?

— Mandamos um relatório para eles na época do crime. Um agente da unidade comportamental deles veio aqui. Passou algumas semanas monitorando nossa investigação e depois voltou para Washington. Não ouvi um pio dele desde então.

Rizzoli e Frost se entreolharam. Ela viu seu próprio pasmo refletido nos olhos dele.

Lentamente Gorman levantou da cadeira e pegou suas chaves, sinal de que gostaria de findar esta reunião. Foi apenas enquanto ele estava caminhando até a porta que Rizzoli finalmente encontrou forças para formular a questão óbvia. Ainda que ela não quisesse ouvir a resposta.

— O agente do FBI que apareceu aqui... Lembra o nome dele?

Gorman parou no vão da porta, roupas pendendo de seu corpo esquelético.

— Sim. O nome dele era Gabriel Dean.

# 21

Rizzoli dirigiu durante a tarde e a noite inteiras, olhos na rodovia escura, mente em Gabriel Dean. Frost adormecera ao lado dela, e Rizzoli estava sozinha com seus próprios pensamentos, sua raiva. O que mais ele escondera dela? Que outras informações ele guardara enquanto a via garimpar respostas? Desde o começo ele estivera alguns passos à sua frente: o primeiro a chegar ao guarda de segurança morto no cemitério. O primeiro a ver o corpo de Karenna Ghent posado sobre a sepultura. O primeiro a sugerir a montagem úmida durante a autópsia de Karenna Ghent. Ele já sabia, antes de qualquer um deles, que ela revelaria esperma vivo. *Porque ele já havia encontrado o* Dominador *antes*.

Mas o que Dean não antecipara era que o *Dominador* tomaria um parceiro. *Foi então que Dean deu as caras no meu apartamento. Essa foi a primeira vez em que ele sentiu algum interesse por mim. Porque eu tinha algo que ele queria, algo de que ele precisava. Eu era sua guia para a mente de Warren Hoyt.*

Ao lado de Rizzoli, Frost roncava alto. Ela olhou para ele e o viu de boca aberta, a imagem da inocência desguarnecida. Nem uma vez sequer, em todo o tempo em que eles haviam trabalhado juntos, Rizzoli vira um lado sombrio de Barry Frost. Mas a traição de Dean abalara-a tanto que agora, olhando para Frost, Rizzoli perguntou-se se ele também escondia algo dela. Que crueldades até ele mantinha fora de vista.

Eram quase nove horas quando Rizzoli finalmente entrou em seu apartamento. Como sempre, levou algum tempo verificando a porta, mas desta vez não era medo que sentia enquanto passava a corrente e fechava as trancas, mas raiva. Fechou o último ferrolho com uma batida sonora, e então caminhou direto até o quarto sem parar para os rituais costumeiros de verificar armários e espiar cada cômodo. A traição de Dean desviara temporariamente todos seus pensamentos de Warren Hoyt. Desafivelou o coldre, guardou a arma na gaveta da mesinha-de-cabeceira, fechando-a com um baque. Virou e se olhou no espelho da penteadeira. Não gostou do que viu. Cabelos desgrenhados como as serpentes de uma medusa. Expressão magoada. O retrato de uma mulher que deixara a atração que sentia por um homem cegá-la do óbvio.

Tomou um susto com o toque do telefone. Olhou para o identificador de chamada e leu: WASHINGTON, D.C.

O telefone tocou duas, três vezes, enquanto ela tentava reaver o controle sobre suas emoções. Quando finalmente atendeu ao telefone, saudou a pessoa no outro lado da linha com um frio:

— Rizzoli.

— Soube que você tentou falar comigo — disse Dean.

Ela fechou os olhos.

— Você está em Washington — observou ela, e percebeu que embora tivesse tentado ocultar a hostilidade em sua voz, as palavras ainda tinham saído como uma acusação.

— Fui chamado ontem à noite. Sinto muito não termos tido chance de falar antes da minha partida.

— E o que você teria me dito? A verdade, uma vez na vida?

— Você precisa entender, este é um caso de alta sensibilidade.

— E foi por causa disso que não me contou sobre Marla Jean Waite?

— Não era imediatamente vital para a sua parte da investigação.

— E quem diabos é você para decidir? Ah, é mesmo! Esqueci. Você é da porra do FBI!

— Jane — disse ele baixinho. — Quero que você venha até Washington.

Ela se calou, aturdida com a mudança abrupta na conversa.

— Por quê?

— Porque não podemos falar sobre isto pelo telefone.

— Você espera que eu entre num avião sem nem mesmo saber o motivo?

— Não pediria se não achasse necessário. Já obtive a autorização do tenente Marquette, através do gabinete do comissário. Alguém vai ligar para você para falar sobre os preparativos.

— Espere. Não estou entendendo...

— Vai entender. Quando chegar aqui. — A linha ficou muda.

Pouco a pouco Rizzoli baixou o fone. Ficou olhando para o aparelho, sem acreditar no que acabara de ouvir. Quando o telefone tocou novamente, ela atendeu de imediato.

— Detetive Jane Rizzoli? — Era uma voz de mulher.

— Falando.

— Estou ligando para fazer os preparativos da sua viagem a Washington amanhã. Posso colocar a senhora no vôo seis-cinco-dois-um da US Airways, com partida de Boston ao meio-dia e chegada em Washington às 13h36. Assim está bom?

— Só um segundo. — Rizzoli pegou uma caneta e um bloco e começou a escrever as informações do vôo. — Está certo.

— E voltando para Boston na quinta-feira a senhora disporá do vôo seis-quatro-zero-seis, saindo de Washington às 9h30 e chegando a Boston às 10h53.

— Vou passar a noite lá?

— Essa foi uma requisição do agente Dean. Fizemos uma reserva para a senhora no Hotel Watergate, a não ser que prefira outro.

— Não. O hotel... Watergate... será adequado.

— Uma limusine pegará a senhora em seu apartamento às dez horas de amanhã e irá levá-la até o aeroporto. Haverá outra para recebê-la quando chegar à capital. Pode me dar seu número de fax, por favor?

Momentos depois, a máquina de fax de Rizzoli começou a imprimir. Ela ficou sentada na cama, olhando para o itinerário bem datilografado, e se admirou com a velocidade com que as coisas estavam indo. Naquele momento ela queria, mais do que qualquer outra coisa, falar com Thomas Moore, pedir seu conselho. Pegou o telefone, e então pousou-o novamente no gancho. A cautela de Dean deixara-a assustada, e ela não confiava mais na segurança de sua própria linha telefônica.

Subitamente ocorreu-lhe que não tinha executado seu ritual noturno de verificar o apartamento. Agora sentiu-se impelida a confirmar que tudo estava seguro em sua fortaleza. Estirou o braço até a gaveta da mesinha-de-cabeceira e pegou sua arma. E então, como fizera cada noite do ano passado, Rizzoli passou cada cômodo em revista, procurando por monstros.

*Cara Dra. O’Donnell*

*Na sua última carta, a senhora me perguntou em que momento eu soube que era diferente de todas as outras pessoas. Para ser franco, não estou certo se sou diferente. Eu acho que sou simplesmente mais honesto, mais ciente. Mais em contato com os mesmos impulsos primitivos que sussurram para todos nós. Tenho certeza de que a senhora ouve os mesmos sussurros, que imagens proibidas ocasionalmente passam por sua mente como relâmpagos, iluminando, apenas por um instante, a paisagem ensangüentada do seu subconsciente. Ou a senhora caminha pela floresta e vê um pássaro colorido e incomum, e seu primeiro impulso, antes que a bota da moralidade superior a esmague, é de caçá-lo. Matá-lo.*

*É um instinto programado pelo nosso DNA. Somos todos caçadores, amadurecidos ao longo de eras pela natureza. Nisto, eu não difiro da senhora ou de qualquer outra pessoa, e acho graça de todos aqueles psicólogos e psiquiatras que me examinaram nos últimos 12 meses, tentando me compreender, sondando minha infância, como se em algum lugar de meu passado houvesse um momento, um incidente, que tenha me transformado na criatura que sou hoje. Creio que desapontei a todos eles, porque não houve um momento definidor. Além disso, eu devolvi todas as perguntas que eles me fizeram. Perguntei a eles por que eles achavam que eram diferentes? Claro que eles tinham pensamentos dos quais se envergonhavam, imagens que os horrorizavam, imagens que eles não podiam suprimir.*

*Foi divertido vê-los negar isso. Eles mentem para mim, da forma como mentem para eles próprios, mas eu vejo incerteza em seus olhos. Gosto de levá-los ao seu limite, forçá-los a olhar para o abismo, para o poço negro de suas fantasias.*

*A única diferença entre eles e mim é que eu não sinto vergonha nem terror por meus pensamentos.*

*Não obstante, eu sou classificado como o doente, aquele que precisa ser analisado. Assim, digo a eles todas as coisas que eles secretamente querem ouvir, coisas que irão fasciná-los. Durante o período de aproximadamente uma hora de suas visitas, eu satisfaço sua curiosidade, porque esse é o verdadeiro motivo que os trouxe até mim. Não há mais ninguém que saiba atiçar suas fantasias tão bem quanto eu. Embora eles estejam tentando fazer meu perfil, sou eu quem faço perfis deles, quem mede seu apetite por sangue. Enquanto falo, fito seus rostos em busca de sinais de excitação. Pupilas dilatadas. Pescoços esticados para a frente. Bochechas coradas. Hálito quente.*

*Conto-lhes sobre minha visita a San Gimignano, uma cidade empoleirada nas colinas de Toscana. Conto como, ao passear por lojas de souvenir e restaurantes abertos, deparei-me com um museu dedicado inteiramente ao assunto da tortura. Sim, como dizem por aí, aquilo era bem a minha praia. Lá dentro era escuro, a luz baixa procurando reproduzir a atmosfera de uma masmorra medieval. A penumbra também obscurece as expressões dos turistas, poupando-os da vergonha de revelar a avidez com que admiram as peças em exibição.*

*Uma peça em particular atraía a atenção de todos: um dispositivo veneziano do século XVII, projetado para punir mulheres consideradas culpadas de intercurso sexual com satã. Feito de ferro e moldado na forma de uma pêra, o dispositivo é inserido na vagina da infeliz acusada. A cada giro de um parafuso, a pêra se expande, até que a cavidade rompe com resultados fatais. A pêra vaginal é apenas um dispositivo dentre uma variedade de instrumentos antigos projetados para mutilar seios e genitais em nome da Santa Igreja, que não podia se curvar aos poderes sexuais das mulheres. Eu descrevo friamente esses dispositivos aos meus médicos, que em sua maioria nunca visitaram esse tipo de museu e sem dúvida*

*ficariam embaraçados em admitir qualquer desejo de ver um. Mas enquanto conto-lhes sobre os dilaceradores de seios com quatro garras e os cintos de castidade mutiladores, observo seus olhos. Procuro, por baixo da superfície de repulsa e horror, pela corrente submersa de excitação. Apetite.*

*Ah, sim; todos eles querem ouvir os detalhes.*

Enquanto o avião aterrissava, Rizzoli fechou a pasta com a carta de Warren Hoyt e olhou pela janela. Viu céus cinzentos, carregados de chuva, e suor reluzindo nas faces dos trabalhadores de pé no asfalto. Lá fora devia estar um banho turco, mas Rizzoli agradeceu aos céus pelo calor, porque as palavras de Hoyt deixaram um arrepio em sua espinha.

Durante o passeio de limusine até o hotel, ela olhou pelo vidro fumê das janelas para uma cidade que ela visitara duas vezes antes, a última para uma conferência interagências no Edifício Hoover do FBI. Naquela visita ela chegara à noite, e lembrava como ficara embasbacada ao ver os memoriais iluminados por holofotes. Lembrava de uma semana de farras e de como tentara comparar-se aos homens cerveja por cerveja, piada de mau gosto por piada de mau gosto. Como bebida, hormônios e uma cidade estranha tinham se somado a uma noite de sexo desesperado com um colega de conferência, um policial de Providence... casado, é claro. Era isto que Washington significava para ela: a cidade dos arrependimentos e dos lençóis manchados. A cidade que a ensinara que ela não era imune às tentações de um clichê ruim. Que embora ela pudesse pensar que era igual a qualquer homem, quando chegava a manhã seguinte era ela quem se sentia vulnerável.

Na fila da recepção do Hotel Watergate, Rizzoli olhou para a loura estilosa à sua frente. Cabelos perfeitos, sapatos altos vermelhos. Uma mulher que parecia realmente pertencer ao

Watergate. Rizzoli estava dolorosamente ciente de seus sapatos azuis baixos e descorados. Sapatos de policial feminina, feitos para caminhar, e que caminhavam um bocado. Não preciso de desculpas, pensou Rizzoli. Isto sou eu; é isto que eu sou. A garota de Revere que ganha o pão de todo dia caçando monstros. Caçadoras não usam salto alto.

— Em que posso ser útil, senhora? — perguntou-lhe um recepcionista.

Rizzoli arrastou sua mala com rodinhas até o balcão.

— Deve ter uma reserva para mim. Rizzoli.

— Sim, o seu nome está aqui. E há uma mensagem do Sr. Dean. A sua reunião está programada para as três e meia.

— Reunião?

Ele levantou os olhos de sua tela de computador.

— A senhora não sabia?

— Acho que sei agora. Ele deixou um endereço?

— Não, senhora. Mas um carro virá pegá-la às três. — Ele deu a Rizzoli uma chave magnética e sorriu. — Parece que já cuidaram de tudo para a senhora.

Nuvens negras manchavam o céu, e o formigamento de uma tempestade que se aproximava eriçou os pêlos dos braços de Rizzoli. Ela estava de pé em frente ao saguão, suando no ar carregado de chuva, aguardando a chegada da limusine. Mas foi um Volvo azul-escuro que manobrou para entrar no *porte-cochère* e parar ao lado dela.

Ela olhou pela janela do passageiro e viu Gabriel Dean atrás do volante.

A porta foi destravada e ela sentou ao lado dele. Rizzoli não esperava encontrá-lo tão cedo, e sentia-se despreparada.

Ressentida pelo fato de ele parecer tão calmo e no controle enquanto ela ainda estava desorientada pela viagem da manhã.

— Bem-vinda a Washington, Jane — saudou Dean. — Como foi a viagem?

— Suave. Eu poderia me acostumar a andar de limusine.

— E o quarto?

— Muito melhor do que estou acostumada.

Um sorriso se insinuou nos lábios de Dean enquanto ele voltava sua atenção para a direção.

— Então não foi uma tortura para você.

— E eu disse que foi?

— Você não parece exatamente feliz por estar aqui.

— Eu ficaria muito mais feliz se soubesse por que estou aqui.

— Vai entender tudo quando chegarmos lá.

Ela olhou para os nomes de ruas e compreendeu que estavam seguindo para noroeste, na direção oposta do QG do FBI.

— Não vamos para o Edifício Hoover?

— Não. Para Georgetown. Ele quer se reunir com você na casa dele.

— Quem quer?

— O senador Conway. — Dean olhou de relance para ela. — Você não está armada, está?

— Deixei minha arma na mala.

— Bom. O senador Conway não permite a entrada de armas de fogo em sua casa.

— Preocupações com a segurança?

— Paz de espírito. Ele serviu no Vietnã. Não precisa ver mais armas.

As primeiras gotas de chuva começaram a tamborilar no pára-brisas.

Ela suspirou.

— Bem que gostaria de dizer o mesmo.

O escritório do senador Conway era mobiliado com madeira escura e couro — um cômodo masculino, com uma coleção masculina de artefatos, pensou Rizzoli, notando a fileira de espadas japonesas na parede. O homem grisalho que era o proprietário daquela coleção saudou-a com um aperto de mão caloroso e uma voz calma, mas seus olhos pretos como carvão foram diretos como laser, e ela o sentiu avaliá-la abertamente. Rizzoli suportou o escrutínio, apenas porque compreendia que nada aconteceria se ele não ficasse satisfeito com o que via. E o que ele viu foi uma mulher que o fitou de volta. Uma mulher que ligava muito pouco para as sutilezas da política mas dava muita importância à verdade.

— Por favor, detetive, sente-se — convidou o senador. — Sei que acaba de chegar de Boston. Provavelmente precisa de tempo para se adaptar.

Uma secretária trouxe uma bandeja de café e xícaras de porcelana. Rizzoli conteve sua impaciência enquanto a secretária servia o café, creme e açúcar. Finalmente a mulher se retirou, fechando a porta ao sair.

Conway pousou sua xícara, intocada. Ele realmente não quisera o café, e agora que a cerimônia fora dispensada, ele focou toda sua atenção em Rizzoli.

— Foi gentileza da sua parte ter vindo.

— Não tive muita escolha.

A rudeza de Rizzoli o fez sorrir. Embora Conway observasse todas as gentilezas sociais de apertos de mão e hospitalidade, Rizzoli suspeitou que ele, como a maioria dos nativos da Nova Inglaterra, desprezava conversa fiada tanto quanto ela.

— Então devemos seguir direto aos negócios?

Rizzoli também pousou sua xícara.

— Eu prefiro.

Foi Dean quem se levantou e caminhou até a mesa. Trouxe uma enorme pasta de divisórias para o lugar onde estavam sentados.

Abriu a pasta e retirou uma fotografia, pousando-a na mesinha de café diante de Rizzoli.

— 25 de junho, 1999 — anunciou.

Rizzoli olhou para a imagem de um homem barbado, sentado e curvado, com um jorro de sangue na parede branca atrás de sua cabeça. Vestia calças escuras e uma camisa branca rasgada. Seus pés estavam descalços. No colo ele equilibrava um pires e uma xícara de porcelana.

Rizzoli ainda estava se esforçando para processar a imagem quando Dean pousou uma segunda fotografia ao lado dela.

— 15 de julho, 1999 — continuou.

Mais uma vez a vítima era um homem, este bem barbeado. Mais uma vez ele morrera sentado com as costas apoiadas numa parede manchada de sangue.

Dean pousou uma terceira fotografia de mais um homem, mas este estava inchado, barriga inchada e endurecida pelos gases gerados pela decomposição.

— 12 de setembro — disse ele. — O mesmo ano.

Rizzoli permaneceu sentada, aturdida por essa galeria de mortos, estendidos organizadamente na mesa de madeira cor-de-cereja. Um registro de horror disposto incongruentemente entre xícaras e colheres de chá. Enquanto Dean e Conway esperavam em silêncio, ela pegou cada foto por vez, forçando-se a absorver os detalhes das coisas que tornavam cada caso único. Mas todos eram variações sobre o mesmo tema que ela vira ser encenado nos lares dos Yeagers e dos Ghents. A testemunha silenciosa. O conquistado, forçado a testemunhar o indizível.

— E quanto às mulheres? — perguntou Rizzoli. — Deviam ter mulheres.

Dean fez que sim.

— Apenas uma foi identificada. A esposa do caso número três. Foi encontrada parcialmente sepultada na floresta uma semana

depois que a fotografia foi tirada.

— Causa da morte?

— Estrangulamento.

— Ataque sexual *post mortem*?

— Sêmen fresco foi coletado de seus restos.

Rizzoli respirou fundo e então perguntou em voz baixa:

— E as outras duas mulheres?

— Devido aos estados avançados de decomposição suas identidades não puderam ser confirmadas.

— Mas você tinha restos?

— Sim.

— Então por que não pôde identificá-los?

— Porque estamos lidando com mais de dois cadáveres. Muitos, muitos mais.

Rizzoli levantou a cabeça e se descobriu olhando nos olhos de Dean. Será que ele a estivera fitando o tempo todo, aguardando sua reação assustada? Em resposta à sua pergunta silenciosa, Dean deu-lhe três pastas.

Rizzoli abriu a primeira pasta e encontrou um relato de autópsia de uma das vítimas masculinas. Automaticamente folheou até a última página e leu as conclusões.

*Causa da morte: hemorragia maciça devido a um único corte, com transecção da artéria carótida e da veia jugular esquerda.*

O *Dominador*, pensou Rizzoli. É o estilo dele.

Ela deixou as páginas caírem de volta no lugar. Subitamente ela estava olhando para a primeira página do relatório. Para um detalhe que ela perdera em sua pressa de ler as conclusões.

Estava no segundo parágrafo: *Autópsia executada em 16 de julho de 1999, 22h15, na instalação móvel localizada em Gjakove,*

*Kosovo.*

Rizzoli puxou para si as duas pastas de patologia seguintes e focou imediatamente nas locações das autópsias.

*Peje, Kosovo.*

*Djakovica, Kosovo.*

— As autópsias foram feitas no campo — contou ele. — Executadas, às vezes, sob circunstâncias muito primitivas. Tendas e luz de lanterna. Sem água corrente. E havia tantos restos mortais para processar que ficamos sobrecarregados.

— Foram investigações de crimes de guerra — observou ela.

Gabriel Dean fez que sim com a cabeça.

— Eu estava na primeira equipe do FBI a chegar em junho de 1999. Fomos a pedido do Tribunal Criminal Internacional da antiga Iugoslávia. Sessenta e cinco de nós fomos destacados naquela primeira missão. Nosso trabalho era localizar e preservar evidências numa das maiores cenas criminais da história. Coletamos evidências balísticas dos locais dos massacres. Exumamos e autopsiamos mais de cem vítimas albanesas, e provavelmente não encontramos outras centenas. E durante todo o tempo em que estávamos lá, as mortes *continuavam.*

— Assassinatos de vingança — explicou Conway. — Absolutamente previsíveis, dentro do contexto daquela guerra. Ou em qualquer outra guerra, a propósito. Tanto o agente Dean quanto eu somos ex-fuzileiros: eu servi no Vietnã e o agente Dean na Tempestade do Deserto. Vimos coisas sobre as quais não conseguimos falar, coisas que nos fazem questionar por que nós, humanos, nos consideramos melhores que os animais. Durante a guerra, foram sérvios matando albaneses, e depois da guerra, foi o Exército de Libertação de Kosovo albanês matando civis sérvios. Havia muito sangue nas mãos dos dois lados.

— No começo, foi isso que pensamos que esses homicídios eram. — Dean apontou para as fotos de cenas criminais na mesinha

de café. — Assassinatos de vingança em decorrência da guerra. Nossa missão não era investigar crimes correntes. Estávamos lá especificamente a pedido do Tribunal, para processar provas de crimes de guerra. Não destes.

— Ainda assim vocês processaram esses crimes — comentou Rizzoli, olhando para o cabeçalho do FBI no relatório de autópsia. — Por quê?

— Porque reconheci esses crimes pelo que eles eram — respondeu Dean. — Esses assassinatos não eram baseados em etnicidade. Dois dos homens eram albaneses; um era sérvio. Mas todos eles tinham uma coisa em comum. Eram casados com esposas jovens. Esposas atraentes, que foram seqüestradas de suas casas. Quando vi o terceiro ataque, reconheci a assinatura do matador. Soube com que estava lidando. Mas esses casos se enquadravam na jurisdição do sistema local de justiça, não do Tribunal Criminal Internacional, que havia nos levado até lá.

— Então o que foi feito? — indagou Rizzoli.

— Numa palavra? Nada. Não houve prisões, porque não houve suspeitos que pudessem ser identificados.

Conway esclareceu:

— Obviamente houve um inquérito. Mas considere a situação, detetive. Milhares de mortos de guerra enterrados em mais de 150 covas coletivas. Soldados de corpos de paz estrangeiros tentando manter a ordem. Bandoleiros armados atacando aldeias bombardeadas, apenas procurando motivos para matar. E ainda havia os civis, acalentando ódios antigos. Aquele lugar parecia o Velho Oeste, com tiroteios por causa de drogas, feudos familiares ou vinganças pessoais. E quase sempre as matanças eram atribuídas a tensões étnicas. Como alguém poderia distinguir um assassinato de outro? Eram tantos!

— Para um assassino serial, aquilo era o paraíso na Terra — concluiu Dean.

# 22

Rizzoli olhou para Dean. Não ficara surpresa em ouvir que ele prestara serviço militar. Já sentira isso em sua atitude, seu ar de comando. Dean conhecia zonas de guerra e estava familiarizado com o enredo que os conquistadores militares sempre encenavam. A humilhação do inimigo. A tomada dos espólios.

— O assassino desconhecido estava em Kosovo — compreendeu Rizzoli.

— É o tipo de lugar que um homem como ele iria adorar — comentou Conway. — Onde a morte violenta faz parte da vida cotidiana. Um assassino poderia entrar num lugar como esse, cometer atrocidades e sair sem que ninguém notasse a diferença. Não há como saber quantos assassinatos comuns são disfarçados como crimes de guerra.

— Então podemos estar lidando com um imigrante recente — sugeriu Rizzoli. — Um refugiado de Kosovo.

— Essa é uma possibilidade — observou Dean.

— Uma possibilidade da qual você estava ciente o tempo todo.

— Estava. — A resposta veio sem hesitação.

— Você ocultou uma informação vital. Ficou sentado observando os policiais idiotas correrem em círculos.

— Eu permiti que vocês chegassem às suas próprias conclusões.

— Sim, mas sem ciência plena dos fatos. — Ela apontou para as fotografias. — Estes casos poderiam ter ajudado a investigação.

Dean e Conway se entreolharam. Então Conway se adiantou:

— Sinto muito, mas ainda há outras coisas que não contamos a você.

— Mais?

Dean abriu novamente a pasta de divisórias e retirou outra cena de crime. Embora Rizzoli achasse que estava preparada para ver esta quarta imagem, o impacto da fotografia atingiu-a com força visceral. Viu um homem jovem, de cabelos claros, com um ensaio de bigode. Ele era mais tendões que músculos, seu peito uma caixa ossuda de costelas, seus ombros finos salientes como maçanetas brancas. Ela podia ver claramente a expressão moribunda do homem, os músculos do rosto congelados num ricto de horror.

— Esta vítima foi achada em 29 de outubro do ano passado — explicou Dean. — O corpo da esposa não foi encontrado.

— Kosovo novamente?

— Não. Fayetteville, Carolina do Norte.

Surpresa, Rizzoli levantou a cabeça na direção de Dean. Manteve olhos fixos nele enquanto a raiva enrubescia suas faces.

— Quantos outros casos vocês esconderam? De quantos mais assassinatos vocês estão cientes?

— Esses são todos os que conhecemos.

— Quer dizer que pode haver outros?

— É provável que haja. Mas não temos acesso a essa informação.

Rizzoli fulminou-o com uma expressão descrente.

— O *FBI* não tem acesso?

— O que o agente Dean quer dizer — interpôs-se Conway — é que pode haver casos fora de nossa jurisdição. Países que não proporcionem acesso a dados criminais. Lembre, estamos falando de zonas de guerra. Áreas de instabilidade política. Precisamente os locais que atrairiam o assassino desconhecido. Lugares onde ele se sentiria em casa.

*Um assassino que se move livremente através de oceanos. Cujos campos de caça não conhecem fronteiras nacionais.* Rizzoli pensou em tudo que aprendera sobre *o Dominador*. A velocidade com que ele subjugava suas vítimas. A ânsia por contatos com os mortos. O uso de uma faca tipo Rambo. E as fibras de pára-quedas... verde-oliva. Rizzoli sentiu que era observada por ambos os homens enquanto processava o que Conway acabara de dizer. Eles a estavam testando, esperando para ver se ela estava à altura de suas expectativas.

Ela olhou para a última fotografia na mesinha de café.

— Você disse que este ataque foi em Fayetteville.

— Sim — confirmou Dean.

— Há uma base militar nessa área, não há?

— Forte Bragg. Cerca de 16 quilômetros a noroeste de Fayetteville.

— Quantos homens acantonados nessa base?

— Cerca de 41 mil em dever ativo. É o lar do 18º Corpo Aéreo, da 82ª Divisão Aérea, e do Comando Especial de Operações Militares.

O fato de Dean ter respondido à pergunta sem hesitar disse a Rizzoli que esta era uma informação que ele considerava relevante. Uma informação que ele já tinha na ponta da língua.

— Por isso você escondeu o jogo de mim, não é? Estamos lidando com alguém com técnicas de combate. Alguém pago para matar.

— Temos estado no escuro, exatamente como vocês. — Dean curvou-se para a frente, rosto tão perto de Rizzoli que tudo que ela podia focar era *ele*. Conway e todo o resto da sala recuaram de sua visão. — Quando li o relatório que a polícia de Fayetteville emitiu para o FBI, achei que estava vendo Kosovo de novo. O assassino poderia muito bem ter assinado seu próprio nome, tão marcante era a cena. A posição do corpo da vítima masculina. O tipo de lâmina usada no golpe de misericórdia. A porcelana ou peça de vidro colocada no colo da vítima. O seqüestro da esposa. Voei imediatamente para Fayetteville e passei duas semanas com as autoridades locais, assistindo ao desenrolar da investigação. Nenhum suspeito foi identificado.

— Por que você não me contou isso antes? — indagou Rizzoli.

— Devido a quem o assassino desconhecido pode ser.

— Eu não estou nem aí se ele é um general quatro estrelas. Eu tinha o direito de saber a respeito do caso de Fayetteville.

— Se isso tivesse sido vital para que você identificasse um suspeito de Boston, eu teria lhe contado.

— Você disse que 41 mil soldados em dever ativo estão postados em Forte Bragg.

— Disse.

— Quantos desses homens serviram em Kosovo? Acredito que você já se perguntou isso.

Dean fez que sim com a cabeça.

— Requeri ao Pentágono uma lista de todos os soldados cujas fichas de serviço coincidem com os locais e datas das chacinas. O *Dominador* não está nessa lista. Poucos desses homens estão residindo na Nova Inglaterra, e nenhum deles apresentou indícios de ser o nosso homem.

— Posso confiar no que você está me dizendo?

— Pode.

Ela riu.

— Isso exige um grande salto de fé da minha parte.

— Nós dois estamos dando um salto de fé aqui, Jane. Eu estou apostando que posso confiar em você.

— Confiar em mim sobre o quê? Até agora você não me disse nada que justifique segredo.

No silêncio que se seguiu, Dean olhou para Conway, que emitiu um aceno quase imperceptível. Com essa linguagem sem palavras, eles concordaram em entregar a Rizzoli a peça vital do quebra-cabeça.

— Já ouviu o termo “mergulhar ovelhas”, detetive? — perguntou Conway.

— Presumo que a expressão não se refira a ovelhas de verdade.

Ele sorriu.

— Não, não se refere. É linguagem militar. Isso se refere à prática da CIA de ocasionalmente tomar emprestados soldados de operações especiais do exército para certas missões. Isso aconteceu na Nicarágua e no Afeganistão, quando o próprio grupo de operações especiais da CIA precisou de recursos humanos adicionais. Na Nicarágua, SEALs da marinha foram designados para minar os portos. No Afeganistão, os Boinas Verdes foram encarregados de treinar os *mujahideen*. Enquanto trabalham para a CIA, esses soldados se tornam, essencialmente, oficiais de casos da CIA. Eles saem dos livros do Pentágono. O exército não tem qualquer registro de suas atividades.

Ela olhou para Dean.

— Então essa lista que o Pentágono lhe deu, os nomes dos soldados de Fayetteville que serviram em Kosovo...

— A lista estava incompleta.

— O quanto incompleta? Quantos nomes ficaram de fora?

— Não sei.

— Perguntou à CIA?

— É aí que damos com a cara na parede.

— Eles não dão nomes aos bois?

— Eles não precisam — explicou Conway. — Se o assassino desconhecido esteve envolvido em operações secretas no exterior, a CIA jamais reconhecerá isso.

— Mesmo se o menino deles agora estiver matando no nosso quintal?

— Especialmente se ele estiver matando no nosso quintal — frisou Dean. — Isso seria um desastre de relações públicas. E se ele decidir testemunhar? Que informações sensíveis ele pode vazar para a imprensa? Você acha que a Agência quer que a gente saiba que o menino *deles* está invadindo lares e chacinando cidadãos respeitadores da lei? Abusando de cadáveres de mulheres? Não há como manter isso fora das manchetes dos jornais.

— Então, *o que* a Agência disse a você?

— Que eles não têm qualquer informação que seja relevante ao homicídio de Fayetteville.

— Isso me parece um chega-pra-lá padrão.

— Foi mais do que isso — adicionou Conway. — Vinte e quatro horas depois do pedido do agente Dean à CIA, ele foi retirado da investigação de Fayetteville e instruído a voltar para Washington. Essa ordem veio direto do gabinete do subdiretor do FBI.

Rizzoli fitou Conway, estarrecida com o quão profundamente a identidade do *Dominador* era confidencial.

— Foi por causa disso que o agente Dean me procurou — disse Conway.

— Porque o senhor está no comitê dos serviços armados?

— Porque eu e ele nos conhecemos há anos. Fuzileiros têm formas de se encontrar e confiar um no outro. Ele me pediu que fizesse pesquisas para ele. Mas sinto dizer que não consegui muita coisa.

— Nem mesmo sendo senador?

Conway abriu um sorriso irônico.

— Um senador democrata de um estado liberal, devo acrescentar. Posso ter servido meu país como soldado, mas certos elementos dentro da Defesa jamais irão me aceitar. Ou confiar em mim.

O olhar de Rizzoli caiu nas fotos na mesa de café. Na galeria de homens mortos, escolhidos para a chacina não devido aos seus pontos de vista políticos ou à sua etnia, mas porque tinham sido casados com esposas bonitas.

— Você poderia ter me dito isso semanas atrás — insistiu Rizzoli.

— Investigações policiais vazam como peneiras.

— Não as minhas.

— *Qualquer* investigação policial. Se esta informação fosse compartilhada com a sua equipe, ela acabaria vazando para a mídia. E isso faria o seu trabalho chamar a atenção das pessoas erradas. Pessoas que tentariam impedir você de fazer uma prisão.

— Você realmente acha que eles iriam protegê-lo? Depois de tudo que ele fez?

— Não, eu acho que querem acabar com ele tanto quanto nós. Mas eles querem fazer isso longe do olho do público. Só que tudo indica que perderam a pista dele. O assassino está fora do controle deles, matando civis. Está se tornando uma bomba-relógio, e eles não podem mais se dar ao luxo de ignorar o problema.

— E se eles o pegarem antes de nós?

— Não vamos saber. Os assassinatos simplesmente vão parar. E nós sempre ficaremos com a pulga atrás da orelha.

— Isso não é o que eu chamaria de final feliz — ironizou Rizzoli.

— Não. Você quer justiça. Prisão, julgamento, condenação. Serviço completo.

— Do jeito que você fala, parece que estou pedindo o impossível.

— Neste caso, pode estar.

— Foi por causa disso que você me trouxe aqui? Para me dizer que nunca irei pegá-lo?

Dean inclinou-se até ela com uma expressão subitamente intensa.

— Jane, nós queremos exatamente o mesmo que você. Serviço completo. Estou seguindo esse sujeito desde Kosovo. Você acha que eu me contentaria com menos?

Conway disse em voz baixa:

— Detetive, você agora compreende por que a trouxemos aqui? Entende a necessidade do segredo?

— Para mim, já há segredo demais neste caso.

— Mas por enquanto essa é a única maneira de alcançarmos um desfecho completo e satisfatório. O que é, creio eu, o que todos nós queremos.

Ela fitou por um momento o senador Conway.

— O senhor pagou minha viagem, não foi? As passagens de avião, as limusines, o hotel bacana. Isto não está sendo patrocinado pelo FBI.

Conway sorriu com o canto da boca e disse:

— As coisas realmente importantes devem ser extra-oficiais.

# 23

O céu havia aberto e chuva caía como mil martelos no teto do Volvo de Dean. Os limpadores de pára-brisa abriam uma visão aquosa de tráfego engarrafado e ruas inundadas.

— Ainda bem que você não vai pegar o avião de volta esta noite — observou. — O aeroporto deve estar uma confusão de dar gosto.

— Num tempo como este, prefiro manter os pés no chão, muito obrigada.

Dean lançou um olhar matreiro para ela.

— E eu pensei que você não tinha medo de nada.

— O que lhe deu essa impressão?

— Você me deu essa impressão. Você se esforça muito para passar essa imagem. Nunca tira a armadura.

— Aí está você tentando entrar na minha cabeça de novo. Está sempre fazendo isso.

— É apenas uma questão de hábito. Era o que eu fazia na Guerra do Golfo. Operações psicológicas.

— Bem, eu não sou o inimigo, certo?

— Eu nunca a vi como inimiga, Jane.

Ela olhou para ele e não conseguiu evitar, como sempre, admirar as linhas másculas de seu perfil.

— Mas você não confiava em mim.

— Naquela época eu não conhecia você.

— Então mudou de idéia?

— Por que você acha que eu a convidei a vir para Washington?

— Bem, eu não sei — respondeu ela, e soltou uma risada imprudente. — Porque sentiu saudade de mim e não podia esperar para me ver de novo?

O silêncio de Dean a fez enrubescer. De repente ela se sentiu estúpida e desesperada, precisamente as características que desprezava nas outras mulheres. Olhou pela janela para não vê-lo, o som de sua própria voz, de suas palavras estúpidas, ainda repicando em seus ouvidos.

Na rua à frente deles, os carros finalmente estavam andando de novo, pneus varando poças profundas.

— É verdade, eu queria ver você.

— É? — A palavra foi lançada descuidadamente. Ela já havia se embaraçado; não queria repetir o erro.

— Eu queria me desculpar. Por dizer a Marquette que você não estava à altura do trabalho. Eu estava errado.

— Quando você decidiu isso?

— Não houve um momento específico. Eu estava apenas... observando você trabalhar, dia após dia. Vendo o quanto você era concentrada, o quanto é dedicada a fazer tudo direito. — Ele acrescentou num tom baixo: — E então descobri com o que você estava lidando desde o verão passado. Questões sobre as quais eu não tinha sido informado.

— Uau. “E ainda assim ela consegue fazer o seu trabalho.”

— Você acha que eu sinto pena de você.

— Não é bem um elogio ouvir: “Veja o quanto ela conquistou, *considerando* com o que precisa lidar.” Então me dê uma medalha

nas paraolimpíadas. Para os policiais emocionalmente ferrados.

Dean deixou escapar um suspiro aborrecido.

— Você sempre procura o motivo oculto por trás de cada cumprimento, cada palavra de elogio? Às vezes as pessoas querem dizer precisamente o que elas dizem, Jane.

— Você pode entender por que sou um pouco mais do que ligeiramente cética acerca de qualquer coisa que você me diz.

— Você acha que eu ainda tenho motivos ocultos.

— Eu não sei mais.

— Mas eu preciso ter um, certo? Porque você *certamente* não merece um cumprimento genuíno da minha parte.

— Entendo o que você quer dizer.

— Pode entender, mas na verdade não acredita. — Ele freou num sinal vermelho e olhou para ela. — De onde vem todo esse ceticismo? Ser Jane Rizzoli tem sido muito difícil?

Ela soltou uma risada cansada.

— É melhor não tocarmos nesse assunto, Dean.

— É a parte sobre ser uma policial feminina?

— Você provavelmente pode preencher as lacunas.

— Os seus colegas parecem respeitá-la.

— Sempre há exceções notáveis.

— Sempre há.

O sinal ficou verde, e seu olhar voltou para a estrada.

— É a natureza do trabalho policial — justificou-se. — Toda aquela testosterona.

— Então por que você escolheu esta profissão?

— Porque levei pau em economia doméstica.

E ambos caíram na gargalhada. A primeira risada honesta que eles compartilhavam.

— A verdade é que eu queria ser policial desde que tinha 12 anos de idade.

— Por quê?

— Todo mundo respeita os tiras. Pelo menos era o que parecia para uma criança. Eu queria o distintivo, a arma. As coisas que fazem as pessoas me notarem. Não queria acabar em algum escritório onde eu simplesmente desapareceria. Onde eu me tornaria a mulher invisível. Isso seria como ser enterrada viva: tornar-me uma pessoa a quem ninguém escuta. — Ela apoiou um cotovelo contra a porta e descansou a cabeça em sua mão. — Agora o anonimato está começando a parecer uma boa idéia. *Ao menos o* Cirurgião *não saberia meu nome.*

— Você parece arrependida por ter escolhido o trabalho policial.

Rizzoli pensou nas noites intermináveis que passara de pé, impulsionada por cafeína e adrenalina. Nos horrores de enfrentar o pior que os seres humanos podem fazer uns aos outros. E pensou no Homem do Avião, cuja pasta permanecia em seu arquivo, o símbolo perpétuo da inutilidade. Da inutilidade dele, mas também da inutilidade da própria Rizzoli. Nós sonhamos nossos sonhos, pensou Rizzoli, e às vezes eles nos levam a lugares que jamais antecipamos. Um porão de casa de fazenda com um fedor de sangue no ar. Ou uma queda livre através do céu azul, membros batendo inutilmente contra a força da gravidade. Mas eles são os nossos sonhos, e nós vamos aonde eles nos levam.

Finalmente Rizzoli respondeu:

— Não, eu não me arrependo. É o que eu sou. É o que é importante para mim. É o que me deixa furiosa. Preciso admitir, boa parte do serviço tem relação com a raiva. Não posso simplesmente olhar para o cadáver de uma vítima como quem olha um objeto; não posso reprimir a minha raiva. É nesse momento que eu me torno a defensora deles... quando deixo que suas mortes entrem em mim. Talvez quando eu *não* sentir mais raiva será a hora de abandonar este serviço.

— Não é todo mundo que tem o fogo que corre nas suas veias. — Ele olhou para ela. — Acho que você é a pessoa mais intensa

que eu já conheci.

— Isso não é uma coisa boa.

— Não, intensidade é uma coisa boa.

— Se ela significa que você está sempre à beira de um ataque de nervos?

— Você está?

— Às vezes acho que sim. — Ela olhou para a chuva escorrendo pelo pára-brisas. — Eu devia tentar ser mais como você.

Dean não respondeu, e Rizzoli se perguntou se ela o ofendera com esse último comentário. Com sua insinuação de que ele era frio e desapaixonado. Ainda assim essa sempre fora a impressão que tivera dele: um homem num terno cinza. Durante semanas Dean escondera a sua verdadeira face, e agora, em sua frustração, Rizzoli queria provocá-lo, fazer com que demonstrasse alguma emoção, por mais desagradável que fosse, ao menos para provar que ele poderia fazê-lo. O desafio do inexpugnável.

Mas eram desafios como esse que faziam as mulheres fazerem papel de bobas.

Quando ele finalmente parou diante do Hotel Watergate , ela estava pronta a despedir-se secamente.

— Obrigada pela carona — disse Rizzoli. — E pelas revelações. — Ela se virou e abriu a porta, deixando entrar um pé-de-vento quente e úmido. — A gente se vê em Boston.

— Jane?

— Sim?

— Nada mais de objetivos ocultos entre nós, certo? Para você, eu só direi a verdade.

— Se você insiste.

— Você não acredita em mim?

— E isso é importante?

— Sim — respondeu calmamente. — Isso é importante para mim.

Ela se manteve calada, pulsação acelerando rapidamente. Seu olhar se voltou para o dele. Eles mantinham segredos entre si há tanto tempo que nenhum deles sabia realmente como ler a verdade nos olhos do outro. Foi um momento em que qualquer coisa poderia ser dita em seguida, qualquer coisa poderia acontecer. Nenhum dos dois ousou dar o primeiro passo, cometer o primeiro erro.

Uma sombra se moveu através da porta aberta do carro.

— Bem-vinda ao Watergate, senhora! Precisa de ajuda com alguma bagagem?

Rizzoli olhou para cima, assustada, para ver o porteiro do hotel sorrindo para ela. Ele vira a porta aberta e presumira que ela estava saltando do carro.

— Já me registrei no hotel, obrigada — respondeu Rizzoli, e olhou de volta para Dean. Mas o momento havia passado. O porteiro ainda estava de pé ali, esperando que ela saltasse. E assim ela o fez.

Um olhar através da janela, um aceno; essa foi a despedida deles. Ela se virou e entrou no saguão, parando apenas o suficiente para ver o carro de Dean sair do *porte-cochère* e desaparecer na chuva.

No elevador, ela se encostou na parede, olhos fechados, e silenciosamente repreendeu-se por cada emoção crua que havia revelado, cada bobagem que dissera no carro. Quando chegou ao seu quarto, ela queria, acima de tudo, fechar a conta do hotel e voltar para Boston. Certamente haveria um vôo que ela pudesse pegar esta noite. Ou um trem. Ela sempre adorara andar de trem.

Agora, apressada por fugir, por deixar Washington e seus embaraços, Rizzoli abriu sua mala e começou a guardar suas coisas. Trouxera muito pouco, e não demorou muito para tirar a blusa e as calças sobressalentes do armário onde as pendurara, jogá-las por cima de sua arma e coldre, e enfiar as escovas de

dentes e cabelo numa bolsinha. Fechou o zíper da mala e a estava puxando sobre suas rodinhas até a porta quando ouviu uma batida.

Dean estava de pé no corredor, terno cinza salpicado com gotas de chuva, cabelo molhado e reluzente.

— Acho que não terminamos nossa conversa — afirmou ele.

— Você tem mais alguma coisa para me dizer?

— Sim, na verdade, tenho sim. — Ele entrou no quarto de Rizzoli, fechou a porta e fez uma cara decepcionada ao ver que ela já estava de mala feita e preparada para partir.

Meu Deus, pensou Rizzoli. Alguém precisa ter coragem aqui. Alguém precisa agarrar este touro pelos chifres.

Antes que qualquer outra palavra pudesse ser dita, Rizzoli o tinha puxado para si. Simultaneamente ela sentiu os braços de Dean envolverem sua cintura. Quando seus lábios se encontraram já não havia mais nenhuma dúvida em suas mentes de que este abraço era mútuo; de que, se era um erro, a culpa cabia igualmente aos dois. Rizzoli não sabia praticamente nada sobre Dean, apenas que o queria e que estava disposta a deixar para lidar com as conseqüências mais tarde.

O rosto de Dean estava úmido de chuva, e à medida que suas roupas saíam, foram deixando um aroma de lã úmida em sua pele, um cheiro que Rizzoli inalou sequiosa enquanto usava a boca para explorar o corpo dele, enquanto ele apropriava-se igualmente do corpo dela. Rizzoli não estava com paciência para amor gentil; queria-o frenético e imprudente. Sentia Dean conter-se, esforçando-se por manter o controle. Rizzoli lutou com ele, usou seu corpo para provocá-lo. E neste encontro, em seu primeiro encontro, ela foi a conquistadora. Foi ele quem se rendeu.

Adormeceram enquanto a luz da tarde morria lentamente na janela. Quando Rizzoli acordou, apenas o brilho suave do crepúsculo

iluminava o homem deitado ao seu lado. Um homem que, mesmo agora, permanecia um mistério. Rizzoli usara o corpo dele, assim como Dean usara o dela, e embora soubesse que devia sentir algum nível de culpa pelo prazer desfrutado, tudo que realmente sentia era satisfação cansada. E uma certa dose de surpresa.

— Você tinha feito sua mala — observou Dean.

— Eu ia fechar a conta esta noite e voltar para casa.

— Por quê?

— Eu não via motivo para permanecer aqui. — Ela estendeu o braço para tocar o rosto de Dean, para cofiar sua barba áspera. — Até você aparecer.

— Quase não vim. Dei a volta no quarteirão algumas vezes. Estava juntando coragem.

Ela riu.

— Você fala como se estivesse com medo de mim.

— Quer a verdade? Você é uma mulher formidável.

— É essa a imagem que eu passo?

— Feroz. Passional. Fico impressionado com a sua energia. — Ele acariciou a coxa de Rizzoli, e o toque de seus dedos fez um novo arrepio correr por seu corpo. — No carro, você disse que gostaria de ser mais como eu. Acredite, Jane, *eu* queria ser mais como *você*. Queria ter a sua intensidade.

Colocou uma das mãos no peito dele.

— Você fala como se não tivesse um coração batendo aqui.

— Não era isso que você achava?

Ela ficou calada. *O homem do terno cinza*.

— Não é isso? — insistiu ele.

— Eu não sabia o que pensar de você — admitiu. — Você sempre pareceu tão distante. Não parecia completamente humano.

— Insensível.

Ele dissera a palavra tão baixo que ela se perguntou se realmente a ouvira. Um pensamento sussurrado apenas para ele

próprio.

— Nós reagimos de formas diferentes — meditou ele. — As coisas com que temos de lidar. Você disse que elas te deixam com raiva.

— Muitas vezes, deixam sim.

— Então você entra em combate. Ataca com força total, sem recuar jamais. Do mesmo jeito que faz tudo na vida. — Ele riu. — Inclusive o mau humor.

— Como você *não* fica zangado?

— Eu não me permito. É assim que lido com meu trabalho. Recuo um passo, respiro fundo. Encaro cada caso como se fosse um quebra-cabeça. — Olhou para ela. — É por causa disso que você me intriga tanto. Essa emoção toda que você investe em tudo que faz. Isso me parece... perigoso.

— Por quê?

— Não combina com o que eu sou. Com o que tento ser.

— Você tem medo de pegar a minha doença.

— É como chegar perto demais do fogo. Somos atraídos por ele, mesmo sabendo que pode nos queimar.

Ela pressionou os lábios contra os dele.

Um pouco de perigo pode ser muito excitante — sussurrou Rizzoli.

A tarde estendeu-se para a noite. Eles tomaram banho juntos, lavando o suor um do outro, e sorriram ao se olhar no espelho usando robes de hotel iguais. Pediram um jantar ao serviço de quarto do hotel e beberam vinho na cama com a tevê ligada no Comedy Channel. Naquela noite não haveria CNN, não haveria notícias ruins para amargar o clima. Naquela noite ela queria estar a um milhão de quilômetros de Warren Hoyt.

Contudo, mesmo à distância, e no conforto dos braços de um homem, Rizzoli não conseguiu expulsar Hoyt de seus sonhos. Ela acordou abruptamente no escuro, encharcada no suor do medo, não

da paixão. Sob o tamborilar de seu coração ela ouviu seu celular tocando. Levou alguns segundos para desemaranhar-se dos braços de Dean, estender o braço sobre ele até a mesinha-de-cabeceira na lateral da cama e abrir o celular.

— Rizzoli.

Foi saudada pela voz de Frost.

— Acho que acordei você.

Ela forçou a vista para ver o radiorrelógio.

— Cinco da manhã! Bem, o que você acha?

— Você está bem?

— Estou. Por quê?

— Olhe, eu sei que você vai voltar hoje. Mas achei que deveria saber antes de chegar aqui.

— O quê?

Ele não respondeu imediatamente. Pelo fone, Rizzoli ouviu alguém fazer-lhe uma pergunta sobre empacotar provas, e ela deduziu que Frost estava numa cena criminal.

Dean mexeu-se na cama, alertado pela tensão repentina de Rizzoli. Ele se sentou e acendeu a luz.

— O que está acontecendo?

A voz de Frost voltou à linha.

— Rizzoli?

— Onde você está? — perguntou ela.

— Fui chamado para um 1064. É onde estou agora...

— Por que você está atendendo a chamados de assalto?

— Porque é o seu apartamento.

Ela ficou completamente imóvel, fone pressionado contra a orelha, e ouviu o tamborilar de seu próprio pulso.

— Como você estava longe da cidade, interrompemos temporariamente a vigilância ao seu prédio — disse Frost. — A sua vizinha do 203, no fundo do corredor, ligou pra gente. Senhorita... senhorita...

— Spiegel — sussurrou Rizzoli. — Ginger.

— É. Ela parece uma garota bem esperta. Disse que é garçonete do McGinty. Ela estava voltando para casa do trabalho e notou vidro debaixo da escada de incêndio. Olhou para cima e viu que a sua janela estava quebrada. Ligou na hora para o telefone de emergência da polícia. O primeiro policial na cena percebeu que era o seu apartamento. Ele me ligou.

Dean tocou o braço de Rizzoli numa pergunta silenciosa. Ela o ignorou. Pigarreando, ela conseguiu indagar, fingindo calma:

— Ele levou alguma coisa? — Rizzoli já estava usando o pronome *ele*. Sem dizer seu nome, ambos sabiam quem fizera isto.

— É isso o que você terá de nos dizer quando chegar aqui — respondeu Frost.

— Você está na cena agora?

— De pé no seu quarto.

Rizzoli fechou os olhos, sentindo-se quase nauseada de raiva enquanto visualizava estranhos invadindo sua casa. Abrindo seus armários, tocando suas roupas. Examinando suas posses mais íntimas.

— A minha impressão é de que ninguém mexeu em nada — informou Frost. — O seu televisor e o seu CD player estão aqui. Tem uma garrafa grande cheia de moedas no seu armário de cozinha. Tem mais alguma outra coisa que eles poderiam querer roubar?

*Minha paz de espírito. Minha sanidade.*

— Rizzoli?

— Não consigo pensar em nada.

Uma pausa. Ele disse, baixinho:

— Vou olhar tudo com você, centímetro por centímetro. Quando você chegar em casa, faremos isso juntos. O zelador já fechou a janela com uma tábua para não deixar entrar chuva. Se você quiser ficar lá em casa durante algum tempo, tenho certeza de que a Alice

não vai se importar. Nós temos um quarto de hóspedes que nunca é usado.

— Estou bem.

— Não é problema nenhum.

— *Estou bem.*

Havia raiva em sua voz. Raiva e orgulho. Principalmente, orgulho.

Frost conhecia Rizzoli o bastante para não se ofender com isso.

— Ligue para mim assim que chegar — recomendou.

Dean observou enquanto ela desligava. Subitamente ela não conseguia mais ficar parada ali para ser vista nua e amedrontada. Tendo sua vulnerabilidade completamente à mostra. Desceu da cama, foi até o banheiro, trancou a porta.

Um momento depois, uma batida.

— Jane?

— Vou tomar mais um banho.

— Não me deixe aqui fora. — Ele bateu de novo. — Saia e converse comigo.

— Depois que eu tiver terminado.

Abriu o chuveiro. Entrou, não porque precisasse refrescar-se, mas porque a água corrente abafaria qualquer som. Era uma cortina ruidosa de privacidade por trás da qual se esconder. Ficou debaixo do chuveiro sentindo a água cair, cabeça baixa, mãos apoiadas na parede azulejada, lutando contra o medo. Imaginou o medo escorrendo de sua pele como sujeira para ser tragado pelo ralo. Camada por camada de medo sendo descascada. Quando finalmente fechou a água, sentia-se calma. Purificada. Enxugou-se; no espelho embaçado viu seu rosto, não mais pálido mas enrubescido pelo calor. Estava mais uma vez pronta para desempenhar o papel público de Jane Rizzoli.

Rizzoli saiu do banheiro. Dean estava sentado na poltrona ao lado da janela. Ele não disse nada, apenas observou enquanto ela

se vestia e pegava as roupas do chão ao circular a cama com os lençóis amarfanhados prestando testemunho mudo da paixão do casal. Um telefonema pusera fim nessa paixão, e agora ela se movia pelo quarto com frágil determinação, abotoando a blusa, fechando o zíper das calças. Lá fora ainda estava escuro, mas para ela a noite estava terminada.

— Vai me contar? — perguntou ele.

— Hoyt esteve no meu apartamento.

— Eles sabem que foi ele?

Ela se virou para Dean.

— Quem *mais* poderia ser?

As palavras tinham saído mais frias do que ela pretendera. Ruborizando, ela pegou seus sapatos debaixo da cama.

— Tenho de voltar para casa.

— São cinco da manhã. Seu avião parte às nove e meia.

— Você realmente espera que eu volte a dormir? Depois disto?

— Você vai chegar exausta a Boston.

— Não estou cansada.

— Porque está carregada de adrenalina.

Ela enfiou os pés nos sapatos.

— Pare, Dean.

— Parar com o quê?

— De tentar tomar conta de mim.

Um momento de silêncio. Então ele disse, um tom levemente sarcástico na voz:

— Sinto muito. Vivo esquecendo de que você é perfeitamente capaz de tomar conta de si mesma.

Ela parou com as costas viradas para ele, já lamentando suas palavras. Querendo pela primeira vez que ele tomasse conta dela. Que ele a envolvesse com seus braços e a levasse de volta para a cama. Que eles dormissem abraçados até que chegasse a hora de pegar o avião.

Mas quando ela se virou de volta para Dean, ele já tinha se levantado e estava se vestindo.

# 24

Ela adormeceu no avião. Enquanto começavam a descer em Boston, Rizzoli acordou sentindo-se entorpecida e com uma sede louca. O tempo ruim a seguira de Washington, e a turbulência chocalhava bandejas e nervos dos passageiros enquanto a aeronave descia através das nuvens. Do outro lado da janela, as pontas das asas desapareciam atrás de uma cortina cinzenta, mas Rizzoli estava cansada demais para sentir qualquer ansiedade com a viagem. E Dean ainda estava em sua mente, distraindo-a daquilo em que ela deveria estar realmente concentrada. Rizzoli olhou para a névoa e se lembrou do toque das mãos e da respiração cálida de Dean em sua pele.

E se lembrou das últimas palavras dele no aeroporto, um até-logo frio e apressado sob a chuva. Não uma despedida de amantes, mas de colegas de trabalho, ansiosos por prosseguir com suas preocupações individuais. Rizzoli culpou a si mesma pela nova distância entre eles e culpou a ele, também, por deixá-la partir. Mais uma vez Washington tornara-se a cidade dos arrependimentos e dos lençóis manchados.

O avião pousou em meio a uma chuva forte. Enquanto via funcionários do aeroporto vestidos com capas de chuva espalharem-se pelo asfalto, Rizzoli previu com desânimo as coisas que aconteceriam em seguida. O percurso até um apartamento onde ela jamais iria se sentir segura novamente, porque *ele* estivera lá.

Puxando sua mala com rodinhas, Rizzoli saiu do aeroporto e foi atingida pela chuva de vento que se projetava para debaixo da marquise. Deparou-se com uma multidão de pessoas desanimadas esperando táxis. Correndo os olhos pela fileira de limusines estacionadas na rua, ficou aliviada ao encontrar o nome RIZZOLI exposto na janela de uma das limusines.

Cutucou o lado do motorista e a janela foi baixada. Era um motorista diferente, não o negro idoso que a levara até o aeroporto no dia anterior.

— Sim, madame?

— Sou Jane Rizzoli.

— Indo para a Claremont Street, certo?

— Sou eu.

O motorista saiu da limusine e abriu a porta de trás para ela.

— Seja bem-vinda a bordo. Vou guardar a sua bagagem no porta-malas.

— Obrigada.

Ela entrou no carro e exalou um suspiro cansado enquanto se recostava na poltrona de couro. Lá fora, buzinas soavam e pneus derrapavam na chuva, mas o mundo dentro da limusine era divinamente silencioso. Rizzoli fechou os olhos enquanto eles se afastavam do Logan Airport e seguiam para a Boston Expressway.

O celular de Rizzoli tocou. Tentando superar sua exaustão, Rizzoli inclinou-se para a frente e procurou por sua bolsa, derrubando canetas e trocados no soalho do carro enquanto caçava o telefone. Ela finalmente conseguiu atender no quarto toque.

— Rizzoli.

— Aqui é Margaret, do gabinete do senador Conway. Fui eu quem cuidou dos preparativos da sua viagem. Estou ligando apenas para me certificar de que a senhora fez um trajeto seguro do aeroporto para casa.

— Sim, estou na limusine agora.

— Oh. — Uma pausa. — Bem, estou feliz por isso ter sido resolvido.

— O que houve?

— A locadora de limusines ligou para confirmar que a senhora havia cancelado a sua recepção no aeroporto.

— Não, ele estava à minha espera. Obrigada.

Rizzoli desligou e se curvou para pegar tudo que caíra de sua bolsa. A caneta esferográfica rolou para baixo do banco do motorista. Enquanto esticava-se para resgatá-la, seus dedos roçaram no chão e ela subitamente percebeu a cor do tapete. Azul-marinho.

Empertigou-se lentamente.

Eles haviam acabado de entrar no Callahan Tunnel, que passava por baixo do Charles River. O tráfego estava mais lento, e eles se arrastavam ao longo do infindável tubo de concreto, seu interior iluminado num âmbar doentio.

*Náilon azul-marinho Dupont Antron seis ponto seis. Tapete padrão em Cadillacs e Lincolns*.

Rizzoli permaneceu absolutamente parada, olhar voltado para a parede do túnel. Pensou em Gail Yeager e em procissões funéreas, na fila de limusines seguindo lentamente para portões de cemitérios.

Pensou em Alexander e Karenna Ghent, que chegaram ao Logan Airport exatamente uma semana antes da sua morte.

E pensou em Kenneth Waite e suas multas. Um homem que não tinha licença para dirigir, mas que mesmo assim levava sua esposa para Boston.

*É assim que ele encontra suas vítimas?*

Um casal entra em seu carro. O rosto bonito da mulher se reflete em seu espelho retrovisor. Ela se recosta no couro macio, jamais percebendo que está sendo vigiada durante sua viagem de volta para casa. Que um homem cujo rosto ela mal registrou está, naquele mesmo momento, decidindo que é ela.

As lâmpadas âmbar do túnel passavam enquanto Rizzoli construía sua teoria, tijolo por tijolo. Um carro tão confortável, um passeio tão calmo, a poltrona de couro macia como pele humana. Um homem sem nome atrás do volante. Tudo projetado para fazer a passageira sentir-se segura e protegida. A passageira não sabe nada sobre o motorista. Mas o motorista sabe o nome da passageira. O número do vôo. A rua onde ela mora.

O tráfego agora estava estagnado. Ao longe ela podia ver a saída do túnel, um pequeno portal de luz cinzenta. Rizzoli manteve o rosto voltado para a janela, não ousando olhar para o motorista. Não querendo que ele visse sua apreensão. Suas mãos suavam enquanto ela enfiava a mão na bolsa e segurava o celular. Ela não o tirou, mas apenas ficou sentada com a mão em torno dele, pensando no que deveria fazer, se é que deveria fazer alguma coisa. Até agora o motorista não fizera nada para alarmá-la, nada que a fizesse pensar que ele era qualquer coisa além do que afirmava ser.

Devagar, ela tirou o telefone da bolsa. Abriu-o. Na penumbra do túnel, ela forçou a vista para ler os números que poderia discar. Aja com naturalidade. Como se apenas estivesse ligando para dizer a Frost que já havia chegado, e não gritando um S.O.S. Mas o que ela poderia dizer? “Acho que estou com problemas, mas não tenho como ter certeza”? Apertou o botão de discagem automática para Frost. Ouviu alguns toques, e então um leve “alô” seguido por estática.

*O túnel. Estou numa merda de túnel.*

Ela desligou. Olhou para a frente para ver o quanto estavam próximos da saída. Nesse instante seus olhos correram involuntariamente para o retrovisor do motorista. Ela cometeu o erro de olhar nos olhos dele, de registrar o fato de que ele a estava observando. Agora ambos compreendiam.

*Saia. Saia do carro!*

Arremeteu-se até a maçaneta, mas ele já havia trancado as portas. Querendo destrancar a porta, tateou desesperada em busca do botão de liberação.

Foi todo o tempo de que ele precisava para estender o braço sobre o encosto da frente, apontar o Taser e disparar.

A sonda acertou Rizzoli no ombro. Cinqüenta mil volts pulsaram para seu torso, uma rajada elétrica que varou seu sistema nervoso como um raio. A visão de Rizzoli ficou escura. Ela caiu no assento, mãos inúteis, ombros contraindo-se numa tempestade de convulsões, corpo fora de controle, tremendo em submissão.

Um tamborilar, vindo do alto, tragou-a da escuridão. Uma névoa de luz cinzenta iluminou lentamente suas retinas. Sentiu gosto de sangue, sangue quente e metálico, e sua língua latejou no local em que ela a mordera. A neblina derreteu devagar, e ela viu a luz do dia. Eles estavam fora do túnel, rumando para... onde? Sua visão ainda estava embaçada, mas através da janela podia divisar silhuetas de prédios altos contra o fundo acinzentado do céu. Tentou mover o braço, mas estava pesado e vagaroso, músculos exauridos devido à convulsão. E a visão de prédios e árvores passando pela janela era tão nauseante que ela precisou fechar os olhos. Focou todos os seus esforços em fazer seus membros obedecerem aos seus comandos. Sentiu os músculos contraírem, os dedos cerrarem num punho. Mais firme, mais forte.

*Abra a porta. Destranque a porta.*

Abriu os olhos, lutou contra a vertigem, estômago revirando enquanto o mundo girava na janela. Forçou o braço a ficar reto, cada centímetro uma pequena vitória. A mão agora esticada até a porta, em direção ao botão da porta. Apertou-o e ouviu o clique alto da porta destrancando.

De repente houve uma pressão em sua coxa. Ela viu o rosto dele olhando para trás sobre o encosto enquanto empurrava o Taser contra sua perna. Outra rajada de energia pulsou através de seu corpo.

Seus membros convulsionaram. A escuridão desceu como um capuz.

Uma gota de água fria caindo em seu pescoço. Um chiado de silver tape sendo puxada de um rolo. Acordou enquanto seus pulsos eram amarrados atrás de suas costas. O homem passou várias camadas de fita em torno de seus pulsos antes de cortá-la do rolo. Em seguida descalçou Rizzoli, deixou seus sapatos caírem no chão com um baque surdo. Tirou ambas as meias de Rizzoli para que a fita aderisse à pele nua. A visão dela clareou lentamente à medida que ele trabalhava, e ela viu o topo de sua cabeça enquanto se curvava para dentro do carro, concentrado em amarrar seus tornozelos. Atrás dele, através da porta aberta do carro, havia uma área verde. Moitas, árvores. Nenhum prédio. O pântano? Será que ele havia desviado para o pântano Back Bay?

Outro chiado de silver tape, e então o cheiro de cola enquanto a fita era pressionada contra sua boca.

O homem curvou-se para Rizzoli, que viu os detalhes que não se dera ao trabalho de registrar quando a janela do carro fora abaixada. Detalhes que tinham sido irrelevantes. Olhos escuros, um rosto de ângulos retos, uma expressão de vigilância feroz. E excitação quanto ao que aconteceria a seguir. Um rosto que não

chamaria a atenção de ninguém que estivesse no banco traseiro de um carro. Eles eram o exército sem rosto vestido em uniformes, pensou Rizzoli. As pessoas que limpavam quartos de hotel, carregavam bagagens, dirigiam limusines. Eles se moviam num universo paralelo, onde praticamente não eram notados até que sua ajuda fosse necessária.

Ou até que eles invadissem o nosso universo.

O homem pegou o celular de Rizzoli no chão onde caíra. Largou-o na rua e golpeou-o com o pé, esmagando-o num punhado de fragmentos de plástico e fios, que ele chutou para os arbustos. Agora a polícia jamais poderia rastrear um chamado até aqui.

Ele era eficiência pura agora. O profissional veterano, fazendo o que sabia fazer de melhor. Inclinou-se para dentro do carro, arrastou-a até a porta e tomou-a nos braços sem um único gemido de esforço. Para um oficial das forças especiais acostumado a marchar quilômetros com uma mochila de 45 quilos, levantar uma mulher de 52 quilos era mamão com açúcar. Gotas de chuva salpicaram a face de Rizzoli enquanto ela era carregada até a traseira do carro. Teve um vislumbre de árvores, prateadas na névoa, e um matagal denso. Mas não havia outros carros, embora para além das árvores ela pudesse ouvir zumbidos de carros passando, como o som de um oceano quando você coloca uma concha na orelha. Suficientemente perto para gerar um uivo de desespero abafado em sua garganta.

O porta-malas já estava aberto, o pára-quedas verde-oliva estendido e aguardando para receber o corpo de Rizzoli. Ele deixou-a cair dentro do porta-malas, voltou até o carro para pegar os sapatos e também jogou-os no porta-malas, fechando-o em seguida. Rizzoli ouviu-o girar a chave na fechadura. Mesmo se conseguisse soltar as mãos, ela não seria capaz de escapar deste caixão negro.

Ouviu a porta do motorista ser batida. E então o carro estava andando de novo. Seguindo para um encontro com um homem que, Rizzoli sabia, estava esperando por ela.

Rizzoli pensou em Warren Hoyt. Pensou no sorriso afável, nos dedos compridos protegidos por luvas de látex. E ao pensar no que ele faria com aquelas luvas foi engolfada pelo terror. Sua respiração acelerou. Rizzoli sentiu que estava sufocando e temeu que não fosse capaz de aspirar ar fundo o bastante, rápido o bastante, para mantê-la viva. Contorceu-se em pânico, debatendo-se como um animal enlouquecido, desesperada por viver. Bateu com o rosto em sua mala, e o golpe deixou-a atordoada por um momento. Ficou simplesmente parada, bochecha latejando de dor.

O carro reduziu a velocidade e parou.

Rizzoli ficou rígida, coração golpeando seu peito, enquanto aguardava o que aconteceria em seguida. Ela ouviu um homem dizer “Tenha um bom dia” e então o carro estava andando novamente, ganhando velocidade.

O pedágio. Eles estavam na rodovia.

Pensou em todas as cidadezinhas que jaziam a oeste de Boston, em todos os campos vazios, pedaços de floresta, lugares onde ninguém pensaria em parar. Lugares onde um corpo poderia jamais ser encontrado. Lembrou do cadáver de Gail Yeager, inchado e cheio de veias negras, e dos ossos espalhados de Marla Jean Waite, jazendo na floresta. Esse é o destino de toda carne.

Fechou os olhos, imaginando o cascalho por baixo dos pneus. Passando muito depressa. Agora, bem além da fronteira de Boston. E em que Frost estaria pensando enquanto aguardava o telefonema de Rizzoli? Quanto tempo ele levaria para compreender que alguma coisa errada havia acontecido?

*Não faz diferença. Ele não vai saber onde procurar. Ninguém vai.*

O braço esquerdo de Rizzoli estava ficando entorpecido com seu peso, e o formigamento agora era insuportável. Ela rolou sobre a

barriga, e seu rosto pressionou contra o tecido sedoso do pára-quedas. O mesmo tecido que amortalhara os cadáveres de Gail Yeager e Karenna Ghent. Acreditou sentir cheiro de morte em suas dobras. Odor de putrescência. Repugnada, tentou erguer-se para uma posição de joelhos, e bateu com a cabeça no teto do porta-malas. A dor mordeu seu escalpo. A mala, pequena como era, deixava pouco espaço para que ela manobrasse, e a claustrofobia estava induzindo-a novamente ao pânico.

*Controle-se. Porra, Rizzoli, assuma o controle!*

Mas Rizzoli não conseguia expulsar da mente imagens do *Cirurgião*. Lembrou-se do seu rosto pairando sobre o dela enquanto jazia imobilizada no soalho do porão. Lembrou de esperar o corte de seu bisturi, e saber que não poderia escapar. Que o melhor pelo que ela poderia torcer era por uma morte rápida.

E que a alternativa era infinitamente pior.

Forçou-se a respirar lenta e profundamente. Uma gota quente deslizou por sua bochecha, e a parte de trás de sua cabeça pinicava. Ela cortara o escalpo e agora estava sangrando num fio estável, caindo no pára-quedas. Prova de cena de crime, pensou. Minha passagem marcada em sangue.

*Estou sangrando. No que a minha cabeça bateu?*

Levantou os braços às suas costas, dedos roçando o teto do capô, procurando o que havia perfurado seu escalpo. Sentiu plástico moldado, uma extensão macia de metal. E então, subitamente, a ponta afiada de um parafuso saliente pinicou sua pele.

Rizzoli parou um instante para deixar que a dor em seus músculos suavizasse, para piscar para afastar o sangue de seus olhos. Escutou o ronronar estável dos pneus na estrada.

Ainda movendo-se veloz, com Boston muito atrás deles.

*É uma delícia estar no meio do mato. Estou de pé, cercado por um anel de árvores, cujas copas perfuram o céu como as agulhas de uma catedral. Choveu a manhã toda, mas agora uma coluna de luz solar atravessa as nuvens e se derrama no solo onde martelei quatro estacas de ferro, nas quais amarrei quatro pedaços de corda. Com exceção do gotejar estável das folhas, o lugar está muito silencioso.*

*Então ouço um farfalhar de asas e olho para cima. Três corvos estão empoleirados em galhos altos. Observam com estranha avidez, como se antecipando o que está para acontecer. Eles já sabem o que é este lugar, e agora esperam, adejando suas asas negras, atraídos para cá pela promessa de carniça.*

*O sol aquece o solo e levanta coleios de vapor das folhas molhadas. Pendurei minha mochila num galho para mantê-la seca, e ela cai de repente como uma fruta madura, sobrecarregada pelos instrumentos pesados em seu interior. Não preciso relembrar seu conteúdo. Eu os reuni com cuidado, acariciando seu metal frio enquanto guardava-os na mochila. Nem mesmo um ano de confinamento prejudicou minha habilidade, e quando meus dedos se fecham em torno de um bisturi, a sensação é tão confortável quanto apertar a mão de um velho amigo.*

*Agora também estou prestes a saudar uma velha amiga.*

*Caminho até a estrada para esperar.*

*As nuvens reduziram-se a fiapos, e a tarde esquentou. A estrada é pouco mais que dois sulcos de terra, e algumas ervas altas vicejam nelas, não tendo sido perturbadas pela passagem recente de nenhum carro. Escuto grasnados, e olho para cima para ver que os três corvos me acompanharam, e estão aguardando o espetáculo.*

*Todo mundo gosta de ver.*

*Um fino coleio de poeira se levanta depois das árvores. Um carro se aproxima. Aguardo, meu coração batendo mais forte,*

*minhas mãos suando com antecipação. Finalmente ele surge, negro e reluzente, aproximando-se sem pressa pela estrada de terra, com a calma elegante de um predador. Trazendo minha amiga para me ver.*

*Será uma visita demorada, creio. Olhando para cima, vejo que o sol ainda está alto, prometendo proporcionar-nos ainda horas de luz. Horas de alegria de verão.*

*Caminho até o centro da estrada e a limusine continua se aproximando até parar diante de mim. O motorista salta do veículo. Não trocamos uma palavra sequer. Apenas entreolhamo-nos e sorrimos. O sorriso de dois irmãos, unidos não por laços familiares, mas por desejos compartilhados, anseios compartilhados. Palavras numa página que nos une. Em letras compridas tecemos nossas fantasias e forjamos nossa aliança, as palavras fluindo de nossas canetas como fios sedosos de uma teia de aranha que nos une. Trazendo-nos a esta floresta onde corvos observam-nos com olhos ávidos.*

*Juntos caminhamos até a traseira do carro. Ele está excitado, ansioso para trepar com ela. Posso ver o volume em suas calças, e escuto o chocalhar das chaves em suas mãos. Suas pupilas estão dilatadas, e seu lábio superior reluz com suor. Estamos de pé ao lado do porta-malas, ambos famintos pela primeira visão de nossa convidada. Pelo aroma delicioso de seu terror.*

*Ele enfia a chave na fechadura e a gira. O capô do porta-malas levanta.*

*Ela está enroscada de lado, piscando para nós, olhos ofuscados pela luz repentina. Estou tão concentrado nela que não percebo imediatamente a significância do sutiã branco, dependurado de um lado da pequena mala de viagem. Apenas quando meu parceiro se curva para levantá-la do porta-malas é que eu compreendo o que essa peça de roupa íntima significa.*

*— Não! — grito para ele.*

*Mas ela já trouxe ambas as mãos para a frente. Já apertou o gatilho.*

*A cabeça dele explode numa névoa de sangue.*

*É um balé estranhamente gracioso, a forma como seu corpo arqueia enquanto cai para trás. A forma como seus braços se movem em direção aos meus com precisão absoluta. Tenho tempo apenas para virar-me de lado, e então a segunda bala explode do revólver.*

*Eu não a sinto perfurar a parte de trás de minha nuca.*

*O balé estranho prossegue, mas agora é o meu próprio corpo que executa a dança, braços formando um círculo enquanto eu me arremesso através do ar num mergulho de cisne. Pouso de lado, mas não sinto qualquer dor com o impacto; apenas ouço meu tronco batendo em terra. Fico deitado esperando a dor, o latejamento. Mas não sinto nada. Apenas surpresa.*

*Eu a escuto esforçando-se para sair do carro. Ela esteve confinada ali por mais de uma hora, e vários minutos se passam até que suas pernas voltem a obedecê-la.*

*Ela se aproxima de mim. Empurra o meu ombro com o pé, forçando-me a ficar de costas. Estou consciente, e olho para cima com entendimento pleno do que está para acontecer. Ela aponta a arma para o meu rosto, mãos tremendo, respirando em arfadas curtas. Há sangue ressequido em sua face esquerda, lembrando uma pintura de guerra. Cada músculo de seu corpo está preparado para a matança. Cada instinto grita para que ela aperte o gatilho. Retribuo o olhar, sem medo, assistindo à batalha que se desenrola em seus olhos. Perguntando-me que forma de derrota ela escolherá. Em suas mãos ela segura a arma de sua própria destruição. Sou apenas o catalisador.*

*Mate-me, e as conseqüências irão destruí-la.*

*Deixe-me viver, e eu habitarei eternamente os seus pesadelos.*

*Ela deixa escapar um leve soluço. Lentamente ela baixa a arma. “Não”, sussurra. E mais uma vez, mais alto. Desafiante: “Não.” Então ela se empertiga e respira fundo.*

*E caminha de volta para o carro.*

# 25

Rizzoli estava de pé na clareira, olhando para as quatro estacas de ferro fincadas na terra. Duas para os braços, duas para as pernas. Cordas amarradas em nós, já com laços esperando para serem apertados em torno de pulsos e tornozelos, tinham sido encontradas nas proximidades. Evitou pensar muito no propósito óbvio daquelas estacas. Em vez disso caminhou pelo local com a postura profissional de qualquer tira que observa uma cena de crime. O fato de que seriam seus membros que ficariam nas estacas, sua carne rasgada por instrumentos guardados na mochila de Hoyt, era um detalhe no qual ela tentava não pensar. Rizzoli podia sentir seus colegas observando-a, podia ouvir a forma como eles baixavam as vozes quando ela se aproximava. A bandagem sobre seu escalpo suturado rotulava-a como a “ferida em movimento”, e todos estavam tratando-a como se ela fosse de vidro, facilmente estilhaçável. Mais do que nunca, Rizzoli não podia permitir ser vista como a vítima. Ela precisava estar no controle absoluto de suas emoções.

E assim entrou no local, como entraria em qualquer cena criminal. O local já fora fotografado e as provas recolhidas pela Polícia Estadual na noite anterior. A cena estava oficialmente liberada, mas esta manhã Rizzoli e sua equipe tinham se sentido compelidos a examiná-la também. Ela entrou com Frost no bosque, esticando e recolhendo uma trena para medir a distância da estrada até a pequena clareira onde a Polícia Estadual descobrira a mochila de Warren Hoyt. A despeito da significância pessoal deste círculo de árvores, ela estudou a clareira com distanciamento. Registrado em seu caderno havia um catálogo do que fora encontrado na mochila: bisturis, afastadores e luvas. Ela estudara as fotos das impressões das pegadas de Hoyt, agora moldadas em gesso, e fitara as sacolas de provas contendo cordas com nós, sem parar para pensar que pulsos aqueles laços teriam envolvido. Olhou para cima para verificar o tempo em mudança, sem admitir para si própria que aquela visão de copas de árvores e céu deveria ter sido a sua última. Jane Rizzoli, a vítima, não estava aqui hoje. Embora seus colegas pudessem estar atentos por um vislumbre da vítima, eles não iriam vê-la. Ninguém iria.

Rizzoli fechou seu caderno de anotações e levantou os olhos para deparar-se com Gabriel Dean aproximando-se dela através das árvores. Embora seu coração tenha acelerado ao vê-lo, ela o saudou com um mero aceno de cabeça, um olhar que dizia: vamos agir profissionalmente.

Dean compreendeu, e eles se trataram como dois profissionais, com cuidado para não deixar escapar qualquer sinal das intimidades que eles haviam compartilhado apenas dois dias antes.

— O motorista foi contratado há seis meses pela VIP Limousines — relatou Rizzoli. — Os Yeagers, os Ghents, os Waites... o assassino serviu a todos eles. E ele tinha acesso à agenda de atendimento a clientes da VIP Limousines. Deve ter visto meu nome

nela. Cancelou o atendimento que estava marcado para mim de modo a tomar o lugar do motorista que deveria ter estado lá.

— E a VIP Limousines conferiu suas referências de trabalho?

— As referências dele eram um pouco antigas, mas eram excelentes. — Ela fez uma pausa. — Não houve qualquer menção a serviços militares em seu currículo.

— Isso porque John Stark não era o nome verdadeiro dele.

Rizzoli olhou-o intrigada.

— Roubo de identidade?

Dean fez um gesto em direção às árvores. Eles se afastaram da clareira e começaram a caminhar através da floresta, onde poderiam falar em particular.

— O verdadeiro John Stark morreu em setembro de 1999 em Kosovo — informou Dean. — Assistente social voluntário das Nações Unidas, morto quando seu jipe passou por uma mina terrestre. Está sepultado em Corpus Christi, Texas.

— Então nem mesmo sabemos o verdadeiro nome do assassino.

Dean fez que não com a cabeça.

— Digitais, chapas de raios X dentárias e amostras de tecido serão enviadas para o Pentágono e para a CIA.

— Eles não vão nos dar nenhuma resposta. Vão?

— Não se o *Dominador* pertencia a um deles. No que diz respeito a essas instituições, você deu cabo do problema deles. Nada mais precisa ser feito ou dito.

— Eu posso ter resolvido o problema deles, mas o meu ainda está vivo — respondeu, amarga.

— Hoyt? Você não precisa mais se preocupar com ele.

— Deus, eu devia ter dado mais um tiro...

— Ele provavelmente está tetraplégico, Jane. Não posso imaginar punição pior.

Eles emergiram da floresta e saíram para a estrada de terra. A limusine tinha sido rebocada na noite anterior, mas a prova do que ocorrera ali ainda permanecia. Ela baixou os olhos para o sangue seco marcando o lugar onde o homem conhecido como John Stark havia morrido. A alguns metros de distância estava a mancha menor onde Hoyt caíra, membros insensíveis, medula espinhal reduzida a uma polpa.

*Podia ter dado cabo dele, mas deixei que vivesse. E ainda não sei se o que fiz foi a coisa certa.*

— Como você está, Jane?

Rizzoli percebeu o tom de intimidade em sua pergunta, um reconhecimento silencioso de que eles eram mais do que meramente colegas. Olhou para ele e de repente sentiu-se envergonhada por seu rosto inchado e pelo curativo em seu couro cabeludo. Não era assim que Rizzoli queria que ele a visse, mas agora, que estava de pé na sua frente, não tinha mais razão para esconder seus ferimentos, nem mais nada a fazer senão empertigar-se e olhar nos olhos dele.

— Estou bem — respondeu Rizzoli. — Alguns pontos no meu couro cabeludo, alguns músculos doídos. E uma cara toda amassada. — Mostrou com um gesto vago seu rosto ferido e deu uma gargalhada. — Mas você devia ver como ficou o outro sujeito.

— Não acho que estar aqui seja bom para você.

— Como assim?

— É cedo demais.

— Eu sou a pessoa que mais devia estar aqui.

— Você nunca se dá uma colher de chá?

— Por que deveria?

— Porque você não é uma máquina. Você ainda vai se arrepender de ter estado aqui. Não pode caminhar por este local fingindo que é apenas mais uma cena criminal.

— É exatamente como estou tratando o lugar.

— Mesmo depois do que quase aconteceu?

*O que quase aconteceu.*

Ela baixou os olhos para as manchas de sangue na terra, e por um instante a estrada pareceu oscilar, como se um tremor houvesse abalado a terra, fazendo estremecer as paredes cuidadosamente construídas que ela erguera como escudos, ameaçando as fundações nas quais ela se erguia.

Dean pegou a mão de Rizzoli, um toque firme que provocou lágrimas nos olhos dela. Um toque que dizia: apenas desta vez, você tem permissão para ser humana. Para ser fraca.

Ela disse baixinho:

— Sinto muito sobre Washington.

Ela viu mágoa nos olhos dele e percebeu que Dean havia interpretado mal as suas palavras.

— Então você queria que nada tivesse acontecido entre nós — lamentou ele.

— Não. Não, não é nada disso...

— Então você sente muito pelo quê?

Ela suspirou.

— Sinto muito por ter partido sem ter lhe dito o que a noite significou para mim. Sinto muito não ter me despedido de você. E sinto muito por... — Uma pausa. — Sinto muito por não ter deixado você tomar conta de mim, apenas daquela vez. Porque a verdade é que eu realmente precisava de você. Não sou tão forte quanto penso que sou.

Ele sorriu. Apertou a mão dela.

— Nenhum de nós é, Jane.

— Ei, Rizzoli? — Era Barry Frost, chamando-a da beira do bosque.

Piscando para afugentar as lágrimas, Rizzoli virou-se para ele.

— Que é?

— Acabamos de receber um 1054 duplo. Uma loja de conveniências na Jamaica Plain. Balconista e cliente mortos. A cena já está segura.

— Meu Deus. E de manhã tão cedo!

— Somos os mais próximos. Está se sentindo bem para ir?

Rizzoli respirou fundo e virou-se para Dean. Ele soltara sua mão, e embora Rizzoli sentisse falta de seu toque, agora estava mais forte e o chão mais uma vez parecia firme debaixo de seus pés. Mas ela não estava preparada para terminar aquele momento. O último adeus que os dois haviam trocado em Washington fora apressado, e ela não estava disposta a permitir que isso acontecesse de novo. Ela não ia deixar sua vida tornar-se a de Korsak: uma triste crônica de arrependimentos.

— Frost? — disse ela, seu olhar ainda em Dean.

— Sim?

— Eu não vou.

— O quê?

— Deixe outra equipe seguir para lá. Eu não estou com cabeça para isso neste momento.

Não houve resposta. Ela olhou para Frost e viu sua expressão chocada.

— Você está dizendo que vai... tirar o dia de folga? — perguntou Frost.

— Vou. Será a minha primeira vez por motivo de saúde. Algum problema?

Frost balançou a cabeça e riu.

— Já não era sem tempo, é tudo que posso dizer.

Rizzoli observou Frost se afastar. Ouviu-o continuar rindo enquanto caminhava para o bosque. Ela esperou até que Frost tivesse desaparecido entre as árvores antes de se virar para olhar para Dean.

Dean abriu os braços; Rizzoli deu um passo para ser acolhida por eles.

# 26

*A cada par de horas elas vêm examinar minha pele para procurar feridas de pressão. É um trio rotativo de rostos: Arminia no turno diurno, Bella às tardes, e Corazon, tão tímida e calada, às noites. Minhas meninas ABC, como as chamo. Aos olhos de uma pessoa não observadora elas são indistinguíveis, com rostos morenos lisos e vozes musicais. Um agradável coro de filipinas em uniformes brancos. Mas eu vejo as diferenças entre elas. Vejo na forma como se aproximam de minha cama, nos diversos modos como me seguram para rolar meu tronco de um lado para outro, reposicionando-me no cobertor de pele de carneiro. Isto deve ser feito dia e noite, porque não posso mover-me sozinho e o peso de meu próprio corpo pressiona-me contra o colchão e desgasta minha pele. Comprime capilares e interrompe o fluxo nutridor do sangue, deixando os tecidos famintos, e portanto pálidos e frágeis. Uma pequena ferida pode infeccionar e crescer muito depressa, como um rato comendo minha carne.*

*Graças às minhas meninas ABC, eu não tenho feridas... ou pelo menos é o que elas me dizem. Não posso verificar isso porque não*

*posso ver minhas próprias costas ou nádegas, assim como não sinto nada abaixo dos ombros. Sou absolutamente dependente de Arminia, Bella e Corazon para me manterem saudável, e, como um bebê, observo atentamente aquelas que cuidam de mim. Estudo seus rostos, inalo seus perfumes, decoro suas vozes. Sei que o osso do nariz de Arminia não é completamente reto, que o hálito de Bella freqüentemente recende a alho, que Corazon gagueja levemente.*

*Também sei que elas sentem medo de mim.*

*É óbvio que elas sabem por que estou aqui. Todo mundo que trabalha na unidade está ciente de quem eu sou, e, embora tratem-me com a mesma cortesia que oferecem a todos os outros pacientes, noto que hesitam antes de tocar minha pele, como se estivessem vendo se um ferro de passar roupa está quente ou não. Capto vislumbres dos serventes no corredor, olhando para mim enquanto sussurram entre si. Eles conversam com os outros pacientes e perguntam sobre seus amigos e parentes. Mas jamais fazem essas perguntas a mim. Claro, eles me perguntam como estou me sentindo e se dormi bem, mas isso é tudo.*

*Mesmo assim eu sei que eles sentem curiosidade. Todo mundo é curioso, todo mundo quer dar uma espiada no* Cirurgião*. Mas eles sentem medo de se aproximar muito, como se eu pudesse pular sobre eles e atacá-los de repente. Assim, lançam-me olhares rápidos pelo vão da porta, mas só entram se o dever os convocar. As meninas ABC cuidam de minha pele, bexiga e intestinos, e em seguida se retiram, deixando o monstro sozinho em seu covil, acorrentado à cama por seu próprio corpo arruinado.*

*Não é de admirar que eu espere tão ansiosamente pelas visitas da Dra. O'Donnell.*

*Ela tem vindo uma vez por semana. Chega com um gravador de fita cassete, um caderninho de anotações e uma bolsa cheia de canetas esferográficas azuis, que usa para tomar notas. E traz sua*

*curiosidade, que veste sem medo ou vergonha, como um capuz vermelho. Sua curiosidade é puramente profissional, ou pelo menos é o que ela acredita. Aproxima a cadeira de minha cama e pousa o microfone na mesa-de-cabeceira para não deixar escapar uma palavra sequer. Então inclina-se para a frente, arqueando o pescoço para mim como se me oferecesse sua garganta. É uma garganta linda. Ela é loura natural, e bem pálida, com as veias traçando linhas azuis delicadas sob a pele. Ela olha para mim, destemida, e faz suas perguntas.*

*— Sente saudades de John Stark?*

*— A senhora sabe que sim. Perdi um irmão.*

*— Um irmão? Mas você nem conhecia o nome verdadeiro dele.*

*— E a polícia não se cansa de me perguntar qual era. Eu não posso ajudar; ele nunca me disse seu nome verdadeiro.*

*— Ainda assim você manteve correspondência com ele durante todo o tempo em que esteve na prisão.*

*— Nomes não são importantes para nós.*

*— Vocês se conheciam bem o suficiente para matar juntos.*

*— Fizemos isso apenas uma vez, em Beacon Hill. É como fazer amor, creio. Na primeira vez você ainda está aprendendo a confiar no outro.*

*— Então matar em parceria é uma forma de conhecer o outro?*

*— E há forma melhor?*

*Ela levanta uma sobrancelha, como se não tivesse certeza de que falo sério. Claro que falo sério.*

*— Você se refere a ele como um irmão — diz ela. — O que você quer dizer com isso?*

*— Que nós tínhamos um elo. Um elo sagrado. É muito difícil encontrar pessoas capazes de me compreender totalmente.*

*— Eu posso imaginar.*

*Estou alerta para o mais leve tom de sarcasmo, mas não o percebo em sua voz, nem o vejo em seus olhos.*

*— Sei que lá fora há outros como nós — continuo. — O desafio é encontrar essas pessoas. Fazer contato com elas. Todos queremos estar com os de nossa própria espécie.*

*— É assim que você se vê? Como pertencente a uma espécie separada?*

— Homo sapiens reptilis — *brinco.*

*— Perdão?*

*— Li que há uma parte de nosso cérebro que remonta à nossa origem reptiliana. Essa parte controla nossas funções mais primitivas. Lutar e fugir. Copular. Agredir.*

*— Ah, você está falando do* Archipallium*.*

*— Isso mesmo. O cérebro que todos nós tínhamos antes de nos tornarmos humanos e civilizados. Ele não possui emoção, não possui consciência. Nem moral. Possui apenas o que você vê nos olhos de uma cobra. A mesma parte de nosso cérebro que responde diretamente ao estímulo olfativo. É por causa disso que os répteis possuem um olfato tão aguçado.*

*— É verdade. Neurologicamente falando, nosso sistema olfativo está mais relacionado com o* Archipallium.

*— Já contei à senhora que eu sempre tive um senso olfativo extraordinário?*

*Durante um momento ela simplesmente olha para mim. Mais uma vez não sabe se falo sério ou se estou desfiando esta teoria simplesmente porque ela é neuropsiquiatra e eu sei que gostaria de ouvir isso.*

*Sua pergunta seguinte revela que ela decidiu levar-me a sério.*

*— John Stark também possuía um olfato extraordinário?*

*— Eu não sei. — Meu olhar é intenso. — Agora que ele está morto, nós jamais saberemos.*

*Ela me estuda como um gato preparando o bote.*

*— Você parece zangado, Warren.*

*— E não tenho motivos para estar? — Meu olhar cai para o meu corpo inútil, jazendo inerte na colcha de pele de carneiro. Nem penso mais nele como meu corpo. Por que deveria? Não posso senti-lo. É apenas um naco de carne alienígena.*

*— Você provavelmente está zangado com a policial.*

*Uma declaração tão óbvia não merece uma resposta. Assim, não lhe dou nenhuma.*

*Mas a Dra. O'Donnell está treinada para localizar sentimentos, descamar tecido cicatrizado e expor o ferimento cru e ensangüentado por baixo. Ela sentiu o cheiro de emoções apodrecidas e agora começa a pinçar, raspar, cavar.*

*— Você ainda pensa na detetive Rizzoli?*

*— Todo dia.*

*— Que tipo de pensamentos?*

*— A senhora realmente quer saber?*

*— Estou tentando entender você, Warren. O que você pensa, o que você sente. O que induz você a matar.*

*— Portanto, ainda sou seu ratinho de laboratório. Não sou seu amigo.*

*Uma pausa.*

*— Sim, eu posso ser sua amiga...*

*— Mas não é por causa disso que vem aqui.*

*— Para ser honesta, venho por causa das coisas que você pode me ensinar. O que você pode ensinar a todos nós sobre os motivos que levam os homens a matar. — Ela se inclina para mais perto de mim e diz, baixo: — Então me conte. Todos os seus pensamentos, por mais perturbadores que possam ser.*

*Um longo silêncio. Então eu digo, bem baixo:*

*— Eu tenho fantasias...*

*— Que fantasias?*

*— Sobre Jane Rizzoli. Sobre o que eu gostaria de fazer a ela.*

*— Conte-me.*

*— Não são fantasias agradáveis. Tenho certeza de que a senhora irá considerá-las repugnantes.*

*— Mesmo assim gostaria de ouvi-las.*

*Os olhos da doutora brilham de forma estranha, como se estivessem sendo iluminados por dentro. Os músculos de sua face ficaram tensos com a antecipação. Ela está segurando a respiração.*

*Olho para ela e penso: Sim, ela gostaria de ouvir minhas fantasias. Como todo mundo, ela quer ouvir cada detalhe sinistro. Alega que seu interesse é meramente acadêmico, que as coisas que eu lhe direi servirão apenas para sua pesquisa. Mas eu vejo uma fagulha de ansiedade em seus olhos. Farejo o odor dos feromônios liberados por sua excitação.*

*Vejo o réptil remexendo-se na gaiola.*

*Ela quer saber o que eu sei. Ela quer caminhar no meu mundo. Ela finalmente está preparada para a jornada.*

*É hora de convidá-la a entrar.*

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.